



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cíntia Costa Macedo

O Designer Instrucional e o Designer Educacional no Brasil:
identidade e prática em uma visão educacional

Florianópolis
2019

Cíntia Costa Macedo

O Designer Instrucional e o Designer Educacional no Brasil:
identidade e prática em uma visão educacional

Dissertação submetida ao Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Profa. Juliana Cristina Faggion Bergmann, Dra.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa Macedo, Cíntia

O Designer Instrucional e o Designer Educacional no
Brasil : identidade e prática em uma visão educacional /
Cíntia Costa Macedo ; orientador, Juliana Cristina Faggion
Bergmann, 2019.

193 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós
Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Designer instrucional. 3. Designer
educacional. 4. Educação a Distância. I. Faggion Bergmann,
Juliana Cristina. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Cíntia Costa Macedo

O Designer Instrucional e o Designer Educacional no Brasil:

identidade e prática em uma visão educacional

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dulce Márcia Cruz, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Izabel Patrícia Meister, Dra.
Universidade Federal de São Paulo

Profa. Marina Bazzo de Espíndola, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Educação.

Profa. Andrea Brandão Lapa, Dra.
Coordenadora do Programa

Profa. Juliana Cristina Faggion Bergmann, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2019.

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que veem na educação
uma inspiração para esperar-se.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste trabalho, seja diretamente, auxiliando no apoio aos estudos ou discussões para a composição da escrita, como também aqueles que indiretamente torceram, tiveram paciência, deram palavras de apoio e tiveram próximos esta pesquisadora.

O que mata um jardim
Não é mesmo alguma ausência
nem o abandono...
O que mata um jardim
É esse olhar vazio
de quem por ele passa indiferente.

(MÁRIO QUINTANA, 1989)

RESUMO

Na modalidade da Educação a Distância atuam diferentes perfis de profissionais e especialistas para o desenvolvimento dos cursos e materiais didáticos. O designer instrucional e o designer educacional são alguns desses especialistas e sua atuação objetiva o tratamento desses conteúdos didáticos, na linguagem e contexto das especificidades da virtualidade, para serem compreendidos e assimilados. No entanto, observa-se que esse profissional está em busca de sua identidade. Nota-se que nos distintos campos profissionais existem tanto o designer instrucional como o designer educacional sem uma definição clara acerca de seu perfil e atividades desempenhadas. Diante disso, esta pesquisa tem o intuito de investigar, a partir da história, da linguística e das teorias que circundam a prática desse profissional, suas características conceituais e práticas, a fim de identificar ao final do estudo como os campos profissionais de desenvolvimento de projetos de educação a distância compreendem esse profissional. Para atender a esse objetivo, a pesquisa classifica-se como científica etnográfica, trabalhada segundo uma abordagem exploratório-descritiva. Para a coleta e a análise de dados, propõe-se a técnica de métodos mistos, empregando-se práticas de pesquisa quantitativa e qualitativa.

Palavras-chave: Designer instrucional. Designer educacional. Educação a Distância.

ABSTRACT

Different profiles of professionals and specialists work in the development of courses and didactic materials in Distance Education. The instructional designers and the educational designers are some of them. Their work are about the didactic contents. To treat the language and context of the specificities of the virtuality, so it can be understood and assimilated. However, this professional is in search of his identity. Different professionals fields, are the instructional designer and the educational designer at the same time. There is no right definition about their profile and activities to be performed. Therefore, this research aims to investigate, from the history, the linguistics and the theories that surround the practice of this professional, its conceptual and practical characteristics. At the end of the study, will be possible to identify the professionals fields of development of distance education projects that involve this professional. To achieve this objective, the research is classified as an ethnographic scientist, worked on an exploratory-descriptive approach. About the data collect and its analysis, the technique of mixed methods is proposed, using quantitative and qualitative research practices.

Keywords: Instructional design. Educational design. Distance Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fundamentos do Design Instrucional.....	33
Figura 2 – Conceitos de DE e DI pela norma linguística	46
Figura 3 – Conceitos etimológicos de DE e DI.....	46
Figura 4 – Conhecimento como aprendizagem	53
Figura 5 – Processo de aprendizagem na era digital	54
Figura 6 – Instrucionismo, construtivismo e conectivismo.....	55
Figura 7 – Relação Instrucional	56
Figura 8 – Relação Educacional	57
Figura 9 – Transposição didática na EaD.....	61
Figura 10 – Processo hierárquico de desenvolvimento de materiais e cursos a distância.....	66
Figura 11 – Processo cíclico de desenvolvimento de materiais e cursos a distância	67
Figura 12 – Interação entre os envolvidos em um AVEA.....	72
Figura 13 – A relação entre o termo instrucional	106
Figura 14 – A relação entre o termo educacional.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos Instrução x Educação.....	23
Quadro 2 – Principais acontecimentos históricos na área de Tecnologia Educacional.....	25
Quadro 3 – Principais livros publicados sobre Design Instrucional e Design Educacional.....	28
Quadro 4 – Revistas científicas da área da EaD na plataforma Sucupira.....	40
Quadro 5 – Categorização das nomenclaturas utilizadas em literaturas	41
Quadro 6 – Análise das nomenclaturas utilizadas em produções científicas	44
Quadro 7 – Modelos de Design instrucional e Design Educacional	62
Quadro 8 – Tipos de materiais didáticos para EaD	70
Quadro 9 – Respostas dos designers para a pergunta nº16 do questionário aplicado	81
Quadro 10 – Respostas dos designers para a pergunta nº18 do questionário aplicado	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de atuação como design	77
Gráfico 2 – Requisitos para contratação dos designers	85
Gráfico 3 – Atividades desenvolvidas pelos designers	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADDIE	Analysis, Design, Development, Implementation e Evaluation
ABC	Academia Brasileira de Ciências
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABT	Associação Brasileira de Tecnologia Educacional
AVEA	Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
DI	Design/designer Instrucional
DE	Design/designer Educacional
EaD	Educação a Distância
FUNBECC	Fundação Brasileira para o Ensino de Ciências
IES	Instituições de Ensino Superior
INCE	Instituto Nacional de Cinema Educativo
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IP	Instrução Programada
LED	Laboratório de Ensino a Distância
MEB	Movimento da Educação Base
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEAD	Núcleo de Educação a Distância
NUTES	Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde
PRONTEL	Programa Nacional de Teleducação
SACI	Sistemas Avançado de Comunicação Interdisciplinar
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UC	Unidade Curricular
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNAR	Universidade do Ar
UnB	Universidade de Brasília

UNIFESP Universidade Federal de São Paulo
Unirede Universidade Virtual Pública do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVOS	19
1.1.1 Objetivo geral	19
1.1.2 Objetivos específicos	19
1.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 O DESIGNER INSTRUCIONAL e EDUCACIONAL NO BRASIL	20
2.1.1 O surgimento do profissional	29
2.1.2 A atividade do designer	32
2.1.3 Há uma diferença entre designer instrucional e designer educacional?	37
2.2 ESTUDO EPISTEMOLÓGICO DA TERMINOLOGIA E ETIMOLOGIA DO DESIGN INSTRUCIONAL E DESIGN EDUCACIONAL.....	39
2.2.1 A análise terminológica e etimológica	45
2.2.2 Estudo semântico	48
2.3 O INSTRUCIONISMO E AS TEORIAS DE APRENDIZAGEM SUBSEQUENTES	50
2.3.1 Instrucionismo, construtivismo e conectivismo podem ser considerados uma evolução da aprendizagem?	55
2.4 O DESIGNER, SUAS IMPLICAÇÕES E DIFERENÇAS NA ATUAÇÃO	58
2.4.1 Transposição Didática	58
2.4.2 Modelos para a prática do designer	62
2.4.3 A atuação do designer em cursos e projetos de EaD	64
2.4.4 A atuação do designer nos materiais e recursos didáticos	68
2.4.5 Adequação da linguagem em diferentes materiais didáticos e AVEA	69
3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS	73
3.1 Os fundamentos e abrangência da pesquisa	73

3.2 Participantes e procedimentos de coleta.....	74
3.3 Análise dos dados.....	76
4 OS PERFIS DI E DE SE CONVERGEM OU SÃO DISTINTOS?.....	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICE A – Questionário aplicado para a equipe de design de desenvolvimento de materiais didáticos.....	119
APÊNDICE B – Entrevista aplicada com a coordenação das instituições pesquisadas	124
ANEXO 1 – Transcrição da entrevista com João (nome fictício) da	126
IES pública A	126
ANEXO 2 - Transcrição da entrevista com Antônio (nome fictício) da IES pública B .	145
ANEXO 3 - Transcrição da entrevista com Maria (nome fictício) da IES pública C	155
ANEXO 4 – Transcrição da entrevista com Ana (nome fictício) da IES privada A	166
ANEXO 5 - Transcrição da entrevista com Luiza e Alice (nomes fictícios) da empresa corporativa B	174

1 INTRODUÇÃO

Desenvolver um curso na modalidade a distância é um processo complexo e, para fazê-lo, conta-se geralmente com uma equipe multidisciplinar. Cada profissional, a partir da sua especificidade, atuará na elaboração de cursos e materiais didáticos, mas nessa equipe há um profissional com um histórico recente e inovador que está em busca de sua identidade.

Nesse contexto, o designer instrucional (DI) e o designer educacional (DE) estão presentes nos distintos campos profissionais de Educação a Distância (EaD). Ora como DI, ora como DE, esse profissional atua diretamente nas fases de planejamento, desenvolvimento e implementação dos conteúdos didáticos necessários para um curso *online*. Além disso, trabalha na adequação da linguagem, na proposição de tecnologias e estratégias para facilitar o aprendizado, bem como na adaptação do conteúdo à metodologia da Educação a Distância e da instituição. Desse modo, por seu caráter complexo e atuação imprescindível, as funções desempenhadas pelo DI e pelo DE têm sido objeto de estudos científicos nas últimas décadas.

Assim, para cumprir o tema aqui proposto, “O designer instrucional e o designer educacional: identidade e prática em uma visão educacional”, a questão principal que norteia este estudo é: entre os distintos campos de desenvolvimento de cursos e materiais didáticos para a EaD, como são compreendidas a identidade e a prática do profissional de DI e DE?

A partir do levantamento das problemáticas iniciais para compor este estudo, observaram-se divergências conceituais na compreensão do perfil desse profissional, bem como na ação didático-pedagógica relacionada à sua prática. Além disso, entre as referências científicas desse campo de estudo, o designer instrucional e o designer educacional são normalmente descritos como sinônimos para definir o profissional que analisa, planeja, implementa e avalia os cursos de EaD, assim como os materiais didáticos para esses cursos. Observou-se, em alguns casos, o uso de outras terminologias para a mesma prática, contudo não nos aprofundaremos na descrição sobre cada um deles neste trabalho, pois buscou-se adentrar apenas na função regulamentada atualmente no país.

Importante destacar que a questão terminológica surge propositalmente ao longo deste trabalho como uma provocação científica para a reflexão de todos que se dispuserem a ler, como também aqueles que participaram das entrevistas e questionários, sobre a prática e o cenário de atuação desse profissional, e assim analisar as possíveis diferenças ou não entre as atuações do DI e do DE.

Ao longo da pesquisa apresentaremos diferentes trabalhos sobre o tema, no entanto ainda há questões a serem respondidas. Como dito anteriormente, sabemos que a atividade do DI e do DE não é solitária. Professores, autores de conteúdos didáticos, gestores, equipe de tutoria, equipe de desenvolvimento de materiais, isto é, toda a equipe multidisciplinar, e principalmente o estudante devem ser considerados no processo de desenvolvimento do curso, bem como em seu design.

Nos cursos *online* são necessários diferentes tipos de recursos e materiais didáticos para auxiliar a compreensão do estudante que está à distância. Dessa forma, o desenvolvimento do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), a escolha dos recursos multimídia (animações, videoaulas, simuladores), os materiais impressos e outras estratégias de ensino criam certas necessidades, como criatividade nos recursos escolhidos, organização, estética, base de dados atualizada, entre outras, e nesse contexto cabe ressaltar a importância do trabalho do designer¹ na adequação da linguagem desses recursos didáticos e nas estratégias didáticas, pedagógicas e tecnológicas, pressupondo a especificidade da distância no estudo *online*. Sua atuação está voltada para que todos os envolvidos consigam compreender a linguagem empregada, sabendo-se que, apesar de o foco inicial ser o aprendiz, toda a equipe envolvida também terá contato com esses materiais e, assim, todos necessitam compreender tanto a linguagem como o porquê de determinadas técnicas e estratégias empregadas na concepção daquele material.

O estudo procurou permear os diferentes aspectos que circundam esse profissional para encontrar as respostas necessárias para o entendimento da sua identidade e prática. Desse modo, na revisão de literatura, a seção 2.1 inicia falando da trajetória histórica dos conceitos de design e o design instrucional (já que os primeiros estudos, tanto internacionais como nacionais, originam-se do Design Instrucional), passando pela Instrução Programada (IP), Tecnologia Instrucional e Tecnologia Educacional, as primeiras iniciativas de educação a distância no Brasil, até chegar ao surgimento do profissional de designer para cursos e materiais didáticos, bem como sua prática. Chegando à seção 2.2, trazemos um breve estudo epistemológico sobre a terminologia e etimologia e a semântica sobre as nomenclaturas “designer instrucional” e “designer educacional”, com a finalidade de apresentar rapidamente os aspectos linguísticos sobre essa discussão, já que a área da educação entende que as

¹ Ao longo deste estudo a denominação “designer” refere-se, de maneira genérica, ao designer instrucional e ao designer educacional. Importante ressaltar que para o caso do designer gráfico, outro importante ator do processo de desenvolvimento de materiais didáticos, usaremos nesta pesquisa o termo diagramador para não confundir o leitor.

palavras são carregadas de sentido e por isso há a necessidade de verificar suas origens e significados. Já na seção 2.3 foi apresentado as principais teorias de aprendizagem, a fim de relacioná-las com o conceito de design instrucional e educacional, bem como com a sua prática. Na seção 2.4, o estudo norteia a prática do designer, iniciando com os conceitos de transposição didática por compreender que é uma característica importante das atividades desse profissional. Em seguida, o trabalho apresenta os modelos para a prática do designer já estudados e as atividades que ele desempenha em diferentes perspectivas educacionais, em cursos, projetos, materiais e recursos didáticos para EaD. Posteriormente a esse levantamento teórico, apresentamos a metodologia empregada neste trabalho, sua abrangência, os participantes da pesquisa, os instrumentos e procedimentos de coleta e a análise dos dados. Ao final, concluímos o trabalho com as considerações encontradas sobre a identidade e as atividades práticas do designer instrucional e do designer educacional nos campos pesquisados.

Apesar de a EaD estar presente atualmente em diferentes áreas de conhecimento, é importante ressaltar que as problemáticas relacionadas a esta pesquisa originam-se do campo de estudo da área da Educação, tanto por ser investigada por educadoras, mestrandas e orientadoras, como por apresentar-se, originalmente, em uma linha de pesquisa de Educação e Comunicação. Dessa forma, não se pretende aqui excluir as vozes de outras áreas, mas sim ressaltar o discurso da área da Educação, já que entendemos a EaD aqui como parte desta.

Por esse motivo, o estudo proposto tem como principal característica investigar os aspectos que circundam o trabalho do designer instrucional e do designer educacional, com o intuito de elucidar as dúvidas que ainda persistem sobre a dissociação de seu perfil e atuação nas diferentes áreas de conhecimento, como: quem é o designer de desenvolvimento de cursos e materiais didáticos, intitulado de DI e/ou DE no campo da EaD?; quais as características da sua função e quais significados essa prática possui para os atores envolvidos nesse processo?; e, ainda, como essa prática está organizada em padrões profissionais que conduzem a estrutura de trabalho diverso que é o campo da EaD? Buscando aprofundar e dimensionar estratégias, o intuito é promover uma comunicação efetiva entre os atores envolvidos na elaboração dos materiais e/ou desenvolvimento de cursos de Educação a Distância e consequentemente no aprendizado do estudante. Contudo, esta pesquisa não se apresenta apenas para estabelecer a diferença entre os termos, mas fundamentalmente para refletir sobre o papel/a função desse sujeito integrador do desenvolvimento dos cursos na modalidade a distância, tendo como fundo tais diferenças.

1.1 OBJETIVOS

Para o desenvolvimento deste estudo foram elencados os objetivos a seguir.

1.1.1 Objetivo geral

Conhecer o perfil do designer instrucional e do designer educacional que atua no desenvolvimento de cursos de materiais didáticos no campo da Educação a Distância em campos profissionais distintos, a fim de compreender os aspectos que circundam a sua prática para assim delinear a identidade desse profissional.

1.1.2 Objetivos específicos

- Diferenciar a inserção do profissional do DI e do DE no campo da EaD.
- Mapear as práticas desses profissionais nos diferentes campos profissionais em que atuam.
- Especificar terminologicamente as nomenclaturas design, designer, instrução, instrucional, educação e educacional, usadas para definir o designer de desenvolvimento de cursos e materiais didáticos.
- Identificar, através de entrevistas e questionários com os envolvidos na construção de materiais didáticos e cursos *online*, quais práticas exercem o DI ou DE em sua respectiva instituição.

1.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Para a efetivação deste trabalho pautado no contexto sócio-histórico-cultural da educação a distância brasileira, propõe-se um estudo de caso qualitativo e coletivo. Através de um conjunto de técnicas estabelecidas previamente, foram coletados dados de profissionais atuantes como designers instrucionais e designers educacionais em instituições de ensino públicas e privadas, bem como em empresas corporativas privadas que desenvolvem materiais e cursos na EaD. A coleta levantou dados sobre as práticas, hábitos, valores e

comportamentos desse profissional para compreender o seu exato papel naquele curso/instituição.

Na coleta de dados, utilizaram-se métodos de pesquisa mista, qualitativos e quantitativos, com a intenção de obter maior precisão e confiabilidade na pesquisa. Assim, foram coletados dados entre os profissionais de DI e DE, através de levantamento de dados em forma de questionários *online*, sobre a sua prática diária, grau de atuação, as técnicas utilizadas no tratamento da linguagem, planejamento e implementação de cursos de EaD.

Realizou-se também uma entrevista semiestruturada com os responsáveis pelos cursos de EaD, coordenadores/supervisores, nas mesmas instituições em que foram realizadas as coletas de dados com os designers. O intuito foi identificar qual visão possuem sobre a identidade e prática do designer nas respectivas instituições.

No entanto, especificaremos mais detalhadamente a metodologia com sua abrangência, os participantes da pesquisa, os instrumentos e procedimentos de coleta e a análise dos dados, bem como os motivos das escolhas metodológicas na seção 3 deste estudo.

Assim, após analisar as respostas fornecidas tanto pelos designers como pelos seus gestores, conseguiu-se estabelecer algumas relações entre elas e, dessa maneira, encontraram-se algumas das respostas para os questionamentos iniciais deste estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Adentraremos esse trabalho apresentando estudos importantes relacionados a prática do designer, bem como elementos imprescindíveis para o entendimento do seu perfil.

2.1 O DESIGNER INSTRUCIONAL E EDUCACIONAL NO BRASIL

Não é por acaso que para a concepção da prática de Design Instrucional e Design Educacional foi utilizado o termo “design”, “desenho” em inglês e que significa, de acordo com Azevedo (1988, p. 9) “projetar, compor visualmente ou colocar em prática um plano intencional”. Historicamente o design, de forma geral, apresenta-se nas primeiras formas de comunicação, ou seja, na pré-história e na antiguidade. Contudo, foi na Revolução Industrial que ele se consolida como área de conhecimento, a partir de Willian Morris, que defendia a arte “feita pelo povo e para o povo” com o intuito de valorizar os objetos para uso cotidiano. Desse modo, a intencionalidade no design está atrelada a quem se destina, ou seja, ao usuário

de um produto específico – no caso da EaD, ao estudante a quem se propõe o curso ou material didático.

Assim, ao falarmos de Design Instrucional e Design Educacional, entendemos que esse tipo de design deve ser direcionado para a melhor compreensão dos conteúdos didáticos disponibilizados virtualmente.

O início da prática instrucional voltada para o aprendizado está datado depois da Segunda Guerra Mundial, na década de 1950, em que estudiosos, psicólogos e educadores tiveram de treinar muitos soldados para manejar as sofisticadas armas militares da época. Para isso, desenvolveram treinamentos instrucionais baseados em vídeos inspirados pelo cinema.

No Brasil, não se sabe ao certo quando se iniciou exatamente a prática do profissional de Design Instrucional e Educacional. Contudo, diante das pesquisas realizadas para traçar um histórico desse profissional no país, a primeira menção que temos da prática na literatura nacional é da Instrução Programada (IP). Sua base é regida nos estudos de Sidney Leavitt Pressey (1888-1979), na década de 1920, sobre a elaboração das máquinas de aprendizagem ou, ainda, dispositivos de ensino, e no condicionamento operante de Skinner (1904-1990), na década de 1930. Já naquela época, Pressey tinha uma visão revolucionária dos métodos de aprendizagem:

Deve haver uma "revolução industrial" na educação, em que a ciência da educação e a ingenuidade da tecnologia educacional se combinem para modernizar procedimentos ineficientes da educação convencional. O trabalho nas escolas do futuro será maravilhoso, posto que será simplesmente organizado, de modo a ajustar, quase automaticamente, as diferenças individuais em relação às características do processo de aprendizagem. Haverá muitos processos e dispositivos de economia de trabalho, e até mesmo máquinas – não em tudo para a mecanização da educação, mas para a libertação do professor e do aluno de trabalho operacional da incompetência. (PRESSEY, 1933, p. 582-583)

Desse modo, observa-se que o autor visionava uma educação que prioriza a individualidade de aprendizagem do estudante e a inserção de dispositivos mecânicos no auxílio ao processo de ensino.

Souza Júnior, em sua tese de doutorado de 2015, aborda as produções literárias sobre a Instrução Programada entre os anos de 1960 (primeiros registros acadêmicos encontrados) a 1980 (quando houve uma diminuição significativa nas produções), décadas em que a IP teve maior visibilidade no país, tanto em pesquisas e obras sobre o tema, quanto na sua inserção em esferas educacionais como recurso didático. Segundo o autor, “a Instrução Programada (IP) consistiu em tecnologia que contribuiu para o adensamento do discurso tecnológico no

meio educacional acadêmico nacional, além de servir de veículo de circulação de teoria da aprendizagem operante no Brasil.” (SOUZA JÚNIOR, 2015, p. 18).

As conclusões da pesquisa de Souza Junior sobre o período em que a Instrução Programada esteve ativa no campo acadêmico no Brasil indicaram que:

[...] a IP foi um produto tecnológico concebido a partir de diferentes vieses teórico/metodológicos que dela se apropriaram, ora como derivação da teoria operante da aprendizagem, ora como a exploração de uma técnica didática. Concluiu-se também que a recepção da IP no Brasil foi condicionada pela atuação de grupo comprometido com teoria psicológica da aprendizagem ligada à noção de comportamento operante. (SOUZA JUNIOR, 2015, p. 8)

Dessa forma, o autor destaca que a IP se apresentou como um produto tecnológico que atendia tanto aqueles que a viam como uma técnica para didática quanto aqueles que a entendiam como originária da teoria operante de aprendizagem de Skinner, segmentada pelos estudos de grupos sobre a teoria psicológica da aprendizagem. Um exemplo desses estudos no Brasil foi a psicóloga Carolina Martuscelli Bori (1924-2004), que se destacou no país com estudos na área da Psicologia experimental, dando enfoque ao Ensino Programado Individualizado, criado a partir do conceito de ensino programado, que teve repercussão em todo o território brasileiro.

Outros vieses teóricos que surgiram na mesma época em nosso país foram os estudos sobre a Tecnologia Instrucional, Teorias da Instrução e a Tecnologia Educacional, datados do início da década de 1970, por João Batista Oliveira (1974).

O autor apresenta em um de seus livros um enfoque sistêmico aplicado à instrução, a fim de atender às necessidades da Tecnologia Educacional e aos objetivos da educação. Oliveira e Oliveira (1974) ressaltava que até aquele momento existia uma inadequação das teorias de aprendizagem, o que dificultava a busca e a solução para os problemas de instrução. Dessa forma, apenas um enfoque sistêmico poderia suprir essa necessidade, pois forneceria recursos metodológicos adequados, a fim de construir um modelo de estudo que permitisse a integração dos diversos elementos que influenciam o processo de instrução.

O autor ainda apresenta a conceituação de alguns termos usados em seus estudos sobre a tecnologia instrucional, sistematizados no Quadro a seguir, considerando-se aqueles mais pertinentes para essa pesquisa:

Quadro 1 – Conceitos Instrução x Educação

Instrução	Educação
<p>Psicologia da Instrução: Estuda os processos de ensino. Especifica procedimentos para: selecionar e apresentar estímulos, observar várias classes de resposta do aprendiz, apresentar estímulos de maneira tal que o comportamento do aprendiz corresponda ao resultado esperado de uma interação específica com o ambiente. O foco está na estruturação dos mecanismos e processos que modificam o ambiente.</p>	<p>Psicologia da Aprendizagem: Estuda os processos que ocorrem no indivíduo e que lhe permitem mudar seu comportamento como resultado de experiências ou interações com os ambientes. Centra-se no aprendiz e seus mecanismos internos.</p>
<p>Tecnologia Instrucional: Refere-se a aspectos de tecnologia educativa, especificamente relacionados com a instrução.</p>	<p>Tecnologia Educacional: Um modo sistemático de preparar, implementar e avaliar o processo total de aprendizagem e de instrução em termos objetivos específicos, baseado nas pesquisas de aprendizagem humana e comunicação, empregando recursos humanos e materiais de maneira a tornar a instrução efetiva.</p>

Fonte: Oliveira e Oliveira (1974, p. 68 e 69).

De acordo com o Quadro anterior, apesar de o autor apresentar as áreas que tratam da instrução e educação (ou aprendizagem) como conceitos diferenciados, entendemos que para ele a instrução e a educação se convergem, ou seja, uma não se dá sem a outra, de modo que a Psicologia da Instrução foca em procedimentos de estímulo e resposta, enquanto a Psicologia da Aprendizagem é voltada ao aprendiz e à mudança de comportamento. Já a Tecnologia Instrucional é baseada na tecnologia educativa, mas direcionada à instrução, enquanto a Tecnologia Educacional é um modo sistemático baseado nas pesquisas de aprendizagem humana. Porém, é importante frisar que, mesmo estando vinculadas, continuam sendo campos que devem ser entendidos separadamente, ressaltando-se que “se a distinção entre instrução e educação for aceita, fica claro que então estaremos tratando aqui de problemas relacionados com a tecnologia instrucional, e não com todos os aspectos de tecnologia educacional” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1974 p. 10). Desse modo, entende-se que a tecnologia educacional apresenta uma gama de elementos que devem ser considerados em sua complexidade.

Antes de adentrarmos sobre os aspectos da Tecnologia Educacional (TE), é importante destacar que o seu conceito atualmente pode ser compreendido de forma ampla.

Entende-se como TE desde o giz e o quadro até as lousas digitais na EaD, considerando igualmente nessa categoria os aplicativos, como o *Volley*², por exemplo, de Mark Zuckerberg, CEO da rede social *Facebook*, que promete tornar o aprendizado individualizado mais divertido e eficaz. Além disso, podemos entendê-la também como a inovação educacional nos planejamentos, currículos e sistemas de aprendizagem. Contudo, no caso específico deste trabalho, abordaremos a Tecnologia Educacional à vista dos estudos de Oliveira na década de 1970 como um conjunto de conhecimentos, a fim de desenvolver estratégias de inovação aplicadas à educação como se publicava nas revistas de Tecnologia Educacional da época.

Oliveira (1977) ressalta que o desenvolvimento da Tecnologia Educacional advém de uma abordagem sistêmica com base em três áreas específicas de conhecimento: as ciências da informação e da comunicação; as psicologias da aprendizagem e da instrução; e a administração, com enfoque no planejamento.

Por apresentar essa abordagem mais ampla, a TE surgiu para alguns como a possível solução dos problemas educacionais, por trazer inovações para a prática e debate pedagógico. Para outros, “é percebida como verdadeira ameaça à natureza mais íntima da ação pedagógica” (CANDAU, 1978 p. 61). Contudo, toda essa complexidade de conceituação e compreensão da TE nos mostra que esse é um campo fértil para interpretações, ainda mais se pensarmos nas questões da sua relação com a interdisciplinaridade e a educação.

Afirmar que a tecnologia educacional está inserida no âmbito da educação implica que a Tecnologia não poderá encarar a educação como simples matéria a sofrer um tratamento tecnológico mas, pelo contrário, é a tecnologia que deverá sofrer um tratamento educacional que informará toda a sua realidade. (CANDAU, 1978, p. 62)

Candau (1978) nos adverte para o fato de que não podemos entender a tecnologia educacional como o agente transformador da educação, e sim que a tecnologia adentra a educação para se modificar em prol do ensino.

Em um dos seus estudos, Oliveira (1980) observa o impacto da Tecnologia Educacional no Brasil até aquele momento. Primeiramente, o autor aponta as problemáticas sociopolíticas que afetavam o desenvolvimento da TE, como deficiências no setor de telecomunicações, falta de liderança das escolas no setor educacional, a pós-graduação como campo recente a que poucos tinham acesso. Além disso, as pesquisas e o desenvolvimento científico não possuíam uma tradição significativa no país, acarretando a adoção de pesquisas

² Disponível em: <<http://www.volley.com/>> Acesso em: 9 set. 2017.

de outros países, como os Estados Unidos, sem considerar o contexto histórico e sociocultural brasileiro. Todos esses fatores afetaram significativamente o desenvolvimento da TE no Brasil, contudo a partir de 1980 as estratégias e projetos voltados à Tecnologia Educacional aumentaram consideravelmente, como observado no Quadro a seguir:

Quadro 2 – Principais acontecimentos históricos na área de Tecnologia Educacional

Ano	Acontecimento
1924	Criação da Rádio Sociedade – projeto da Academia Brasileira de Ciências (ABC).
1934	Rádio Roquette Pinto criou a rádio Escola Municipal no Rio de Janeiro.
1936	Criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE).
1937	Rádio Sociedade passou a ser a rádio MEC.
1947	Criação da UNAR (Universidade do Ar), curso comercial radiofônico pelo Senac São Paulo.
Década de 1950	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução e desenvolvimento de audiovisuais – Segunda Guerra Mundial. • Rádio MEB (Movimento da Educação Base). • FUNBECC (Fundação Brasileira para o ensino de Ciências).
Década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> • TVs comerciais iniciam a transmissão de cursos. • Introdução da Instrução Programada. • Empresas particulares começam a oferecer serviços na área de Tecnologia Educacional. • Iniciam-se algumas TVs educativas no país, como TV Cultura, Escola-TV e FMTVE. • Planejamento do Projeto SACI (Sistema Avançado de Comunicação Interdisciplinar) do INPE.
Década de 1970	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Nutes (Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde) da UFRJ. • ABT (Associação Brasileira de Teleducação, alguns anos depois muda para Associação Brasileira de Tecnologia Educacional) – não governamental. • PRONTEL (Programa Nacional de Teleducação) – governamental. • INPE inaugura o primeiro programa de pós-graduação na área de tecnologia educacional. • Telecurso 2º Grau: Fundação Padre Anchieta (TV Cultura/SP) e pela Fundação Roberto Marinho.
Década de 1980	<ul style="list-style-type: none"> • De 1979 a 1983, é criado o Programa Pós-graduação Tutorial a Distância, pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), em parceria com a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, para a formação de professores de universidades do interior do país. • De 1979 a 1985 a UnB assina um convênio com a <i>Open University</i> da Inglaterra com a finalidade de ofertar cursos a distância. • Em 1984, foi criada a TV Educativa do Mato Grosso do Sul do “Projeto Ipê” de ensino a distância, em parceria da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo com a Fundação Padre Anchieta, para produção e distribuição de cursos de atualização de professores de 1º e 2º grau, por meio de programas na TV Cultura.
Década de 1990	<ul style="list-style-type: none"> • Em 1991, a Fundação Roquette Pinto, a Secretaria Nacional de Educação Básica e as secretarias estaduais de Educação implantam o Programa de Atualização de Docentes, com conteúdos destinados aos professores das

	<p>quatro séries iniciais do Ensino Fundamental e estudantes dos cursos de formação de professores.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Projeto “Um salto para o futuro”, programa transmitido ao vivo, com a proposta de formação continuada para o professor de Ensino Fundamental e Ensino Médio, que possuía orientadores educacionais situados em 800 telepostos, distribuídos em todo o território brasileiro. • Em 1992, o Núcleo de Educação a Distância (NEAD), do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, desenvolve projeto para o primeiro curso de Licenciatura na modalidade a distância. O curso inicia em 1995. • 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional nº 9394, de 1996, normatiza, em nível federal, a Educação a Distância.
A partir dos anos 2000	<ul style="list-style-type: none"> • Em 2000, é criada a Universidade Virtual Pública do Brasil (UniRede), um consórcio de 70 instituições públicas de ensino superior que tem por objetivo democratizar o acesso à educação de qualidade, por meio da oferta de cursos a distância. • Em 2003, o Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília (UnB) é credenciado para oferecer cursos de graduação e pós-graduação <i>lato sensu</i> a distância. • Em 2004, o MEC convoca instituições públicas e comunitárias, devidamente qualificadas, a manifestar interesse em participar do Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício no Ensino Fundamental e no Ensino Médio (Pró-Licenciatura), apresentando propostas de curso de licenciatura a distância. • A partir de 2005, é crescente no Brasil o número de cursos oferecidos na modalidade a distância e de estudantes envolvidos. • O Ministério da Educação do Brasil, por meio da Secretaria de Educação a Distância, cria o projeto Universidade Aberta do Brasil. O curso-piloto do projeto é o de graduação em Administração na modalidade educação a distância (EaD), com duração de quatro anos.

Fonte: Adaptado de Oliveira (1980) e Quartiero et al. (2010).

É importante ressaltar que durante os anos de 1970 foram enviados estudiosos brasileiros para alguns países que já possuíam um estudo mais avançado na área de TE, como Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, com o intuito de se especializarem na produção de materiais e recursos.

Apesar das ações para desenvolver a Tecnologia Educacional no país, para o autor a educação não obteve mudanças relevantes ou melhorias na qualidade do ensino, a não ser por alguns poucos casos no treinamento industrial e na educação técnica.

No que diz respeito à elaboração de materiais de instrução (nomenclatura utilizada pelo autor), Oliveira faz apontamentos interessantes para a época. Menciona que naquele

momento o desenvolvimento desses materiais visava ao planejamento curricular e que estes vinham sofrendo da síndrome do “*in-breeding*”³:

Grande parte dos novos materiais produzidos (cursos de instrução programada e audiovisuais etc.) dizem respeito ao próprio campo da educação, da tecnologia educacional, ou são preparados para cadeiras de nível universitário (onde atuam os especialistas que o elaboram). (OLIVEIRA, 1980 p. 64)

Nesse contexto, o autor ressalta que os materiais instrucionais de perspectiva inovadora produzidos naquela época eram baseados ainda nos livros didáticos, por serem consolidados pelo mercado.

Diante de um extenso debate sobre a TE, surgiram ramificações da área para abarcar o seu significado. De acordo com Candau (1978), a Tecnologia Educacional se dividiu nas seguintes concepções:

- TE centrada no meio: refere-se a uma perspectiva de mediação tecnológica, em que o meio é utilizado a partir da comunicação para fins instrucionais (ex.: quadro, livro, audiovisuais etc.);
- TE centrada no processo: planeja, implementa e avalia o processo de ensino-aprendizagem como um todo;
- TE como estratégia de inovação: como foco de estudo, a tecnologia educacional não poderia abranger novos conhecimentos sem modificar-se, sem superação, desse modo é centrada na inovação da educação.

Tanto a Tecnologia Instrucional como a Tecnologia Educacional são temas que abrangem conceitos, estratégias e concepções que dariam um estudo por si só. No entanto, a ideia deste trabalho não é aprofundar o estudo sobre elas, mas salientar que são estudos e práticas diferentes, com fundamentação teórica e contextos distintos que devem ser considerados, pois abordam vieses que originaram as práticas do designer e o foco de discussão deste trabalho. Conforme relatam Campos e Rocha (1998, p. 2 apud HOSSAIN, 1996), “A tecnologia instrucional tradicional é baseada num relacionamento linear e hierárquico, enquanto que a tecnologia educacional emergente revoluciona o processo ensino-aprendizagem”.

³ *In-breeding*, em português significa endocruzamento, refere-se ao cruzamento de semelhantes genéticos. Nesse caso, o autor faz uma relação dos livros didáticos na área da Educação e Tecnologia Educacionais transformados em materiais de instrução.

É importante destacarmos neste ponto que não foram encontrados referenciais sobre o profissional de Design Instrucional ou Educacional nas pesquisas realizadas nos teóricos brasileiros sobre Instrução Programada, Tecnologia Instrucional e Tecnologia Educacional até o início da década de 1980. Assim, para o desenvolvimento de materiais didáticos nessa época, encontraram-se diferentes nomenclaturas para essa função com distintos perfis: professores que desenvolviam seu próprio material, especialistas em IP, projetistas voltados à área de Tecnologia da Informação etc. Em alguns casos, principalmente em desenvolvimento de projetos de teleducação, os materiais eram elaborados e estudados por um grupo predeterminado.

Contudo, muito anteriormente, alguns estudos realizados no exterior nortearam a construção conceitual teórica e prática do designer. No Brasil, encontram-se estudos mais recentes que apresentam novas reflexões sobre essa prática. Todos eles, nacionais e internacionais, compreendemos como referenciais teóricos nos estudos sobre o tema. Apresentamos uma sequência histórica no Quadro abaixo, que não pretende ser exaustiva, mas ilustrativa do desenvolvimento conceitual da área.

Quadro 3 – Principais livros publicados sobre Design Instrucional e Design Educacional.

	Autor	Publicação
1953	Skinner, B. F.	Ciência e comportamento humano
1956	Bloom, B. S. et al	<i>Taxonomy of educational objectives</i>
1962	Mager, R. F.	<i>Preparing Instructional Objectives</i>
1965	Gagné, R. M.	<i>Conditions of Learning</i>
1966	Seymour, W. D.	<i>Industrial Skills</i>
1968	Churchman, C. W.	<i>The Systems Approach</i>
	Ausubel, D. P.	Psicologia Educacional
1970	Knowles, M.	<i>The modern practice of adult education</i>
1971	Merril, M. D.	<i>Instructional design theory</i>
1974	Gagné, R. M	<i>Principles of Instructional Design</i>
1977	Briggs, L. J.	<i>Instructional Design: Principles and Applications</i>
1978	Dick e Carey	<i>The systematic design of instruction</i>
1983	Reigeluth, C	<i>Instructional Design Theories and Models: An Overview of Their Current Status</i>
1985	Papert, S.	<i>Linguagem Logo</i>

1997	Khan, B. H	<i>Web-based Instruction</i>
1999	Reigeluth, C	<i>Instructional-design Theories and Models: A New Paradigm of Instructional</i>
2000	Piskurich, G. M.	<i>Rapid Instructional Design: Learning ID Fast and Right</i>
	Rosenberg, M. J.	<i>E-Learning: Strategies for Delivering Knowledge in the Digital Age</i>
2002	Kearsley, G.	<i>Online Education: Learning and Teaching in Cyberspace</i>
	Wiley, D.	<i>The instructional use of learning objects</i>
2004	Koper e Tattersall	<i>Learning Design: A Handbook On Modelling And Delivering Networked Education And Training</i>
Livros publicados no Brasil		
1975	Oliveira, J. B. A	Tecnologia Educacional: teorias da instrução
2004	Filatro, A.	Design Instrucional contextualizado
2008	Filatro, A.	Design Instrucional na prática
2014	Kenski, V. M.	Design Instrucional para cursos <i>online</i>
2016	Mattar, J.	Design Educacional – Educação a Distância na prática

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A partir do Quadro anterior, observa-se que houve uma produção internacional intensa relacionada aos estudos instrucionais entre os anos de 1950 até o início da década de 1980, em que foram construídas as bases conceituais sobre o Design Instrucional e o Design Educacional. Ao final da década de 1990, voltou a aumentar o número de produções, mas com um enfoque na educação *online* devido à disseminação da internet. Atualmente, percebe-se um aumento na produção de artigos acadêmicos relacionados à prática do DI e do DE no Brasil, embasados em estudos na área de conhecimento da Educação.

2.1.1 O surgimento do profissional

Como mencionado anteriormente, não se sabe ao certo onde e como começaram as primeiras práticas de DI e DE no Brasil. Contudo, no âmbito da educação *online* via internet, a pioneira na modalidade foi a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), que em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e com apoio da *Télé-Université du Quebec* (Canadá) iniciou, em 1992, um projeto de curso em EaD, oferecendo, em 1995, a Licenciatura

Plena em Educação Básica: 1ª a 4ª séries do 1º grau. O curso foi em caráter experimental, oferecido para professores em serviço da rede pública estadual e municipal.

Além da UFMT, o LED (Laboratório de Ensino a Distância), da UFSC, foi criado em 1995 no Departamento de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, realizando projetos, a partir de então, com instituições públicas e privadas.

Em 2005 a UnB, em parceria com o MEC, iniciou de forma ampliada as ofertas de cursos superiores a distância. Nesse mesmo ano surgiu o primeiro registro de curso ofertado para a análise e elaboração de materiais didáticos, uma Especialização (*lato sensu*) em Design Instrucional para cursos *online*, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, no país são oferecidos diversos tipos de cursos para formação de DI e DE, como especializações, cursos rápidos e treinamentos, devido à grande procura por profissionais qualificados na área de EaD, tanto acadêmica como corporativa.

Com o objetivo de regulamentar a educação a distância no país, em 1998 o Ministério da Educação (MEC) publicou a primeira versão dos Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância, e em 2003 esse documento foi reformulado para estabelecer parâmetros, princípios, diretrizes e critérios a serem utilizados por instituições que venham a oferecer cursos nessa modalidade. O documento faz referência à equipe multidisciplinar da seguinte forma:

A instituição que oferece curso ou programas a distância, além dos professores especialistas nas disciplinas ofertadas e parceiros no coletivo do trabalho político-pedagógico do curso, deve contar com as parcerias de profissionais das diferentes TICs, conforme a proposta do curso [...]. (BRASIL, 2003).

Após o Decreto número 5.622, de 20 de dezembro de 2005; do Decreto 5.773, de junho de 2006; das Portarias Normativas 1 e 2, de 11 de janeiro de 2007; e em decorrência do crescimento da EaD no país e novas pesquisas na área, o MEC então, publicou em 2007 uma versão preliminar dos Referenciais de Qualidade para a EaD Superior. Nele, a referência sobre os profissionais para elaboração e desenvolvimento dos materiais didáticos afirma que:

A produção de material impresso, vídeos, programas televisivos e radiofônicos, teleconferências, CD-Rom, páginas WEB e outros, para uso a distância, atende a diferentes lógicas de concepção, produção, linguagem, estudo e controle de tempo. Para atingir estes objetivos, é necessário que os docentes responsáveis pela produção dos conteúdos trabalhem integrados a uma equipe multidisciplinar, contendo profissionais **especialistas em desenho instrucional**, diagramação, ilustração, desenvolvimento de páginas web, entre outros. [grifo nosso] (BRASIL, 2007).

Ou seja, apesar de já haver estudos e pesquisas sobre o designer no país, o documento empregava a nomenclatura para definir esses profissionais como “especialistas em desenho instrucional”.

Logo após, em 2008, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) regulamentou a profissão especificamente como designer educacional, de maneira que o designer instrucional fosse considerado sinônimo, assim como desenhista instrucional e projetista instrucional. A CBO descreve a função da seguinte forma:

Implementam, avaliam, coordenam e planejam o desenvolvimento de projetos pedagógicos/instrucionais nas modalidades de ensino presencial e/ou a distância, aplicando metodologias e técnicas para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Atuam em cursos acadêmicos e/ou corporativos em todos os níveis de ensino para atender as necessidades dos alunos, acompanhando e avaliando os processos educacionais. Viabilizam o trabalho coletivo, criando e organizando mecanismos de participação em programas e projetos educacionais, facilitando o processo comunicativo entre a comunidade escolar e as associações a ela vinculadas. (MINISTÉRIO DO TRABALHO, 2008).

No início de 2017, a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), ofertou a primeira graduação tecnológica em Design Educacional do país, na modalidade a distância, com duração de cinco semestres e carga horária de 2.016 horas. Esse é um marco de inovação na área, trazendo uma valorização do profissional de Design Instrucional e Educacional.

As estatísticas mais atuais do MEC mostram o aumento da demanda de ofertas de cursos a distância,

De acordo com o Censo da Educação Superior realizado em 2015 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), há no país 1.473 mil cursos superiores a distância ofertados cujo crescimento é de 10% ao ano, desde 2010. Atualmente, são mais de 1,3 milhão de estudantes matriculados, com crescimento de 50% entre os anos de 2010 e 2015. (MEC, *online*)⁴

Observa-se, portanto, que a cada dia cresce o número de produções científicas sobre o tema. As instituições públicas possuem atualmente núcleos de EaD para desenvolvimento de cursos e materiais didáticos. Já as corporações estão utilizando cursos e treinamentos *online* para apresentar novos *softwares* e produtos aos seus funcionários, além de realizar

⁴ Atualizada legislação que regulamenta Educação a Distância no país - Portal MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/212-noticias/educacao-superior-1690610854/49321-mec-atualiza-legislacao-que-regulamenta-educacao-a-distancia-no-pais>. Acesso em: 15 jul. 2018.

formações iniciais a novos colaboradores, como também a formação continuada dos veteranos. Dessa forma, a profissão de designer ganhou visibilidade e importância na última década, principalmente a partir da necessidade de inserção de tecnologias comunicacionais e de informação às práticas educativas.

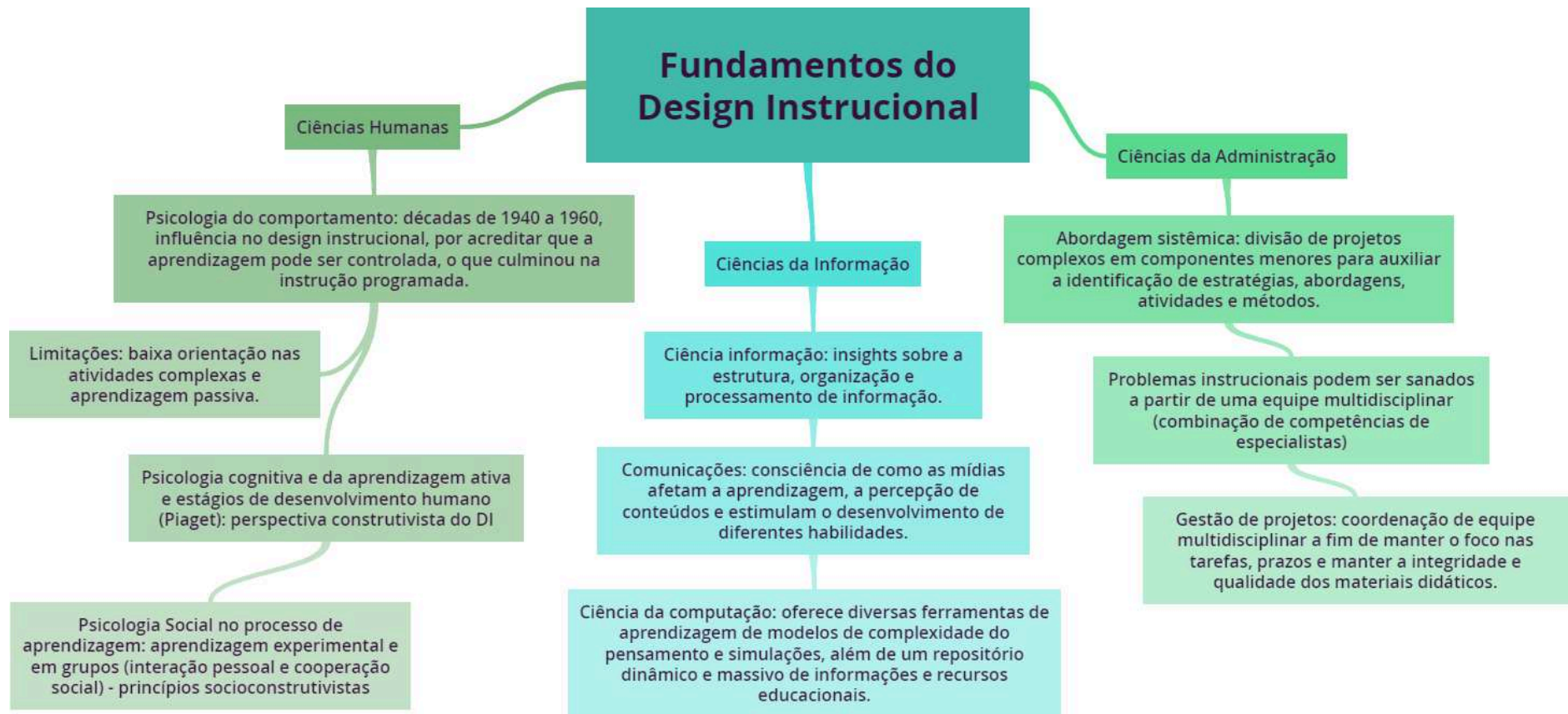
2.1.2 A atividade do designer

Para discutirmos a atividade do designer, primeiramente precisamos compreender o conceito de identidade, e, por conseguinte, o conceito de identidade profissional pela visão da Psicologia e Sociologia. De acordo com Maheirie (2002, p. 31), “Partindo de uma perspectiva dialética de compreensão do homem e de suas relações sociais, é possível apontar que a ‘identidade’ pode ser compreendida como constituição do sujeito, desde que seu significado esteja na direção daquilo que se faz aberto e inacabado.”. Deste modo, podemos entender que a identidade está em constante transformação diante das experiências sociais e pessoais vividas pelo sujeito. No caso da identidade profissional, Santos (2005, p. 131) destacando os estudos de Habermas afirma que,

As primeiras análises relativas à construção da identidade de uma determinada profissão baseavam-se, essencialmente, no seu aspecto funcional e instrumental. As competências necessárias ao desempenho de uma tarefa profissional, descritas e referências a um quadro institucional ou organizacional específico, pareciam suficientes para a sua descrição nominativa e a respectiva categorização, em termos sociais e profissionais. Desta forma, uma profissão era caracterizada por referência a competências oriundas de áreas específicas de conhecimento, a partir das quais os indivíduos se reconhecem. (SANTOS 2005, p. 131)

Para a autora esta abordagem é reducionista, pois pode configurar uma visão radical “da identidade do sujeito unicamente pelo estatuto de emprego, níveis de qualificação ou pertença a determinada organização.”. Pensando nisso, no Brasil, uma das principais correntes teóricas que estudam a atividade do designer é a da pesquisadora Andrea Filatro, que aponta três campos de conhecimentos nos quais esse profissional baseia as suas atividades, como veremos no mapa mental a seguir:

Figura 1 – Fundamentos do Design Instrucional de acordo com Filatro (2008):



Fonte: Adaptado de Filatro (2008).

Na visão de Filatro (2008), a atividade do designer está ligada a áreas de conhecimentos distintas e apresenta complexidades práticas, pois vai muito além de simples escolhas de tecnologias para EaD. Envolve uma ramificação de psicologias, a fim de atender o cognitivo, comportamental, social e a aprendizagem. Na área da informação, estrutura, organização, conhecimento de novas tecnologias educativas e como o aprendizado ocorre a partir delas, além da gestão de projetos e cursos administrativos e gerenciamento da equipe multidisciplinar.

Diante disso, outros teóricos concordam que o designer deve possuir um perfil interdisciplinar, de modo a atender todos os requisitos que se esperam dele, desde a análise de um material didático, a comunicação interpessoal com professores e equipe, passando por características de gestão, planejamento e implementação, até a criatividade de desenvolvimento, criação e inovação de recursos didáticos tecnológicos, como se observa em algumas definições para o DI e DE encontrados na literatura nacional:

O Designer Instrucional tem como objetivo: [...] a ação intencional de planejar, desenvolver e aplicar situações didáticas específicas que incorpore, tanto na fase de concepção como durante a implementação, mecanismos que favoreçam a contextualização e a flexibilização. (FILATRO 2008, p. 21).

Filatro (2008) ressalta a ação do designer a partir de uma intencionalidade didática, desde a análise até a execução, e compreende a necessidade da contextualização e da flexibilidade como praxe da prática. Por outro lado, para Kensky e Barbosa (2007),

O DI é responsável não só pela elaboração dos cursos virtuais, mas por todas as fases desde o planejamento, desenvolvimento até a seleção da metodologia mais adequada, para que se possa atingir os objetivos educacionais propostos diante de cada contexto. (KENSKY; BARBOSA, 2007, p. 3).

Assim, Kenski e Barbosa entendem que o designer tem um perfil multifacetado, responsável tanto pela elaboração dos materiais, do planejamento, do desenvolvimento e pela escolha da metodologia que mais se adequa ao perfil dos estudantes e necessidades do projeto e objetivos do curso. Para Palácio (2005),

O Design Educacional de um curso a distância pode ser entendido como uma rede de associações entre conteúdo, concepção metodológica, ambiente digital, interação e avaliação, sendo esses elementos direcionados pela abordagem pedagógica definida como ponto de partida na elaboração da estrutura inicial do projeto. (PALÁCIO, 2005 p. 142).

Palácio menciona que o desenho de um curso *online*, em que o aprendiz se encontra a distância, compreende de forma global os materiais didáticos, a metodologia escolhida, o

ambiente virtual de aprendizagem (a sala de aula), a comunicação com os envolvidos, a avaliação e análise do projeto proposto, direcionados pela mediação pedagógica determinada inicialmente. Já para Fichmann (2009),

Designer instrucional: (esse profissional normalmente é um educador com experiência em tecnologia educacional): analisa as necessidades, constrói o desenho do ambiente de aprendizagem, seleciona as tecnologias de acordo as necessidades de aprendizagem e condições estruturais dos cursistas, avalia os processos de construção e uso do curso. Além disso, faz a mediação do trabalho de toda a equipe de especialistas. (FICHMANN, 2009 p. 177).

Com isso, Fichmann relaciona o designer como um educador experiente em tecnologia educacional e que por meio desse conhecimento realiza diferentes atividades, como a análise das necessidades de aprendizagem dos estudantes, para assim poder definir as tecnologias a serem aplicadas no desenho do curso, além de mediar o fluxo de desenvolvimento com a equipe de profissionais. Filatro, no entanto, insere na discussão outra argumentação:

Além de ser capaz de participar de equipes multidisciplinares, o designer instrucional precisa, ele próprio, ter uma orientação transdisciplinar que lhe permita fazer a ponte entre os especialistas de diversas áreas, para atingir a finalidade principal, que é promover a melhor instrução e a aprendizagem mais significativa. (FILATRO, 2007 p. 140-141).

Dessa forma, nessa outra produção teórica, Filatro aponta a importância de o designer possuir um perfil transdisciplinar para que consiga realizar a mediação entre os especialistas da equipe multidisciplinar, pois somente assim, na visão da autora, poderá promover uma aprendizagem significativa para os estudantes a distância. Já sobre a avaliação, Longo (2009) pontua:

Além disso, todo o curso deve ser avaliado por especialistas na área de estudos linguísticos e pedagógicos (designers instrucionais), que o redefinam segundo sua filosofia de trabalho e o enriquecem com o apoio de uma equipe multidisciplinar de produção multimídia e de webdesigners. (LONGO, 2009, p. 218)

De acordo com Longo (2009), os designers devem ser especialistas em pedagogia e linguística, acompanhados pelas especificidades da equipe multidisciplinar para desenvolver e avaliar o curso.

Mediante o exposto, observa-se que os autores citados apresentam percepções muito próximas, enfatizando a questão da interdisciplinaridade e a necessidade de o designer ter de desempenhar diferentes papéis em uma equipe de EaD, permeando desde a análise das necessidades de um projeto de curso a distância, da escolha das tecnologias empregadas ao

desenvolvimento dos materiais didáticos, passando à interação com os envolvidos no processo de construção e implementação até a avaliação final da concepção do projeto.

Sistematizando as concepções dos diferentes autores aqui apresentados, de forma geral o designer pode, portanto, desenvolver as seguintes atividades:

- Análise e adequação da linguagem numa perspectiva dialógica de textos, livros didáticos, mídias interativas, recursos didáticos e do desenho pedagógico das unidades curriculares dos cursos, apontando alternativas para interatividade entre os alunos, professores e tutores no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA);
- Colaboração e planejamento com os professores/conteudistas na organização dos conteúdos e ações educativas das unidades curriculares e módulos *online*, roteiros de videoaulas, videoconferências, objetos de aprendizagem e provas;
- Elaboração e/ou análise de guias de estudos das unidades curriculares dos cursos;
- Elaboração e/ou análise de guias para a equipe multidisciplinar e professores;
- Revisão e análise do conteúdo e coerência visual do material didático produzido para os cursos e adaptá-lo para a modalidade a distância;
- Criação e roteirização de *storyboard* a partir de conteúdos específicos dos cursos.
- Roteirização de recursos educacionais como webaulas, objetos de aprendizagem, quadrinhos, entre outros.
- Seleção de mídias e TDIC (tecnologias digitais de informação e comunicação) para utilização nos cursos, considerando as estratégias de ensino-aprendizagem, trabalhando diretamente com o revisor, o diagramador e toda a equipe audiovisual;
- Assessoria e acompanhamento do trabalho do professor/conteudista, tutores a distância e tutores presenciais e de laboratório, e participação das reuniões pedagógicas e dos trabalhos determinados pela coordenação do programa;
- Planejamento e implementação do curso juntamente com a coordenação, realizando o levantamento e análise de necessidades de instrução e ensino.
- Levantamento do perfil dos alunos ou usuários/estudantes.
- Conversão ou adaptação dos conteúdos em materiais digitais, adequando-os à mídia digital ou a outra mídia a ser utilizada.

- Definição de estratégias pedagógicas como: organização e distribuição dos conteúdos, desenvolvimento do projeto gráfico juntamente com o web designer (imagens, áudio, fontes, cores, personagens, metáforas, menus).
- Colaboração com a autoria na programação de estratégias de aprendizagem e avaliações.
- Desenvolvimento de Projetos Educacionais.
- Desenvolvimento de material didático acessível.
- Acompanhamento e orientação a professores durante a elaboração do conteúdo didático e recursos multimídia para as disciplinas;
- Formação de professores, de acordo com a metodologia da instituição de ensino.

Nesse contexto, por entender que a visão de Filatro está pautada no meio corporativo e não considera os preceitos educacionais do sujeito aprendiz cabe perguntar: será possível encontrar um profissional com tantas características distintas?; em uma equipe multidisciplinar, para a concepção de cursos na modalidade a distância, um mesmo profissional conseguirá atender tanto às questões de planejamento pedagógico quanto àquelas pontuais, de adequação e análise de materiais e recursos didáticos?; quais as características pessoais e a formação ideal que esse profissional deve possuir?

2.1.3 Há uma diferença entre designer instrucional e designer educacional?

A Era do Conhecimento trouxe novas formas de o sujeito ver e interagir com o mundo a sua volta. Diferentes tecnologias, linguagens, um novo sentido para os objetos do cotidiano, um novo olhar para a informação e também, podemos dizer, inovadores perfis profissionais, e no caso da educação não é diferente. Mudou-se a forma de pensar, planejar e fazer educação. E apesar de a Educação a Distância ter um histórico anterior à Era do Conhecimento, foi nesse momento que ela se consolidou no formato que conhecemos atualmente, levando-nos a refletir e aprimorar os processos de se fazer EaD. Nesse contexto, percebe-se que o papel do designer instrucional (*instructional design*, termo usado pelos primeiros estudiosos) também precisa ser revisto.

Esse profissional, indispensável na EaD, que segundo GAGNÉ (1992) é responsável por planejar, analisar, implementar, avaliar e desenvolver materiais didáticos para cursos da

educação a distância, precisa refletir sobre o seu papel a partir dos novos estudos teóricos e das inovações tecnológicas que surgiram nos últimos tempos.

Atualmente, deparamo-nos na literatura científica brasileira fundamentalmente com duas terminologias, designer instrucional e designer educacional, normalmente tratadas como sinônimos. Contudo são realmente unívocos?

Durante este trabalho de pesquisa, percebeu-se a partir das diversas obras encontradas e leituras realizadas que, internacionalmente, a predominância nos estudos sobre esse profissional aplica-se em sua maioria ao termo *Instructional Design*. Entretanto, alguns estudos atuais apresentam a nomenclatura *Educational Design*, usado para definir o design de currículo e design de aprendizagem, ou seja, com a finalidade de projetar cursos e indicar nestes as modificações pertinentes. Todavia, como o intuito deste trabalho é adentrar esse campo de debate apenas em teóricos brasileiros, não aprofundaremos a discussão internacional, mesmo considerando que ela traz indícios de tendências também em nosso país.

No Brasil, as duas terminologias são utilizadas, na maioria dos casos, sem critérios definidos. Alguns autores as utilizam como sinônimos, mencionando no texto ora DI, ora DE, sem maiores especificações, como é o caso de Campos e Rocha (1998, p. 10): “Existem propostas para o Design Instrucional que buscam alternativas simples e rápidas”. E em outro momento o autor destaca: “Entre os especialistas existem diferentes perspectivas quanto ao tipo e papel da teoria construtivista no processo do Design Educacional” (CAMPOS E ROCHA, 1998, p. 3). Já outros autores seguem a lógica que remete aos estudos iniciais desse campo de conhecimento, prevalecendo assim o termo designer instrucional, como é o caso de Filatro (2008), o qual ressalta que:

[...] a discussão em torno da nomenclatura design instrucional é recorrente quando se aborda o tema, seja pela resistência ao emprego dos termos “design” e “instrução” para referir-se às atividades ligadas à educação, seja pela dificuldade em distinguir Design Instrucional de outras áreas, como design gráfico ou webdesign. (FILATRO, 2008, p. 3)

A autora ainda explica seu posicionamento em entrevista à profa. Liliam Silva (2016), em seu blog sobre educação a distância:

A meu ver, particularmente, que não é necessário mudar a nomenclatura para abranger todas essas inovações e evoluções não só da área pedagógica, mas também a tecnológica, comunicacional e até mesmo a organizacional. Porque a essência da área de DI como campo de conhecimento, que é bem desenvolvido lá fora, nós temos autores que mantendo este termo original conseguem trabalhar com a complexidade, com abordagens socioconstrutivista, conectivista, aprendizagem ubíqua. Então a meu ver não

é necessário nos deslocarmos do campo original intitulado Design Instrucional, para sermos inovadores, significativos e efetivos em termos de aprendizagem. (2016, *online*⁵)

Mas o ponto de vista de Filatro não é unanimidade. Palácio (2005), por exemplo, defende a escolha do uso do termo Design Educacional em sua pesquisa, pois a palavra instrucional, advinda de instrução, remete à ideia de treinamento, e esclarece que atualmente adota-se o termo Design Educacional, uma vez que “melhor se adequa às concepções pedagógicas envolvidas no processo de desenvolvimento de um ambiente de ensino e aprendizagem.” (PALÁCIO, 2005, p. 140).

Ao lembrarmos dos conceitos histórico-metodológicos apresentados sobre a Instrução Programada, Tecnologia Instrucional e Tecnologia Educacional, e visto que essa discussão em torno da terminologia já acontece há algum tempo no meio acadêmico, faz-se necessário esmiuçar cuidadosamente as entrelinhas do que envolve as terminologias do DI e do DE, desde os seus conceitos epistemológicos, perfil e formação, até as práticas desenvolvidas, a fim de tentarmos chegar ao final deste estudo com uma compreensão mais precisa sobre a identidade do profissional.

2.2 ESTUDO EPISTEMOLÓGICO DA TERMINOLOGIA E ETIMOLOGIA DO DESIGN INSTRUCIONAL E DESIGN EDUCACIONAL

“O que quer que você deseje dizer, há apenas uma palavra para expressá-lo, um único verbo para fazê-lo mover-se, um só adjetivo para qualificá-lo”.
(Gustave Flaubert, 1821-1880)

Conforme apresentado na seção 2.1, sempre houve profissionais desenvolvendo e pensando em formas diferentes e mais eficazes para a melhoria do desenho de cursos e recursos pedagógicos, com a intenção de auxiliar o aprendiz a alcançar o seu aprendizado efetivo. Contudo, não era comum nomear ou definir as atividades desenvolvidas por esse sujeito, de modo que não havia uma delimitação precisa das suas funções ou uma profissão regulamentada.

A partir dos estudos de Robert Gagné sobre as condições da aprendizagem (*Conditions of Learning*, 1965) e Princípios de Design Instrucional (*Principles of*

⁵ Entrevista com Andrea Filatro – Designer Instrucional. Blog de Liliam Silva. Disponível em: <<http://www.educacao-a-distancia.com/entrevistas/andrea-filatro-designer-instrucional/>>. Acesso em: 03 out 2017.

Instructional Design, 1974), começou-se a pensar no profissional que desenvolve e analisa os materiais didáticos como um “designer instrucional” (DI). Aos poucos outras pesquisas científicas sobre o tema surgiram e, com elas, reflexões acerca do termo e das atividades desenvolvidas por esse profissional.

Ao longo do tempo, os estudos científicos apresentaram diferentes terminologias para se referir a esse profissional que desempenha as funções e atividades que aqui levantamos. Entre as leituras realizadas para este estudo encontramos termos por exemplo analista de conteúdo, desenhista pedagógico, projetista instrucional, engenheiro pedagógico, tecnólogo educacional, design pedagógico e analista pedagógico, porém em menor proporção que o DI e DE. Contudo, buscou-se focar uma análise mais aprofundada desses dois termos, pois são os regulamentados para a profissão pela CBO (conf. seção 2.1). Ao mesmo tempo, observa-se que em muitos casos não existe um consenso sobre a definição e atividades desempenhadas por esse profissional.

Pensando nisso, e para atingir o objetivo principal deste estudo qualitativo de compreender quem é esse profissional e a dimensão da sua atuação, vemos a necessidade de analisá-lo de forma globalizada. Um dos caminhos é considerar as terminologias que distinguem o instrucional e o educacional, especificando-os conceitualmente, e apresentando as habilidades, atuações e características de cada uma delas. Para isso, realizou-se um estado da arte sistemático entre pesquisas científicas publicadas nos últimos 20 anos no Brasil (entre 1998 e 2018) apenas na área da Educação, já que é a área de conhecimento da qual parte este estudo, com o intuito de verificar os aspectos essenciais dos perfis apresentados para o DI e para o DE, com vistas a compará-los e, assim, compreender a definição desse profissional.

Assim, foi realizada uma busca a partir das palavras “Design Instrucional” e “Design Educacional” em teses, dissertações e artigos científicos brasileiros disponíveis em diferentes anais de eventos *online*. Também foi realizada uma busca no repositório da Plataforma Sucupira da Capes, Qualis Periódicos, na área de avaliação da Educação, por revistas científicas em Educação a Distância, assim foram pesquisados os termos em cada uma das seguintes revistas:

Quadro 4 – Revistas científicas da área da EaD na plataforma Sucupira

ISSN	Título	Classificação
------	--------	---------------

ISSN	Título	Classificação
2177-8310	EaD em Foco – Revista de Educação a Distância	C
2525-3476	Inovação e Formação, Revista do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista – Nead/Unesp	C
2176-171x	Revista EDaPECI: Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais	B4
2359-6082	Revista Em Rede - Revista de Educação a Distância	B5

Fonte: Qualis Periódicos. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Além da Capes e dos estudos científicos disponíveis *online*, analisaram-se os volumes 1 e 2 do livro “Educação a Distância: o estado da arte”, que compilam estudos de diversos autores nos anos de 2009 e 2012, respectivamente, organizados por Litto e Formiga. Esse estado da arte buscou estudos científicos relacionados à atuação, análise e conceituação desse profissional publicadas nos últimos vinte anos, a fim de categorizar o uso das terminologias DI e DE e verificar se os autores justificavam em seus escritos o motivo da escolha do termo.

Desse modo, foram analisados 61 estudos científicos, entre livros, artigos, teses, dissertações e revistas científicas. Identificou-se, conforme o Quadro 5, que:

Quadro 5 – Categorização das nomenclaturas utilizadas em estudos brasileiros.

Título	DI	DE	Justifica?	Ano
CAMPOS, F. C. A. Design Instrucional e Construtivismo: em busca de Modelos para o desenvolvimento de Software	X	X	Não	1998
PINHEIRO, M. A. Estratégias para o Design Instrucional de cursos pela internet: um estudo de caso	X		Não	2002
FERNANDES, M. G. P. Automatizando o processo de Design Instrucional: maximizando a interação dos especialistas de conteúdo.	X		Não	2003
ALMEIDA, A. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem		X	SIM	2003

ROMISZOWSKI, A.; ROMISZOWSKI, L. P. Retrospectiva e perspectivas do Design Instrucional e Educação a Distância: Análise da literatura	X		Não	2005
FERREIRA, F.; SAPUCAIA, F. S.; RUBIM L. C.; VILLARINHOS, M. C.; PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M. E. B. A complexidade e a complementaridade de saberes e competências profissionais na implementação de um projeto de formação de gestores escolares via internet		X	Não	2005
PALÁCIO, P. P. G. Design Educacional em projetos de Educação a Distância: abordagens pedagógicas subjacentes		X	Sim	2005
FILATRO, A. Design Instrucional contextualizado	X		Não	2007
KENSKI, V. M. BARBOSA, A. C. L. S. Gestão de Pós-Graduação a Distância: Curso de Especialização em Design Instrucional para Educação Online	X		Não	2007
OLIVERIRA, S. C. A Interlocução na Graduação a Distância: processo, ferramenta e resultado na transposição pragmática	X		Não	2007
FILATRO, A. Design Instrucional na prática	X		Não	2008
ALMEIDA, M. E. B. As teorias principais da Andragogia e Heutagogia. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte.		X	Não	2009
MATTAR, J. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
TORI, R. Cursos híbridos ou Blended Learning. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
REZENDE, F. A. Educação Especial e a EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
CARLINI, A. L.; RAMOS, M. P. A avaliação do curso. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
LONGO, C. A. J. A EaD na Pós-Graduação. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
SILVA, R. S. A Educação Corporativa — Universidades Corporativas. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
SCAVAZZA, B. L.; SPRENGER, A. EaD na Educação não Formal de Professores. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
MOREIRA, M. G. A Composição e o Funcionamento da Equipe de Produção. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
ROMISZOWSKI, H. G. P. Fatores Culturais na EaD: experiências de vários contextos. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
ROMISZOWSKI, A. J. Aspectos da Pesquisa em EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
FILATRO, A. As teorias pedagógicas fundamentais em EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte	X		Não	2009
Simão Neto, A. Hesketh, C. G. Didática e Design Instrucional	X		Não	2009
TORREZZAN, C. A. W. Design Pedagógico: um olhar na construção de materiais educacionais digitais	X	X	Sim	2009
BRAGLIA, I.; GONÇALVES, B. Abordagem sistemática do Design Instrucional na implementação de hipermídias para aprendizagem	X		Não	2009

ARAUJO, E. M.; NETO, J. D. O. Um novo modelo de Design Instrucional baseado no ILDF – Integrative Learning Design Framwork para a aprendizagem <i>online</i>	X		Não	2010
SOMMER, L. H. Educação a Distância e formação de professores: problemas, perspectivas e possibilidades	X		Não	2010
ARAUJO, M. D. O.; CARVALHO, A. B. G. O Sociointeracionismo no contexto da EaD: a experiência da UFRN	X		Não	2011
PEREIRA, O. P. O Designer Educacional e as competências profissionais: influência na seleção de recursos midiáticos		X	Sim	2011
TERÇARIO, A. A. L.; GARA, E. B. M.; MANDAJI, M. O design instrucional de materiais impressos para EaD: da construção à reconstrução	X	X	Não	2011
BECKER, A. M.; TRINDADE, C. O. A importância do Design Educacional na EaD		X	Não	2012
NEVES, M.; CENTENO, C.; FRUET, F.; OTTE, J.; ORTH, M. Design Educacional construtivista: o papel do Design como planejamento na Educação a Distância		X	Sim	2012
GAMEZ, L. A estruturação de cursos em EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. v. 2	X		Não	2012
LIMA, R. S. O setor de indústria e a EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. v. 2	X		Não	2012
TRACTENBERG, L. TRACTENBERG, R.; AZEVEDO, W. C. J. A docência <i>online</i> independente. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. v. 2	X		Não	2012
BARRAVIERA, B.; FERREIRA, R. S. J.; FERREIRA, A. S. S. B. Revistas científicas nacionais e internacionais de EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. v. 2	X		Não	2012
SILVA, W. V. K. M.; BERTONCELLO, L. Crescimento bibliográfico na EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. v. 2	X		Não	2012
NEVES, M. F. Design Educacional e inteligências múltiplas: construindo um instrumento norteador para o estímulo ao uso das inteligências em EaD <i>Online</i>		X	Não	2014
DIAS, L. C.M.; RODRIGUES, L. M.; RODRIGUES, P. A. Analisando o modelo de design instrucional de um curso de pós-graduação oferecido na modalidade a distância	X	X	Não	2014
MARX, L.M. O designer instrucional na modalidade de ensino a distância (EAD): concepções e reflexões	X		Não	2014
SONDERMANN, D. V. C.; ALBERNAZ, J. M.; BALDO, Y. P.; PASSOS, M. O Design Educacional inclusivo frente à heterogeneidade no perfil dos alunos professores em formação para Educação a Distância		X	Não	2014
SONDERMANN, D. V. C. O Design Educacional para a modalidade a distância em uma perspectiva inclusiva: contribuições para/na formação docente	X	X	Não	2014
BRICK, E. M.; HOFFMANN, M. B.; KNAUL, A. P. Design Educacional cooperativo: uma experiência de produção de materiais da reedição do Proinfo Integrado		X	Não	2014
RIOS, G. A. et al. Produção de materiais didáticos digitais audiodescritos: experiências do Núcleo de Educação a Distância da Unesp		X	Não	2015
FRANÇA, G.; SILVA, L. M.; SANTOS, L. A. VASCONCELOS, P. A.	X	X	Não	2015

C. Design Instrucional: metodologias, comunicação, afetividade e aprendizagem				
VASCONCELOS, C. A. O uso das interfaces interativas no curso de geografia a distância da UFS e do IFPE	X		Não	2015
JESUS, A. S.; VIANNA, P. B. M. Design Educacional e suas implicações educacionais	X	X	Não	2015
GOMES, M. A verdadeira nomenclatura e a utilização das terminologias: Designer ou Design? Design Educacional ou Design Instrucional?	X	X	Sim	2015
BURIGO, C. C. D.; CERNY, R. Z.; TEIXEIRA, G. G. S.; MARCELINO, L. V. Trabalho das equipes que atuam na EaD: é possível uma Gestão Colaborativa?		X	Não	2015
MATTA, C. E.; FERRAZ, D. P. A. Limites e possibilidades da inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior por meio da EaD na UNIFEI	X		Não	2015
RIBEIRO, M. L.; MIRANDA, I. A. R.; MATTA, C. E. A subjetividade na avaliação em um curso de especialização em design instrucional	X		Não	2015
BARREIRO, R. M. C. Um breve panorama sobre o Design Instrucional	X		Não	2016
KOSHIYAMA, D. J. G.; ANDRUCHAK, M. A. ROSA, J. G. S. Avaliação cooperativa em materiais interativos de Ensino a Distância	X		Não	2016
OLIVEIRA, E. S.; FIGUEIREDO, A. P. S. O Designer Instrucional e o olhar pedagógico	X		Não	2016
RIBEIRO, A.; CARVALHO, Z. A arte de inovar na Educação a Distância.		X	Não	2017
SILVA, A.R.L. Design Educacional para gestão de mídias do conhecimento		X	Sim	2017
GARCIA, M. S. S.; MACHADO, D. P. Protagonismo na aprendizagem de línguas pelo uso de aplicativos		X	Não	2017
DAMIANCE, P. R. M. et al. Construção e avaliação de recurso educacional digital sobre o processo de envelhecimento		X	Não	2017
MELLO, C. A. S.; FERREIRA, F. E. O papel do Design Instrucional no processo de construção da Educação a Distância	X		Não	2017
ALARCON, D. F.; GARCEZ, A. F. Documento de orientação aos tutores do curso de pedagogia a distância: desafios e perspectivas		X	Não	2018

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Após análise das literaturas encontradas verificaram-se os seguintes dados:

Quadro 6 – Análise das nomenclaturas utilizadas em produções científicas.

Nomenclatura utilizada	Ano publicação	Quantidade	Justificativa da escolha
<i>Designer Instrucional</i>	Entre 2002 e 2017	36	Não
<i>Designer Educacional</i>	Entre 2003 e 2018	17	Apenas cinco justificam
<i>DI/DE – ambas nomenclaturas</i>	Entre 1998 e 2015	8	Apenas dois justificam

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

De acordo com o Quadro anterior, observa-se que entre as 61 pesquisas encontradas entre os anos de 2002 a 2017, 36 utilizam o termo DI, e nenhuma delas justifica a escolha da nomenclatura. Em contrapartida, entre os anos de 2003 a 2018, o total de 17 pesquisas encontradas trazem o termo DE em seus estudos, e cinco delas justificam sua opção. E, finalmente, pode-se ainda observar que oito estudos, entre os anos de 1998 a 2015, usam as duas nomenclaturas, seis deles indiscriminadamente e apenas dois justificam o motivo do uso dos dois termos. Observou-se ainda que nas pesquisas levantadas houve um aumento do uso do termo DE a partir de 2011, e mais recentemente entre 2015 a 2018 a preferência dos autores foi pela nomenclatura do DE para estruturar seus estudos científicos.

Por meio das leituras realizadas, verificou-se que os usos das terminologias DI e DE se confundem e se misturam, tanto nas especificações de atuação do profissional como em seu conceito, percebendo-se que a maioria dos autores prefere não problematizar os termos, usando ao longo das pesquisas as duas nomenclaturas como sinônimos e de maneira indiscriminada.

Compreende-se, portanto, que ao longo de duas décadas preferiu-se o uso do termo DI; contudo, vê-se que há um crescimento na escolha do termo DE nos últimos anos. Uma possibilidade para esse fato pode ser o aumento de pesquisas na área e a necessidade de compreender melhor a atuação desse profissional.

2.2.1 A análise terminológica e etimológica

Para iniciar uma análise terminológica, observou-se primeiramente que na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) o designer educacional está regulamentado pela família nº 2394-35, de programadores, avaliadores e orientadores de ensino, e o termo designer instrucional aparece como sinônimo da profissão, apresentando as mesmas especificações e descrições de funções. Isso significa que a regulamentação não distingue entre um termo ou o outro, apresentando-os como unívocos.

Para tentar compreender melhor essa complexidade terminológico-conceitual, apresentaremos as definições de cada palavra e os diferentes conceitos encontrados, e entraremos em discussões da etimologia e da semântica. No caso do estudo semântico sobre cada termo, observamos que este também se faz necessário para melhor compreensão do nosso objeto de estudo, pois se entende que a era da informação tecnológica trouxe mudanças

significativas no sentido e nos contextos em que usamos as palavras, isso faz com que a nomenclatura para esse profissional também precise ser repensada e utilizada de acordo com o real objetivo da função por ele desenvolvida em cada contexto.

Para isso, de acordo com a norma linguística e lexicológica da língua portuguesa, os termos envolvidos neste estudo apresentam-se da seguinte maneira:

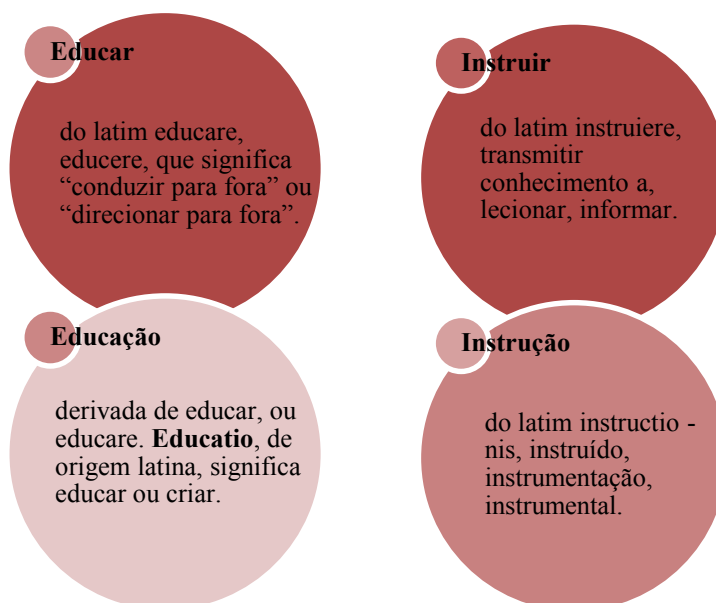
Figura 2: Conceitos de DE e DI pela norma linguística.



Fonte: Dicionário Michaelis (Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 22 out. 2017).

Já nas buscas realizadas no “Dicionário etimológico da língua portuguesa” (CUNHA, 2012), que trata da origem das palavras e explica o seu significado a partir da constituição de seus elementos, vemos os seguintes significados:

Figura 3: Conceitos etimológicos de DE e DI.



Fonte: Adaptado de Cunha (2012).

Por meio das ciências linguísticas disponíveis para o estudo acadêmico, e analisando cada nomenclatura utilizada para definir o trabalho do designer, podemos, assim, chegar a uma diferenciação desses termos.

Entendendo que, a partir dos significados básicos das palavras *instruir* e *educar*, e do pressuposto de “instrução como ação de instruir” e “educação como ação de educar”, observa-se que, enquanto a *instrução*, em um primeiro momento, observada em um dicionário de norma linguística, é direcionada como sinônimo de educação, etimologicamente remete ao apontar, ao instrumento e à técnica, a *educação*, tanto no dicionário terminológico como no etimológico, traz a noção de didático, pedagógico. O significado etimológico “conduzir para fora” dá-nos a interpretação do novo olhar, de direcionar o estudante para outra situação diferente da atual. Podemos notar aqui uma possível menção à reflexão crítica do estudante.

Filatro (2008, p. 3), referindo-se ao conceito de Design Instrucional, faz uma breve análise das palavras design e instrução, a fim de explicá-las em seus estudos:

Como ponto de partida para entender o que é Design Instrucional, consideramos que design é o resultado de um processo ou atividade (um produto), em termos de forma e funcionalidade, com propósitos e intenções claramente definidos, enquanto instrução é a atividade de ensino que se utiliza da comunicação para facilitar a aprendizagem. (FILATRO 2008, p. 3)

Assim, na visão da autora, o Design Instrucional é a ação de comunicar, voltada para o ensino, que resulta em um processo ou atividade com o intuito de auxiliar a aprendizagem do estudante.

Outra fonte terminológica interessante de ser analisada é o “Dicionário de terminologia de Educação a Distância” (ROMISZOWSKI, 1998), elaborado para a Fundação Roberto Marinho, especialmente porque é especializado na área de educação a distância, espaço fundamental de atividade do profissional do designer. Nesse documento, define-se designer como o indivíduo “Planejador; projetista. Em EaD é o responsável pela concepção do curso e planejamento didático do mesmo” (ROMISZOWSKI, 1998, p. 32). Já o Design Instrucional é considerado como o “Planejamento ou projeto instrucional. A fase de concepção do sistema de ensino-aprendizagem e de todos seus aspectos operacionais, sistemas de avaliação, seleção de métodos e meios instrucionais e projeto de materiais instrucionais a serem adquiridos ou elaborados” (ROMISZOWSKI, 1998, p. 59).

2.2.2 Estudo semântico

De acordo com Pretto (2005), existem propostas de EaD pautadas na produção de recursos pedagógicos em larga escala, com características de uma produção industrial⁶. Esses modelos “fordistas⁷” apresentam peculiaridades pontuais para o planejamento, implementação e desenvolvimento de projetos de EaD, como a divisão de tarefas hierarquizando o processo. Além disso, outros termos utilizados remetem também a esse processo industrial, como: produção de material, que compreende a elaboração de materiais didáticos; usuário, para definir o aluno que acessa o ambiente virtual de ensino aprendizagem; cliente, para as Instituições de Ensino Superior (IES); conteudista, para denominar o professor especialista que escreve o material didático; e fábrica ou produtora de conteúdos, compreendendo as empresas responsáveis em desenvolver esses materiais para as instituições de ensino.

No entanto, paradoxalmente, esses modelos baseados na produção industrial adotam, em alguns casos, o uso do termo Design Educacional para definir o profissional que fará a adequação da linguagem dos materiais didáticos, como *e-book*, videoaulas e objetos de aprendizagem para o formato dialógico que a EaD requer. Nesse contexto, compreendendo que o ato de instruir é distinto do ato de educar, surgem alguns questionamentos: qual papel a Educação exerce nessa função? O DE, caracterizado nesse modelo fordista, é realmente

⁶ Esse tipo de produção de materiais e cursos foi proposto por Otto Peters, fundador e primeiro reitor da universidade a distância da Alemanha a Fernuniversität.

⁷ Fordista é um termo referente ao Fordismo, disseminado pelo norte-americano Henry Ford (1863-1947). O modelo fordista adveio do mercado automobilístico e industrial em 1914, que se baseava na linha de produção em massa de um produto.

aquele que faz a transposição didática⁸ voltada ao ensino-aprendizagem? Quais subsídios ele possui para, dentro de um processo hierarquizado, realizar o seu papel educacional? Qual é a dimensão semântica para os termos *instruir* e *educar*?

Apesar de o trabalho proposto não ter a expectativa e o intuito de realizar uma pesquisa linguística adentrando os pormenores dos conhecimentos científicos desse campo específico, entende-se que, por ser a linguagem um instrumento de comunicação, estamos diante de uma problemática semântica em que, além da análise terminológica e etimológica das palavras *instruir* e *educar*, ou instrucional e educacional, faz-se necessário analisar os sentidos atribuídos a elas, para não gerar um problema de significado ao serem tratadas como iguais. Assim, além do contexto sócio-histórico-cultural, apresentaremos também um breve estudo semântico do tema.

Nesse sentido, a sinonímia, vertente de estudo da semântica, infere que não existem palavras semanticamente iguais, ou seja, que propõem o mesmo significado, apenas palavras que se aproximam quanto ao sentido, pois há diferenças no uso, seja ele técnico, seja afetivo ou cultural.

Para o falante ordinário, aqui entendido como o usuário da linguagem despreocupado com o estudo científico da linguagem – como é o caso dos linguistas –, a necessidade de compreender o significado de palavras isoladas é o mais importante. Ou seja, para tal falante, o fato de que as palavras, quando organizadas em sentenças, contribuem com seu significado para compor o significado da sentença, onde, uma vez em contraste com as outras palavras ali encontradas, podem até mesmo perder seu significado tido como original, não é tão importante quanto o fato de que as palavras apresentam significado por si só, livres do contexto da sentença. (BRAUNER, 2008, p. 27)

A partir dessa afirmação, compreende-se que apesar de ser importante conhecer o significado isolado das palavras *instrução* e *educação*, como apresentado anteriormente, o estudo semântico é imprescindível para entender os distintos significados que essas palavras podem adquirir, de acordo com os contextos em que estão inseridos e como essas palavras formam o significado de uma sentença. (BRAUNER, 2008.)

Em uma abordagem mais aprofundada, a semântica lexical, que integra a semântica estruturalista, argumenta que as palavras são definidas umas em relação às outras. Segundo Pustejovsky (1995), que defende a teoria do léxico gerativo, ou seja, a multiplicidade de

⁸ O conceito de transposição didática foi tratado inicialmente por Michel Varret (1975), mas foi disseminado em 1991 por Yves Chevallard, em *La Transposition Didactique: du savoir savant au savoir enseigné*, ou seja, “A transposição didática: do saber sábio ao saber ensinado”. Aprofundaremos mais o conceito na seção 2.3.1 deste estudo.

significados que uma palavra pode possuir, o uso criativo das palavras em novo contexto e a permeabilidade dos sentidos em que o significado das palavras remete a outros significados e palavras auxiliam-nos na compreensão da complexidade da discussão do uso das terminologias designer instrucional e designer educacional por fazerem parte de um mesmo campo semântico. Para explicar melhor, se por um lado o contexto de educação e instrução, em uma perspectiva humanista, demonstra-se distantes e distintos, por outro, quando mencionamos “instrução” ou “instrucional”, a compreensão histórica de educação está inserida em sua conjuntura.

Desse modo, ao analisarmos semanticamente o Quadro 4, apresentado anteriormente, em que 29 das obras lidas para esta pesquisa utilizam o termo Design Instrucional em uma perspectiva de instruir, abordada nas teorias de instrução de Gagné, Ausubel e Skinner, num contexto de estímulo, resposta, instrumento ou instrumental, *feedback* e direcionamento, observa-se, porém, que esse termo é continuamente referido ao ensino. Nota-se, contudo, que no Brasil há uma forte visão humanista, pois em 18 das obras lidas faz-se a opção terminológica por Design Educacional, num contexto geral do processo educacional, elencados pela interação, o didático, o pedagógico, de modo a priorizar a transformação do estudante ao se deparar com aquele objeto de estudo, que no caso da EaD são todos os materiais disponibilizados (AVEA, material impresso, videoaulas, objetos de aprendizagem etc.).

Notou-se também que uma parte das literaturas, cinco no total, utiliza tanto o termo DI quanto o termo DE ao longo do texto, sem fazer nenhuma distinção terminológica, o que nos leva a crer que os autores os entendem como sinônimos, tanto de modo conceitual como na prática de suas atividades.

2.3 O INSTRUCIONISMO E AS TEORIAS DE APRENDIZAGEM SUBSEQUENTES

Apesar de o Instrucionismo ser a base conceitual pedagógica do profissional de designer instrucional e ter ficado muito tempo a tona nos trabalhos de pesquisa sobre o tema, acreditamos que atualmente esta visão teórica não abrange toda complexidade da educação tecnológica.

Em tempos de transição da web 2.0 para a web 3.0, tantos recursos e ferramentas tomaram conta do nosso dia a dia que modificaram a forma de se fazer e pensar em educação e, conseqüentemente, como aprender. Toda essa mudança gerou a necessidade de reavaliar o

design instrucional, assim alguns estudos começaram a mencionar o construtivismo para a prática do DI, e mais recentemente alguns teóricos validam o conectivismo como um processo natural e necessário para o desenvolvimento desta prática, o que nos leva a crer que o design instrucional ganhou outros aspectos e características surgindo um novo perfil, o designer educacional. Para compreender melhor esta evolução, trataremos brevemente dos conceitos principais de cada teoria de aprendizagem.

O **Instrucionismo**, teoria de aprendizagem difundida por Skinner e posteriormente por Gagné, apresenta uma visão behaviorista e comportamentalista relacionada a ação de instruir, ou agir pra instruir, de forma que todo o processo de ensino e aprendizagem é centralizada no instrutor. Para Joia (2001), no instrucionismo os alunos são vistos como recipientes vazios a serem preenchidos pelo aprendizado, pois o foco é atingir os objetivos claros e pré-definidos, ou seja, não considera os processos internos que ocorrem com o aprendiz. A partir desta teoria de aprendizagem a taxonomia de Bloom auxiliou a padronização a linguagem do design instrucional na classificação das atividades educacionais (FILATRO, 2007).

Entre o Instrucionismo e o Construtivismo houve o neo-comportamentalismo, considerado como um elo entre as duas teorias. Nela, começaram a serem considerados os processos mentais do indivíduo, a partir dos estímulos do ambiente como elemento de entrada para a aprendizagem. Nesta perspectiva, Gagné aponta quatro fatores para o desenvolvimento da aprendizagem, são elas: o estudante, a situação, o comportamento explícito do aprendiz e a transformação interna.

No **Construtivismo**, o enfoque passa a ser o estudante como sujeito do processo, a partir de uma interpretação pessoal de suas experiências, com o mundo que o cerca e da aprendizagem. Considera também as relações sociais como fator auxiliador na construção do conhecimento. Seus principais pesquisadores são Piaget e Bruner, salientam que a abordagem construtivista apresenta uma aprendizagem ativa, em que a partir da ação do sujeito, sua relação com o meio ambiente, os artefatos e a interação, ocorre a construção do conhecimento. Bruner (1966) defende a aprendizagem por descobertas com a exploração de alternativas em um currículo em espiral, ou seja, a apresentação de um mesmo tema em diferentes níveis de dificuldades. Já Piaget (2010), ressalta que o conhecimento se dá pela maturação do sujeito com o ambiente. Para Pass (2001, apud PALÁCIO 2005), quando no projeto educacional de um curso há a preocupação em incorporar a realidade do aluno e da sociedade, está implícito no design a influência da teoria construtivista.

Na prática, cursos com esta abordagem não são fixos, ou seja, podem dinamicamente sofrer alterações no processo, mesmo depois de planejados e implementados dada a necessidade observada pela equipe multidisciplinar. O construtivismo ainda, não enfatiza a instrução, a memorização e o desempenho, e sim a socialização, a aprendizagem colaborativa e os debates coletivos, além do que infere que motivação a reflexão também auxilia na autorregulação.

Na visão **Socioconstrutivista** ou **Interacionista**, teoria proposta por Vygotsky (2000), os contextos e as relações são aspectos imprescindíveis para o aprendizado, isto é, na relevância da interação com o outro e no ambiente em que está inserido, a partir de toda complexidade que este contexto envolve, pode-se compreender como o sujeito interpreta e dá significado as informações, e a partir delas seu pensar e agir interpessoal e intrapessoal. Para isso, deve haver uma relação dialética entre o sujeito e a sociedade. A mediação é imprescindível para esta teoria, e deste modo faz-se necessário um mediador ativo no processo. No caso da prática do designer, esta teoria auxilia no planejamento de ambientes virtuais de aprendizagem com foco na interação professor/estudante/tutor.

Outro enfoque interacionista no planejamento do designer é propor ao professor autor dos materiais didáticos uma linguagem mediada, motivando e propondo estratégias em que ocorra a construção do conhecimento entre pares, e assim o estudante não se sinta solitário durante o processo.

No contexto digital atual, o **Conectivismo** surge como uma nova forma de compreender a aprendizagem em um cenário de uma sociedade dominada pelas tecnologias digitais em que a informação e a comunicação estão na palma das mãos em apenas um toque. Esta vertente, defendida por Siemens (2004) e destacada por Gómez (2015, p. 50) como, “uma expressão mais atual do construtivismo social”, visa às necessidades do aprendiz contemporâneo, de acordo com as transformações ocorridas nas áreas tecnológicas, que consequentemente atingiram também os meios comportamentais, econômicos, sociais e culturais no século XXI.

Para Siemens (2004), as teorias de aprendizagem tradicionais, não conseguem atender as necessidades educacionais da era digital. Se anteriormente o processo das informações se dava lentamente, hoje em dia qualquer informação está na palma das mãos. Deste modo, Siemens destaca que não pode haver uma forma única de solução para a aprendizagem, pois esta é contínua e ocorre em todas as áreas da vida do aprendiz, tornando

assim a aprendizagem informal cada vez mais significativa, e deste modo devendo ser incorporada na aprendizagem formal.

O Conectivismo também ressalta que as tecnologias estão modificando nossos processos cerebrais, e conseqüentemente, a forma de estudar se modifica ao usarmos novos recursos e ferramentas, o que nos direciona a compreensão conectivista de que o aprendizado pode se dar também em dispositivos tecnológicos. Contudo, para que isso ocorra, as organizações tem o papel de gerenciar as informações de modo que, “o conhecimento que fica em uma base de dados, precisa ser conectado com as pessoas certas nos contextos certos para que possam ser classificadas como aprendizagem.” (SIEMENS, 2004 p. 6-7). Este processo gera um ciclo, que Siemens nomeia de “ciclo de desenvolvimento do conhecimento”, como vemos na figura a seguir:

Figura 4: Conhecimento como aprendizagem.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A premissa do conectivismo é o “indivíduo” (como menciona Siemens) e o conhecimento pessoal deste é o que faz a engrenagem funcionar, fazendo com que “os aprendizes se mantenham atualizados em seus campos, através das conexões que formaram.” (SIEMENS, 2004 p.7).

Apesar de o Conectivismo surgir para muitos pesquisadores como uma nova teoria de aprendizagem Kop & Hill (2008), argumentam que o conectivismo possui diversos entraves para ser considerada uma teoria sucessora do construtivismo e do interacionismo por diversos fatores como, por exemplo, o não desenvolvimento de metodologias conectivistas

nas instituições de ensino para implementar esta abordagem, como a discrepância entre crianças, jovens e adultos no uso de conhecimento das novas tecnologias, e também pelos educadores não se sentirem confortáveis em inserir as novas tecnologias em seus planos de aula, entre outros.

Na era digital, para Gómez (2015) mais importante que um material didático estável é a interação em rede, e aprender como e onde encontrar a informação. Este conceito não minimiza a importância do material didático, mas sim maximiza a importância dos processos e contextos, ou seja, em um projeto pedagógico pode-se manter o conteúdo estável, mas a aplicação, os métodos, processos e ferramentas devem ser repensados e atualizados.

Figura 5: Processo de aprendizagem na era digital



Fonte: Adaptado de Siemens (2015).

Outro ponto que Gómez (2015) ressalta é a pluralidade existente na rede, atualmente o conhecimento e o aprendizado estão pautados na diversidade de informações, ideias e opiniões que constam nas redes locais e globais de cada sujeito. Com isso, vê-se a necessidade do aprendizado da cooperação, do compartilhamento e da participação ativa. Sabendo-se que o aprendizado informal está presente em todos os lugares, inclusive na escola, porém fora do currículo estabelecido, reconhecer e valorizar este conhecimento incorporando-o a realidade escolar é primordial.

Na atuação do designer, esta abordagem implica na necessidade de agregar recursos variados, a fim de atender a heterogeneidade do perfil do aluno, na valorização da diversidade de opiniões e na sugestão de atividades que enalteçam a tomada de decisões, na sustentação de conexões para que a aprendizagem seja contínua, o desafio de manter o material didático atualizado e atrativo, pois na contramão encontram-se as mídias e informações abertas, que em certos casos, também podem ser incorporadas ao planejamento.

Para Gómez (2015),

Em suma, o conectivismo como construtivismo na era digital global considera a cognição como uma complexa rede de conexões entre os elementos internos e externos, individuais e coletivos, presenciais e virtuais, que se potencializa ao máximo pela mediação das redes digitais. (GÓMEZ, 2015 p.35)

2.3.1 Instrucionismo, construtivismo e conectivismo podem ser considerados uma evolução da aprendizagem?

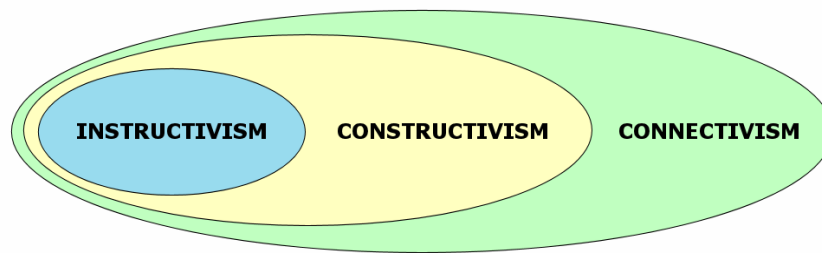
Dentro deste estudo, por ser o Instrucionismo a teoria primária, cabe a questão: porque ela persiste na educação atual já que surgiram outras posteriormente? Esta pergunta ao certo daria uma tese, pois necessita de um aprofundamento sobre o tema para respondê-la, porém podemos elencar alguns pontos importantes:

- o modelo estímulo-resposta de Skinner ainda é a base de muitas metodologias de ensino que estão em prática;
- a assimilação de conceitos e a avaliação mensurável por provas objetivas, priorizando as respostas exatas ainda é muito utilizada em escolas, universidades, cursos técnicos e profissionalizantes;
- ainda persiste a organização de cursos separados por módulos apresentando uma sequência programada de conteúdos;
- em alguns casos o professor ainda é visto como centro do processo e transmissor do conhecimento.

Contudo, após apresentar as diferentes teorias de aprendizagem, compreende-se que no modelo de Educação a Distância cada uma delas tem seu papel e importância definidas, e cabe ao designer, por meio de suas características profissionais e sua expertise, propor as estratégias de ensino aprendizagem subjacentes de cada teoria que melhor se adequam ao projeto do curso para atender os diferentes perfis e estágios de aprendizagem que se encontra o aprendiz.

Na figura a seguir, Tracey (2009) ilustra a difusão das teorias de modo que elas estão intrinsecamente interligadas.

Figura 6: Instrucionismo, construtivismo e conectivismo.

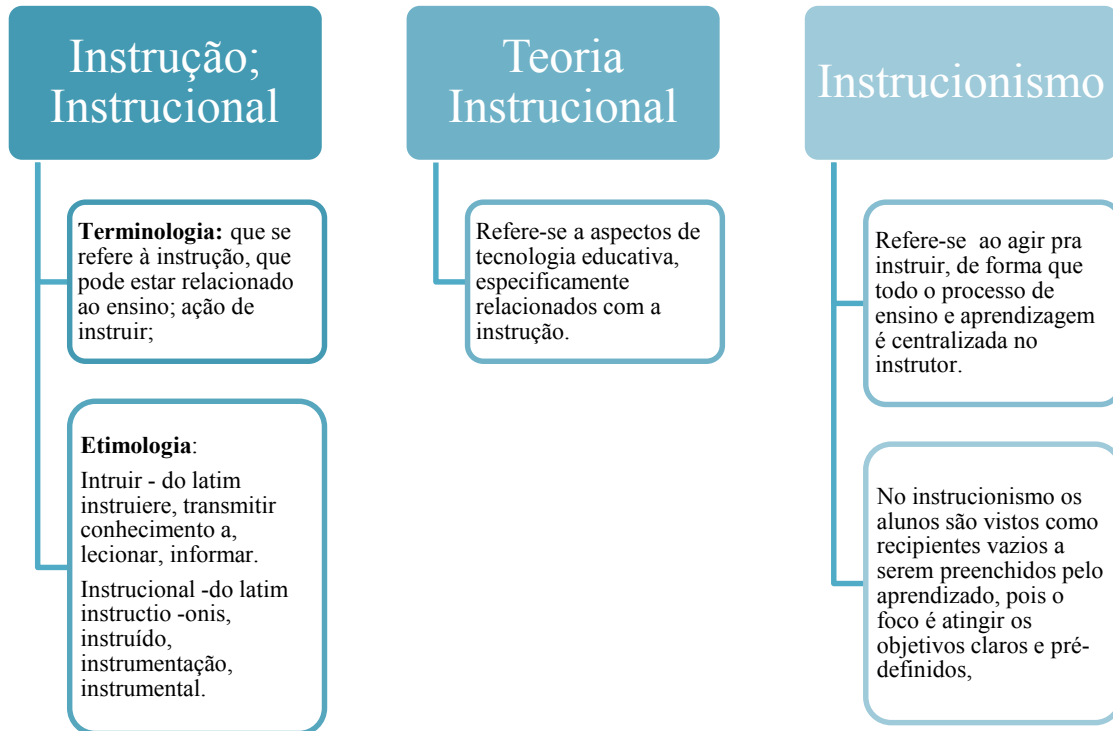


Fonte: Tracey (2009-online) *E-learning Provocateur*.

Embora o Instrucionismo apresentar-se historicamente como a base do design instrucional, surgindo posteriormente o construtivismo e mais atualmente o conectivismo, esta pesquisa não exclui qualquer destas abordagens, ao invés disso compreende-se como complementares. Ou seja, as teorias integram um projeto de EaD na medida que cada uma possui estratégias de ensino aprendizagem relevantes para o desenvolvimento eficaz do curso.

Indo mais além, esta pesquisa sugere, após o estudo do contexto sócio histórico cultural do DI e do DE, e de adentrar timidamente em uma discussão linguística dos termos, que o design instrucional atende aos fundamentos e as características da teoria Instrutivista, e o design educacional aos fundamentos e as características das teorias construtivista e interacionista, pois entende-se que possuem particularidades terminológicas, etimológicas e semânticas distintas. Paralelamente a isso, observou-se que os conceitos e particularidades das teorias de aprendizagem apresentam semelhanças com os termos estudados. Veja no quadro a seguir as referências ao design instrucional:

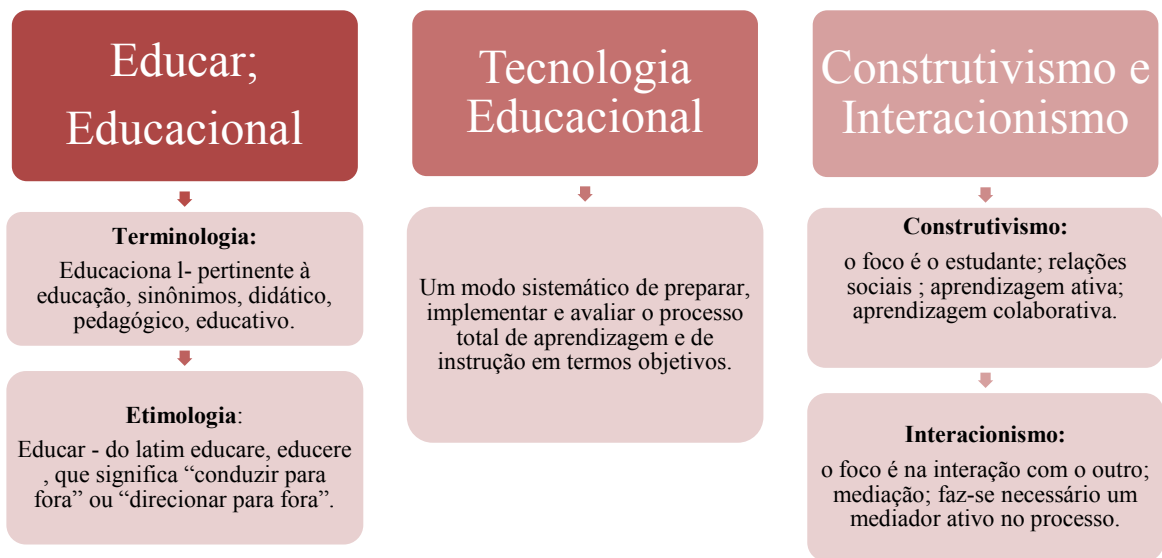
Figura 7: Relação Instrucional



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Observa-se que o resultado do estudo linguístico dos termos instrução e instrucional, tem relação direta com a teoria Instrucional e a Instrucionismo. Vejamos agora as referências para o design educacional:

Figura 8: Relação Educacional.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Nota-se, portanto, que o design educacional é uma prática intimamente atrelada com a Tecnologia Educacional e com as teorias: construtivista e interacionista. Deste modo, os profissionais DI (designer instrucional) e DE (designer educacional), demonstram distinção em seus perfis, tanto no conceito, como em suas bases teóricas e também no processo funcional na equipe multidisciplinar na EaD.

2.4 O DESIGNER, SUAS IMPLICAÇÕES E DIFERENÇAS NA ATUAÇÃO

De acordo com o que foi apresentado durante este trabalho (cf. seção 2) sobre as implicações históricas dos profissionais que desempenham a função de designer e uma breve análise linguística adentrando a semântica, esta pesquisa entende que é fundamental compreender os diferentes tipos de atuação a que esse profissional está sujeito, independentemente do campo profissional em que atua.

2.4.1 Transposição Didática

A linguagem escrita é um fator importante no processo de ensino e aprendizagem na EaD por ser o meio de comunicação entre o professor e o estudante que pode facilitar ou

dificultar a compreensão, conforme é colocada. Na comunidade acadêmica e profissional da EaD, é unísono o discurso de que é necessária uma adaptação na linguagem dos materiais que compõem um curso a distância. Para Percilio e Oliveira (2018, p. 3), “É preciso que seja de fácil interpretação, adequada ao público que se pretende atender, e passível de adaptações e atualizações. Além disso, deve permitir ao aluno estender seus conhecimentos para além do proposto”. Já para Villardi et al. (2006), quando falamos em linguagem devemos considerar a capacidade de comunicação expressiva e de representação individual ou coletiva do homem, pois é um sistema de símbolos aceitos pela sociedade em geral para a expressão de ideias, sentimentos e desejos. Pensando dessa forma, a linguagem na EaD passa a ser uma extensão da linguagem atual de uma cultura e dessa forma precisa ser pensada e executada como tal. Nesse contexto, ainda Villardi et al. (2006, *online*) ressaltam que:

[...] a linguagem, no material didático específico da EAD, é a ferramenta-chave para que esta modalidade de educação tenha seu foco em uma proposta de aprendizagem significativa, renegando o afastamento do aluno e o mero conhecimento informativo e fixando-se no aluno como o construtor do seu conhecimento, por intermédio do desenvolvimento das habilidades linguísticas, das cognitivas e do capital cultural. (VILLARDI et al., 2006)

Assim, como a autora, acreditamos neste estudo que a linguagem nos materiais e recursos didáticos pode diferenciar o foco da aprendizagem do estudante, e nesse caso o designer pode utilizar de subsídios e estratégias para favorecê-la. Sabendo que na EaD existe a distância física entre o professor e o aprendiz, a linguagem nos recursos e materiais didáticos torna-se então o meio facilitador para o ensino-aprendizagem. Diante disso, Percilio e Oliveira (2018, p. 2) consideram que:

[...] a linguagem utilizada na elaboração destes materiais deve, não só atender à fundamentação desta potencialização, mas suprir a ausência física do professor, compreendendo que na modalidade EaD alunos e professores estão fisicamente separados, mas unidos, virtualmente, por meio de recursos tecnológicos e pedagógicos. Partindo dessa premissa, é possível, através da linguagem utilizada, tanto na elaboração de materiais didáticos impressos, como na dos materiais e recursos digitais, pensar em mecanismos que façam desse processo de ensino-aprendizagem mais eficiente, com alunos independentes e motivados. (PERCILIO; OLIVEIRA, 2018, p. 2)

No entanto, essa necessidade de adaptação e transformação está relacionada à didática e não à EaD. Gimeno-Sacristán (1996, p. 42) corrobora com essa possibilidade ao afirmar que:

A ideia de que existe um conhecimento escolar característico não é certamente nova. Precisamente, uma das razões de ser do saber-fazer pedagógico tem sido a de propiciar a elaboração da cultura transmissível para que seja assimilável por

determinados receptores, desde que Comenius pensou a didática como a arte de ensinar todas as coisas a todos. (GIMENO-SACRISTÁN, 1996, p. 42).

Iohannis Amos Comenius (1592-1670), citado por Gimeno-Sacristán, foi um educador, cientista e escritor considerado o pai da didática moderna. Em sua obra “Didática Magna”, escrita entre os anos de 1621 e 1657, explica que didática é a arte de ensinar e refere-se a sua obra como o “Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos” (COMENIUS, 2001 p. 11). Desse modo, ao citar Comenius, Gimeno-Sacristán ressalta a importância da ação docente na transmissão do conhecimento, compreendendo a heterogeneidade dos perfis dos estudantes como sujeitos envolvidos de cultura e características distintas. Assim, o “saber-fazer pedagógico” apreende a transformação do saber para o “saber ensinar”.

O conceito de transposição foi inserido inicialmente por Michel Varret (1975), porém foi aprofundado posteriormente por Yves Chevallard, em *La Transposition Didactique: du savoir savant au savoir enseigné* (A Transposição Didática: do saber sábio ao saber ensinado), de 1991. Chevallard (1991, p. 39) explica a definição desse conceito da seguinte maneira:

Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O ‘trabalho’ que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD, 1991, p. 39)

Ou seja, a transposição didática compreende que o saber específico de cada área, após ser definido como conteúdo didático a ser ensinado, sofre transformações e adaptações para se tornar um objeto de estudo, isto é, aquele que realmente se torna conteúdo didático em sala de aula. No caso da EaD, esta sala de aula é o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA).

Importante ressaltar que, ao se fazer essa transposição didática do conteúdo original, a autoria e o contexto são mantidos. O que ocorre é uma adequação didática para que esse saber específico se torne mais facilmente aprendido.

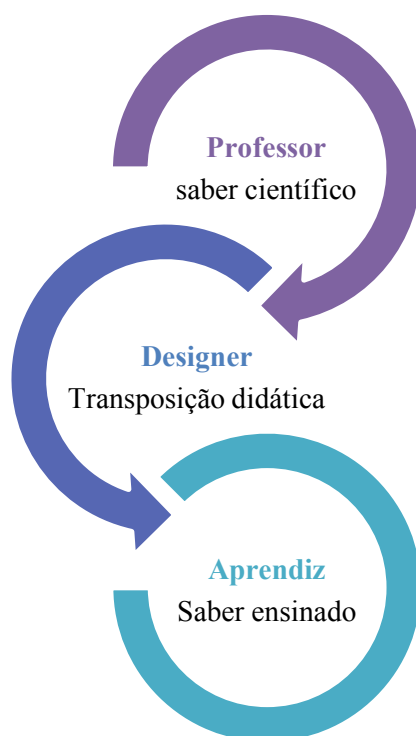
Para que haja a transposição didática dos saberes específicos, tornando-se assim saberes aptos a ensinar, Chevallard (1991) levanta alguns critérios relevantes:

- **consensualidade:** apresentar veracidade de fatos históricos e atuais e não pode haver resquícios de dúvidas conceituais;
- **atualidade:** moral, conhecimento importante para a sociedade – e biológica, na prática da ciência;

- **operacionalidade:** oferecer conteúdos didáticos que possuam atividades possíveis de serem avaliados;
- **criatividade didática:** implica a concepção de um saber com identidade própria no contexto escolar, ou seja, cada área específica necessita de conteúdos equivalentes;
- **ser terapêutica:** é imprescindível a aplicação em sala de aula, e ser submetida a uma avaliação coletiva.

Ressalta-se que, se no ensino presencial o professor tem o desafio de inferir a transposição didática em sua prática diária, na EaD ele conta com uma equipe multidisciplinar para ajudá-lo nesse processo. Assim, por entendermos que a didática está intrinsicamente relacionada com a instrução e o pedagógico, o DI e o DE são os profissionais que operam proximamente ao professor, fazendo a ponte entre o conteúdo específico, de domínio e autoria do docente, com o aprendiz. No caso do DI, a transposição didática é realizada pontualmente na linguagem dos materiais didáticos. Já para o DE a transposição é apresentada em sua intervenção pedagógica nas escolhas da metodologia e tecnologias digitais em consonância com o que foi planejado anteriormente com os docentes e a coordenação do curso.

Figura 9: Transposição didática na EaD.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Portanto, durante o processo de planejamento, desenvolvimento e implementação de cursos e projetos para EaD, uma das funções do designer é realizar reuniões com o professor e a equipe multidisciplinar para, juntos, definirem as melhores estratégias de transposição didática.

2.4.2 Modelos para a prática do designer

Durante a recente história do designer, os modelos para a sua prática foram influenciados diretamente pelas teorias de aprendizagem e pelos avanços tecnológicos. Apresentamos a seguir alguns modelos que representam uma realidade simplificada de métodos de ensino decorridos no contexto histórico do DI e DE e, de acordo com Silva (2017, p. 126), não podem ser considerados como estratégias que potencializam o processo de aprendizagem.

Quadro 7: Modelos de Design Instrucional e Design Educacional.

Modelo	Características
Exército dos Estados Unidos	Desenvolvido a partir da ideia de Edward Lee Thorndike (abordagem comportamentalista), fundamentada na concepção de que a aprendizagem se baseia no resultado de um ensino controlado e sequenciado por meio de um processo de reforço.
Instrução programada	Concebido a partir dos estudos de Skinner, voltado para a organização e sistematização do processo de ensino.
Gagné	Abordagem humanista fundamentada no processamento da informação por meio de resposta aos estímulos para o processo interno (cognitivo) de aprendizagem. Organizado em nove eventos de instrução.
ADDIE	Acrônimo de cinco principais processos: <i>analysis</i> (análise), <i>design</i> (desenho), <i>development</i> (desenvolvimento), <i>implementation</i> (implementação) e <i>evaluation</i> (avaliação). A estrutura e o planejamento de ensino-aprendizagem centram-se nas necessidades de formação do aluno.
Dick e Carey	Proposta de melhoria do modelo ADDIE que se voltou para a concepção de sistemas instrucionais, potencializando o desenvolvimento de competências e habilidades.
Morrison, Ross e Kemp	Contempla nove etapas e é orientado ao sistema de soluções educacionais flexíveis. É um modelo que se adapta a diferentes contextos com o objetivo de promover o ensino-aprendizagem
DODDEL	Desenvolvido a partir do modelo ADDIE, mas voltado à concepção e ao desenvolvimento de jogos. A sigla faz referência à descrição de "documento orientado para design e desenvolvimento de aprendizagem experiencial".
Latiff, Wan Ahmad e	Baseado no ADDIE, corresponde a um modelo de DI para o desenvolvimento de textos de literatura em metáfora gráfica.

Sivapalan	
COp	Derivado do ADDIE, traz uma abordagem construtivista com a intenção de construir conhecimento por meio da colaboração entre pares.
ASSURE	Também concebido a partir do modelo ADDIE, tem raízes construtivistas e envolve seis fases: análise do aluno, objetivos educacionais, seleção de material, utilização da mídia e do material, participação do aluno, avaliação e revisão.
Estudo da lição	Convergência do ADDIE e do ASSURE. Foi organizado em três fases, a partir do olhar da sala de aula: planejar, fazer e ver.
Jonassen	Voltado para ambiente de ensino-aprendizagem com base na filosofia e prática do "aprender fazendo".
Smith e Ragan	A base de organização está na concepção de ensino por meio de três momentos: análise, estratégia e avaliação, de acordo com a análise do perfil e das necessidades do aluno.
m-learning	Organizado em nove etapas, tem o objetivo de fornecer orientação para um projeto eficaz de aprendizagem móvel.
Híbrido	Integra a essência da teoria construtivista de aprendizagem e a teoria da motivação. Baseia-se em características específicas: atenção, relevância, confiança e satisfação.
Realidade aumentada	Tem o objetivo de potencializar a aprendizagem através da combinação de objetos virtuais com ambientes reais.
Xedu	Framework para produção e gestão de conteúdos digitais que estabelece ligações dinâmicas entre os diferentes cenários de aprendizagem

Fonte: Silva (2017, p. 126).

Apesar de existirem várias propostas metodológicas para o design, nos meios profissionais o modelo mais largamente aceito é o ADDIE (*Analysis, Design, Development, Implementation e Evaluation*), estruturado pelo ISD (*Instructional System Design*), que de acordo com Moore e Kearsley (2008) é um processo instrucional que tem como perspectivas a teoria dos sistemas, a psicologia behaviorista e a teoria da comunicação e informação.

O modelo ADDIE sofreu várias modificações ao longo do tempo até chegar ao modelo como conhecemos atualmente, desenvolvido pela *Florida State University* dos EUA para atender às necessidades do Exército Norte-Americano. A ideia atual é determinada por cinco etapas:

- análise – fase com foco na coleta e análise dos dados, bem como do pré-conhecimento do público-alvo, para assim definir os objetivos e as soluções de ensino e aprendizagem;
- desenho – fase do planejamento e definição geral do desenho do projeto educacional, estabelecendo as estratégias de ensino, recursos, mídias, atividades, com o intuito de cumprir os objetivos propostos;
- desenvolvimento – compreende a fase de elaboração e adaptação dos materiais e recursos didáticos anteriormente planejados;

- implementação – refere-se à fase da disponibilização dos materiais didáticos e unidades curriculares no AVEA para os alunos. É importante que haja nesta fase uma análise criteriosa do designer com o intuito de verificar se não haverá problemas na interação do aluno com os materiais.
- avaliação – a última fase do modelo consiste em avaliar as soluções e estratégias educacionais estabelecidas para o projeto, como também os resultados dos aprendizes.

Nota-se que o modelo ADDIE estabelece a atividade de designer de maneira processual, com objetivos claros e bem definidos, em que uma etapa é precedida de outra, configurando-se em um modelo bastante linear. Filatro (2008, p. 25) agrupa as cinco fases em dois momentos: “a concepção (fases de análise, design e desenvolvimento) e a execução (fases de implementação e avaliação)”. Contudo, observa-se nos últimos anos um aumento de críticas ao modelo de diversos autores, como Prensky (2006), Gordon e Zemke (2000) e Mattar (2012). Algumas delas compartilham a ideia de que o ISD atenua a criatividade, racionaliza os processos de modo a não contribuir com o aprendizado, além de ser rígido e ultrapassado.

Diante disso, e sabendo-se das diversas implicações na prática do profissional de design, como a diversidade de perfis dos alunos, as variadas possibilidades de tecnologias educacionais, cresce a necessidade pela reflexão de novos modelos de design, para atender de maneira mais flexível aos diferentes contextos de aprendizagem pertinentes à educação *online*.

2.4.3 A atuação do designer em cursos e projetos de EaD

Desde o surgimento da função do designer até o momento atual, muitas mudanças ocorreram em relação à compreensão do seu papel em cursos de ensino a distância. Se houve momentos em que o DI e o DE eram tratados com outras nomenclaturas, como tecnólogo educacional, projetista, ou ainda engenheiro pedagógico, cuja função era de inserir aos materiais didáticos elaborados pelo professor suportes tecnológicos para atender às necessidades do ensino contemporâneo, atualmente, devido aos diversos estudos científicos na área, houve uma abrangência na discussão sobre o tema, inferindo maior importância na atuação do profissional, além da compreensão sobre o seu papel.

Hoje o designer não somente verifica as possibilidades tecnológicas adequadas para o projeto de curso e materiais didáticos, como também acompanha, planeja e auxilia na

elaboração de cursos. Além disso, esse profissional acompanha a equipe multidisciplinar durante o processo, a fim de garantir que o conteúdo refletido e planejado pelo professor chegue ao estudante de forma fiel aos conceitos e metodologias propostos. Assim, o que no ensino presencial é de total responsabilidade do docente, no ensino a distância o professor conta com uma equipe de diferentes perfis para auxiliá-lo nesse processo.

Nessa concepção, Belloni (2003, p. 81) apresenta o conceito de professor coletivo e o define como “a transformação do professor de uma entidade individual em uma entidade coletiva”. Ou seja, o trabalho que antes era isolado e solitário, passa a ser em equipe, priorizando a colaboração.

No meio científico, há outra vertente da EaD que trata do trabalho do professor nomeada de polidocência. Nesse conceito Mill (2010) trata da docência em cursos a distância como um trabalho do coletivo, segmentado e hierarquizado, que extrapola os saberes docentes e abarca todos os perfis, de diferentes habilidades e competências que possam emergir em um projeto de EaD.

Se por um lado Mill ressalta e valoriza o trabalho do designer, por outro o autor descentraliza e desvaloriza o saber docente com a afirmação: “Quem ensina na EaD é um polidocente”. (MILL, 2010, p. 24), compreendendo que o polidocente mencionado é qualquer membro da equipe multidisciplinar. Assim, por não concordar com o conceito da polidocência, esta pesquisa se baseará no conceito do professor coletivo, que preenche mais assertivamente a visão desta pesquisa.

A equipe multidisciplinar em EaD refere-se aos perfis de todo o processo de desenvolvimento do curso. Cada metodologia empregada nos modelos de cursos a distância possui formas diferenciadas em determinar a equipe, mas o que se vê com maior frequência são grupos de profissionais especialistas em áreas distintas, conforme apresentado a seguir.

- Coordenação pedagógica.
- Docentes e professores autores (nesse caso, pode ser o mesmo professor que seleciona e elabora os conteúdos didáticos a acompanhar os alunos durante o ensino aprendizagem, ou profissionais diferentes atuando separadamente durante o curso).
- Designer educacional e/ou designer instrucional.
- Revisor ortográfico (que realizam a análise ortográfica e gramatical, além das normas da ABNT).
- Diagramador (responsáveis pela organização e clareza visual dos materiais).

- Programadores (incumbidos do desenvolvimento técnico do AVEA, além de softwares e mídias em metodologias mais inovadoras).
- Equipe de tutoria (presencial, que acompanha os alunos nos polos de apoio presenciais e a distância, que dão o suporte de orientação virtual nas atividades desempenhadas durante o curso).

Cada especialista, dentro do projeto de desenvolvimento de cursos a distância, tem seu papel previamente estabelecido em um processo hierárquico. Contudo, Belloni (2003) adverte para o fato de que há modelos em que a figura do professor fica desligada do processo global de ensino, denotando a ele apenas uma das partes de concepção do projeto.

O modelo de EaD tem sido identificado com os modelos ‘fordistas’ de produção industrial, por apresentar as seguintes características principais: a racionalização, a divisão acentuada do trabalho, o alto controle dos processos de trabalho, a produção em massa de “pacotes educacionais”, a concentração e a centralização da produção e burocratização. (BELLONI, 2003, p. 18)

Esta visão segregada apresenta a ideia de que o professor, dono do conhecimento a ser ensinado, contribui inicialmente na autoria dos conteúdos didáticos, enquanto o restante da equipe dará a sequência pedagógica e técnica necessárias, mas sem o acompanhamento do autor, como exposto na ilustração:

Figura 10: Processo hierárquico de desenvolvimento de materiais e cursos a distância.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Observa-se que no esquema acima o processo de desenvolvimento do conteúdo didático se dá de forma linear, em que os atores do processo desempenham suas atividades cada um em um momento posterior ao outro, não havendo uma interação entre as fases. O

estudante está ao final do processo juntamente com a equipe de tutoria, que nesse tipo de modelo tem acesso ao que será ensinado na mesma fase que o aprendiz, isto é, quando o conteúdo já estiver publicado no ambiente virtual de aprendizagem. Vale ressaltar que, em alguns casos, a tutoria é apenas de acompanhamento, ou seja, não possui formação específica da área, desse modo a orientação e correção das atividades é feita pelo docente. Nos casos em que a tutoria é específica da área de conhecimento do curso, o tutor tem a função de dar continuidade ao andamento do curso, orientando e corrigindo as atividades realizadas pelos estudantes. Importante frisar que nas duas situações, se a metodologia empregada for hierárquica e linear, a tutoria só terá ciência dos conteúdos ao final do processo de elaboração e desenvolvimento.

Sobre o designer, observa-se que no esquema ele surge no meio do processo, entre o professor e o revisor ortográfico, ou na prática, entre o conteúdo específico e a análise ortográfica e gramatical. Nesse contexto, o seu papel refere-se à adequação da linguagem para o modelo da EaD, de modo a tornar o material didático assimilável textualmente ao estudante a distância.

Na perspectiva do conceito do professor coletivo apresentada por Belloni (2003), e também nos estudos desta pesquisa, o designer faz parte de um modelo de concepção de projetos e cursos de EaD da seguinte maneira:

Figura 11: Processo cíclico de desenvolvimento de materiais e cursos a distância.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Nessa percepção, o docente é o norteador do conhecimento, porém trabalha em interação com a equipe multidisciplinar. O foco é ensinar o estudante a aprender, pois de acordo com as características da EaD, em que existem diferentes recursos didáticos tecnológicos, além da constante possibilidade de pesquisas pela web, o conteúdo desenvolvido para o curso passa a ser um estímulo ao aprendizado ubíquo, pois de acordo com Santaella (2010) a ubiquidade ocorre “quando a continuidade temporal do vínculo comunicacional é assimilada a uma plurilocalização instantânea”. Ferreira (2005) destaca que esse conjunto de profissionais

[...] se assemelha a uma rede de pessoas cujo conjunto de experiências, conhecimentos, afetos e competências estão interligados e em permanente diálogo com motivação intrínseca caracterizada pela representação interna comum de desejos, necessidades, objetivos e metas [...] (FERREIRA et al., 2005, p. 4).

Em outras palavras, para a efetivação desse modelo, o diálogo é fator preponderante durante o processo de desenvolvimento. No esquema apresentado, o processo passa a ser dinâmico e cíclico, em que todos os envolvidos participam igualmente das decisões, e, em relação à metodologia do curso, a coordenação pedagógica dá o parecer final, e em se tratando do conteúdo didático o docente participa de toda a evolução deste, validando os materiais antes de o estudante ter acesso a eles.

Dentro desse modelo cíclico, o designer aparece entre os personagens que participarão das discussões acerca dos conteúdos e materiais a serem desenvolvidos. Sua função, na visão desta pesquisa, sugere uma atuação dialógica e interativa entre os envolvidos na concepção dos projetos a distância. Para isso, entende-se que, quando o designer possui formação na área de conhecimento, a sua participação se torna mais assertiva, pois dessa forma assegura a especificidade dos materiais e recursos didáticos.

2.4.4 A atuação do designer nos materiais e recursos didáticos

Além da atuação no desenvolvimento de projetos de EaD, outra perspectiva de atuação é a análise direta, pontual e sistemática em materiais e recursos didáticos. Seu objetivo é colocar-se no papel do estudante para verificar as fragilidades de linguagem no contexto da virtualidade, ou seja, se a linguagem empregada pelo professor autor está clara, adequada e se dialoga com o aprendiz que estuda sozinho em casa.

Neste contexto, o designer tem a possibilidade de trabalhar tanto à margem do processo que envolve o desenvolvimento do projeto, isto é, como *freelancer*⁹, ou incluído no processo em uma equipe multidisciplinar de uma instituição de ensino ou organização corporativa.

O designer *freelancer*, cada vez mais perceptível no cenário da EaD corporativa, pode ser um funcionário da organização, ou contratado como *freelancer* por projetos diversificados. Esse profissional normalmente recebe as designações do projeto de desenvolvimento de materiais didáticos em métricas concluídas, previamente definidas pelos coordenadores do projeto. Esse modelo fordista lembra as cadeias de montagem de uma fábrica, separando o desenvolvimento em etapas de produção, objetivando o produto final. Existem, porém, metodologias em que o designer atua no conjunto de uma equipe multidisciplinar. Nesse contexto, o seu papel continua o mesmo, pontual na linguagem do texto de recursos didáticos, mas de maneira mais próxima aos desenvolvedores do projeto educacional.

Sabendo-se das implicações que essas diferenças no modo de atuar do designer podem provocar, e tendo consciência que o modelo de designer *freelancer* cresce consideravelmente, dado o aumento da demanda de cursos virtuais, seja no meio acadêmico, seja no corporativo, ressalta-se a questão de como conceber que esse designer que trabalha em casa possa modificar a sua prática atendendo a uma visão mais pedagógica e menos mercadológica.

Por entender que a forma de trabalho faz parte de uma metodologia de desenvolvimento estabelecida pelas organizações, e que esse questionamento envolve uma discussão mais aprofundada, não adentraremos nessa problemática, deixando assim a cargo de um estudo futuro.

2.4.5 Adequação da linguagem em diferentes materiais didáticos e AVEA

A cada instante somos surpreendidos com novos artefatos tecnológicos que demandam tempo de aprendizagem de suas funcionalidades, e ao dominá-las outro aparato surge para nos desafiar a outras funções inovadoras.

⁹ Há uma crescente demanda atual por profissionais de design contratados temporariamente e que efetuam suas funções em casa, chamados de *freelancers* ou *home officers*.

Todos nós nos encontramos imersos em inovações tecnológicas; crianças, adultos e idosos, independentemente da formação ou área de atuação. Todavia, algumas ocupações apresentam maior proximidade com as tecnologias digitais, sendo pelo uso diário, pelo desenvolvimento de produtos ou pela necessidade constante de conhecimento das novidades tecnológicas.

Em se tratando do designer, a eficácia de sua atuação depende intrinsecamente do conhecimento e da relação que possui com as mídias e tecnologias digitais voltadas à aprendizagem. A linguagem e a forma como nos relacionamos e compreendemos no mundo virtual são fatores primordiais para o agir ativo do designer. Para tanto, o designer necessita estar atento às novidades que surgem na área educacional, como: softwares educativos, tipos de ambientes virtuais de aprendizagem, plataformas de educação aberta, além dos recursos que podem servir de auxílio ao estudante e inseridos no projeto educacional dada uma situação emergencial, como leitores de livros *online* (*e-reader*), leitores de figuras e aplicativos. Os materiais didáticos que se veem com mais frequência em programas de EaD com a devida atuação do designer são descritos no Quadro a seguir.

Quadro 8: Tipos de materiais didáticos para EaD.

Tipo de material	Especificação	Atuação do designer
Livro ou apostila	Elaborado por um professor autor que é distribuído para os alunos em seus respectivos polos de apoio presencial.	Intervém no texto inserindo comentários, que orientam, sugestionam e questionam o professor autor sobre pontos específicos, a fim de estabelecer a clareza e a objetividade didática.
E-book	Texto em formato digital	Intervém no texto inserindo comentários, que orientam, sugestionam e questionam o professor autor sobre pontos específicos, a fim de estabelecer a clareza e a objetividade didática. Porém, pode ser um material interativo, o que solicitaria do designer apontar estratégias para que a interação seja efetivada.
Videoaulas	Vídeos gravados a partir de um roteiro elaborado anteriormente para tratar de um tema ou assunto específico da unidade curricular.	Além de observar as especificidades da linguagem para conteúdos da EaD, a função do designer é analisar se o conteúdo enviado pelo professor autor atende a linguagem para vídeos, ou seja, deixando-a clara, objetiva e simples.
Slides	Telas que apresentam um tema ou assunto específico e usam recursos visuais para a compreensão do aluno. Podem ser narradas.	O designer deve propor uma linguagem clara ao estudante, preocupando-se tanto com os recursos visuais, que devem ser usados principalmente para auxiliar a compreensão dos temas, como os exemplos e situações problema inseridos pelo professor autor. No caso de ser narrado, o designer precisa conhecer os aspectos de acessibilidade e roteirização para inseri-los ao material.
Infográficos	Recurso visual que tem por finalidade apresentar um conceito ou situação de compreensão rápida. Podem ser	Procura alinhar texto e imagem sugeridas pelo professor autor antes de enviar ao designer gráfico que finaliza o recurso esteticamente.

	estáticos ou dinâmicos.	
Simuladores	Os simuladores auxiliam a compreensão de um processo. São dinâmicos e cada vez mais usados na EaD.	Pode propor essa ferramenta em situações em que o passo a passo de um processo precisa ser muito bem compreendido. Dessa forma, trabalha na linguagem do material para garantir que esse processo esteja compreensível.
Storyline	É elaborado em um software e disponibilizado em formato <i>html</i> . É dinâmico e pode ser usado para contar uma história ou para o desenvolvimento de um livro interativo.	Idem ao livro, e-book e slides.
Jogos (<i>games</i>)	Os jogos ou <i>games</i> , atualmente mais conhecidos pelo processo de <i>gamification</i> . Na educação <i>online</i> podem auxiliar a aprendizagem pelas características do jogo.	O designer pode sugerir esse recurso após análise do perfil dos alunos. Cursos baseados em <i>games</i> são estratégicos para casos específicos de aprendizado.

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

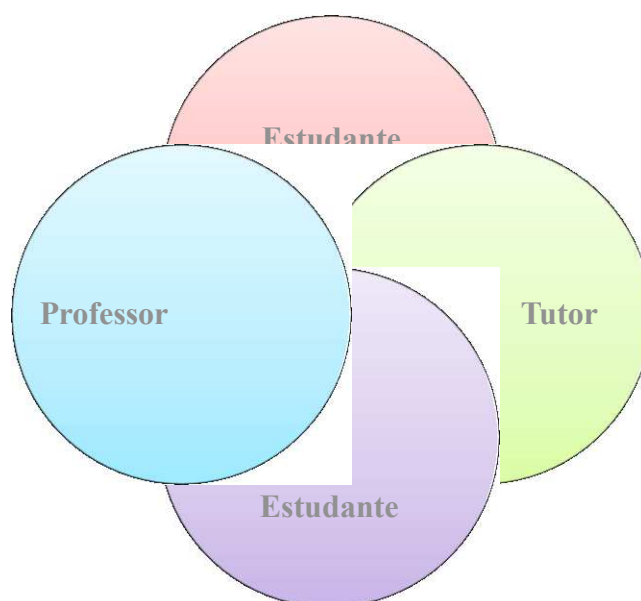
Apesar da interferência do designer nos diferentes tipos de materiais didáticos, é importante ressaltar que todas as intervenções e sugestões apontadas pelo profissional devem sempre ser aprovadas pelo professor autor do material didático.

Os ambientes virtuais de ensino aprendizagem (AVEA) são entendidos como a sala de aula do estudante de EaD. É nesse espaço virtual que são disponibilizadas todas as informações administrativas do curso, como o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), guias de orientação, calendário acadêmico, entre outros. Também é no AVEA que as Unidades Curriculares são disponibilizadas para acesso do estudante, constando todos os materiais didáticos desenvolvidos pelo professor autor em parceria com a equipe multidisciplinar.

Além desses materiais, que ficam disponíveis para acesso do aprendiz em qualquer momento em que acontece o curso, pode-se também inserir ferramentas de interação entre o estudante, o docente e o tutor. A proposição dessa interação simultânea, coletiva e não hierárquica pode ocorrer em recursos didáticos como fóruns e *chats* propostos pelo designer.

A inserção de estratégias de interação é o diferencial para que um AVEA não se torne apenas um repositório, pois é na interação que o aprendizado colaborativo acontece, fator imprescindível para o sucesso de um curso de EaD. No planejamento o designer deve propor ao professor autor dos materiais didáticos uma linguagem mediada, motivando e propondo estratégias em que ocorra a construção do conhecimento entre pares, e assim o estudante não se sinta solitário durante o processo.

Figura 12: Interação entre os envolvidos em um AVEA.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

O papel do designer na elaboração de um ambiente virtual inicia após o planejamento e desenho do curso. Para isso, o ambiente é primeiramente esculpido em um arquivo de texto, nomeado de roteiro do AVEA ou plano instrucional, que será elaborado pelo professor, analisado pelo designer e discutido com a equipe multidisciplinar, conforme o conceito de professor coletivo em que se baseia esta pesquisa. Todas as soluções didáticas propostas devem estar em consonância com os objetivos elencados no plano de ensino e no projeto educacional do curso. Nesse intuito, o designer tem o papel de sugerir as ferramentas, atividades e materiais didáticos disponibilizados no ambiente.

Em muitos casos, o professor pode indicar materiais externos para serem inseridos no ambiente virtual, como links para artigos, vídeos de plataformas digitais abertas, ilustrações encontradas na web, entre outros. O designer, nesse caso, fará a verificação dos direitos autorais e de reprodução, para preservar a instituição e o direito do autor.

Ainda se tratando dos materiais e recursos didáticos, atualmente cresce a preocupação com os alunos portadores de necessidades especiais matriculados em cursos de EaD. Isso porque, para esses perfis, há a necessidade de algumas estratégias didáticas diferenciadas para que esse aluno tenha um acesso mais adequado aos materiais e conteúdos do curso. A aplicação de aulas narradas e a inserção de leitores de ilustrações no AVEA são alguns dos artifícios para atender estudantes com deficiência visual. Já àqueles com

deficiências auditivas, legendar as videoaulas e contratar um intérprete de Libras para acompanhá-lo nos polos presenciais e para a tradução de materiais didáticos são fatores indispensáveis.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Os fundamentos e abrangência da pesquisa

A escolha metodológica para este estudo necessitou considerar o contexto sócio-histórico-cultural da educação a distância brasileira para compreender os aspectos que envolvem o desenvolvimento ao longo das últimas décadas do designer instrucional e designer educacional, objetos desta pesquisa. Propõe-se, então, um estudo de caso qualitativo e coletivo, com a finalidade de responder às seguintes problemáticas que surgiram durante a pesquisa: quem é o designer de desenvolvimento de cursos e materiais didáticos, intitulado de DI e/ou DE no campo da EaD? Quais as características da sua função e atividades práticas? Quais significados essa prática possui para os atores envolvidos nesse processo? E, ainda, como essa prática está organizada em padrões profissionais que conduzem a estrutura de trabalho diverso que é o campo da EaD?

De acordo com Chizzotti (1994, p.93), a pesquisa acadêmica tem o objetivo social de,

[...] ir buscar o significado que as pessoas dão ao seu mundo e às suas práticas, ou seja, a toda a soma total de objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social criados pelo pensamento de senso comum dos homens, vivendo numerosas interações sociais. Cabe aos pesquisadores identificar e descrever as práticas e os significados sociais [...], de compreender como elas se dão no contexto dos sujeitos que as praticam.

Para tanto, escolheu-se como abordagem metodológica o estudo de caso, tendo como eixo central da investigação o significado, considerado como “essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência e da explicação do senso comum.” (MINAYO, 1996a, p. 10-11), com a intenção de compreender a realidade e as práticas de um grupo profissional vivenciada entre os pares desse cenário da educação. Para Peres e Santos (2005) três pressupostos epistemológicos básicos devem ser levados em conta para a escolha de um estudo de caso qualitativo: “partir do princípio de que o conhecimento afigura-se como algo em constante (re)construção. [...] se

ter em mente que o caso é um todo complexo, e não a mera soma de suas partes constituintes [...], e que a realidade pode ser compreendida sob diversas óticas.”¹⁰

Para André (2005, p 25), o uso da etnografia na educação deve ser definido como “adaptação da etnografia em um estudo de caso educacional”, pois possui requisitos da etnografia, mas o foco de pesquisa na educação é o processo educativo, enquanto na antropologia é a descrição da cultura de um grupo social. Desse modo, alguns requisitos da etnografia não precisam ser cumpridos pelos pesquisadores da educação.

3.2 Participantes e procedimentos de coleta

Embasado nessas teorias e considerando o contexto educacional a distância e suas múltiplas dimensões, o estudo entrevistou profissionais que coordenam equipes de desenvolvimento de materiais didáticos e/ou equipes de designers com a finalidade de compreender a visão geral da instituição pesquisada e pessoal desse gestor sobre a atuação prática e conceitual do profissional de designer nesse cenário. Também foram coletados dados de profissionais atuantes como designers instrucionais e designers educacionais das mesmas instituições com o intuito de averiguar a compreensão pessoal destes sobre suas práticas, hábitos, valores e comportamentos e entender o seu papel naquele contexto institucional.

Foi escolhido para a coleta de dados o Estado de Santa Catarina, mais precisamente organizações da Grande Florianópolis, por entendermos que o cenário da EaD nesse contexto é respeitado, significativo e promissor, além de possuir uma quantidade significativa de instituições que desenvolvem cursos para EaD. Assim, com a intenção de observar os distintos campos de desenvolvimento de EaD, a aplicação da pesquisa de campo foi realizada em duas instituições de ensino públicas federais, uma que possui um centro de referência e apoio à EaD institucional e outra que possui um laboratório de desenvolvimento de cursos EaD que atualmente trabalha apenas com demandas do Ministério da Educação (MEC); uma instituição de ensino pública estadual que desenvolve cursos para a própria instituição; uma instituição de ensino privada, mas que tem o apoio de outras instituições mantenedoras e possui uma área de desenvolvimento de cursos a distância para a própria instituição; e uma empresa do setor privado que desenvolve cursos e materiais didáticos para treinamento corporativo empresarial e também para instituições de ensino. Em todos os casos, foi

¹⁰ Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200008. Acesso em: 22 jun. 2018.

realizada entrevista qualitativa semiestruturada com os gestores da equipe de desenvolvimento de materiais didáticos e aplicado questionário *online*, com perguntas abertas e fechadas, com os designers da equipe.

Ao todo, foram entrevistados cinco gestores e 22 designers, que responderam ao questionário. De forma geral, utilizou-se de métodos de pesquisa mista, qualitativos e quantitativos, com a intenção de obter dados abrangentes sobre a prática diária e perfil da realidade atual do profissional, grau de atuação, as técnicas utilizadas no tratamento da linguagem, planejamento e implementação de cursos de EaD. Para isso, foram usados métodos de pesquisa descritiva, realizando um levantamento de dados em forma de questionários com perguntas abertas e fechadas, com o intuito de identificar qual visão possuem sobre o trabalho do designer instrucional e educacional em suas respectivas organizações.

Assim, as perguntas foram elaboradas de modo que na avaliação das respostas fornecidas pelos gestores e designers, se estabeleçam algumas relações entre elas e, dessa maneira, possamos encontrar algumas das respostas para os questionamentos iniciais deste estudo.

Durante a análise de dados os campos pesquisados de prática de desenvolvimento de materiais didáticos para a EaD serão denominados da seguinte maneira: as três instituições de ensino públicas são aqui intituladas de IES pública A, IES pública B e IES pública C; a instituição de ensino privada é aqui intitulada de IES privada A; e a empresa corporativa, nomeamos nesta pesquisa como Empresa Corporativa Privada A, que desenvolve materiais de treinamento *online* para empresas. Todas as instituições estão situadas na Grande Florianópolis, em Santa Catarina.

Tanto nas IES públicas como na empresa corporativa as entrevistas foram realizadas com os coordenadores da equipe de materiais didáticos. Apenas no caso da IES privada a entrevista foi realizada com uma representante da coordenação de equipe, porém que desenvolve hoje, além do cargo de designer instrucional, a função de assessora de ensino e participa de todo o processo de desenvolvimento de materiais didáticos da instituição. No caso da IES pública B, durante a entrevista com esse coordenador, foi dito que o laboratório de desenvolvimento de EaD está atualmente apenas recebendo encomendas do MEC e não mais desenvolve cursos para a própria instituição. Assim, apesar de no passado o laboratório ter tido uma atuação intensa e relevante para a EaD do estado de Santa Catarina, neste momento a instituição apenas realiza atividades pontuais.

Para reconhecer as contribuições desses coordenadores ao logo da análise de dados, escolhemos dar-lhes nomes fictícios a fim de melhor identificá-los em seus discursos. Desse modo, serão chamados da seguinte forma: *João* (coordenador IES pública A), *Antônio* (coordenador IES pública B), *Maria* (coordenadora IES pública C), *Ana* (coordenadora IES privada A) e no caso da empresa privada, como houve duas entrevistadas, serão chamadas de *Luiza* (gestora da empresa corporativa A) e *Alice* (consultora educacional da empresa corporativa A).

Para os designers, nos três campos de atuação, foi proposto um questionário *online* de perguntas fechadas, em sua maioria, e algumas perguntas abertas. Houve 22 respondentes ao todo, que serão nomeados durante a análise por letras, como entrevistados de A a V. Dos cinco designers instrucionais indicados como pertencentes à equipe da Instituição Pública A em entrevista com o coordenador de materiais, dois se desligaram de sua função no período de aplicação da pesquisa, assim obtivemos três respondentes apenas dessa instituição. No caso da Instituição Pública B, os cinco designers educacionais da equipe responderam ao questionário proposto. Na Instituição Pública C, houve quatro respondentes. Já na Instituição Privada A, dos nove designers instrucionais indicados pela entrevistada, responderam à pesquisa seis profissionais. E na Empresa Corporativa Privada A, dos cinco designers instrucionais apontados pela coordenação que integram a equipe de desenvolvimento de materiais, quatro responderam ao questionário. Desse modo, tivemos uma amostragem em porcentagem da seguinte maneira: 54,5% dos respondentes são de IES pública (13,6% da IES pública A, 22,7% do IES pública B e 18,2% da IES pública C); 27,3% da IES privada A; e 18,2% trabalham na Empresa Corporativa A do setor privado. Além disso, 72,7% dos respondentes são do gênero feminino e 27,3% do gênero masculino.

3.3 Análise dos dados

Quando perguntados qual cargo exerciam dentro da equipe de desenvolvimento de materiais didáticos, a fim de identificar as escolhas das instituições para a função desempenhada, 50% disseram designer instrucional (DI), o equivalente a 11 respondentes. Destes, três eram da IES pública A, cinco da IES privada A e quatro da Empresa Corporativa A. Já 40,9% responderam que o cargo que desempenhavam era designer educacional, sendo quatro da IES pública B e quatro da IES pública C. E somente dois entendiam que possuíam ambos os cargos, designer instrucional e designer educacional, também profissionais atuantes

na IES privada A. De acordo com a assessora de ensino entrevistada os designers instrucionais exercem a função com uma visão distinta para a instituição. Vejamos:

[...] porém todos os outros designers que também assumem a função pedagógica, a assessoria pedagógica, participam desse processo todo. Nós não chamamos aqui de DE, por mais que a agente saiba que é, a gente chama assessoria pedagógica. (ANA)

Podemos verificar que a entrevistada tem uma visão própria do DE, assemelhando-o a um assessor pedagógico ou a uma função pedagógica. E continua ao comentar sobre as atribuições do designer na respectiva instituição:

Se começarmos do princípio era somente para revisão e para produção de material didático. Em 2014 é que ele passa a assumir a função de assessoria pedagógica, que é acompanhar desde o nascedouro do PPC de qualquer curso enfim, até sua finalização, que não tem... porque a qualificação está direto nos materiais, mas as atribuições do designer instrucional hoje aqui, ele vai além do desenvolvimento do material didático, é acompanhar a coordenação, é estudar legislação. (ANA)

Assim, a entrevistada ressalta que, apesar de a instituição ter tido anteriormente uma equipe de designers que atuava principalmente na revisão e produção de material didático, em um dado momento, em 2014, percebeu-se que o designer poderia agregar conhecimento antes da elaboração do material didático, ou seja, também na concepção dos cursos oferecidos.

Sobre o tempo de atuação na área de EaD para os gestores, a maioria possui mais de cinco anos de exercício na educação *online*, independentemente do cargo que ocuparam. E nenhum deles possui curso de formação na área, com exceção de cursos livres e de formação continuada.

Para verificar entre os designers entrevistados o tempo de atuação com desenvolvimento de materiais didáticos e conseguir identificar na área toda a experiência dos designers do recorte realizado na Grande Florianópolis, obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 1: Tempo de atuação como designer.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Vemos no gráfico acima que a maioria dos respondentes apontou entre sete e dez anos de experiência atuando na área. Outros cinco responderam estar há mais de dez anos desenvolvendo materiais didáticos como designers. Três deles possuem de três a cinco anos de experiência e quatro apontaram que estão na área entre um e três anos. Outros quatro informaram estar na área há menos de um ano. Isso demonstra que muitos dos entrevistados já vêm de longa data exercendo a função.

Essas perguntas iniciais para coordenadores e designers são essenciais para compreender os perfis de profissionais que estão exercendo suas atividades na EaD atualmente e assim adentrarmos a análise propriamente dita.

Como o tema principal deste estudo é o designer e sua prática, partiremos para a pergunta central da pesquisa. Assim, para os coordenadores ou aqueles que acompanham o trabalho do designer, questionou-se primeiramente por que a instituição escolheu a designação designer instrucional ou designer educacional para tal função. O entrevistado João justifica o seguinte:

Aqui... primeiro que, eu acho que é uma coisa que já tinha na instituição, então eu entrei e não quis alterar, de certa forma. Por outro lado também, quando eu entrei o apoio pedagógico era um pouco mais forte, então na minha visão tava uma coisa parecida com que eu visualizava na empresa que eu trabalhei, que tinha analistas educacionais e designers instrucionais. E aí a analista educacional trabalhava com o designer instrucional juntos para conceber a estratégia didática dali, então, por exemplo, tudo que envolvia projeto pedagógico, planejamento de atividades, de recursos, níveis, enfim... o analista pedagógico tava presente.[...] Aqui quando eu entrei eu vislumbrava um pouco essa estrutura, assim talvez que gente tivesse uma

coisa muito similar, mas no fim o DI acabou absorvendo toda essa parte de planejamento, de que quando a gente lê e tenta diferenciar DI de DE, o DE que faz o desenho... o designer educacional seria essa atuação pouco mais ampla né, então desde o planejamento de como é que tá essa experiência pensando na realidade do aluno, enfim. E que o designer instrucional seria mais focado em algo específico, de um material específico ou de o roteiro de alguma coisa específica. (JOÃO)

Nesse caso, João relembra que inicialmente existia um apoio pedagógico para o trabalho do designer instrucional, contudo com o passar do tempo o DI acabou assumindo a etapa de planejamento na instituição, o que nos relembra a fala da entrevistada Ana anteriormente. Sobre a nomenclatura, o entrevistado remete a leituras que realizou em algum momento de sua trajetória profissional sobre o tema para afirmar que o DE teria uma atuação mais ampla e o DI teria sua atuação focada em um material específico. Já a entrevistada Ana menciona que,

Quando foi iniciado todo o processo, todo o desenho, que se buscou **na literatura que se tinha na época [grifo nosso]**, e se determinou designer instrucional. Por mais que a nascente do departamento onde estavam lotados os profissionais se chamava Desenho Educacional, dentro do setor de Desenho Educacional nós tínhamos os designers gráficos e os designers instrucionais. (ANA)

A entrevistada relembra que a definição em sua instituição para a função do designer instrucional foi ao encontro dos estudos que haviam sido publicados até aquele momento, como já trouxemos anteriormente nesse estudo (conf. Quadro 3, seção 2.1) e contrapõe a ideia de que esses designers faziam parte do setor de “Desenho Educacional”, o que sugeriu na fala da entrevistada uma possível divergência de ideias sobre as nomenclaturas.

A entrevistada Alice, ao ser questionada sobre a escolha do termo no seu campo de atuação, destaca que:

É muito mais por herança, assim... de verdade, Cíntia, já teve um determinado momento enquanto eu estava na liderança técnica que a gente teve uma discussão acerca de nomenclatura. A nossa interpretação, e tomara que o seu trabalho nos ajude a entender isso melhor, né, é que em termos de atribuições a gente não vê diferença. A gente sabe que o instrucional carrega um pouco desse peso de... esse peso meio anos 70, né, que está muito baseado no instruir, instrumentalizar, então tem muito a ver com dar orientações para execução de uma determinada tarefa. Mas hoje a gente não percebe o designer instrucional nesse lugar. (ALICE)

Alice ressalta a ideia da entrevistada Ana ao mencionar que a escolha do termo está baseada nos preceitos históricos, o que nos faz retomar os assuntos discutidos anteriormente

sobre a Instrução Programada e a Tecnologia Instrucional (conf. seção 2.1). E que apesar de já ter havido uma reflexão sobre o assunto em sua instituição e mesmo tendo conhecimento que o instrucional reflete a noção do instrumentalizar, do instruir para certa tarefa, atualmente não veem o designer instrucional com essas atribuições.

Para reforçar a ideia a entrevistada Maria, que participou da concepção do laboratório de EaD em sua instituição, declara:

Eu acho que se convencionou desde o início da história do desenvolvimento dessa atividade, Design Instrucional. E aí depois com as reflexões e as próprias reflexões do grupo com relação a isso, a gente achou que... o grupo, né? Enfim, em conjunto sempre, não só aqui fora daqui, de que o instrucional ficaria muito parecido com o técnico, com aquele que faz, com aquele que instrui. Embora que a palavra instrui não tenha uma conotação negativa, muito pelo contrário. Mas achou-se que o educacional ele comportaria um conceito mais amplo, com um conceito de formação, de pedagogia de didática. Enquanto um instrucional poderia ser percebido mais como uma ação mais técnica de... é... de transmitir, não é nesse sentido, mas considera que o educacional ele traz esse conceito mais amplo de educação, né? De formação, de relação, né? (MARIA)

Maria, além de reforçar a ideia da importância histórica para a conceituação desse profissional (conf. seção 2.1), nos mostra que as reflexões partidas da área educacional observaram a relevância das origens das palavras e os significados que estão intrínsecos nestas. Apresentamos essa discussão na seção 2.2, em que realizamos um paralelo da terminologia com a etimologia, e ao final refletimos semanticamente sobre as nomenclaturas ‘educacional’ e ‘instrucional’, mostrando que ao realizar esta análise linguística podemos perceber as relações que se estabelecem no meio profissional e no entendimento dos profissionais sobre a prática. Ao refletir sobre o instrucional, a entrevistada diz que remete a uma ação técnica, ao instruir. Já quando realiza o mesmo tipo de reflexão sobre o educacional, a compreensão destina para a formação, a didática, o pedagógico, conceitos trabalhados na área da Educação.

Diante disso, questionou-se aos profissionais atuantes na área, os designers, se na opinião deles existe uma diferença nas atribuições do DI e do DE, e que justificassem sua resposta.

Tivemos nessa questão apenas uma abstinência de resposta, todos os outros deram sua opinião de acordo com suas vivências profissionais e estudos na área. Assim, para

compreender as falas a partir do seu campo de atuação, escolhemos inseri-las *ipsis litteris*¹¹ do que foi exposto no questionário, como se apresenta o Quadro a seguir:

Quadro 9: Respostas dos designers para a pergunta nº 16 do questionário aplicado.

Entrevistado	Campo de atuação	Respostas
A	IES pública B	<i>Não sei responder.</i>
B	IES pública A	<i>Não vejo diferenças entre as duas atribuições.</i>
C	IES pública A	<i>DI objetiva facilitar a processo de ensino aprendizagem, o DE analisa todos os stakeholders envolvidos no processo de um curso na modalidade EaD.</i>
D	IES pública B	<i>Não respondeu.</i>
E	IES pública B	<i>Sim, designer instrucional refere-se à engenharia pedagógica, enquanto o designer educacional se preocupa em acompanhar, após o processo de aprendizagem, se a aquisição de conteúdos, habilidades ou capacidades realmente ocorreu.</i>
F	IES pública B	<i>Não! Acredito que ambos os termos explicitam as mesmas funções para a pessoa, todavia o que (na minha lente) possui diferença é na utilização dos termos dependendo das bases teóricas que o sujeito se identifica. Para cada perspectiva teórica o termo pode diferenciar-se.</i>
G	IES privada A	<i>Sim, pois o primeiro intervém na produção de materiais didáticos com vista no planejamento e otimização do processo de ensino-aprendizagem. O segundo atua na gestão pedagógica, no sentido de verificar se o que foi planejado está ocorrendo de forma satisfatória.</i>
H	IES privada A	<i>Não há uma diferença, há um complemento. O designer educacional vai além do instrucional. A atuação como DE qualifica e aprimora a função de DI.</i>
I	IES privada A	<i>O designer instrucional (DI) não é responsável pelo conteúdo da disciplina, não é especialista na área, mas acompanha a construção do material didático para cursos EaD ou treinamentos de empresas, que envolve análise e adaptação do conteúdo para o EaD, o livro didático, o ambiente virtual de aprendizagem, os vídeos, as avaliações, os objetos de aprendizagem entre outros. O designer instrucional adapta o conteúdo de acordo com o público a que se destina, respeitando as diretrizes da instituição. Após aprovação do professor-autor o DI encaminha o material para o designer gráfico. Após diagramado, finaliza a ordem dos materiais no ambiente virtual. O designer educacional em IES participa da construção do curso, de forma integral, pode acompanhar o curso desde a sua concepção, do processo de autorização, acompanhamento da congregação e NDE, atua junto ao coordenador do curso. O designer educacional pode trabalhar por área, pois assim desenvolve melhor as questões tanto pedagógicas como legais. O designer educacional é um profissional multidisciplinar que precisa ter habilidade no gerenciamento de projetos, no planejamento, no desenvolvimento de modelos educacionais e nos processos de aprendizagem com o uso de novas tecnologias.</i>
J	IES privada A	<i>Sim, pois o DI atua sobre o desenho do material didático enquanto o DE, além do desenho instrucional, contribui na elaboração e revisão do PPC do curso, reuniões de NDE e Congregação, planejamento de ações anuais da coordenação, entre outros.</i>
K	IES	<i>Normalmente na função DI há um apoio pedagógico trabalhando junto, no</i>

¹¹ Tal como escrito.

	pública A	<i>caso do DE ele mesmo faz a parte pedagógica.</i>
L	IES privada A	<i>Na minha experiência, não. Na empresa em que atuo, atribuições teoricamente de designer educacional são incorporadas no cargo de designer instrucional. Conceitualmente, acredito que a designação "instrucional" é obsoleta e reflete um momento anterior da EaD, tornando a atribuição mais restritiva e o processo de trabalho mais fragmentado.</i>
M	IES privada A	<i>Designer educacional tem visão mais ampla, o que inclui legislação do MEC, vai para além de materiais didáticos.</i>
N	Empresa Corporativa A	<i>Atualmente, não. Acho que são nomes diferentes para a mesma coisa. Mas acho que podem dar a sensação de serem coisas diferentes: o designer instrucional menos voltado para o educacional, mais executor; e o designer educacional que executa, mas também desenha/projeta pensando na pedagogia e andragogia, nas metodologias, técnicas etc. Pode parecer que o designer educacional é mais completo. Mas a realidade do mercado brasileiro não é essa. Nele, os dois nomes são iguais.</i>
O	Empresa Corporativa A	<i>Sim. Basicamente, o designer instrucional preocupa-se mais com o aspecto técnico de apresentação do conteúdo, enquanto que o designer educacional vai além e preocupa-se também com os aspectos pedagógicos.</i>
P	Empresa Corporativa A	<i>Não, acredito que é apenas uma questão de nomenclatura. No meu ponto de vista, há uma diferença entre designer instrucional/educacional e Learning Experience Designer.</i>
Q	Empresa Corporativa A	<i>Na prática, acredito que não, pois já atuei nos dois cargos e tenho percebido como os nomes influenciam pouco na função em si. Apesar disso, no sentido mais amplo, apesar de serem sinônimos, instrução é diferente educação. O primeiro remete a algo mecânico e o segundo tem uma abrangência maior quando pensamos nos desenvolvimentos da aprendizagem.</i>
R	IES pública B	<i>Parece-me que o DE tem um papel mais abrangente.</i>
S	IES pública C	<i>Não respondeu</i>
T	IES pública C	<i>Não vejo diferença no trabalho, essa diferença aparece de instituição para instituição, dependendo do edital para seleção.</i>
U	IES pública C	<i>A diferença está no tipo de abordagem: instrucional prioriza a memorização e o sequenciamento das atividades, educacional prioriza a construção do conhecimento baseada na tomada de decisão, na aprendizagem baseada em projeto e na resolução de problemas.</i>
V	IES pública C	<i>Não na ação, mas no entendimento do conceito. Um remete à prática tradicional (institucional) e outro a uma ação mais contextualizada, pedagógica e isso se dá, no meu entendimento, em virtude da formação de cada um.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

À mesma pergunta realizada aos coordenadores, obtivemos respostas semelhantes. O entrevistado *João* destaca:

Olha, eu não vejo diferença hoje na atuação de um DI e de um DE, um designer instrucional de um designer educacional. Na prática, e quando eu vejo os profissionais trabalhando dos lugares que eu já passei e também do que eu entendo que eles deveriam realizar das atribuições deles. (JOÃO)

Na visão de João e com o que observou nas instituições em que trabalhou, na prática dos designers não percebe diferenças entre o DI e DE e também do que acredita que deveriam ser suas atividades. A entrevistada Ana afirma:

Não, não vejo [diferença]. Hoje nem no mercado eu consigo visualizar essa diferença. Ao que me consta o DE tem... é preciso ter uma visão maior e o DI é só processista, mas não vejo... no mercado eu não vejo essa diferenciação. Eu acho que precisa ser diferente, por é... perfil. **Eu não sei se a gente consegue encontrar um profissional que faça estas duas coisas, bem, 100% bem. [grifo nosso]** Então, ele é 70% assessor ou DE, e 30% DI, porque ele se identificou mais com aquela função. Ele foi contrato como DI, mas ele curtiu mais a parte de assessoria. (ANA)

A fala de Ana mostra também que seu entendimento é de um profissional mais amplo no que se refere ao DE e, no caso do DI, o profissional está relacionado mais ao processo. Além disso, Ana pontua que, apesar de observar que no mercado de trabalho atual não há uma diferença nas atribuições desse profissional, acredita ser necessário diferenciá-los, pois não acha possível encontrar um profissional que realize todas as funções designadas ao designer na sua instituição com excelência e qualidade. A fala de Ana relembra a reflexão da seção 2.1.2, no qual apresentamos as características elencadas para os designers por Filatro (2008), em que para ela o designer precisa ter um perfil transdisciplinar para atender as demandas dos projetos de EaD. No entanto, este estudo compartilha da mesma dúvida da entrevistada Ana se um mesmo perfil profissional tem condições reais de realizar tantas atividades como se apresentam atualmente nas atribuições dos designers em geral. Na mesma seção apresentamos um levantamento dessas atividades apresentadas por diversos autores ao longo das leituras realizadas para esta pesquisa.

Ainda se tratando sobre as possíveis diferenças entre o DI e DE a entrevistada Luiza diz:

Então, o que assim eu vejo... não vou considerar nenhum histórico que a gente tem aqui no [nome da empresa], mas parece que o designer educacional,... parece que é uma atuação um pouco mais ampla, é um pouco do que eu acho, tá... não é nem fruto de pesquisa, é um pouco do que eu acho, e talvez ele acaba sendo uma mescla do que hoje a gente tem no analista educacional, [...] nesse caso extrapolaria o que hoje é a proposta do DI aqui na [nome da empresa]. (LUIZA)

A entrevistada Luiza também menciona que no seu entendimento sobre o assunto o designer educacional apresenta uma atuação mais ampla e que, se essa ideia está certa, esse perfil não se enquadra com o profissional de design que possuem na instituição hoje.

Contudo, a entrevistada Alice, da mesma instituição, complementa: “numa visão muito prática e muito pragmática, não percebo diferença de atribuição”. Posteriormente, para explicar a sua colocação Alice declara:

Mas assim, Cíntia, eu não posso deixar de destacar, agora trazendo minhas referências de outras experiências, isso tem muito a ver com a estrutura de trabalho. O [nome da instituição] escolheu ter um profissional que trabalha com desenvolvimento e ter outro que trabalha a cooperação e dividiu isso para uma coisa que a gente chama de DI e outra de analista educacional, a gente poderia chamar de DE, não ia fazer diferença aqui dentro, porque... é... um designer instrucional em outros lugares, em outras empresas também é alguém que agrega essas duas atribuições, é alguém que pensa desenvolvimento e é alguém que pensa na operação.

Percebe-se no discurso de Alice que ela tem clareza de que há uma discussão na área sobre a diferenciação dos termos ou das atividades do designer. No entanto, ela explicita que para a instituição o que importa é ter as práticas de desenvolvimento e cooperação bem definidas em seu processo.

Ao analisar as variantes dos discursos apresentados sobre a compreensão semântica do designer educacional e do designer instrucional, ressaltamos a escolha teórico-metodológica de um estudo de caso embasado nas considerações de Minayo (1996a, p. 10-11), que destaca: “a essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência e da explicação do senso comum”. Ou seja, embora os participantes da pesquisa, designers e coordenadores de equipe, em seus discursos apresentem certa insegurança literária ao tentar diferenciar “instrucional” de “educacional”, existe um consenso em suas falas, como ao entenderem que o DE remete a algo mais amplo e o DI remete ao instrumentalizar e instruir. Outro ponto de consenso é perceberem que não observam atualmente no mercado de trabalho diferenças nas atribuições desses profissionais.

Apesar da diferença terminológica e semântica das palavras instrucional e educacional e suas variantes, como vimos na seção 2.2 a pesquisa de campo mostra que os profissionais envolvidos na concepção de cursos e materiais para EaD, em sua maioria, entendem que há uma diferenciação entre elas e até remetem suas compreensões para cada um dos termos com base na origem da palavra; contudo, não conseguem visualizar essa diferença na prática profissional atual. Outro fator apontado por eles sobre a temática é a carga histórica que o instrucional traz, principalmente pelas literaturas estrangeiras que foram a gênese do designer como conhecemos atualmente.

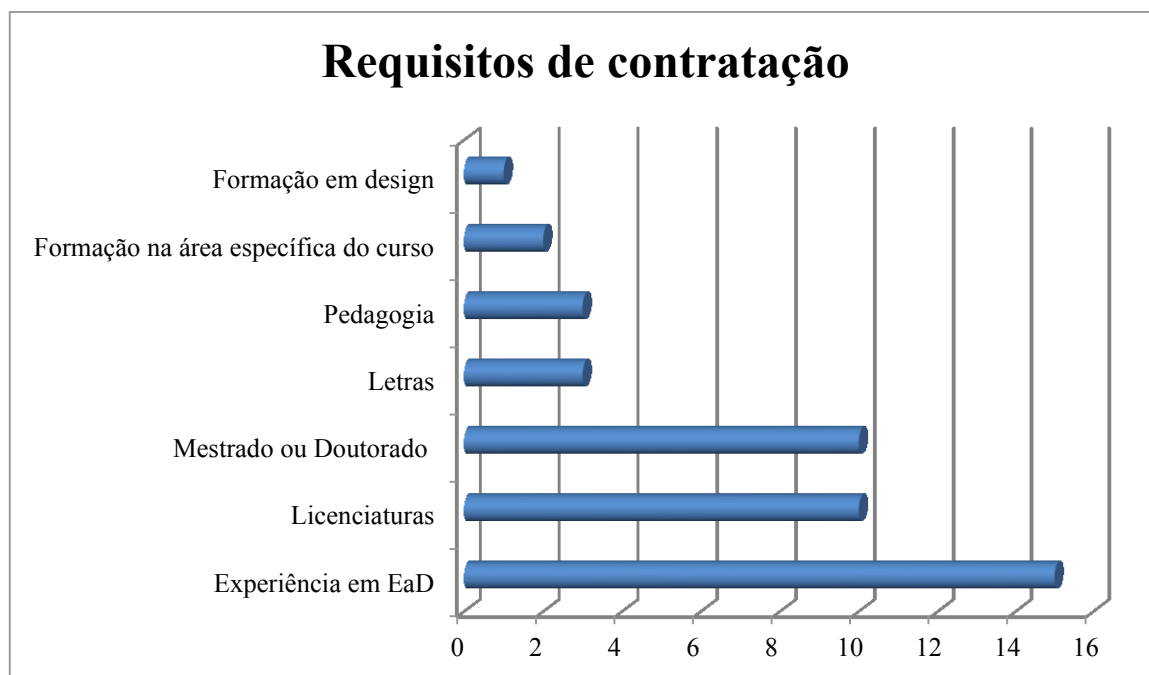
Houve uma grande surpresa ao verificar esses pontos. Pois, se por um lado apresentaram grande dificuldade de sair da lógica de mercado e analisar por si próprios a possível distinção dos profissionais de DI e DE, por outro lado os participantes da pesquisa quase unanimemente explicitaram os conceitos apresentados no início desse estudo, como a Tecnologia Instrucional e Tecnologia Educacional (conf. seção 2.1), bem como o breve estudo linguístico. Isso denota que, apesar de ainda não existir uma definição exata sobre o tema, os profissionais estão em busca de explicações para melhor compreender a sua área.

De acordo com esses conceitos e com as atividades que se apresentam hoje no meio profissional para o designer, elencadas na seção 2.4 e confirmadas na pesquisa de campo, a diferença conceitual entre DI e DE seria: o primeiro tem uma participação à margem do processo, um profissional contratado como *freelancer* ou mesmo em uma empresa ou instituição de ensino; porém, suas atividades se detêm a sugestões pontuais nos materiais didáticos, utilizando da instrução e didática para atender às necessidades de linguagem do campo da EaD, mas não é considerado no planejamento e nas inferências pedagógicas desse material; já o segundo, o DE, tem uma participação mais central no processo de desenvolvimento do projeto de EaD, contribuindo desde o início da concepção de curso ou projeto até sua avaliação e interagindo com a equipe multidisciplinar de maneira contínua. Nesse caso, o DE necessitaria ter preceitos da área educacional, como a didática e o conhecimento pedagógico, para conseguir atender às necessidades do sujeito aprendiz, bem como as problemáticas educacionais que poderão surgir ao longo do processo.

Diante de tantos questionamentos, essa pesquisa deixa claro um ponto. Não há uma “receita”, atualmente, para o design instrucional e educacional e o profissional que desempenha esse papel. A partir das respostas dadas observou-se que o designer, independentemente da nomenclatura usada, pode realizar qualquer uma dessas funções, assim como as duas ao mesmo tempo, além de outras atividades. Outro ponto de divergência são os requisitos solicitados para exercer a função. Em uma mesma cidade, seja em campos de atuação públicos ou privados, para ser um designer são exigidos sete pré-requisitos distintos de tipos de formação e experiências para a sua contratação, o que torna a qualificação desse profissional muito mais difícil e morosa, pois ou ele tem que ficar preso a uma condição trabalhista ou viver em constante formação para provação da sua capacidade.

Assim, entre os requisitos de contratação os que mais se destacaram foram:

Gráfico 2: Requisitos para contratação dos designers.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

De acordo com o gráfico, a experiência com Educação a Distância, com 15 respostas; formação em qualquer área de Licenciatura, com 10. Mestrado ou Doutorado em qualquer área, com 10; formação na área de Letras, com três respostas assinaladas; formação na área de Pedagogia, marcada três vezes; formação na área específica em que atuaria como designer, assinalada duas vezes; e apenas um respondente indicou que foi solicitada em sua contratação experiência como designer. Além das opções dadas no questionário, surgiram também: perfil do bolsista que a instituição buscava, graduação e conhecimentos sobre a modalidade de ensino a distância.

Realizamos também a pergunta para os gestores de equipes, a fim de compreender os critérios usados pelas respectivas instituições para a contratação dos designers. O entrevistado *João* respondeu:

Hoje a gente tem contratação de DI por programas de fomento, cada programa de fomento tem uma exigência específica. Por exemplo, para a UAB é como professor conteudista formador, então exige que ele tenha mestrado mais um ano de docência ou três anos de docência, então nisso a gente já exclui às vezes alguns profissionais competentes, mas que não poderiam participar. [...] Mas de forma geral, o perfil que a gente solicita é graduado em qualquer área com experiência de um ano com produção de material ou como DI. (JOÃO)

Na instituição em que João coordena a equipe de designers, estes são contratados de acordo com as exigências dos programas que fomentam o projeto de EaD, o que acaba por não considerar certos tipos de experiências e formações.

Quando eu entrei a maioria dos editais pedia a graduação em pedagogia ou licenciaturas e eu pedi para tirar essa exigência, né? Em que sentido? [...]. Eu vejo que o profissional de DI ele pode ser alguém que vem de educação e se especializa na comunicação ou alguém da comunicação que se especializou na educação, que é uma coisa que acontece muito em nível de especialização mesmo. Então, normalmente os últimos que eu tenho feito e também porque os editais têm pouco... não têm muitos candidatos né, os valores às vezes não são muito atrativos, mas a gente sempre coloca graduação em qualquer área e experiência de um ano como DI. Por que que eu coloco experiência de um ano como DI? Para que a pessoa venha já consiga pegar o ritmo do trabalho porque com a demanda que a gente tem hoje, a gente não teria tempo às vezes de capacitar alguém do zero para começar a trabalhar alguma coisa. Talvez com o aumento da equipe e a estruturação melhor dos processos, que os processos também ficam confusos no meio disso a gente trabalha... tem retrabalho por erro de processo, mas... talvez com o aumento e a melhora disso a gente consiga, daí sim, criar uma estrutura que a gente consiga absorver mais pessoas pra capacitar. (JOÃO)

Na opinião de João, a experiência como designer pode se dar em qualquer área de conhecimento, além do que era exigida anteriormente em sua instituição, formação em Pedagogia ou Licenciaturas. Para ele o profissional de designer tem relação com a formação na área da Educação e se especializa na comunicação ou formado na Comunicação e se especializa na área da Educação. Maria dialoga com João sobre essa consideração, vejamos:

A gente prima por que ele tenha... alguns que tenham Licenciatura, que sejam da área da Educação, da Pedagogia. Como é um edital, a gente não reserva tantas vagas para..., né? Mas a gente abre geral, assim, traz pro pessoal de comunicação que tenha formação em, por exemplo, Educação, que o pessoal do designer gráfico tenha uma formação em Educação também, né? E que o licenciado, a gente também abre, que tenha alguma especialização... na área de mídias, enfim... que eles tenham... que os dois profissionais tenham a parte educacional e também a parte da... enfim, das tecnologias, da informação e comunicação. (MARIA)

Desse modo Maria, também de instituição pública, entende que para a contratação de designer o requisito principal é ter formação em alguma área da Educação, e estrategicamente, para conseguir atender às demandas de diagramação que surgem, abre esses editais para as áreas de comunicação e design gráfico. Sobre a experiência como designer João continua:

[...] antes os editais solicitavam especialização na área de EaD ou de DI, e a gente já teve... eu já participei de algumas seleções que a gente teve candidatos assim com especialização, mas que nunca tinham efetivamente produzido nada, né? E aí para a gente aqui naquele momento ficava

complexo porque realmente a pessoa não ia já conseguir entrar e começar a trabalhar, ela ainda teria que ser capacitada para o trabalho, o que é uma coisa bem complexa de se falar quando você pensa em ensino profissional, né, a pessoa tem uma série de especializações, especificidades, e ela não conseguiria chegar contribuindo já, mas não que a gente faça isso em cima de suposição na entrevista né? [...] (JOÃO)

Concluindo sua fala sobre o assunto, João reitera que uma das problemáticas para a escolha do profissional é a experiência prática, pois como em sua instituição ele necessita entrar já realizando as atividades, isto é, não há tempo de formação devido à urgência nos prazos, acaba por priorizarem profissionais que já tenham experiência prática mais que formação na área da EaD ou como designer.

Outra problemática é que tanto na instituição em que João coordena a equipe de designers como na instituição da Maria, também coordenadora de equipe, ambas públicas, os designers são contratados por bolsas de fomentos federais, como Capes, FNDE, Pronatec, entre outras, o que acarreta a seguinte situação destacada pela entrevistada Maria:

Eu acho que a maior dificuldade é em questão dos prazos e também a rotatividade da equipe por serem bolsistas. Nós não tínhamos esse problema quando nós era... nós tínhamos profissionais contratados pela (nome da instituição) por quatro anos que desenvolviam as atividades da função. E hoje não, com bolsistas é... os que conseguem outra atividade fora saem do laboratório, e aí a gente deve contratar outras pessoas, então a maior dificuldade é o tempo, é o prazo, né, o cumprimento dos prazos e também por serem bolsistas que não tem tempo integral... não trabalham em tempo integral. (MARIA)

Além da rotatividade da equipe, outro ponto colocado por ela sobre esse tipo de fomento para a EaD é a limitação dessas bolsas para a contratação de pessoal:

[...] em função inclusive da limitação de bolsas, nós trabalhamos com designer instrucional, mas nós colocamos no perfil designer gráfico, licenciatura, comunicação, cinema, enfim, a gente trabalha com uma equipe multidisciplinar com relação às formações, e isso tem dado muito certo porque a gente... como a gente trabalha em colaboração os profissionais que detém o conhecimento de cada área nos ajudam a desenvolver soluções, o gráfico, o próprio designer, o artista, enfim... (MARIA)

Maria destaca em sua fala uma solução que a instituição encontrou para montar uma equipe multidisciplinar, já que a instituição ainda não conseguiu regulamentar a EaD, e assim poder contratar especialistas de cada área para desenvolver os materiais didáticos solicitados pelos docentes.

Voltando à questão dos requisitos para contratação do designer, no caso da entrevistada Ana a resposta foi a seguinte:

Para o DI mestrado, agora mudou para interdisciplinar, então a gente tem uma pessoa formada na área de turismo que trabalha conosco, mas senão era sempre na área da Educação, ou Licenciatura ou Pedagogia, nós não tínhamos bacharelado trabalhando com a gente. Obrigatório ter o mestrado sempre na área da Educação, mas agora foi aberto para outras áreas. (ANA)

Seu discurso mostra que houve uma mudança nesses requisitos de formação ao abrirem espaço para profissionais de outras áreas que não fossem da Educação, contudo a necessidade de mestrado ainda prevalece. Quando questionada sobre outros requisitos, como formação na área de designer ou experiência com educação a distância, a entrevistada disse:

Não. Era experiência com educação a distância, não importasse qual o cargo e conhecimentos básicos, como pacote Office. Não tinha tempo mínimo de trabalho em EaD, por exemplo, de preferência que trabalhasse com EaD, pontuava mais, mas especificava a área de trabalho e experiência. (ANA)

Desse modo, a experiência com EaD era considerada, mesmo que o candidato à vaga de designer tivesse exercido outra função no campo da EaD. A mesma pergunta foi feita para as entrevistas da empresa corporativa A, e a resposta dada por Luiza foi a seguinte:

O primeiro requisito é passar na nossa prova técnica, né, eu nem vou falar de perfil ainda, a gente normalmente divulga a vaga com requisitos relacionados à formação, então é... precisa ser um profissional com nível superior completo, a gente pede, preferencialmente, com alguma especialização voltada para área de DI e as áreas de formação que a gente pede, normalmente são áreas educacionais ou áreas relacionadas à comunicação, Jornalismo, Letras... (LUIZA)

Nesse caso, a empresa valoriza os profissionais que têm formação relacionada à linguagem, já que o designer tem suas atividades intimamente ligadas à dialogicidade do texto. E segue justificando:

Em termos de competências a gente costuma exigir excelente comunicação, principalmente escrita, mas também oral, por quê? Porque é um profissional que ele conversa com o cliente, então é esse profissional que apresenta, por exemplo, a proposta metodológica de uma solução educacional, então precisa ser uma pessoa que consiga se comunicar com os nossos clientes, considerando os diferentes perfis. É um profissional também que precisa saber trabalhar em equipe, então, o [nome da empresa] valoriza muito as competências comportamentais, porque as técnicas elas são básicas, né, para atuação, as comportamentais elas também são exigidas, **porque é um profissional que ele acaba sendo uma referência no processo de desenvolvimento [grifo nosso]**, porque quem concebe a solução é o DI, e muito em parceria com o consultor educacional que dá todas aquelas diretrizes, pensando no cliente, o DI é quem conduz todo esse processo junto

com o DM [diagramador], junto com o programador front-end, junto com o editor de vídeos, então ele precisa ter essa competência de trabalho em equipe para conseguir fazer e a entrega no final. (LUIZA)

Observa-se que nessa fala a entrevistada pontua outras competências para o designer além da comunicação escrita, como a comunicação oral e o trabalho em equipe, por se tratar de um profissional que é “referência no processo de desenvolvimento”. Alice complementa a fala de Luiza destacando o seguinte:

Eu acho que é isso. Eu somaria às competências que são comportamentais, além dessa capacidade de trabalho em grupo que parece um clichê, né, Cíntia, mas é de fato muito desafiadora. Eu acho que hoje tem dois pontos super importantes na questão comportamental dos nossos colaboradores, que são a capacidade de negociar, porque a gente está negociando o tempo todo, a gente negocia com cliente, a gente negocia com os outros times, a gente negocia com gerente de projeto. Como a (Luiza) bem colocou, a gente trabalha com modelos de gestão projetizada, então um colaborador que está num projeto e também está no outro e ele precisa ser capaz de negociar para equilibrar entre projetos. E profissionais muito resilientes, acho que eu colocaria aí nessa conta, né, que hoje a gente olha isso como um requisito. E a gente está dizendo isso porque para nós, ao longo do tempo, apareceu como uma coisa muito importante a questão da competência comportamental, a gente é... como é que eu vou te dizer de uma maneira que não fique pejorativa, a gente não se importa de trabalhar com medalhões, do tipo grandes designers instrucionais, isso vale para qualquer posição, que sejam só muito bons tecnicamente, isso vale para todas as posições, para designer multimídia, para programadores, etc. O combo precisa vir fechado com a competência comportamental, porque, como a (Luiza) bem colocou, a competência técnica ela é a base, é por isso que você contrata um não, mas a competência comportamental fala muito alto para nós. E aí, isso passa muito pela maneira como a gente trabalha, a gente fala pouco, né, a gente trabalha para solucionar problemas de negócios, então essas pessoas precisam trazer um olhar ainda mais amplo. (ALICE)

Assim, Alice endossa o discurso da companheira de trabalho Luiza, ressaltando que para a sua organização o designer precisa possuir, além da formação e competências técnicas exigidas, competências comportamentais pertinentes à visão de trabalho do designer de que a empresa necessita.

Após verificar os requisitos de contratação solicitados pelas instituições, adentraremos a pesquisa verificando se os designers das respectivas instituições possuem formação específica na área da EaD ou do Design, com a intencionalidade de verificar a busca dos profissionais atuantes por conhecimento formal específico e inovações na área. Assim, um designer respondeu que sim, sem especificar o tipo de curso. Três responderam que realizaram cursos de formação continuada na própria instituição, tendo um deles realizado

uma disciplina isolada ofertada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dois deles informaram que fizeram um curso de Design Instrucional pelo Instituto Brasileiro de Desenho Instrucional (IBDIN), três responderam que realizaram uma especialização em DI sem informar a instituição, um afirmou que havia realizado especialização em EaD pela Universidade do Sul de Santa Catarina e um relatou que realizou uma especialização em Tecnologias na Aprendizagem e um curso livre de Design Instrucional Persuasivo. Ainda, 31,6% dos profissionais pesquisados. Oito deles responderam que não tinham realizado nenhum tipo de formação e três não responderam à pergunta.

Desse modo, também se observou que não há um consenso sobre a especificidade da área de formação desse designer com relação à área de conhecimento em que atua. Das cinco instituições em que foi aplicada a pesquisa de campo, quatro delas entendem que o designer é um profissional multidisciplinar e não precisa atuar na mesma área de sua formação. E, na maioria dos casos, buscam profissionais das áreas relacionadas à Pedagogia e Letras, ou que tenham título de mestre ou doutor. Contudo, mesmo nessas instituições houve menções à importância do entendimento do conteúdo que está sendo analisado, e que quando acontece de ser da mesma área de formação do designer o trabalho se torna mais fluído, pois é possível sugerir mais estratégias didáticas. No entanto, o entrevistado Antônio menciona que no laboratório de EaD em que desempenha suas atividades a IES pública B possui uma visão diferenciada das demais. Para eles é “[...] mais fácil formar um designer educacional do que formar uma outra pessoa que tem essa experiência como designer educacional, mas não tem toda essa discussão... que ela não teria toda essa bagagem” (ANTONIO). Ou seja, selecionam designers que possuem formação ou pesquisa na área de conhecimento do projeto educacional com a intenção de contribuir mais proximamente com os conteúdos trabalhados, conforme destaca: “Mas no nosso projeto, especificamente, a gente está dando preferência pela proximidade com o tema, pela produção, pelos estudos e pesquisas na área da Educação”.

Essa é uma compreensão interessante do designer, pois se a formação deve direcionar em que material ou curso o profissional deve exercer o seu papel, por um lado facilitaria na proposição de recursos e estratégias didáticas para o docente já que esse designer também é um especialista da área, e por outro tornaria inviável o modelo atual que se apresenta nos campos de desenvolvimento de projetos em EaD por necessitar de mais especialistas na área com interesse em desenvolver as práticas de designer. Mas, conforme mencionado anteriormente nesta seção, ainda nas instituições públicas os designers são contratados como bolsistas, sem vínculo empregatício e benefícios, o que deprecia os salários

que recebem, desvalorizando o profissional. Ocorre que uma parte desses profissionais tem o design instrucional e educacional não como profissão, mas como uma atividade *freelancer* que auxilia no aumento da renda mensal, ou como uma atividade momentânea enquanto estão no mestrado ou doutorado.

Uma questão percebida nas falas em algumas entrevistas com os coordenadores e gestores das instituições pesquisadas é a realidade orçamentária que acometem os projetos de EaD, principalmente em instituições públicas. A grande maioria desses projetos é mantida por bolsas de fomentos de setores do governo federal, o que acarreta baixos salários, falta de verba para financiar a aquisição de pessoal qualificado, desenvolvimento de recursos multimídia e materiais impressos, softwares e até estrutura física. Com isso, há um rodízio constante na equipe de desenvolvimento, que acaba por priorizar outras oportunidades. Nesse contexto, a criatividade do designer fica limitada, pois não consegue propor as melhores estratégias de ensino-aprendizagem.

Para conhecer as atividades relacionadas à função de designer que as instituições pesquisadas atribuem a estes profissionais, traremos a seguir as falas dos gestores, mais especificamente o que eles entendem de atribuições para este profissional nas instituições em que trabalham. O coordenador de materiais *João* colocou da seguinte maneira,

Eu vou tentar juntar pensando no fluxo, mais menos no processo, né. Mas, uma das primeiras coisas, ele precisa acompanhar o cronograma do curso para estar ciente de quando que as ofertas vão iniciar, e aí é atribuição do DI dentro da nossa instituição fazer contato com os professores pra iniciar o trabalho, iniciar trabalho é iniciar o planejamento da unidade. Então, a gente tem situações diferentes, situações em que são unidades que já existe o material, ou já existe ambiente pronto ou unidades que é do zero, que ele precisa produzir ou buscar em repositório. E aí é o DI inicia esse contato e inicia esse planejamento prévio, digamos. Outra atribuição seria então, sinalizar a equipe, principalmente o DG, que esse professor é efetivamente começou a trabalhar e já começou a entregar alguma coisa para que os outros profissionais da equipe, DG e reprodutor multimídia, possam mergulhar junto com ele no material e já começar a fazer sugestões. Tem uma coisa que acontece muito que é a função de orientar os professores, então o DI ele tem faz tempo que conseguir orientar eles na questão da modalidade além da distância. (JOÃO)

João aponta que o DI inicia suas atividades desde o planejamento da unidade curricular como o docente, além de fazer essa mediação entre o conteúdo didático e os outros especialistas da equipe multidisciplinar. Já na instituição de Ana, as atribuições do designer elencadas pela entrevistada iniciam desde a concepção do Projeto Pedagógico de Curso (PPC)

até sua finalização (conf. seção 3) E quando questionada sobre o desenvolvimento específico do material didático a resposta foi que,

Formação do professor autor, a partir daí é que se é feito o planejamento do que vai ser produzido. Vai ter livro, não vai ter livro, se vai ter quantas webaulas, como vai funcionar o sistema de avaliação dentro daquele curso, ele também participa disso, ele não recebe somente o doc., aplica DI e manda para frente, não, ele tem toda uma preparação antes do conteudista, com os conteudistas, e acompanha toda a produção. [...] Existe uma padronização de que alguns materiais precisam ter “X” webaulas, “X” avaliações, mas é o DI que acompanha todo esse processo de produção. Óbvio que como eu te falei em determinado momento assistente também auxilia nessa... no ajuste de linguagem, mas sempre acompanhado por algum DI, quando é um material muito mais complexo. (ANA)

Vejamos que na fala de Ana o designer tem a função de formar o docente que irá escrever o conteúdo didático nos moldes necessários para a EaD. Como também nos dois casos anteriores o designer acompanha todo o processo de desenvolvimento da disciplina e seu material didático juntamente com a equipe multidisciplinar. No entendimento da instituição de Alice as atribuições do designer apontadas são:

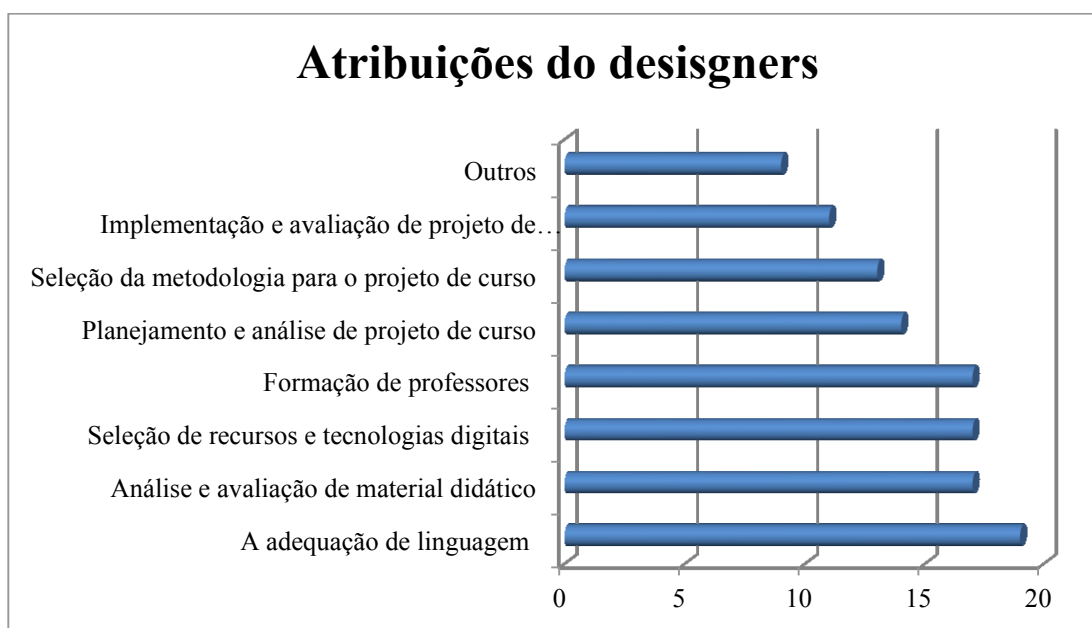
[...] vamos falar assim de maneira bem básica, ele pensa a solução educacional, ele desenha essa solução educacional numa coisa que a gente chama de proposta metodológica, isso aqui tudo está no nível de planejamento, quando a gente pensa no designer instrucional como um profissional que pensa, que consegue a solução educacional, a gente está falando que ele estuda público-alvo, ele estuda objetivos de negócio do cliente, ele estuda problema a ser solucionado, ele também estuda dor educacional, porque o designer instrucional equilibra isso o tempo todo, necessidade do negócio, do cliente, qualquer que seja ele, mais a necessidade do aluno, né, a gente trabalha com essas esses dois clientes ao mesmo tempo, o cliente que tá pagando a conta e o aluno que está na ponta. Então ele planeja isso, e isso se traduz numa coisa que a gente chama aqui dentro de proposta metodológica. Essa proposta metodológica conta para o cliente como a solução dele vai ser desenvolvida antes de começar a desenvolver. Tem uma outra coisa que o designer instrucional é responsável por, que é orientar e acompanhar um profissional aqui que a gente chama de conteudista, que é esse especialista. Não importa onde esse conteudista tá, seja ele um especialista dele, dentro do cliente, seja alguém que a gente vai buscar no mercado ou na academia, o designer instrucional é alguém que orienta, é alguém que capacita e alguém que instrumentaliza o conteudista pra escrever esse conteúdo que dentro do nosso processo a gente chama de conteúdo bruto. (ALICE)

Embora o campo do discurso da entrevistada advenha do corporativo, o que se percebe nos termos usados, diferente das falas anteriores, podemos perceber semelhanças nas atribuições do designer. Do mesmo modo que as instituições de ensino, o designer também

acompanha o conteudista (ou professor autor) na escolha de estratégias didáticas para um dado material, chamado por Alice de solução educacional. Ela também menciona que o designer tem a função de desenvolver uma proposta metodológica o que para as instituições de ensino seria o planejamento.

No questionário *online* foi também solicitado aos designers que apontassem quais eram as suas atividades como DI ou DE no local em que atuavam.

Gráfico 3: Atividades desenvolvidas pelos designers.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A adequação de linguagem para EaD em materiais impressos e digitais (*e-books*, videoaulas, *games* e outros) obteve 19 indicações, seguido da análise e avaliação de material didático e seleção de recursos e tecnologias digitais para o projeto de curso e acompanhamento e formação de professores para o desenvolvimento de materiais didáticos, ambas com 17 marcações. O planejamento e análise de projeto de curso para EaD, obteve 14 indicações. Os designers também apontaram a seleção da metodologia para o projeto de curso, com 13 marcações, o que nos mostra uma grande relação pedagógica nas atividades desses designers já que a escolha da metodologia é uma decisão fundamental para qualquer projeto, seja na EaD ou curso presencial. Sendo assim, esses designers não apresentam um perfil pontual ou instrumental, mas suas atividades estão em consonância com as necessidades dos

sujeitos aprendizes. Os designers respondentes também apontaram a implementação e avaliação de projeto de cursos para EaD com 11 indicações.

Além destas, outras atribuições surgiram na pesquisa, como: assessoria na gestão de cursos, soluções, serviços e inovações em EaD; reuniões de congregação (termo usado pelo entrevistado) e Núcleo Docente Estruturante (NDE); participação do processo de autorização e de reconhecimento de curso de graduação; reuniões de congregação (termo usado pelo entrevistado) de curso; roteirização de objetos de aprendizagem e videoaulas e assessoria no planejamento e gestão acadêmica dos cursos, incluindo processos regulatórios e avaliação interna e externa.

Embora haja consensos em alguns pontos nas respostas dos designers e coordenadores, o preocupante nos dados apresentados não é a questão da nomenclatura usada, mas sim a incompreensão desse profissional e das atividades que ele desempenha. Sabendo que em um processo de concepção e implementação de projeto educacional há uma gama de atividades distintas, e desse modo são necessários perfis profissionais diferenciados para atendê-las, estabelecer esses perfis é essencial para que cada um consiga desempenhar o seu papel com êxito e assim, ocorra a real efetivação do aprendizado do estudante. Relembramos aqui a fala de Ana, *“Eu não sei se a gente consegue encontrar um profissional que faça estas duas coisas, bem, 100% bem.”* (conf. seção 3.3)

Em se tratando da equipe multidisciplinar envolvida no trabalho de desenvolvimento de materiais didáticos, ou soluções educacionais, de acordo com a Empresa Corporativa A, os gestores apontaram os profissionais envolvidos neste processo em suas instituições. Vale ressaltar aqui o que mencionou João da IES pública A,

Se eu não me engano, é que eu tenho... eu sempre tenho que contar porque como os DIs hoje na Instituição aqui são bolsistas, né a gente não tem, ainda, é uma briga minha, o DI servidor. Mas a gente tem cinco DIs na equipe atendendo mais de vinte projetos simultâneos, é... cada curso é um projeto e tem algumas outras as demandas que entram também como o projeto [...] até pouco tempo nós tínhamos só um programador visual e uma assistente administrativo que atua como DG, dois servidores e a gente conseguiu agora também chamar mais servidores de concurso, entrou mais um produtor multimídia e uma técnica em produção audiovisual que dentro da equipe multidisciplinar, talvez seria os DGs mas eles têm as suas especificidades também né, uns mais para parte do gráfico e os outros mais pra parte multimídia e de vídeo. E também tem um bolsista DG, então tem também cinco DGs, se for juntar todos esses como profissionais DGs, né. E uma revisora textual ortográfica, [...] mas como a gente não tem a dinâmica de produção conteudista, produção de material, diagramação, aquele fluxo tradicional, a gente tem muito o DI de reutilização de objetos, de costura desses objetos, e um pouco de autoria ali no meio, a carga de revisão ela é

grande, mas ela acaba sendo um pouco reduzida porque você não tem um livro de sessenta páginas para revisar, porque aquele livro já veio de alguém que já revisou, então você tem na verdade os textos de costura, as orientações de atividades, planos de ensinos, documentos e outros mais produzidos, o próprio ambiente pra ser revisado, então a carga textual de revisão é um pouco menor [...].(JOÃO)

Interessante destacar a quantidade de projetos que a equipe atende mesmo possuindo uma quantidade de profissionais considerável. Na IES privada A, a entrevistada Ana destacou que possuem sete assistentes acadêmicos, nove designers instrucionais, nove diagramadores e um revisor ortográfico, além da equipe de tutoria que auxilia na qualificação do material.

Já na Empresa Corporativa A as entrevistadas, Luiza e Alice, apontaram que a equipe multidisciplinar é composta de cinco designers instrucionais, designer multimídia, editor audiovisual, revisor textual, programador *front-end*, analista educacional, analista de informações, tutor, monitor, gestor de projetos de projetos e consultor educacional.

Desse modo, a fim de saber se os designers entrevistados exercem uma função colaborativa com os envolvidos no processo, foi questionado sobre a atuação direta com determinados perfis que compõe a equipe que desenvolve os materiais didáticos e qual o papel exato que exerciam. Assim, foram oferecidas algumas opções de respostas sendo que podiam indicar mais de uma opção sobre as atividades que exercem.

Com relação ao professor autor, a maioria dos designers disse que em suas práticas diárias acompanham o desenvolvimento dos materiais didáticos feitos pelo professor autor (16 respostas), analisam e realizam apontamentos sobre a linguagem do texto empregada pelo professor autor (14 respostas), sugerem ferramentas pedagógicas ao professor autor durante a elaboração do material didático para curso de EaD e realizam reunião de formação inicial, a fim de apresentar a metodologia que será empregada (14 respostas). No mais, obtivemos 08 respostas dizendo que avaliam com o professor autor o processo de desenvolvimento do curso ou da disciplina, e apenas 04 designers informaram que não atuam diretamente com o professor autor.

Podemos observar pelas respostas fornecidas que a grande maioria dos designers pesquisados trabalha com o acompanhamento do professor autor no desenvolvimento dos materiais didáticos, sendo que essas atividades se relacionam com a adequação da linguagem, proposição de recursos e reuniões de formação inicial. O que demonstra que em se tratando do trabalho com o professor autor as instituições compreendem do mesmo modo, ou num pensamento muito próximo a atividade do designer.

Em se tratando da atuação direta com a coordenação pedagógica e suas atividades, levantamos as seguintes respostas:

De acordo com o gráfico houve 10 respostas em que os designers estabelecem com a coordenação pedagógica e em conjunto com a equipe multidisciplinar, as estratégias tecnológicas e pedagógicas para o desenvolvimento do curso; 10 respostas em que realizam reunião de planejamento inicial, a fim de estabelecer a metodologia e os critérios do curso; e 05 respostas que realizam reuniões, ao final do processo, para avaliar as escolhas e estratégias utilizadas. Nesta questão, 07 designers responderam que não atuam diretamente com a coordenação pedagógica..

Nesse caso, percebemos que dentre os 22 respondentes, 10 deles, ou seja, menos da metade, exercem atividades em conjunto com a coordenação pedagógica, o que nos mostra que ainda há um distanciamento na prática do designer, do seu trabalho pontual no material didático a concepção pedagógica do curso ou projeto de EaD.

Em se tratando da atuação com o professor que leciona a disciplina, os designers responderam:

Sobre este tipo de atuação a maioria dos designers, 12 no total, responderam que não trabalham acompanhando o professor (a) que irá lecionar a disciplina daquele respectivo material desenvolvido. Do restante, houve 10 respostas apontando que fazem atualizações nos materiais didáticos e ferramentas pedagógicas, caso solicitado pelo professor durante a oferta, 02 respostas que realizam reunião anterior ao início da disciplina, a fim de apresentar a metodologia e estratégias escolhidas, mais 06 respostas que realizam reunião anterior ao início da disciplina, a fim de escolherem juntos a metodologia e estratégias que serão utilizadas, e outras 04 respostas de designers que ressaltam que acompanham a oferta da disciplina junto ao professor.

Também nessa questão verificamos uma amostra da realização de um trabalho pontual e desconexo com as vertentes educacionais realizado pelo designer, pois um pouco mais da metade dos respondentes informaram que não acompanham o professor após a oferta da disciplina ou curso. Sendo assim não há como verificar se as estratégias didáticas empregadas foram assertivas, e a probabilidade de repetir proposições ineficientes são maiores.

Na atuação direta com os membros da equipe que desenvolve os materiais didáticos, como revisores ortográficos, programadores, diagramadores, entre outros, e suas atividades com esta equipe, foram dadas as seguintes respostas:

Percebe-se pelas respostas obtidas que grande parte dos designers trabalha em algum momento junto com a equipe multidisciplinar, pois 19 respostas apontaram que acompanham todo o processo de desenvolvimento dos materiais didáticos, e 17 respostas indicam que realizam a adequação da linguagem nos materiais didáticos que serão desenvolvidos. Além disso, houve 14 respostas para a elaboração de guias e manuais para estudantes e equipe multidisciplinar e 16 indicações para as atualizações nos materiais didáticos e ferramentas, caso necessário. Falando da realização de reunião anterior ao início da disciplina, a fim de escolherem juntos a metodologia e estratégias que serão utilizadas, houve 06 respostas, e 05 para realização de reunião anterior ao início da disciplina, a fim de apresentar a metodologia e estratégias escolhidas. Para a atividade de realização da avaliação final da disciplina com a equipe multidisciplinar houve apenas 01 indicação de resposta. E 01 designer apenas informou que não atua diretamente com a equipe multidisciplinar.

Assim, se por um lado ainda há uma deficiência de trabalho em conjunto do designer com a coordenação pedagógica, conforme vimos anteriormente, por outro o trabalho com a equipe multidisciplinar é uma prática comum nos campos pesquisados. O que demonstrou precisar de mais reflexão é a necessidade de realizar reuniões periódicas com a equipe multidisciplinar para pensarem juntos nas estratégias didáticas serem utilizadas.

No âmbito da prática de designer em parceria com a equipe de tutoria, os designers responderam o seguinte:

Observamos no gráfico apresentado que 13 designers apontaram que não trabalham junto com a equipe de tutoria. Já os que mencionaram possuir esta atuação em conjunto, 08 respostas indicaram que fazem atualizações nos materiais didáticos e ferramentas, caso necessário, 03 respondentes disseram que acompanham a oferta da disciplina junto à tutoria, 02 respostas indicaram que realizam reunião, anterior ao início da disciplina, a fim de apresentar a metodologia e estratégias escolhidas, mais 02 que também realizam reunião anterior ao início da disciplina, mas para escolherem juntos a metodologia e estratégias que serão utilizadas, e outras 02 que realizam a avaliação final da disciplina com a tutoria.

Nota-se aqui que a questão do acompanhamento com a tutoria depende muito do tipo de metodologia para a EaD que é empregada. No entanto, a tutoria é parte fundamental para que projetos de educação *online* sejam eficientes, já que em muitos casos, o tutor é aquele que estará mais próximo do estudante e poderá assim, contribuir de maneira assertiva nas proposições para o docente e equipe multidisciplinar, incluindo o designer. Dessa forma, a

perspectiva de trabalho em conjunto com o designer também está intrinsicamente relacionada ao pedagógico e ao didático, e que a pesquisa ao levantar que a maioria dos designers não tem esse contato com a equipe de tutoria, novamente demonstra um trabalho pontual e sem considerar os sujeitos aprendizes. Importante ressaltar nesse ponto a perspectiva trazida na seção 2.4 sobre o professor coletivo (BELLONI, 2003) que destaca a reflexão coletiva sobre os conteúdos didáticos entre o professor e a equipe multidisciplinar, incluindo então o designer, essenciais para um projeto de EaD que considera os preceitos educacionais.

Diante de todos os relatos e as intersecções trazidas, uma das conclusões que podemos observar é que pelos apontamentos trazidos pelos próprios designers, estes ainda são deixados à margem do processo de desenvolvimento do projeto educacional. Nessas situações ele recebe os modelos prontos, com a atribuição apenas de reproduzi-los para diversos cursos ou disciplinas. Desse modo, o profissional tem poucas chances de fazer diferença dentro desse processo.

Também foi questionado aos designers como classificariam, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 “nada importante” e 5 “muito importante”, a importância do profissional. Neste tópico houve quase que uma unanimidade, pois dos 22 pesquisados, 20 apontaram o designer para desenvolvimento de cursos e materiais didáticos para a EaD muito importante e apenas 02 deles usou a escala 4 para indicar sua importância. O que demonstra a autovalorização do profissional no desenvolvimento de cursos e projetos na EaD.

Em se tratando ainda da importância deste profissional para o desenvolvimento de cursos, materiais ou soluções educacionais as respostas dos gestores e coordenadores também foram unânimes na compreensão da relevância de sua atuação. De acordo com o entrevistado João,

Olha, eu acho que contribui, principalmente porque o designer, tanto o instrucional como o gráfico, eles vão agregar uma visão que muitas vezes o professor não tem, ou não tem ou não tem tempo de desenvolver, diferentes motivos, que é uma visão da própria interação e da experiência e de como que é estar na pele do aluno, e navegar naquele ambiente ou acessar aquele material e fazer aquela atividade, então acho que vai contribuir nisso.
(JOÃO)

Com esta fala, João nos lembra que o designer é aquele que se coloca no lugar do estudante, com o olhar do estudante para tentar minimizar a distância com o conteúdo didático. E ainda completa,

No caso da educação, você tem uma necessidade que é de aprendizagem, o aluno precisa aprender e você precisa conseguir desenvolver algo, e chegar

também ergonomicamente, nesse aluno para que você atenda essa necessidade, né. **E muitas vezes a necessidade, e o designer trabalha muito bem isso, a necessidade não tá explícita. [grifo nosso] (JOÃO)**

Assim, João define bem a lógica da finalidade do trabalho do designer. Apesar de sabermos que o objetivo principal do material didático é a aprendizagem do estudante, no primeiro olhar a um recurso ou conteúdo didático a necessidade do trabalho do designer pode não estar explícita, contudo o olhar aguçado desse profissional. A entrevistada Ana destaca o seguinte sobre a importância do designer,

Imprescindível. A [nome da instituição] ela trabalha basicamente com cursos regulados, e hoje para atender a nossa legislação a gente precisa da equipe multidisciplinar. A equipe multidisciplinar para o MEC são essas pessoas, revisor, professor conteudista, o designer gráfico, instrucional. Então, se nós formos pensar em legislação, sim nós temos que ter uma equipe multidisciplinar que é formada por estes profissionais, pessoal da equipe de câmeras, webaulas... Agora se você for pensar em cursos livres, penso que é mais imprescindível ainda, você ter o designer instrucional, porque você tem que aproximar o conteúdo do estudante, que você não sabe quem é, aonde tá, como ele conversa, qual o nível de autonomia desse estudante também.. (ANA)

Ana, então destaca a necessidade do trabalho do designer a fim de aproximar o conteúdo do aprendiz que possui especificidades muitas vezes desconhecidas, dependendo do tipo de curso ofertado.

A entrevistada Alice disse, *“Total! O projeto vive sem a gente, a gente vive falando isso aqui, se não tiver gerente de operações, se não tiver consultor educacional, o projeto sai, sem o designer instrucional, não sai.”*. E a entrevistada Luiza completa,

Eu diria que a alma de cada solução está muito na proposta metodológica, e ela é concebida pelo designer instrucional. Então, assim, sem uma atuação cuidadosa lá, talvez a concepção que é a etapa do planejamento, que a (Alice) falou, seja mais importante, e é onde ele brilha mais, na minha visão. Porque depois é desenvolver um roteiro que é uma atividade, mas na verdade é uma tradução para prática daquilo que foi proposto na proposta metodológica, então tá tudo lá. Mas assim, a gente... e a gente viu tanta coisa legal,... mas assim, a equipe ainda consegue nos surpreender com as soluções que a equipe pensa para resolver alguns problemas dos clientes assim, então tá muito ali... é fundamental, Cíntia. (LUIZA)

Podemos concluir então, que tanto os designers como os coordenadores de equipe compreendem o profissional de DI e DE como fundamental e essenciais para a concepção e implementação de um projeto de EaD, pois sem a figura do designer não será possível dialogar efetivamente com o principal sujeito de todo o processo, o estudante. A pesquisa

assim reitera a necessidade de aprofundar os estudos sobre o perfil, atividades e teorias que envolvem esse profissional. Buscamos com esse estudo contribuir com uma parcela para a compreensão desse sujeito.

Também se questionou as principais dificuldades que estes profissionais encontram em suas atividades cotidianas como designer. Esta também foi uma pergunta aberta, a fim de deixar que as respostas fluíssem livremente, além de conseguir identificar o que para cada profissional pode ser uma problemática. Vejamos:

Quadro 10: Respostas dos designers para a pergunta nº18 do questionário aplicado.

Entrevistado	Campo de atuação	Respostas
A	IES pública B	<i>Até o momento não houveram grandes dificuldades</i>
B	IES pública A	<i>Comunicação com o professor, prazos curtos para a produção.</i>
C	IES pública A	<i>Cronograma de execução, falta de tempo dos professores conteudistas, qualidade dos materiais, plágio.</i>
D	IES pública B	<i>Não respondeu.</i>
E	IES pública B	<i>Avaliar o material em desenvolvimento.</i>
F	IES pública B	<i>Até o presente momento, não estou encontrando dificuldades para realizar o meu trabalho.</i>
G	Instituição privada A	<i>Cumprimento de prazos pelos professores autores, ineditismo de algumas abordagem, bem como diversidade de linguagem e desalinhamento entre autores, isso em virtude de se tratar de uma produção intelectual.</i>
H	Instituição privada A	<i>Com é trabalho em equipe, atender os prazos geralmente é uma das dificuldades. Produção de material inédito e cuidado para citação de conteúdos com suas devidas referências.</i>
I	Instituição privada A	<i>Em alguns casos: professor autor atender aos prazos estipulados dificultando o processo de produção; déficit de informações quanto a referências nas citações.</i>
J	IES privada A	<i>Cumprimento de prazos por parte dos conteudistas, existência de plágio nos textos, falta de indicação e organização de referências.</i>
K	IES pública A	<i>Profissionais capacitados na equipe de produção para desenvolver os objetos de aprendizagem</i>
L	IES privada A	<i>Prazos de recebimento dos materiais.</i>
M	IES privada A	<i>Professores seguirem datas.</i>
N	Empresa Corporativa A	<i>Cronogramas "apertados", que não respeitam a construção bem planejada e a criatividade necessária para desenhar, planejar e desenvolver os materiais/o curso e para troca e construção junto com a equipe multidisciplinar. Falta de conhecimento das outras equipes (inclusive da gestão) sobre a profissão e suas atividades.</i>

		<i>Falta de tempo para a capacitação adequada de professores conteudistas (autores) e fornecedores. Falta de consideração do perfil e formação na alocação em projetos.</i>
O	Empresa Corporativa A	<i>Estimar o esforço em horas para executar as demandas antes de se aprofundar no material bruto a ser trabalhado. Devido à natureza incerta dos projetos, ao iniciar uma demanda pode-se perceber que será necessário um esforço maior do que o inicialmente estimado, o que pode impactar no orçamento dos projetos.</i>
P	Empresa Corporativa A	<i>Explicar de maneira mais objetiva o papel do designer instrucional.</i>
Q	Empresa Corporativa A	<i>Em um ambiente corporativo, acredito que o maior desafio é buscar a integração de diferentes áreas multidisciplinares, ou seja, a comunicação e troca de ideias entre todos os participantes de um projeto de educação a distância desde o professor autor, a concepção do curso, o design das atividades, da plataforma, equipe multimídia etc. Esse é um desafio diário.</i>
R	IES pública B	<i>Falta de reconhecimento</i>
S	IES pública C	<i>Entendimento dos docentes da atuação do designer instrucional como um agente para auxiliá-lo na produção e desenvolvimento da disciplina/curso.</i>
T	IES pública C	<i>A falta de trabalho colaborativo. Infelizmente os envolvidos com educação ainda são bastante resistentes em trabalhar em equipe.</i>
U	IES pública C	<i>Interação mais efetiva com a equipe multidisciplinar.</i>
V	IES pública C	<i>Tempos de execução e equipe não efetiva.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Neste caso, os cumprimentos dos prazos surgiram em peso nas respostas, tanto na entrega dos professores conteudistas como na própria entrega do designer por causa dos cronogramas apertados que a EaD, de um modo geral, possui. Outro ponto que surgiu nas falas foi a questão de plágio e falta de inserção de referências nos materiais. Além disso, os designers da IES privada A mencionaram a questão do desenvolvimento de materiais inéditos como um desafio. Já os respondentes da IES pública C trouxeram novos apontamentos como falta de reconhecimento e entendimento da profissão e falta de trabalho colaborativo entre a equipe multidisciplinar.

Perguntado aos gestores e coordenadores sobre a visão que tinham das dificuldades enfrentadas pelos designers de suas respectivas instituições, o entrevistado João colocou,

Eu acho que o distanciamento dos alunos. Apesar de serem alunos da nossa própria instituição, a gente ainda não tem um canal muito próximo para conseguir ficar extraíndo um pouco, a gente ainda não tem, talvez, um processo mais bem definido desse feedback, do que a gente produz. Então,

por exemplo, as vezes a gente tem ideia de que está produzindo materiais muito bons, e tá legal, mas a gente está com índice de evasão porque o curso está difícil, mas a gente precisa entender se esse difícil é porque o material tá complicado demais, a gente não conseguiu chegar na linguagem dele, ou porque os professores foram exigentes demais nas atividades, ou o que que é, né. (JOÃO)

Para João a problemática apontada foi a necessidade de poder avaliar os materiais que a equipe desenvolve, o que não conseguiram realizar ainda. No caso da entrevistada Ana, as problemáticas apontaram para os seguintes aspectos,

Nós temos um problema com relação ao cumprimento de prazos, já podemos começar por isso, ou a dificuldade que o professor autor tem de escrever. Ele fala muito bem, ele conhece o conteúdo muito bem, porém não consegue colocar no papel. Isso é algo que demanda do DI um auxílio maior. Como a gente trabalha sob demanda para tal data e nós temos um calendário e processos a serem vencidos naquele tempo, nós precisamos do apoio desse professor autor. E aí como ele geralmente, quase que 90%, ele é professor da casa, ele tem atribuições como professor docente, ele tem atribuições como pesquisador ou ele tem atribuições como coordenador de curso e também como professor conteudista, esse professor autor essa é uma dificuldade que nós temos com relação aos prazos. (ANA)

De acordo com Ana, uma das problemáticas é a dificuldade que certos professores tem de escrever os materiais, principalmente os da área técnica, o que gera mais tempo de desenvolvimento e acarreta na segunda problemática apresentada por ela, o cumprimento dos prazos por parte dos docentes. Pois, como acumulam outras funções na instituição ficam sobrecarregados e não conseguem entregar os materiais no prazo acordado. A entrevistada Maria compartilha da mesma opinião e coloca,

São as inúmeras atividades que os docentes tem para desenvolver. E aí o semestre se estende e eles têm provas para corrigir, trabalhos para corrigir, e aí começa o próximo semestre e aí você tem um período muito pequeno para o desenvolvimento da disciplina. Então, isso concentra tudo num determinado período, você não inicia, por quê? Porque também nós temos bolsistas, os docentes, e eles só entram... Nós temos os dois casos os efetivos, os colaboradores, né, e os bolsistas, e muitas disciplinas ficam sob responsabilidade dos bolsistas e eles entram no final do semestre quando a disciplina praticamente está entrando. E então é... a produção... tem um tempo pequeno de produção de disciplina. Então, se você pudesse começar todas as disciplinas no início do semestre trabalhando para o próximo semestre seria mais adequado. (MARIA)

Conforme as falas dos coordenadores entrevistados como as dos designers apresentadas no Quadro 10, podemos verificar que o prazo é uma questão de consenso entre

os respondentes. Como a EaD demanda a elaboração de diferentes recursos pedagógicos é necessário que o desenvolvimento aconteça em um período que seja possível sua execução.

Já nos questionamentos sobre as problemáticas que encontravam na sua prática direta com o designer, com o objetivo de investigar e compreender este processo de parceria hierárquica e suas dificuldades obtivemos respostas como a da Luiza,

Eu vou te dizer uma coisa assim, que é algo que eu acredito que em toda empresa privada essa é uma preocupação. É a variação de demandas relacionadas a desenvolvimento de conteúdo. Porque eu estou te falando isso, porque o processo que hoje [nome da empresa] tem, e acredito que as outras empresas também, ela passa por momentos em que tem uma atuação pontual do DI, depois de uma dedicação muito grande que é aonde ele vai partir para roteirização, ali para definição dos recursos que ele vai utilizar, e depois uma etapa que ela vai ser diminuída também que é dar algum auxílio para a equipe, esclarecer alguma coisa e fazer uma validação final, como um grande autor de todo aquele desenvolvimento. Então, essa diferença no processo onde horas eu preciso muito, e horas eu preciso muito pouco é um desafio de gestão. (LUIZA)

A entrevistada ressalta a dificuldade de gerir uma equipe de designer que não possui uma participação linear ao longo do processo de desenvolvimento. Além disso, a entrevistada coloca também outro desafio,

E no ponto de vista técnico, é... não sei assim... mas, assim eu vou te falar que ultimamente a gente teve algumas dificuldades de buscar um profissional é... pronto no nível do profissional mais sênior. E talvez não só do ponto de vista técnico, mas o fato da gente exigir questões comportamentais também que são muito sérias, a gente teve um pouco de dificuldade, a gente teve uma vaga no último ano que ela ficou onze meses para ser fechada, então essa foi uma dificuldade que a gente encontrou, assim. (LUIZA)

Dessa forma, Luiza denota que uma dificuldade é encontrar um profissional que abarque tanto as competências técnicas como as comportamentais exigidas para a contratação do designer no seu local de trabalho. Para a entrevistada Maria, as dificuldades que encontra estão pautadas nos seguintes aspectos,

Eu acho que as maiores dificuldades são... é a falta de pessoal técnico, de uma equipe... tá a gente como designer desenvolve até um certo limite, né, de desenvolvimento do trabalho. Mas, de repente você quer fazer uma animação e você precisa de um profissional que lhe ajude a desenvolver o roteiro, que lhe ajude a desenvolver, enfim, a entender o potencial da tecnologia para aquela atividade, que tem um design gráfico que também auxilia, então, que recomende aquela mídia. (MARIA)

No caso de Maria, como a sua instituição é pública há uma limitação de bolsas (conf. seção 3) que dificulta a contratação de pessoal especializado para cada área de desenvolvimento de material didático, como é o caso do designer gráfico ou diagramador, como ela menciona. A entrevistada também ressalta a questão da necessidade de regulamentação da EaD,

Aqui [nome da instituição] a gente por não ter a classificação desses profissionais no estatuto, no... plano de cargos e salários, a gente não tem o profissional da EaD, então é preciso regular, é preciso avançar nesse sentido na educação a distância da [nome da instituição] é de classificar esses profissionais como necessários na modalidade e que eles atuem na modalidade a distância. Então nós temos a designer gráfico, mas que trabalha na comunicação, né? Nós temos o jornalista que trabalha no setor de comunicação. E nós não temos esse profissional dentro do centro de educação a distância para o desenvolvimento, enfim, dos trabalhos na educação. Nós temos nos setores, mas não designados para cá. Então, é a falta desses profissionais, é... pra mim é o maior obstáculo. Em relação aos docentes, em relação aos prazos, isso é facilmente contornado, mas com relação a falta de profissionais eu acho isso muito sério. (MARIA)

As situações elencadas pelos envolvidos na pesquisa enfatizam que ainda há problemáticas básicas no campo da educação a distância que precisam ser urgentemente verificadas. Questões como falta de pessoal qualificado, escassez de verba, falta de regulamentação, limitação de bolsas, além daquelas investigadas nesse estudo, limitam o avanço da EaD no país, e conseqüentemente da Educação no geral.

A análise detalhada da prática dos designers em suas respectivas instituições reforçou as concepções prévias sobre as diferenças conceituais entre o DI e DE, mostrando que estas ultrapassam, e muito, os limites das diferenças de nomenclatura. Ao questionar os envolvidos na pesquisa sobre essas diferenças buscou-se provocar uma reflexão sobre a história, conceito e definição de atividades elencadas ao designer que desenvolve materiais didáticos para a EaD e não supostamente apenas para os termos que são utilizados atualmente para esse profissional nas distintas organizações. Desse modo, a pesquisa almejou também instigar o profissional entrevistado a realizar uma análise de sua própria prática.

4 OS PERFIS DI E DE SE CONVERGEM OU SÃO DISTINTOS?

A partir dos dados da pesquisa de campo apresentada podemos compreender que historicamente ainda é cedo para determinar uma identidade exata para os perfis do designer educacional e designer instrucional, pois eles aparecem ainda em mutação, em composição.

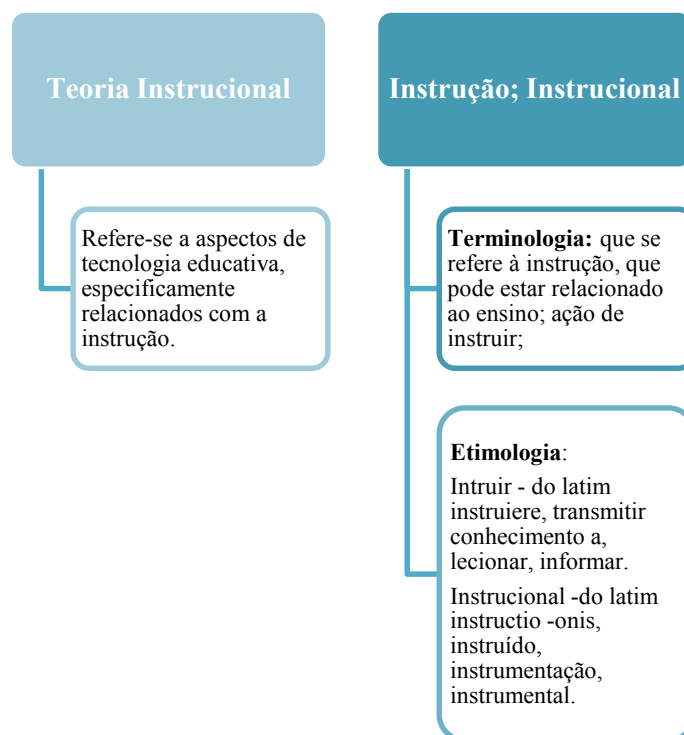
Para Blin (1997) a identidade profissional é fundamentada em um referencial comum, ou seja, em informações que representam a orientação do conjunto de ações que permitem ser compartilhadas no contexto profissional, como por exemplo: a linguagem técnica e característica empregada; a conduta profissional; as representações; e o conjunto de regras e procedimentos. Assim, o reconhecimento identitário se dá na visibilidade social, pelo mesmo grupo profissional ou por outros profissionais.

Diante disso, percebeu-se que um dos limitadores do estudo percebidos ao longo da aplicação da pesquisa é que apesar dos dados apresentados serem baseados nos discursos dos sujeitos praticantes das ações, ou seja, os próprios designers, o que demonstra assertivamente o perfil atual desse sujeito – em alguns casos verificou-se divergências nas informações dadas por designers da mesma instituição, o que pode não representar exatamente as práticas efetivamente executadas. Assim, vemos a importância de continuar a pesquisa com um olhar para as práticas e com observações de campo ao longo do tempo de desenvolvimento de cursos ou projeto de EaD diretamente nas instituições.

No entanto, partindo das teorias aqui apresentadas e nas falas dos sujeitos pesquisados, podemos relacionar estas informações para compreender melhor o designer e propor uma definição teórica sobre o tema nesse primeiro estudo.

Dessa forma, para nortear um perfil do designer instrucional, de acordo com o contexto histórico (conf. seção 2.1) e a análise terminológica e etimológica (conf. seção 2.2), colocamos de forma paralela estas informações, conforme a Figura (conf. seção 2.3.1) a seguir:

Figura 13: A relação entre o termo instrucional.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Assim, podemos dizer que o designer instrucional está relacionado diretamente com a Tecnologia Instrucional e as peculiaridades que a norteiam, em que a instrução é a base para a prática, ou seja, a ação de comunicar para que o aluno seja instruído a aprender algo, de maneira que o seu conhecimento seja avaliado ao final do processo, em forma de desempenho. Nota-se que a instrução está inserida no processo educacional, sendo uma parte do complexo processo de aprendizado que o estudante necessita para poder atingir o conhecimento desejado.

Nesse sentido é compreensível verificar as origens das relações que os designers fazem ao refletir sobre o seu próprio perfil. O respondente (I) ao comentar sobre as atividades do DI destaca:

O designer instrucional (DI) não é responsável pelo conteúdo da disciplina, não é especialista na área, mas acompanha a construção do material didático para cursos EaD ou treinamentos de empresas, que envolve análise e adaptação do conteúdo para o EaD, o livro didático, o ambiente virtual de aprendizagem, os vídeos, as avaliações, os objetos de aprendizagem entre outros. O designer instrucional adapta o conteúdo de acordo com o público a que se destina, respeitando as diretrizes da instituição. Após aprovação do professor-autor o DI encaminha o material para o designer gráfico. Após diagramado, finaliza a ordem dos materiais no ambiente virtual. (I, conf. Quadro 9)

É curioso perceber a forma processual que o designer (I) descreve as atividades do DI, etapa por etapa de maneira instrumentalizada. Outro destaque é a colocação que faz dizendo que o DI não é especialista na área, mas adapta o conteúdo de acordo com o público alvo. De outra forma, o designer (U) nos apresenta outra reflexão sobre a questão do entendimento dos termos:

A diferença está no tipo de abordagem: instrucional prioriza a memorização e o sequenciamento das atividades, educacional prioriza a construção do conhecimento baseada na tomada de decisão, na aprendizagem baseada em projeto e na resolução de problemas. (DESIGNER U)

Nesse caso, o designer é objetivo em explicar as diferenças entre o instrucional e o educacional o que vem de encontro com a Figura 13 e a compreensão do designer (I), relacionando o instrucional com atividades sequenciais. Entendemos que no âmbito das métricas pré-determinadas para o desenvolvimento de materiais didáticos para EaD, a linguagem instrucional é a característica principal do designer instrucional. Mas o que seria esta linguagem instrucional?

Como terminologicamente a instrução refere-se à técnica, ao instrumental, à transmissão de conhecimento, e instruir compreende comunicar e informar, esta pesquisa entende que o instrucional é pontual e sistemático. Filatro (2008, p. 4) destaca esta parte do processo como o nível micro, em que o designer instrucional “trabalha com o design fino das unidades de estudo”.

Deste modo, podemos entender que o designer instrucional, em diversos modelos de EaD que estão em andamento no momento, é aquele profissional multidisciplinar (normalmente não é exigida uma graduação específica, mas é necessário um diploma de curso superior) que possui experiência na área ou a certificação de um curso de design instrucional (podendo ser cursos rápidos ou especialização). Em alguns casos solicita-se conhecimento ou formação pedagógica. Esse profissional pode trabalhar remotamente ou presencialmente em uma IES ou organização corporativa. O seu papel é pontuar, nos diferentes tipos de materiais didáticos que podem ser desenvolvidos na EaD, estratégias de linguagem e métricas relacionadas ao escopo do projeto educacional para atender o perfil específico dos estudantes que aprendem a distância. Outra função do DI é garantir que os objetivos estabelecidos no plano de ensino, anteriormente planejados pela equipe pedagógica, sejam atendidos pelo professor autor. Como irá trabalhar diretamente com o texto, é importante que o profissional possua conhecimento textual avançado para atender as necessidades dos conteúdos didáticos,

o que faz com que muitas vezes o perfil dos profissionais das Letras seja solicitado para a função.

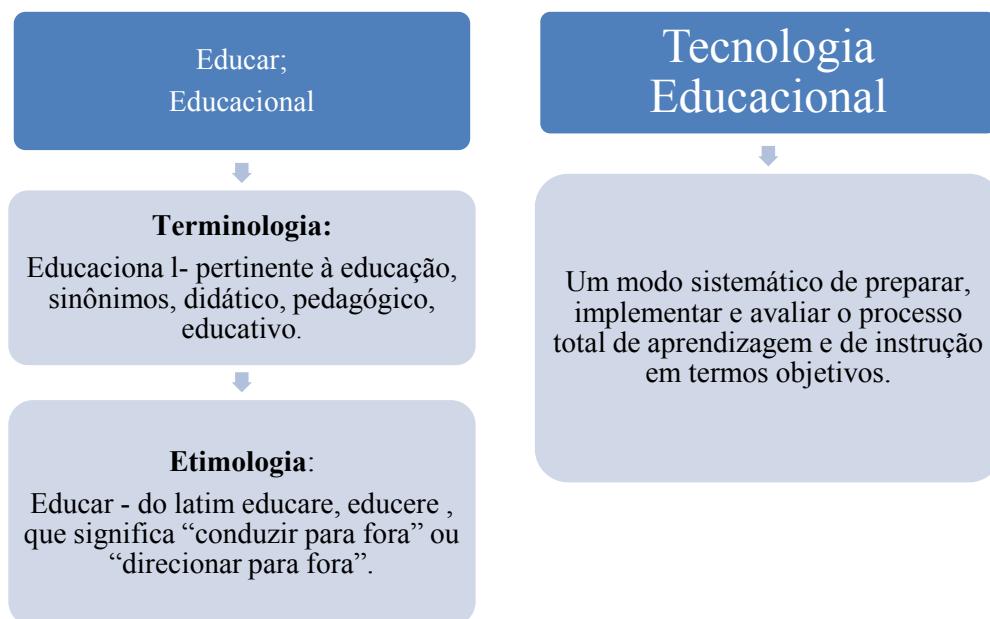
Apesar de alguns modelos de desenvolvimento de materiais didáticos não exigirem uma formação relacionada na área em que o DI atua, entendemos que como o seu trabalho é diretamente em um texto didático e específico de uma área de conhecimento, pedagogicamente tornam-se mais fluídas e pontuais as considerações ao professor autor se o designer, instrucional ou educacional, possuir a formação na mesma área de conhecimento em que a disciplina ou curso será ofertado.

Nessa perspectiva, o DI aparece como uma das partes do processo de desenvolvimento de cursos e projetos *online*. Contudo, compreende-se esta etapa como fundamental e tão importante quanto todas as outras. Assim, por se tratar da ação de instruir, é importante que o DI desenvolva habilidades para favorecer a transposição didática na adequação da linguagem nos materiais e recursos didáticos. Pois, entende-se que a indicação e orientação de ajustes na linguagem do professor autor que escreve para EaD, nada mais é do que a iniciativa de comunicação dialógica com o estudante a distância, que tem o propósito de aprender, ou seja, comunicar para instruir.

O designer instrucional, personagem primário de toda a teoria e prática aqui apresentadas, bem como historicamente evidenciados na literatura nacional e internacional sobre a educação a distância (conf. Quadro 3 na seção 2.1), mantém seu papel de importância, pois, a instrução é uma das estratégias para a efetivação do aprendizado. Salienta-se que este estudo não tem a intenção de diminuir ou desmerecer o DI, e sim apresentar suas peculiaridades de atuação e expor uma visão mais ampla dos conceitos, características e teorias que engloba esse profissional, e sua real importância na concepção dos projetos de EaD.

Nesse contexto, no que se relaciona a Tecnologia Educacional e o estudo linguístico das palavras ‘educar’ e ‘educacional’, partimos das seguintes premissas (conf. seção 2.3.1):

Figura 14: A relação entre o termo educacional.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Na terminologia e etimologia das palavras ‘educar’ e ‘educacional’, podemos compreender a prática do DE para além da instrução e apontamentos de estratégias de métricas de linguagem. Ela pressupõe uma visão macro de todo o processo de desenvolvimento metodológico de um curso *online*, acompanhando cada fase, desde o planejamento, passando pelo desenvolvimento dos materiais e recursos didáticos, até a avaliação, verificando o que pode ser mantido e melhorado para próximas ofertas dos cursos, ou até mesmo modificado durante a fase de implementação. O designer (I) respondente da pesquisa ressalta a sua compreensão do DE:

O designer educacional em IES participa da construção do curso, de forma integral, pode acompanhar o curso desde a sua concepção, do processo de autorização, acompanhamento da congregação e NDE, atua junto ao coordenador do curso. O designer educacional pode trabalhar por área, pois assim desenvolve melhor as questões tanto pedagógicas como legais. O designer educacional é um profissional multidisciplinar que precisa ter habilidade no gerenciamento de projetos, no planejamento, no desenvolvimento de modelos educacionais e nos processos de aprendizagem com o uso de novas tecnologias. (I, conf. Quadro 9)

O entrevistado relaciona o DE com as questões pedagógicas do curso, planejamento e implementação, o que seria uma perspectiva macro de desenvolvimento de projeto de EaD. Além disso, o designer (Q) em sua entrevista coloca que,

Na prática, acredito que não, pois já atuei nos dois cargos e tenho percebido como os nomes influenciam pouco na função em si. Apesar disso, no sentido mais amplo, apesar de serem sinônimos, instrução é diferente educação. O

primeiro remete a algo mecânico e o segundo tem uma abrangência maior quando pensamos nos desenvolvimento da aprendizagem. (DESIGNER Q)

O entrevistado nos mostra uma das conclusões que encontramos a partir da análise dos dados. Embora os profissionais da EaD pesquisados demonstrarem um certo conhecimento da perspectiva de que o DE e o DI são distintos teoricamente, não observa-se, contudo, esses conceitos na prática.

No caso do DE, a interação é questão primordial para a efetivação da sua prática. Na fase de planejamento, demanda diálogo com a coordenação do curso e pedagógica, a fim de definir o desenho do projeto de curso. Nas fases de desenvolvimento e implementação, requer proximidade com a equipe multidisciplinar (DI, diagramadores, revisores, tutoria, desenvolvedores web, editores de vídeos e videoconferência, entre outros), bem como com os docentes que atuaram no curso. E na etapa de avaliação, estipula mecanismos de captação de informações junto à equipe e estudantes. É importante observar que a interação também deve ser a estratégia de aprendizagem sugerida pelo DE ao docente, que atuará como mediador ativo no AVEA ou interações via videoconferência, a fim de promover o aprendizado colaborativo. Compreendemos que o educacional é construção coletiva, baseada nas diferenças, individualizando ao máximo o coletivo.

Para o perfil deste profissional, esta pesquisa compreende como necessário o conhecimento pedagógico e formação na área de conhecimento do curso desenvolvido. Isso porque, como o profissional fará parte de todo o processo, tomando decisões diretas no desenvolvimento do curso juntamente com a coordenação e docentes, faz-se necessário compreender os temas abordados para propor as melhores estratégias possíveis e os recursos de aprendizagem que mais facilmente serão assimilados pelos aprendizes.

Assim, entendemos que o perfil do DE é voltado para a complexidade educacional, desse modo percebe-se que sua contribuição é interativamente ativa em todo o processo, desde a análise até a avaliação, de modo que o DE se torna um dos responsáveis no desenvolvimento do projeto, porém não mais importante que os outros profissionais.

Na perspectiva de professor coletivo, como menciona Belloni (2003, p. 81), o docente é um “parceiro do estudante no processo de construção do conhecimento”, sendo que docente na perspectiva da autora refere-se ao professor autor e o professor tutor. Desse modo, entendemos nessa pesquisa que o DE é um parceiro do professor e do tutor, de modo que sua docência apresenta-se na necessidade do seu conhecimento pedagógico, didático e tecnológico, conforme as três dimensões explicitadas por Martinz Rodriguez (1994 apud

BELLONI, 2003). Essa visão e compreensão do profissional DE atende importantes aspectos educacionais, como comentado por Maria,

Eu acho que na minha concepção o designer educacional, como eu te falava, ele é mais adequado para a educação a distância, para a modalidade. Porque eu acho que ele abarca componentes... a impressão que dá, também não tenho a resposta, a impressão que dá é que ele consegue agregar ou ele me consegue fazer perceber mais componentes necessários para a função, né? Pelo próprio termo, né? Que para mim remete... são dois conceitos diferentes, de instrução e educação. No meu ponto de vista, se pudesse adotar como profissional, enfim eu adotaria designer educacional porque, como eu te falei, **eu acho que ele agrega mais componentes, o pedagógico, eu consigo perceber o pedagógico, eu consigo perceber a didática, eu consigo perceber o sujeito, de uma outra relação do que o sujeito da instrução. Então é mais acho... que é uma visão mais de pedagogo que eu tenho [grifo nosso].** (MARIA)

A entrevistada Maria destaca elementos intrínsecos do sujeito que se expressa do campo da Educação. Sua fala talvez nos faça desvendar os motivos das divergências que existem em relação ao perfil do DI e do DE para a prática na modalidade a distância. Pois, se a área de designer está abarcada com profissionais de diferentes áreas de formação (conf. seção 3.3) essas dúvidas também surgem de diferentes vozes de especificidades distintas e conhecimentos distintos. Em se tratando da área da Educação, de onde nasce esse estudo, há para nós aspectos importantes a serem considerados em um perfil profissional atuante na educação, como ressalta a entrevistada Maria acima, “eu consigo perceber o pedagógico, eu consigo perceber a didática, eu consigo perceber o sujeito [...]”. Desse modo, podemos questionar: a concepção de DI e DE parte da formação do sujeito? Compreendemos, no entanto, que só pelo fato do designer educacional em algum momento da história surgir, possivelmente do instrucional, já nos demonstra uma reflexão sobre a prática desse profissional.

Percebe-se, portanto, que apesar de igualmente destacados como parte do processo de execução de cursos de EaD, o DI e o DE, teoricamente, possuem características e definições distintas. Salienta-se que o DI é um elemento de instrução da linguagem do processo de desenvolvimento dos conteúdos educacionais, cabendo a ele conservar-se nesta prática. Por sua vez, o DE, por possuir particularidades mais complexas e abrangentes, tem sua atuação direcionada para o planejamento, desenvolvimento e implementação de projetos de EaD. É importante, no entanto, que esse profissional possua conhecimento em análise e adequação de linguagens textuais e midiáticas e na inferência de estratégias tecnológicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há cada ano observa-se uma crescente discussão em torno da EaD, suas peculiaridades e perfis envolvidos. As práticas do designer instrucional e designer educacional surgem como vertentes desses debates, que além de propiciar novos conhecimentos e atitudes, também possibilita uma reflexão constante sobre quem é esse profissional. No entanto, essa discussão talvez ainda se encontre no campo acadêmico filosófico, necessitando buscar fôlego no meio profissional para assim chegarmos a um consenso de sua identidade e atribuições.

De acordo com os dados levantados nessa pesquisa, a prática dos designers ainda não está indo de encontro com a teoria. Pois, apesar da teoria explicitar argumentos para a delimitação de perfil e atribuições do DI e do DE, a prática exercida em distintos campos, públicos e privados, constituem o perfil e práticas de designers que melhor atendem às suas necessidades, pois cada instituição possui a sua metodologia para a educação *online*. Assim, a atividade do DI e do DE necessitam ser esclarecidas e direcionadas a partir da análise dos aspectos que circundam os seus perfis, como propõe este estudo.

Contudo, se por um lado essa dissociação entre teoria e prática facilita a implementação de projetos e cursos de Educação a Distância com baixos orçamentos e proporcionando possibilidades abrangentes de cursos no país. Por outro, limita a concepção de um profissional qualificado e que possa ser mais valorizado no mercado de trabalho e podendo contribuir de maneira mais efetiva para uma educação de qualidade. Dessa forma, compreendemos que enquanto não se delimitar o perfil e prática do DI e do DE, o meio profissional continuará a exigir um perfil multifacetado com diferentes formações e experiências.

No momento em que conseguirmos colocar em prática as proposições aqui explicitadas, de modo que o designer instrucional e o designer educacional tenham as suas atuações e características claramente definidas e compreendidas pelos gestores de projetos da EaD, acreditamos que se tornará mais claro e objetivo o desenvolvimento dos conteúdos didático, no que diz respeito a prática destes profissionais.

Assim, ao conhecermos as especificidades do DI e do DE, tão importantes para este tipo de modalidade educacional, contribuimos na valorização desse profissional bem como para o desenvolvimento futuro da educação virtual.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, W. **O que é Design**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, SP. Ed. Brasiliense, 1988.
- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Ed. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- BLIN, J-F. **Représentations, Pratiques et Identités Professionnelles**. Action & Savoir. Paris: L'Harmattan, 1997.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. (2008) Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19/12/2005. **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/dec5.622.pdf>. Acesso em: 10 Set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**. Secretariada Educação a Distância, 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/ReferenciaisdeEAD.pdf>. Acesso em: 07 set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. Secretariada Educação a Distância- Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>. Acesso em: 07 set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Atualizada legislação que regulamenta Educação a Distância no país** - Portal MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/212-noticias/educacao-superior-1690610854/49321-mec-atualiza-legislacao-que-regulamenta-educacao-a-distancia-no-pai>. Acesso em: 15 jul. 2018.
- BRAUNER, G. **Causativos: (De)Composicionalidade & Holismo**. Tese de doutorado. Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1876/1/403624.pdf>. Acesso em: 22 set. 2017.
- BRUNER, J. **Studies in cognitive growth**: A collaboration at the Center for Cognitive Studies. New York: Wiley & Sons, 1966.
- CAMPOS, F.; ROCHA, A. R. **Design instrucional e construtivismo**: em busca de modelos para o desenvolvimento de software. In: Congresso RIBIE, 4., 1998. Brasília, DF, 1998. Disponível em: http://www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/250M.pdf. Acesso em: 26 set. 2017.

CANDAU, V. M. F. **Tecnologia Educacional: Concepções e Desafios**. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1978. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/386.pdf>. Acesso em: 11 out. 2017.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique, du savoir savant au savoir enseigné**. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1991.

COMENIUS, I. A. **Didactica Magna**. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Calouste Gulbekian - eBooksBrasil, 2001. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/didaticamagna.pdf>. Acesso em: 07 out. 2017.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4 ed. Lexikon: Rio de Janeiro, 2012.

DICIONÁRIO MICHAELIS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 22 out. 2017.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.COM. **Andrea Filatro – Designer Instrucional**. Blog de Liliam Silva. Entrevista disponível em: <http://www.educacao-a-distancia.com/entrevistas/andrea-filatro-designer-instrucional/>. Acesso em: 03 out. 2017.

FERREIRA, F.; SAPUCAIA, F. S.; RUBIM L. C.; VILLARINHOS, M. C.; PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M. E. B. **A complexidade e a complementaridade de saberes e competências profissionais na implementação de um projeto de formação de gestores escolares via internet**. In: II Congresso Mundial De Transdisciplinaridade. Vitória, ES, 2005.

FICHMANN, S. **A educação formal básica/ fundamental e a EaD**. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FILATRO, A. **Design Instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

FILATRO, A. **Design Instrucional contextualizado: educação e tecnologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

GAGNE, R.; BRIGGS, L. **Principles of Instructional Design**. 4th ed. Fort Worth, TX: HBJ College Publishers, 1992. Disponível em: <https://www.hcs64.com/files/Principles%20of%20instructional%20design.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Escolarização e cultura: a dupla determinação**. In: SILVA, Luiz Heron et al. Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 34-58.

GÓMEZ, A. I. P.. **Educação na Era Digital: a escola educativa**. Tradução Marisa Guedes, Porto Alegre: Penso, 2015. 192 p.

GORDON, J.; ZEMKE, R. **The attack on ISD**. Training Magazine, v. 37, n. 4, p. 42-53, Apr. 2000.

JOIA, L. A. **Evaluation of hybrid socio-construtivist model for teacher training**. Journal of Technology and Teacher Education, v. 9, n. 4, p. 519-549, 2001.

KENSKI, V. M.; BARBOSA, A. C. L. S. **Gestão de pós-graduação a distância: curso de especialização em designer instrucional para educação *online***. In: CONGRESSO LUSOBRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, Porto Alegre, 2007. Anais. Porto Alegre: Anpae, 2007. 12 p.

KOP, R.; HILL, A. **Connectivism: Learning theory of the future or vestige of the past?** International Review of Research in Open and Distance Learning, v. 9, Number 3. 2008. Disponível em: <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/523/1137>. Acesso em: 14 out. 2017.

LONGO, C. A. J. **A EaD na Pós-Graduação**. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MAHEIRIE, K. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade**. Interações. 2002, VII(13), 31-44. ISSN: 1413-2907. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35401303>. Acesso em: 13 set. 2018.

MATTAR, J. **Mundos Virtuais, Games e Simulações em Educação: alternativas ao design instrucional**. In: Educação e cultura midiática. (Org. Maria Olivia de Matos Oliveira; Lucila Pesce) Salvador: EDUNEB, 2012.

MILL, D.; OLIVEIRA, M. R. G.; RIBEIRO, L. R. C. (Org.) **Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques**. São Carlos: EDUFSCar, 2010.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. Trad. Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

OLIVEIRA, J. B. A. **Tecnologia educacional: uma estratégia de inovação**. In: Perspectivas da tecnologia educacional. São Paulo, Pioneira, 1977. p. 3-53.

OLIVEIRA, J. B. A. **Tecnologia educacional no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 33, p. 61-69, maio 1980. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1633/1621>. Acesso em: 14 out. 2017.

OLIVEIRA, J. B. A. OLIVEIRA, M. R. **Tecnologia Instrucional: um enfoque sistêmico**. São Paulo, SP. Pioneira, 1974.

PALÁCIO, P. **Design educacional em projetos de educação a distância: abordagens pedagógicas subjacentes**. Olhar de professor, n. 8 v. 2. P. 139-146. Ponta Grossa, 2005. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1445/1090>. Acesso em: 11 jul. 2017.

PERCILIO, A. C. M.; OLIVEIRA, P. V. **A utilização da linguagem na elaboração do material didático para EaD.** CIET:EnPED, [S.l.], Maio, 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em: <http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/98>. Acesso em: 11 ago. 2018.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia.** 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PRENSKY, M. **Don't bother me, Mom, i'm learning!:** how computers and video games are preparing your kids for 21st century success and how you can help! St. Paul, MN: Paragon House Publishers, 2006.

PRESSEY, S. L. **Psychology and the new education.** New York: Harper, 1933.

PRETTO, N.L.; PICANÇO, A.A. **Reflexões sobre EaD: concepções de educação.** In: ARAÚJO, B.; FREITAS, K. S. Educação a distância no contexto brasileiro: algumas experiências da UFBA. Salvador: ISP/ UFBA, 2005. p. 31-56.

PUSTEJOVSKY, J. **The generative lexicon.** Cambridge: The MIT, 1995.

QUARTIERO, E. et al. **Introdução à educação a distância.** 2. ed. Florianópolis: IFSC, 2010.

REIGELUTH, C. M. **Instruction-design theories and models:** a new paradigm of instructional theory. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

ROMISZOWSKI, A. J.; ROMISZOWSKI, H. P. **Dicionário de Terminologia de Educação à Distância.** Fundação Roberto Marinho – FRM/Superintendência do Telecurso 2000. Rio de Janeiro, 1998.

ROMISZOWSKI, A. J.; ROMISZOWSKI, H. P. **Retrospectiva e Perspectivas do Design Instrucional e Educação a Distância:** Análise da Literatura. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. v. 3, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/atualidade/Tecnologia/Perspectivas_Design_Instrucional.pdf. Acesso em: 26 ago. 2017.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade.** São Paulo, SP: Paulus, 2010.

SANTOS, C. **A Construção Social do Conceito de Identidade Profissional.** Interações: Sociedade e as novas modernidades. 8, 2005. Disponível em: <https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/145>. p. 123-144. Acesso em: 13 set. 2018.

SIEMENS, G. **Connectivism:** A Learning Theory for the Digital Age. ElearningSpace, 2004. Disponível em: <http://www.elearningSpace.org/Articles/connectivism.htm>. Acesso em: 26 ago. 2017.

SILVA, A. R. L. **Design Educacional para gestão de Mídias do Conhecimento.** Tese de doutorado Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SOUZA JÚNIOR, E. J. **Circulação da Instrução Programada no Brasil (1960-1980)**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - Brasil, 2015.

TRACEY, R. (2009-online) *Instructivism, constructivism or connectivism*. *E-learning Provocateur*. Disponível em: <https://ryan2point0.wordpress.com/2009/03/17/instructivism-constructivism-or-connectivism/>. Acesso em: 25 Set. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VILLARDI, R. et al. **Material didático em EaD: linguagem em foco**. Revista Gestão Universitária. 2006. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/material-didatico-em-ead-linguagem-em-foco>. Acesso em 9 ago. 2018.

APÊNDICE A – Questionário aplicado para a equipe de design de desenvolvimento de materiais didáticos

1.Gênero

- feminino
- masculino
- não quer informar

2.Tipo de atuação: (responder sobre apenas uma)

- IES pública
- IES privada
- Empresa corporativa

3.Instituição: _____

4.Qual o seu cargo:

- Designer Instrucional
- Designer Educacional
- Outro. Qual? _____

5.Há quanto tempo você atua na área desenvolvimento de materiais didáticos como designer?

- de 1 a 3 anos
- de 3 a 5 anos
- de 5 a 7 anos
- de 7 a 10 anos
- mais de 10 anos

6.Você já fez algum curso específico de formação para a atuação na área?

- não
- sim. Qual?

7.Em que circunstâncias você iniciou sua atuação na área de design para desenvolvimento de materiais didáticos?

- Como estagiário (a) contratado pela própria IES
- Como professor (a) contratado pela própria IES
- Como estudante contrato pela própria IES
- Participou de uma seleção mesmo sem ter experiência como designer.
- Pela necessidade na empresa em que trabalhava em ter um designer.
- Já trabalhava na EaD em outra função e fui promovido (a) para designer.

Outro:

8.Em seu atual local de trabalho, como foi feito o processo de seleção para o cargo?

- Edital público de seleção
- Edital interno de seleção
- Contratação pelo RH da instituição
- Contratação por RH terceirizado
- Indicação
- Outro:

9.Quais destes requisitos foram solicitados para a contratação?

- Formação na área de Letras
- Formação na área de Pedagogia
- Formação em qualquer área de Licenciatura
- Formação na área específica em que atuaria como designer.
- Mestrado ou Doutorado em qualquer área.
- Experiência com Educação a Distância
- Experiência como Designer Instrucional ou Designer Educacional.

Outro:

10.Quais são suas atribuições nas atividades como DI ou DE? (pode ser marcada mais de uma opção)

- Adequação de linguagem para EaD em materiais impressos e digitais (e-books, videoaulas, games, e outros).

- Acompanhamento e formação de professores para o desenvolvimento de materiais didáticos.
- Planejamento e análise de projeto de curso para EaD.
- Análise e avaliação de material didático.
- Seleção de recursos e tecnologias digitais para o projeto de curso.
- Seleção da metodologia para o projeto de curso.
- Implementação e avaliação de projeto de cursos para EaD.
- Outras. Quais?

11. Você atua diretamente com o professor autor? Se sim, qual o seu papel?

- Não atuo diretamente com a coordenação pedagógica.
- Realiza reunião de formação inicial, a fim de apresentar a metodologia que será empregada.
- Acompanha o desenvolvimento dos materiais didáticos feitos pelo professor autor.
- Analisa e realiza apontamentos sobre a linguagem do texto empregada pelo professor autor.
- Sugere ferramentas pedagógicas ao professor autor durante a elaboração do material didático para curso de EaD.
- Avalia com o professor autor o processo de desenvolvimento do curso ou da disciplina.
- Outros. Quais?

12. Você atua diretamente com a coordenação pedagógica? Se sim, quais as suas atividades?

- Não atuo diretamente com a coordenação pedagógica.
- Realiza reunião de planejamento inicial, a fim de estabelecer a metodologia e os critérios do curso.
- Estabelece, em conjunto com a equipe multidisciplinar, as estratégias tecnológicas e pedagógicas para o desenvolvimento do curso.
- Realiza reuniões, ao final do processo, para avaliar as escolhas e estratégias utilizadas.
- Outros. Quais?

13. Você atua diretamente com o professor que leciona a disciplina? Se sim, qual a sua atuação? (caso haja)

- Não atuo diretamente com a coordenação pedagógica.
- Realiza reunião anterior ao início da disciplina, a fim de apresentar a metodologia e estratégias escolhidas.
- Realiza reunião anterior ao início da disciplina, a fim de escolherem juntos a metodologia e estratégias que serão utilizadas.
- Acompanha a oferta da disciplina junto ao professor.
- Faz atualizações nos materiais didáticos e ferramentas pedagógicas, caso solicitado pelo professor.
- Realiza a avaliação final da disciplina com o professor.
- Outras. Quais?

14. Você atua diretamente com membros da equipe que desenvolve os materiais didáticos? Se sim, qual o seu papel?

- Não atuo diretamente com a coordenação pedagógica.
- Realiza reunião anterior ao início da disciplina, a fim de apresentar a metodologia e estratégias escolhidas.
- Realiza reunião anterior ao início da disciplina, a fim de escolherem juntos a metodologia e estratégias que serão utilizadas.
- Acompanha todo o processo de desenvolvimento dos materiais didáticos.
- Realiza a adequação da linguagem nos materiais didáticos que serão desenvolvidos.
- Elabora guias e manuais para estudantes e equipe multidisciplinar.
- Faz atualizações nos materiais didáticos e ferramentas caso necessário.
- Realiza a avaliação final da disciplina com a equipe multidisciplinar.
- Outros. Quais?

15. Você atua diretamente junto à equipe de tutoria? Se sim, quais as atividades que desenvolve?

- Não atuo diretamente com a coordenação pedagógica.
- Realiza reunião anterior ao início da disciplina, a fim de apresentar a metodologia e estratégias escolhidas.
- Realiza reunião anterior ao início da disciplina, a fim de escolherem juntos a metodologia e estratégias que serão utilizadas.
- Acompanha a oferta da disciplina junto à tutoria.

- () Faz atualizações nos materiais didáticos e ferramentas caso necessário.
- () Realiza a avaliação final da disciplina com a tutoria.
- () Outras. Quais?

16. Na sua opinião, há diferença nas atribuições do designer instrucional e do designer educacional? Por quê?

17. Em uma escala de 1 a 5, sendo 1 nada importante e 5 muito importante, como você classifica a partir do seu conhecimento e experiência na área, qual a importância do profissional do design na construção de cursos e materiais didáticos para a EaD?

18. Quais as principais dificuldades que você encontra em suas atividades como designer?

19. Você já atuou como designer em outro tipo de instituição (IES pública, IES privada ou empresa corporativa)? Se sim, havia diferença na sua prática diária?

- () Prazos mais curtos de entrega do material.
- () Prazos mais adequados para a entrega do material.
- () Havia troca de experiências com a equipe multidisciplinar (diagramadores, revisores, professores).
- () Não havia troca de experiências com a equipe multidisciplinar (diagramadores, revisores, professores).
- () Havia troca de experiência com a coordenação pedagógica.
- () Não havia troca de experiência com a coordenação pedagógica.
- () Havia planejamento para o desenvolvimento do curso e dos materiais.
- () Não havia planejamento para o desenvolvimento do curso e dos materiais.

APÊNDICE B – Entrevista aplicada com a coordenação das instituições pesquisadas**Email:****20.Gênero**

- feminino
- masculino
- não quer informar

21.Tipo de instituição:

- IES pública
- IES privada
- Empresa corporativa

22.Qual o seu cargo?

- Coordenador(a) de equipe de desenvolvimento de materiais didáticos
- Coordenador(a) pedagógico
- Outro. Qual? _____

23.Há quanto tempo você atua na área desenvolvimento de materiais didáticos como coordenador(a)?

- menos de 1 ano
- de 1 a 3 anos
- de 3 a 5 anos
- de 5 a 7 anos
- de 7 a 10 anos – em 2007
- mais de 10 anos

24.Você já fez algum curso específico de formação para a atuação na área?

- não
- sim. Qual?

25.Possui uma equipe multidisciplinar? Quais profissionais?

26.Em sua instituição quais requisitos são solicitados para a contratação do profissional de design? Por quê?

27.Qual a nomenclatura usada para o designer em sua instituição? Por quê?

28.Quais são as atribuições desse profissional na sua instituição?

29.Você atua diretamente com o designer? Se sim, qual o seu papel?

30.Quais as principais dificuldades que você percebe na prática do designer?

31.E com relação a sua prática com o designer?

32.De que maneira a ação do designer contribui para os resultados do curso ou na sua atuação como coordenador?

33.A partir do seu conhecimento e experiência na área, qual a importância do profissional do design na construção de cursos e materiais didáticos para a EaD?

34.Na sua opinião, há diferença nas atribuições do designer instrucional e do designer educacional? Por quê?

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOÃO (NOME FICTÍCIO) DA IES PÚBLICA A

Qual o seu cargo aqui na instituição?

Professor de ensino básico técnico e tecnológico, que é como todos os professores do [nome da instituição], né?

Mas e dentro da equipe de EaD?

Dentro da equipe de EaD eu sou o coordenador de materiais didáticos, é assim que fica. Existe uma coordenadoria de materiais didáticos e essa coordenadoria tem um coordenador.

E há quanto tempo você atua no desenvolvimento de materiais didáticos especificamente?

De materiais didáticos desde 2006... 2007 mais ou menos, 2007 mais seguramente. Teve alguns períodos que eu não atuei desenvolvendo materiais, que eu fiquei fora, trabalhando em agências em outras coisas. Mas eu comecei com material didático em 2007, digamos, quando começou o Aberta Sul, movimentos que começaram a UAB na UFSC, é... e de certa forma eu também não trabalhava já no começo em equipe de produção de apostilas, por exemplo. Eu trabalhava com o núcleo de direção que definia como iria ser o projeto gráfico pedagógico que os outros iriam conseguir diagramar, então eu consegui absorver bastante coisa nesse período inicial ali. Foi bem interessante assim...

E como coordenador de equipe de materiais, quanto tempo?

Aqui desde junho eu acho, quando saiu a portaria. Tenho que olhar a portaria de novo, mas acho que desde junho. Com essa equipe aqui eu entrei em abril, passou maio, e em junho eu já era coordenador de materiais didáticos.

Você já fez alguma formação específica para área de EaD ou para o desenvolvimento de materiais didáticos especificamente?

Não que eu me recorde, eu não fiz nenhuma especialização específica para área de DI ou de gestão de EaD. O que eu fiz foram alguns cursos muito pequenos de produção de materiais didáticos, acho que era um curso do Senac, cursos de qualificação de 40/60 horas, fiz uns dois... eu nem me lembro, mas basicamente o que eu consegui aprender foi da vivência que eu tive com as pessoas, da prática mesmo e da... também consegui me aprofundar bastante acho no próprio mestrado, né, mestrado em Mídia e Conhecimento. E você acaba trabalhando muito essa questão das mídias que conseguem promover a construção do conhecimento

dependendo do olhar que você tem para isso, é um olhar que basicamente é DI/DE, assim né, e ajuda bastante nisso. E como a minha formação é em Design...

Eu ia te perguntar isso agora, qual é a sua trajetória de formação?

Minha trajetória na graduação eu fiz Design, com habilitação Design Gráfico. Então é um profissional que pelo menos na UFSC, né, fica no centro de comunicação e expressão e tem uma formação muito voltada para a comunicação, é da área de comunicação, como jornalismo, publicidade essas outras áreas, é... e a gente tem umas disciplinas que eu me aproximava muito, que gostava muito, por exemplo Infodesign, ou disciplinas de Arquitetura de Informação que trabalhavam Design de Informação, então como que aquela informação pode ser trabalhada para ser melhor compreendida né, e aí tem a ver. E essa ponte de certa forma... eu costumo, quando eu olho para o DI/DE eu acabo vendo sempre assim: ou alguém da área de educação que se especializou em comunicação, da outra ponte de falta, ou da comunicação que foi para a área de educação, né? E aí como na época as bolsas e estágios que tinham eram muito na EaD, aí eu tive a chance de participar em um nível mais estratégico, mesmo como bolsista, mas você absorve muita coisa né, porque tá no ambiente de tomada de decisão, então você começa a tentar ponderar junto assim, né, e aí eu fui me inserindo muito nesse ambiente de educação, assim, então meu olhar do design sempre foi muito voltado para a educação também, e quando eu olhava e estudava as coisas eu olhava assim: nossa, isso aqui também é design, também é design... então, o meu olhar é do design. Depois eu trabalhei um tempo coordenando a equipe de material didático do e-Tec, na UFSC, quando a UFSC era uma instituição validadora de materiais didáticos pra rede e-Tec, mais ou menos quando começou né, acho que eram quatro ou cinco validadoras, instituições DI, que eles falavam né, então os institutos produziam conteúdo e tinham os especialistas, outras universidades ou institutos que tinham experiência com EaD já anterior seriam as DIs, pegariam e ajudariam a produzir esse material e aí foram produzidos diversos cadernos, assim, tem uma série de materiais produzidos nessa época, inclusive se for no repositório da Educapes procurar meu nome aparece lá em algum.

E o seu mestrado é na Engenharia do Conhecimento?

É, mas antes disso eu fiz um MBA. Eu trabalhei nesse do e-Tec, aí eu decidi sair porque, enfim, a gente fica trabalhando de bolsa e uma hora a gente quer alguma coisa mais fixa. E eu também pensei, não vou tentar uma outra carreira, daí então eu fui trabalhar com publicidade, agência de publicidade de design, uma coisa totalmente mais... um lado mais comercial. Trabalhei um tempo com isso, deu quase um ano, passei em duas agências, aprendi bastante

coisa, mas a educação me chamou de volta, é... mas ainda não diretamente, digamos. Surgiu uma oportunidade na Intelbras, eu fui trabalhar no Marketing da Intelbras, e nesse período eu comecei MBA em marketing. Então aí por isso que eu fui fazendo marketing estratégico na Univali. E enquanto eu estava fazendo esse MBA o centro de treinamento da Intelbras, que eles têm um centro de treinamento lá dentro né, que capacita os próprios clientes a utilizar os produtos, eles estavam procurando alguém com experiência para começar fazer uns cursos EaD e ajudar os instrutores a melhorar os cursos presenciais, e eu levantei o dedinho, e já me colocaram lá como analista educacional, porque não existia muito essa configuração do que vai ser... E aí depois de um tempo eu falei preciso de ajuda e tal, aí contrataram uma DI, era designer instrucional também a pessoa que veio, mas nós dois fazíamos exatamente a mesma coisa, não tinha sim, eu fazia análise do educacional ela fazia DI, a gente trabalhava junto pensando nos materiais. E aí neste momento foi uma experiência bem diferente porque é... não era produção de material como era a produção de livro né, que recebe o conteúdo bruto, roteiriza aquilo, põe os recursos instrucionais e depois nem acompanha como é que foi a oferta. Então, dentro da indústria, por exemplo, que a gente tinha um treinamento que é *incompany* ali, você ia lá na extração, tinha que ir lá no engenheiro que sabia ou do conteúdo para trabalhar como analista de treinamento que ia produzir material, ia elaborar o curso, e trabalhar do lado dele para planejar como é que iria ser essa experiência de aprendizagem. Os materiais, as dinâmicas, os cursos, as avaliações, tudo, todo o planejamento. Aí eu fiquei mais ou menos um ano, um pouco mais de um ano nessa função ali de... no centro de treinamento, e depois eu decidi sair pra fazer o mestrado. Decidi, não vou realmente investir, tava estagnando um pouco também já, e daí eu fui fazer o mestrado em Mídia e Conhecimento no EGC, Engenharia e Gestão do Conhecimento. E aí no mestrado eu pesquisei sobre visualização do conhecimento, que não tem a ver necessariamente com DI, mas é a junção além do design com informação e com visualização de um recurso visuais para explicitar o conhecimento.

Você possui aqui uma equipe multidisciplinar. Eu queria saber primeiro quantos DIs você tem e quem faz parte dessa equipe multidisciplinar além deles.

Se eu não me engano, é que eu tenho... eu sempre tenho que contar porque como os DIs hoje na Instituição aqui são bolsistas, né, a gente não tem, ainda, é uma briga minha, o DI servidor. Mas a gente tem cinco DIs na equipe atendendo mais de 20 projetos simultâneos, é... cada curso é um projeto e tem algumas outras demandas que entram também como o projeto também, mas são outros projetos, que daí para a gente entra também como projeto, mas na

nossa escala ali teriam cinco DIs que estão atuando e atendendo mais ou menos cinco projetos ou cursos diferentes, que dá mais ou menos umas 50 unidades curriculares simultâneas, é bastante coisa para a quantidade de profissionais que tem, não estou nem falando da configuração da equipe. Inclusive eu estava estudando estes dias para comentar com gestão, porque o que acontece, né, você acaba tendo um trabalho de DI que é mais de... até de... coordenação das entregas e organização do trabalho do que de mergulho no conteúdo de DI efetivamente ou DE, enfim, né, de trabalhar a transposição efetivamente, é mais assim entregou não entregou, perai vamos colocar no ambiente, não colocou no ambiente, já fez, não fez, então é mais uma coordenação dos materiais e das entregas de como é que as coisas estão para organizar, mas uma organização por falta de tempo mesmo. Em algumas unidades a gente percebe que a gente consegue ter tempo, e daí quando a gente tem tempo, inclusive às vezes mais de um DI consegue mergulhar, pensar junto alguma coisa, aí a gente consegue pensar em outros recursos. Então a gente pega aquele material bruto e... não isso aqui tudo junto, vamos transformar num vídeo! Ah, não isso aqui tudo junto, vamos fazer num infográfico! Quando a gente tem um tempo assim a gente consegue trabalhar nessa estrutura, aí acompanham os cinco DIs né, até pouco tempo nós tínhamos só um programador visual e uma assistente administrativo que atua como DG, dois servidores, e a gente conseguiu agora também chamar mais servidores de concurso, entrou mais um produtor multimídia e uma técnica em produção audiovisual que dentro da equipe multidisciplinar talvez seria os DGs, mas eles têm as suas especificidades também né, uns mais pra parte do gráfico e os outros mais pra parte multimídia e de vídeo. E também tem um bolsista DG, então tem também cinco DGs, se for juntar todos esses como profissionais DGs, né. E uma revisora textual ortográfica, porque de certa forma o que acontece, a gente tem percebido também né, mas como a gente não tem a dinâmica de produção conteudista, produção de material, diagramação, aquele fluxo tradicional, a gente tem muito o DI de reutilização de objetos, de costura desses objetos, e um pouco de autoria ali no meio, a carga de revisão dela é grande, mas ela acaba sendo um pouco reduzida porque você não tem um livro de 60 páginas para revisar, porque aquele livro já veio de alguém que já revisou, então você tem na verdade os textos de costura, as orientações de atividades, planos de ensinos, documentos e outros mais produzidos, o próprio ambiente pra ser revisado, então a carga textual de revisão é um pouco menor assim, porque se fosse produção de livro por exemplo, mas ainda sim outro revisor seria bem-vindo. Mas a equipe então hoje tem DIs, DGs, produtores multimídia e revisor.

E aí eu estruturei uma das primeiras coisas ali quando entrei na equipe, pela própria dinâmica ali do trabalho, o DI na verdade ele é o fio condutor né, ele faz o contato inicial e ele acaba acompanhando todo o processo, mas o DG ele não espera uma demanda do DI pra fazer proposições ou para mergulhar no material junto, o DG ele mergulha, é uma coisa que tento reforçar com eles, e um pouco de quebra do processo mais tradicional, mas ele mergulha no material junto com o DG para já fazer proposições e já começar a pensar em recursos, junto com o DI, lá no começo quando já tava discutindo o planejamento inicial de como é que vai ser a unidade, por exemplo. E aí o que acontece é que o próprio... que vai um pouco da formação do daí né, às vezes tem algumas alguns cursos de DI que trabalham conteúdos de DG, por exemplo né, formatação, fonte, hierarquia de informação, mas isso não significa, por exemplo, que um DI é um DG, por exemplo né, pra entender o que é possível. Mas muitas vezes um DI vai olhar para um texto e não vai conseguir extrair dali um infográfico, olhar para isso e: “Nossa, isso aqui poderia virar um infográfico!” Alguns sim, alguns conseguem desenvolver isso. Mas o DG, ou quem trabalha com isso, com a construção desses objetos, talvez vá olhar para o material bruto já, não isso aqui já é mais fácil de trabalhar, então por isso que o olhar é sempre junto assim, não ficar esperando uma demanda do que poderia ser produzido né. Então, às vezes tem um texto ali que tem, sei lá, um apanhado histórico de alguma coisa, geralmente os DIs já têm uma indicação de que pode ser uma linha do tempo, mas o DG já olha e já começa a produzir, pensar junto, não vamos fazer uma linha do tempo, ah, vamos trazer vídeo para colocar junto aqui, já tenta construir junto.

Aqui na instituição pública a gente tem essa ponte que a gente precisa fazer com o planejamento para EaD, que é aquilo que a gente tava conversando antes né, do professor do presencial pensar na dinâmica da EaD não é só pensar em produzir materiais, mas ele tem que pensar em toda essa experiência que o aluno vai ter, a interação mesmo do aluno. Então o DI acaba também trabalhando mais, no sentido de não fazer materiais especificamente, mas apoiar ali no planejamento na organização, sugestão de atividades, como é que pode ser, ah, isso aqui ficou muito pesado talvez para esse perfil de aluno, vamos trabalhar aqui com isso, então é quase que uma consultoria, uma assessoria que ele faz com o professor, e a gente tenta trabalhar aqui com situações aqui que são um pouco complexas, porque aos mesmo tempo que a gente absorve esse apoio e produz muita coisa, a gente também tenta propagar isso para que os professores consigam também absorver um pouco disso e fazer por conta, aprender nesse processo e fazer algumas coisas né, então, por exemplo, inserir coisas no ambiente, parte a gente começa a inserir e parte a gente diz você mesmo pode fazer. É claro que, por

exemplo, professores bolsistas que vêm ficam um mês e vão embora, a gente não consegue e nem vale a pena a gente perder tempo às vezes em tentar desenvolver porque a gente acaba não otimizando né, mas edital de apoio, que é uma coisa que a gente faz, que a gente tem um semestre inteiro para produzir material com os professores, a gente vai capacitando eles para que eles também vão tendo consciência e absorvendo um pouco dessa ideia do planejamento. Tem um professor de Caçador que participou com a gente no semestre passado que compreendeu a dinâmica do planejamento da EaD com as experiências que ele teve e com as possibilidades de recurso. Depois de planejar o curso ele ofertou o curso, e quando ele tava ofertando ele percebeu, ah, aqui eu podia ter posto outro recurso, aqui eu podia ter posto outra coisa, então ele produziu, ofertou e agora ele está produzindo outra unidade, que não é essa, mas ele já está com outras ideias porque ele teve a experiência de produzir e ofertar, e inclusive ele formou um grupo de trabalho lá no campus dele, com outros professores de cálculo para produzir objetos de aprendizagem com o planejamento e a visão da EaD, então ele tá já propagando aquilo, falando com os professores como que eles podem pensar em materiais que seriam mais materiais de reforço, por exemplo, para alguns alunos como atividade. Então, você vai vendo como ele pegou a dinâmica e foi por conta própria né? Uma das últimas perguntas que ele, é, me recomenda uma câmera para eu comprar para que eu possa começar a produzir algumas coisas aqui. Então, você vê como ele vai criando uma autonomia de certa forma, né, isso não tira eu acho a responsabilidade e a função do DI, mas o DI ou o DE ele começa a ficar mais estratégico que é uma coisa que eu acho também que a gente começa a fazer. Então, a gente passa de ser, digamos, o profissional que coloca as coisas no ambiente virtual, o que formata alguma coisa, porque isso ou alguma ferramenta faz, ou uma pessoa consegue fazer é uma questão de desenvolver essa habilidade, mas passa a ser alguém especialista realmente que pode contribuir na estratégia do negócio. Como que você vai pensar isso, como que você vai fazer isso, então em vez de ficar lá diagramando texto para lá, para cá, tem tempo de produzir um infográfico, por exemplo, outros recursos mais complexos.

Quais os requisitos que a instituição hoje pede para contratação de DI?

Hoje a gente tem contratação de DI por programas de fomento, cada programa de fomento tem uma exigência específica. Por exemplo, para a UAB é como professor conteudista formador, então exige que ele tenha mestrado mais um ano de docência ou três anos de docência, então nisso a gente já exclui às vezes alguns profissionais competentes, mas que não poderiam participar. Quando eu entrei a maioria dos editais pedia a graduação em

pedagogia ou licenciaturas e eu pedi para tirar essa exigência, né? Em que sentido? Aquilo que eu tinha falado para ti antes. Eu vejo que o profissional de DI ele pode ser alguém que vem de educação e se especializa na comunicação ou alguém da comunicação que se especializou na educação, que é uma coisa que acontece muito em nível de especialização mesmo. Então, normalmente os últimos que eu tenho feito e também porque os editais têm pouco... não tem muitos candidatos né, os valores às vezes não são muito atrativos, mas a gente sempre coloca graduação em qualquer área e experiência de um ano como DI. Porque que eu coloco experiência de um ano como DI? Para que a pessoa venha e já consiga pegar o ritmo do trabalho, porque com a demanda que a gente tem hoje a gente não teria tempo às vezes de capacitar alguém do zero para começar a trabalhar alguma coisa. Talvez com o aumento da equipe e a estruturação melhor dos processos, que os processos também ficam confusos no meio disso a gente trabalha... tem retrabalho por erro de processo, mas... talvez com o aumento e a melhora disso a gente consiga daí sim criar uma estrutura que a gente consiga absorver mais pessoas pra capacitar. Mas de forma geral o perfil que a gente solicita é graduado em qualquer área com experiência de um ano com produção de material ou como DI, né. Quando não tem essa especificidade, antes os editais solicitavam especialização na área de EaD ou de DI, e a gente já teve... eu já participei de algumas seleções que a gente teve candidatos assim com especialização, mas que nunca tinham efetivamente produzido nada, né? E aí para a gente aqui naquele momento ficava complexo porque realmente a pessoa não ia já conseguir entrar e começar a trabalhar, ela ainda teria que ser capacitada para o trabalho, o que é uma coisa bem complexa de se falar quando você pensa em ensino profissional né, a pessoa tem uma série de especializações, especificidades e ela não conseguiria chegar contribuindo já, mas não que a gente faça isso em cima de suposição na entrevista né, mas normalmente a gente pede assim “Ah, o que você faria nesse caso, como é que você faria aqui?”... A gente tem essa situação... Então para entender se a pessoa já conseguiria responder a determinadas situações ou se a gente teria que orientar, né? Mas, em todo caso, todo DI que entra ele acaba sendo acompanhado pelos outros DIs e todos se capacitam juntos e vão crescendo juntos ali no grupo. A gente tem hoje ali a participação da Ivânia, que é servidora do [nome da instituição] mas que tá trabalhando um tempinho com a gente como DI, e ela tá nessa dinâmica mais ou menos assim, ela tá absorvendo da prática e tal, e aí absorvendo ali do que ela está produzindo dos professores que ela tá atendendo com apoio dos outros DIs. Agora ela se inscreveu numa especialização de DI, então ela gostou do negócio e ainda está pensando em se capacitar. Eu falei um monte mas não sei se te respondi, mas como processo

seletivo eu tento abrir o máximo possível. E aí na hora da seleção eu tento identificar esse perfil assim sabe, não quer dizer que candidatos sem experiência não... experiência profissional, não tivessem oportunidade, no nosso caso aqui com certeza teria, mas considerando que o cenário que a gente tem hoje, e ainda considerando que existem candidatos interessados com esse requisito, a gente manteve o requisito de um ano de experiência.

Você sabe me dizer o porquê da escolha do termo designer instrucional aqui na instituição?

Aqui... primeiro que eu acho que é uma coisa que já tinha na Instituição, então eu entrei e não quis alterar, de certa forma. Por outro lado, também, quando eu entrei o apoio pedagógico era um pouco mais forte, então na minha visão tava uma coisa parecida com que eu visualizava na empresa que eu trabalhei, que tinha analistas educacionais e designers instrucionais. E aí a analista educacional trabalhava com o designer instrucional juntos para conceber a estratégia didática dali, então, por exemplo, tudo que envolvia projeto pedagógico, planejamento de atividades, de recursos, níveis, enfim... o analista pedagógico tava presente. E o analista, na estrutura dessa empresa ele ficava então, apoiava nesse planejamento inicial aqui para esse direcionamento pedagógico e depois lá na operação para o direcionamento da oferta. E o DI então de certa forma bebia também dessa fonte pedagógica. Aqui quando eu entrei eu vislumbrava um pouco essa estrutura, assim, talvez que a gente tivesse uma coisa muito similar, mas no fim o DI acabou absorvendo toda essa parte de planejamento, de que quando a gente lê e tenta diferenciar DI de DE, o DE que faz o desenho... o design educacional seria essa atuação pouco mais ampla, né, então desde o planejamento de como é que tá essa experiência pensando na realidade do aluno, enfim. E que o designer instrucional seria mais focado em algo específico, de um material específico ou de o roteiro de alguma coisa específica. Mas também já estive em outras discussões dessas, participando mais como ouvinte, né, dessa diferença, e o instrucional vem muito da origem do Design Instrucional mesmo, lá da época da guerra e tal, né, que eram instruções de operação de armas e tal, e instrução para uma tarefa específica. Então, parece que se vem... carrega essa coisa da instrução, de que é algo específico, mas eu acho que o próprio conceito também tem o seu tempo, né, claro que ele carrega o nome que tinha na... enfim, ele tem uma origem, né, no momento da história mas, ao menos no meu ponto de vista, ele também se atualiza com o passar do tempo. Então às vezes a gente acaba até querendo dar um outro nome para outras coisas, e no fim a própria prática já se mudou. Eu imagino que a forma com que se fazia

instrução de materiais para determinada arma de guerra lá é bem diferente do que se faz hoje de Design Instrucional, sabe? Então, não quer dizer que porque você usa o nome instrucional hoje que se faz o instrucional de antes. Mas por outro lado também tem uma confusão muito grande, porque daí como você entra na área da Educação, e aí a Educação tem, digamos, essa... trabalha muito forte essa coisa dos termos, dos conceitos e dos significados de cada um desses conceitos, e instrução vai levar para o instrucionismo e parece que você não tá desenvolvendo um ser crítico, enfim uma série de coisas, né... o educacional casa melhor pensando no resultado desse trabalho, pensando no trabalho que é feito e no que se espera lá na frente, não se espera só produzir alguma coisa para que o aluno opere uma máquina, por exemplo, mas não, o planejamento também ele vai envolver uma série de outras competências, digamos. E, em relação aqui à instituição, eu entrei e eles chamavam de Design Instrucional, eu acho que um pouco até se herda de referencial de equipe multidisciplinar ou alguns termos legais ainda usam Design Instrucional. Hoje na CBO DI e DE aparecem com o mesmo número, né, os dois aparecem como se fossem a mesma coisa. Na empresa que eu trabalhava era DI, na Intelbras era DI, mas quando eu trabalhava como freelancer para várias outras empresas, até consultoria que fiz para uma empresa de São Paulo, eu sempre usei DE, porque aí eu entendia que o meu trabalho era maior, e eu queria também vender essa ideia de que era um trabalho mais amplo, de que envolvia também análise, planejamento, mergulho na realidade do aluno, uma série de outras coisas, né? Aí, em relação ao instrucional, quando eu entrei aqui eu percebi que tinha uma confusão com o termo do plano ou projeto instrucional, que alguns professores entendiam que o plano era instrucional, que o plano era uma instrução para algo, e não instrucional de herdado do Design Instrucional. É evidente que aquele plano, aquele projeto ele tem orientações para você implementar o projeto, como qualquer projeto ele tem orientações para implementação do projeto, ele tem instruções, orientações, diretrizes, enfim, mas o instrucional não tá relativo ao plano, né, que o plano é uma instrução de como algo deve ser feito, e sim relativo à atividade de Design Instrucional. Você vê ali como instrução ele acaba confundindo mais do que facilitando o entendimento do que esse profissional faz, toda vez que entra alguém aqui novo e que não tem experiência com EaD... quem tem experiência com EaD pergunta: DI ou DG, tá é designer instrucional, mas o que faz um designer instrucional? Aí você tem que explicar o que faz um designer instrucional, talvez se o termo já fosse designer educacional meio que a pessoa faria uma associação mais fácil, assim não, designer educacional que projeta uma experiência educacional, enfim, nesse sentido... estou vislumbrando essas coisas.

Você já mencionou um pouco sobre as atividades do DI aqui no [nome da instituição], mas você poderia colocar de uma forma mais específica quais atribuições estão no edital para a contratação do profissional de Design Instrucional?

Eu vou tentar juntar pensando no fluxo, mais menos no processo, né? Mas uma das primeiras coisas, ele precisa acompanhar o cronograma do curso para estar ciente de quando que as ofertas vão iniciar, e aí é atribuição do DI dentro da nossa instituição fazer contato com os professores pra iniciar o trabalho, iniciar trabalho é iniciar o planejamento da Unidade. Então, a gente tem situações diferentes, situações que são unidades que já existe o material, ou já existe ambiente pronto, ou unidades que é do zero, que ele precisa produzir ou buscar em repositório. E aí o DI inicia esse contato e inicia esse planejamento prévio, digamos. Outra atribuição seria então sinalizar a equipe, principalmente o DG, que esse professor efetivamente começou a trabalhar e já começou a entregar alguma coisa para que os outros profissionais da equipe, DG e reprodutor multimídia, possam mergulhar junto com ele no material e já começar a fazer sugestões. Tem uma coisa que acontece muito que é a função de orientar os professores, então o DI ele tem que conseguir orientar eles na questão da modalidade além da distância. Então orientar no sentido de o que pode acontecer lá na frente, de ter ciência de que, se eu coloco um chat avaliativo, então lá na frente você vai ter que ter um critério bem claro de como é que você avalia com pessoas falando ao mesmo tempo no chat, como é que você vai avaliar essa participação. Orientar então os professores nessas estratégias, na escolha dos materiais e nas estratégias adotadas. Aí, tem a questão de trabalhar o conteúdo em si, pensando na linguagem que chegue próximo dos alunos ou pelo menos da... do perfil, dos diferentes perfis de alunos que o curso tem, propor coisas diferentes, extras, com recursos extras, do tipo... ah não, esse material aqui tá legal, é um livro que a gente encontrou um pedaço de um livro com direito que a gente pode utilizar, mas pode ser que os alunos tenham dificuldades porque é sobre estatística, então já vou procurar também um vídeo que complemente isso e fale a mesma coisa para reforçar, porque ele pode estudar tanto lendo livro como vendo vídeo, ou já vou também elaborar um mini game que reforce algum desses tipos de conteúdos. Então, ele tem que ter esse olhar também, não só da linguagem para aquele aluno, mas também... será que esse conteúdo aqui... qual parte desse conteúdo pode ser crítico e eu posso desenvolver outros objetos para facilitar o processo, né? A questão de avaliação aqui os DIs acabam acompanhando um pouco mais, eu tento reforçar que eles não fiquem muito tempo nos instrumentos de avaliação é porque, querendo ou não o docente também precisa ter essa competência de saber elaborar instrumentos de avaliação,

mas a gente perde às vezes muito tempo revisando questão, formato de questão, estrutura de fórum, como é que vão ser os instrumentos, e no fim a gente perde tempo com isso e não consegue avançar no material, por exemplo. Então, você às vezes não tem nem um material bom e nem uma avaliação boa, aí nesse caso, como é uma equipe de material didático, a gente foca na produção dos materiais em si, e aí quando a gente consegue, a gente aprofunda um pouco também nos instrumentos de avaliação pensados pelo professor. Mas inicialmente já tem uma orientação do tipo assim, ah um fórum avaliativo toda semana. Calma, talvez não dá para fazer um fórum avaliativo toda semana, vamos fazer dois fóruns. Tá, dois fóruns, aí ele vai propor o tema do fórum. É um tema que dá pra discutir? Então, esse tipo de análise o DI faz, essa atribuição de analisar a proposta de cada instrumento. E também pela quantidade que te falei, o tanto de unidades que a gente atende ao mesmo tempo às vezes não dá também para mergulhar a ponto de conseguir propor outros recursos, né, numa estratégia que eu entendo que seria uma estratégia mais Cross Mídia, que é você ter a mesma informação, mas trabalhada de diferentes formas pra você também atender diferentes perfis e até numa estratégia que promova mais acessibilidade, né? A gente tem hoje alguns alunos que já têm requisitado pra gente os materiais em forma de áudio, para que eles possam ouvir em vez de ler. A gente pode fazer podcast, fazer audiodescrição, mas a gente já tem um radar, tentar permitir essas diferentes linguagens para atender esses perfis, até para facilitar, justamente o que eu tinha te falado, né? Uma pessoa tá estudando num ambiente extremamente ruidoso, tipo no ônibus de volta para casa, tentando se concentrar em uma leitura, às vezes não dá, mas ouvir o livro talvez ele consegue com um fone de ouvido, porque aí ele se bloqueia do mundo exterior e consegue se concentrar ali naquele áudio, né? Então tentar fornecer um material de diferentes formas, então entra um pouco também nessa visão do DI sempre ali, né, sempre olhando o perfil do aluno. É.. e por fim tem, acho que é essa atribuição do DI, de fazer o que mais toma tempo que essa organização e essa coordenação do fluxo, material veio e foi para cá, foi para lá, já entregou, tá pronto ou não tá pronto, a unidade está pronta, pode começar então a arrumar a coordenação a nível de Unidade, digamos do que acontece do vai e vem dos materiais, esse fio condutor da estratégia, né?

Você trabalha diretamente com os designers? Se sim, qual o seu papel?

O que eu tento fazer não é fazer uma coordenação tipo gestão de projetos, que é cuidar do vai e vem do fluxo dos materiais e ver o que tá vindo e o que não tá vindo e tal, não é fazer só isso, não que fosse pouco né, gestão de projetos eu trabalho um monte, mas eu tento aproveitar também a experiência que eu tenho para contribuir um pouco em cada um, de

alguma forma. Então, dependendo se eles têm alguma dificuldade, não tô conseguindo alguma coisa ou às vezes tão sem ideia, fazer uma direção de criação, às vezes se é parte de design eu tento fazer uma direção de arte, tento direcionar alguma coisa. Então, tem gente produzindo um vídeo aqui, e tem gente produzindo um infográfico lá, então calma, gente, está com linguagem diferente, vamos tentar harmonizar isso, então tentar fazer os casamentos das diferentes coisas que a gente produz e tentar também promover a geração de diferentes ideias assim, sou... tento ser um engajador ali dentro da equipe para que trabalhem juntos, assim. Então eu não me preocupo muito com ficar acompanhando o vai e vem, a gente tem o Trello, eu uso o Trello e acompanho o vai e vem das entregas, né? E também tô copiado em praticamente todos os e-mails que vão e vem, eu entro mais efetivamente quando acontece algum problema. Começa na semana que vem, a professora ainda não entregou, já falei com o coordenador do curso, o coordenador de curso eu já tentei falar com ele, ainda não entrou, aí eu vou falar com o coordenador de curso para ver o que pode ser feito, enfim, para estender cronograma, não dá, então quando é uma coisa que... um problema grande, digamos esses pepinos aí, eu entro mais efetivamente para tentar resolver. E no mais, então, eu fico num olhar tentando também desenvolver formas de amenizar ou reduzir o trabalho mais operacional da equipe, tentar automatizar algumas coisas e tirar algumas coisas da equipe, produzindo capacitações ou outras orientações, ou materiais ou coisas desse tipo, naquela linha que eu tinha te falado, assim, de, por exemplo, ah...eu preciso mudar essa data dessa atividade aqui no moodle e tal, não tem tutor pra me auxiliar é o professor mesmo, não precisa o DI fazer isso, o professor pode fazer, a gente já tem um guia que faz, então isso vai auxiliar reduzindo carga de coisas da equipe, né? E também a articulação com..., aí a articulação com as ofertas EaD que estão sendo ofertadas pelo Instituto, a articulação com a coordenação de articulação e com os outros campus pra justamente conseguir fomentar a produção de materiais nos campus, e que a equipe aqui consiga ficar num nível estratégico pra objetos de alta complexidade em um cenário mais ideal, digamos, que cada campus pudesse produzir o seu próprio material, enfim, e que a gente conseguisse ao mesmo tempo apoiar, orientar, tirar dúvidas e trabalhar em conjunto nessa rede, mas que o núcleo ficasse como um núcleo de produção também de objetos de complexidade maior, possivelmente para frente games, simuladores, realidade virtual, realidade aumentada, essas outras frentes. Então, no momento com a equipe eu vou trabalhando isso, vou trabalhando a forma com que eles vão atendendo também. Então, isso de evitar às vezes ficar fazendo muito pelo professor para ver se ele consegue também desenvolver um pouco e fazer é mais ou ao mesmo tempo também não

deixar de fazer porque senão vai ficar sem, então é uma coisa que é difícil porque, se você diz assim não vou fazer, o professor tem uma experiência negativa e então ele nunca mais vai querer fazer EaD, e se você faz tudo, ele fica mal acostumado, ele nunca vai querer fazer nada, então cada caso é um caso, eu vou ponderando e eu sempre tento contextualizar muito bem eles da realidade de cada curso. Então, esse curso aqui a gente tem esse contexto, esse perfil de professor, toma cuidado quando falar com eles porque eles podem ficar sentidos se você fizer críticas no conteúdo, esse perfil é um pouco mais sensível nesse sentido, e tal. Ah, esses professores aqui são muito abertos pode falar, eles são gente boa. Então, eu tento ir nessa linha assim, e tentar casar tudo com todo mundo.

Dentro daquilo que você já conhece e toda experiência que possui, quais são as dificuldades que a sua equipe aqui no [nome da instituição] possui para desenvolver a prática?

Eu acho que o distanciamento dos alunos. Apesar de serem alunos na nossa própria instituição, a gente ainda não tem um canal muito próximo para conseguir ficar extraindo um pouco, a gente ainda não tem, talvez, um processo mais bem definido desse feedback, do que a gente produz. Então, por exemplo, às vezes a gente tem ideia de que está produzindo materiais muito bons, e tá legal, mas a gente está com índice de evasão porque o curso está difícil, mas a gente precisa entender se esse difícil é porque o material tá complicado demais, a gente não conseguiu chegar na linguagem dele, ou porque os professores foram exigentes demais nas atividades, ou o que que é, né?

Mas eles têm acesso ao perfil do aluno antes de iniciar o trabalho ou não?

Não, eles têm. Isso eles têm. Eles têm acesso ao perfil do aluno, a gente sempre fala com os coordenadores, a gente estuda o PPC em conjunto, de certa forma, para ver qual é a proposta do curso. É, mas... enquanto o curso está em andamento, aí eu tento trazer também bastante para eles o que tá acontecendo, assim. E também, acontecem mais vezes os feedbacks positivos, eles são mais comuns do que os negativos, que eu tento trazer também, assim, olha os alunos estão elogiando muito, eles estão adorando o material, não sei o quê, não sei o quê,... então, pra incentivar a gente a continuar com essas coisas que já são boas, né? Outra coisa que eu acho que talvez tenha dificultado bastante é a questão da própria demanda que a gente tem, e da diferença de projetos. Por exemplo, quando a gente atende uma especificidade de Mediotec é completamente diferente de atender o professor da UAB, e é completamente diferente de atender um professor de oferta própria, do próprio Instituto. Primeiro porque, por exemplo, o Mediotec ele recebe por hora, então o professor vai receber por uma unidade de

40 horas, 40 horas. Se ele gastar as 40 horas na produção de material, ele não vai querer ofertar a unidade, não vem mais conteudista, né? Mas se ele perde essas 40 horas na produção da unidade, que já aconteceu... teve professor que me disse: “Não, já me pediram demais, agora vocês que ministrem porque eu já gastei as 40 horas”. Então, de certa forma, você não consegue exigir trabalho demais, porque ele está sendo pago por horas, mas também tem esse equilíbrio. Na UAB é diferente porque ele recebe bolsa fixa pela carga horária da unidade, né? Não fica explícito que é por horas de trabalho, na verdade é para cada quinze horas da unidade, mas você consegue trabalhar melhor com eles, inclusive chamar, assim, dois meses antes para planejar e tal. E a oferta própria é um cenário que a gente quer que os professores consigam absorver um pouco do que a gente faz. Então, ao mesmo tempo que a gente trabalha, a gente capacita no trabalho, então a dificuldade é essa de fazer, mostrar como fazer e fazer eles fazerem esse ciclo, assim, para ir tentando desenvolver. Então a dificuldade está nessa diversidade, eu acho, de cenários que a gente tem, a quantidade de demanda que a gente tem, e aí gente não consegue muitas vezes olhar para o mesmo... pro negócio com o tempo e a qualidade que a gente gostaria, assim, tem coisas que a gente tem que fechar o olho e vai... O que eu costumo falar é que é o pastel de queijo que alimenta, mas às vezes não é o pastel mais gostoso, mas alimenta, então a gente às vezes a gente faz pastel de queijo, então vai, sabe... não deu... não deu pra fazer um de pizza, nem pra por um oreganozinho...

E com relação a sua prática com os designers, quais as dificuldades que você encontra para fazer essa gestão com eles?

Não sei se eu tenho alguma dificuldade de coordenar a equipe. O que eu percebo é que a gente tem profissionais que têm experiências diferentes, e eu diria que... escolas diferentes. Alguns são mais do lado mais criativo, e aí eu me aproximo bastante, porque eu gosto de promover isso, né, de pensar diferente outras coisas que a gente poderia fazer. E outros profissionais já são mais da regra, por exemplo, do protocolo, do processo. Não, calma, este curso aqui tem duas atividades, então ele só pode pensar duas atividades. E que eu entendo que a gente precisa definir, e eu consigo trabalhar bem isso também, não, esse curso tem duas atividades, não dá pra pensar mais, eu consigo definir. Mas aí, quando surge a oportunidade, o momento às vezes, esse perfil às vezes não consigo trabalhar, não, vamos pensar alguma outra coisa, ou do tipo, não, vamos trabalhar só com objetivos, Taxonomia de Bloom, só isso. Não, mas aí tem um professor que é da linha da educação, às vezes não é a mesma linha que ele trabalha, então calma, talvez não dá para trabalhar exatamente isso, vamos ver o que o professor tem para falar porque nem sempre a nossa verdade é a verdade, né, então ir costurando dessa

forma. Então, eu acho que, se eu fosse levantar alguma dificuldade hoje, seria um pouco essa diferença, mas que não é uma dificuldade na verdade, é o que é bom, que tem os profissionais mais criativos e tem os profissionais que são mais analíticos e que eu acho que ele é o ideal, que equilibra a equipe, né? E aí o que tem de dificuldade hoje não seria mesmo de perfil, seria de tempo, porque eu já quis marcar várias vezes reuniões para a gente discutir os projetos mais complicados... tô pensando... tentando pensar em dificuldades, mas que tem mais facilidades, né? O fato de todos trabalharem juntos, a gente vai somando muito esforço. Na verdade o trabalho poderia ser melhor se a gente tivesse mais tempo e conseguisse mergulhar, não só um DI, um DG, mas às vezes a equipe toda ou parte da equipe, numa demanda que para a gente já tá... a gente já consegue prever, porque em produção de material é sempre antes, né? Então a gente consegue antecipar que talvez vai ser complicado, então eu tenho um conteúdo denso de matemática financeira para alunos que estão no segundo ano do ensino médio que já têm uma defasagem na matemática, eu já consigo prever que ali vai ter uma certa dificuldade e o professor já pode vir com o material adequado, mas dá para juntar todo mundo e pensar em vários recursos e a gente produzir uma série de coisas interessantes ali, se a gente tiver um tempo e conseguir juntar as cabeças e sair com esses encaminhamentos, né? A gente tem muito capital ali, mas a gente não consegue o máximo por conta disso.

O que você almeja dentro do seu trabalho relacionado com a prática do DI aqui na instituição para o futuro?

O que eu vislumbro, por exemplo, não é uma segmentação de mais profissionais, de ter um analista, de ter um estagiário, de talvez fatiar o trabalho do DI. Eu acho que o DI tem condições de fazer todas essas atribuições que a gente tinha conversado até agora, de acompanhar o planejamento, de produzir, acho que é uma questão mais de conseguir ter um professor às vezes um pouco mais envolvido, porque muito do que a gente tem de dificuldade de propor e promover, às vezes por atraso em entrega, é que ocasiona falta de tempo. Na verdade o DI ele não faz nada do nada, né, ele precisa de um insumo, uma ementa para ele não serve, ele precisa ter material, ele precisa ter algo explicitado, registrado para partir daquilo construir propostas também. É, então ele precisa que isso venha, se não ele não constrói a casa. Então a partir do momento que isso vem, eu acho que o meu ideal é que tanto o DI como o DG, e aí como profissionais muito mesclados na minha visão, trabalhassem juntos na proposição e na construção de alguma coisa, é quase como... é que é uma analogia um pouco diferente do que acontece em agências de publicidade, mas é que me lembrou agora de trabalho junto, porque redator e diretor de arte também trabalham juntos na criação de uma

peça, né? Você não tem primeiro o texto e depois da imagem, os dois trabalham juntos na proposição de como é que vai ser aquela campanha de comunicação, por exemplo. E não tem como você querer, por exemplo, que o redator pense no texto e diga como tem que ser a imagem, porque quem consegue pensar na imagem, por exemplo, não é que ele não possa, mas quem consegue pensar na imagem é a pessoa que tem essa competência, entende? Então, os dois têm que conversar e pensar isso de forma junto. Então, no meu cenário ideal, é um cenário que se consiga mergulhar em cada demanda, com esse insumo que a gente tem, com esse material bruto, com esses materiais e o objetivo bem claro, a gente fazer proposições e os professores irem, ok, ok, ok, ok, ok, e lá no final a gente ter um resultado legal, então é esse o cenário que eu imagino. E aí, cada curso em sua complexidade, o prazo vai variar, né? Então é isso que eu imagino. E em relação a dificuldades que eu estava pensando, não em equipe, mas como gestão, e como gestão que articula com outras áreas com demandantes, com coordenação de curso, com tudo isso, acho que o que falta muito é essa percepção do que efetivamente faz a equipe multidisciplinar, não só o DI, o DI também mas,... até mais o DI eu acho, porque o DG, por mais horrível que seja essa percepção, o avanço visual do material às vezes é nítido, claro, a pessoa percebe. “Nossa, ficou tão bonito!” Só que não é uma questão de estética só, né, de só deixar o material bonito, embelezar, às vezes foi pensada toda a navegação do aluno, como é que ele vai enxergar melhor, navegar melhor naquele ambiente, como é que ele vai poder assimilar melhor aquela informação, de todo infográfico que pode ser feito, tudo isso. Então, acho que compreender bem o que é esse benefício, que é o trabalho do DI dentro dessa dinâmica ainda é uma dificuldade às vezes para os próprios demandantes. E aí uma coisa que eu costumo falar com a equipe é que a gente vai caminhando, oferecendo e pedindo, oferecendo e pedindo, então a gente sempre tenta oferecer alguma coisinha a mais. “Olha, a gente pode fazer isso, mas para fazer isso a gente precisa disso”. Então, a gente vai mostrando que a gente é capaz de propor algumas ideias interessantes, às vezes um material diferente, às vezes de organizar a sala que não está organizada, a gente pode organizar, mas aí a gente vai pedindo também. Mas para a gente organizar o próximo a gente precisa que venha antes. Então, a pessoa tem um gostinho do que pode ser feito, mas a gente diz: “Olha, para fazer isso e mais a gente precisa que venha antes”. Então, a gente vai caminhando nesse sentido, assim, porque às vezes é difícil a pessoa perceber também qual que é a função do que o DI faz, o benefício, sem ele conseguir tangibilizar, né, sem perceber efetivamente o que aconteceu, então quando ele recebe, quando ele viu o material, a gente devolve para ele e tá

um pouquinho melhor ele já diz: “Nossa, ficou bom!” A gente diz: “Podia ficar melhor se você tivesse entregado antes”. Então, a gente vai tentando trabalhar essa cultura, né?

De que maneira a ação do designer contribui para o seu trabalho e para um curso de EaD? E qual a importância?

Olha, eu acho que contribui principalmente porque o designer, tanto o instrucional como o gráfico, eles vão agregar uma visão que muitas vezes o professor não tem, ou não tem ou não tem tempo de desenvolver, diferentes motivos, que é uma visão da própria interação e da experiência, e de como que é estar na pele do aluno, e navegar naquele ambiente ou acessar aquele material e fazer aquela atividade, então acho que vai contribuir nisso. E na própria história do design, o design ainda é visto como estético, mas ele já começou a demonstrar que não é só estético, né? Não faz muito tempo...

Mas você se refere ao Design Instrucional também?

Design geral, porque eu quero chegar no ponto em que de certa forma o Design Instrucional não tem design no nome à toa, porque é uma atividade projetual de design, e como design não existe designer que não pensa na pessoa lá da frente. O bom design é o design centrado no ser humano, você não vai fazer um design porque você acha que vai ficar bom e porque você acredita que vai ficar bom daquilo e no fim você não sabe para quem você desenvolveu aquilo, o design tem sempre um ser humano, um sujeito lá na frente com suas características a serem observadas e atendidas, né? E aí, no caso de, por exemplo, do designer de produto, você tem necessidades ergonômicas, necessidades de conforto, outras necessidades de serem atendidas, você tem necessidade de sentar numa cadeira. No caso da educação, você tem uma necessidade que é de aprendizagem, o aluno precisa aprender e você precisa conseguir desenvolver algo, e chegar também ergonomicamente nesse aluno para que você atenda essa necessidade, né? E muitas vezes a necessidade, e o designer trabalha muito bem isso, a necessidade não tá explícita. Então, às vezes você... por isso tem muito esse trabalho de observar, de analisar e de mergulhar no universo das pessoas, porque muitas vezes as pessoas não vão te dizer: “Olha eu gostaria muito de sentar.” Mas o designer vai olhar o que está acontecendo e vai conseguir propor: “Não, acho que vou colocar uns bancos aqui pro pessoal porque a dinâmica vai ficar mais legal”. Num ambiente virtual, num cenário de educação o designer ele vai... a importância do trabalho do designer vai vir, justamente, nisso, ele vai conseguir olhar pro aluno que aprende e conseguir visualizar ali uma coisa que às vezes o próprio aluno não consegue expressar de que ele precisa. Por exemplo, se ele leva cinco clicks para chegar em algum lugar, ou algum site, alguma coisa assim, ou ele tem uma dificuldade

em alguma coisa, para alguns pode ser uma dificuldade simples, mas às vezes para o designer que já vem com a ideia de sempre trazer alguma solução ou melhorar aquele processo, ele já pode propor alguma solução pra aquilo, né. Mas, acho que essa é a grande contribuição dos designers como um todo, pro universo (risos)... Agora, eu trouxe pra mim! Mas, não e do designer instrucional, do designer educacional para a educação, por exemplo, que é talvez explicitar, isso assim de, olha estamos desenvolvendo algo que não é para a gente, que é para aquele ser ali, que vai seguir uma trilha de aprendizagem, uma trilha de conhecimento do que ele ainda não sabe, porque ele vai saber. E como que esse caminho vai acontecer? Para saber como ele vai acontecer, eu preciso saber quem ele é, saber as necessidades dele e para isso eu preciso propor coisas que nem sempre ele vai me dizer, né, me explicitar. Então, eu preciso criar, eu preciso propor e preciso observar para ele. Então, acho que é esse misto de olhar para o público, de saber criar e de saber também atingir o objetivo proposto.

Você já me falou anteriormente que você leu algumas coisas sobre a diferença de designer instrucional e designer educacional. Eu preciso saber da sua opinião, você acha que realmente tem uma diferença na prática desses profissionais?

Olha, eu não vejo diferença hoje na atuação de um DI e de um DE, um designer instrucional de um designer educacional. Na prática, e quando eu vejo os profissionais trabalhando dos lugares que eu já passei e também do que eu entendo que eles deveriam realizar das atribuições deles. Mais ou menos naquela ideia que eu te falei, o conceito pode ser de mil novecentos e bolinha, mas a prática que aquele que... que era feito lá na época em que o termo surgiu, não é mais a mesma hoje, né. Então, isso talvez seja uma justificativa para a mudança do termo, mas talvez também é uma justificativa pra... não precisa se mudar o termo porque na verdade já se muda a percepção do que é aquela própria atividade. Por outro lado, é aí que tá o grande conflito para mim, porque eu vejo como atividades iguais, mas... fora, digamos, e principalmente quem não está envolvido com EaD, eu acho que é muito mais difícil entender o que faz um DI, o que faz um DE, e principalmente o que faz um DI, porque acho que o designer instrucional pelo termo, daí sim a gente pode ir pelo termo, porque esse nome não vem carregado de uma descrição, né. Você fala lá, eu sou designer instrucional, a pessoa vai imaginar o que? Que você desenha instruções, sei lá! O pessoal vai tentar extrair dali do termo, né. E daí, e o designer educacional, nesse caso, talvez vai explicitar melhor o que seria que os designers fazem hoje, esses designers. Eu quando estava trabalhando, inclusive eu tava usando um outro termo, para uma outra consultoria que eu fiz, que era designer de experiências de aprendizagem, que era... que se utiliza bastante no exterior também, que é o

Learning Experience Design, tanto que fora também é mais comum a gente encontrar *learning* do que *teaching*, né? Porque a gente fala ensino-aprendizagem, ensino-aprendizagem, ensino-aprendizagem, é... e às vezes é mais comum a gente encontrar mais aprendizagem, aprendizagem, aprendizagem, justamente porque o que a gente tenta desenhar são situações de aprendizagem, mas também são situações de “ensinagem”, digamos, mas que existem várias coisas que estão ali colaborando para a “ensinagem”, né... na verdade meio que não tem como desconectar uma coisa da outra. Então, se você está desenhando o ambiente que vai promover a aprendizagem você está promovendo uma situação de “ensinagem”, não sei... eu vejo, mas também já usei designer de experiência de aprendizagem, porque daí eu acho que... é... para esse público que eu precisava me apresentar fazia mais sentido, eles iriam entender.

Mas era mais focado na usabilidade, imagens ou para fazer a adequação de texto mesmo?

Nem adequação de texto, nem imagem, era designer educacional mesmo, era planejamento do curso, como o curso vai acontecer, distribuição de carga horária, como é que vão ser os materiais, para o corporativo. Depois trabalhar com os materiais e produção dos materiais com as ferramentas de autoria que eles tinham, é... tudo isso pensando em como é que vai ser a experiência de aprendizagem dos alunos deles. Então é como se fosse o designer das experiências de aprendizagem, e isso envolve tudo. Todos os fatores envolvidos numa experiência de aprendizagem do aluno. Inclusive eu usava uma metodologia que trabalhava pré-experiência, experiência e pós-experiência, então eu trabalhei inclusive o processo de matrícula, por exemplo, porque faz parte do processo dele dentro disso, né? Então, o jeito com que ele vai entrar numa instituição, por exemplo, interfere completamente às vezes no ritmo ou no desejo dele, ali de aprender, né? Se ele tem uma experiência muito negativa já na entrada, talvez ele já vai seguir de uma forma diferente, né?

ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANTÔNIO (NOME FICTÍCIO) DA IES PÚBLICA B

A primeira coisa que eu preciso saber é qual exatamente o cargo que você ocupa aqui na Instituição, qual o nome do seu cargo.

Agora eu estou como supervisor da equipe de Design Educacional.

E há quanto tempo você atua na área de materiais didáticos, coordenação de materiais de didáticos?

Na coordenação... eu passei para a coordenação agora em janeiro e eu comecei a trabalhar como DE em setembro do ano passado em um projeto aqui do laboratório.

Você já fez algum curso específico de formação na área de EaD ou Design Educacional ou Design Instrucional, alguma coisa nesse sentido?

Não, minha experiência com EaD foi como tutor do curso na CEAD, aquele curso sobre uso indevido de drogas, para níveis comunitários e tal, e naquela época tinha ainda uma outra perspectiva que não era tanto autoformação. Então tinha estrutura para mediar, tinha material impresso, um livro que era enviado e tal, tinha uma outra proposta que também saiu um pouco mais caro e tal, e essas experiências acabaram desembocando para o modo que a gente trabalha hoje.

Então, com a EaD você está há quanto tempo?

Olha, eu trabalhei nesse seis meses apenas, foi em 2010, depois eu não tive mais contato com EaD, trabalhei na licenciatura direto e agora retornei.

Qual a equipe multidisciplinar que você possui aqui e quantos designers?

Olha, DE além de mim tem mais quatro. Agora a equipe completa eu não sei te dizer porque tem alguns que trabalham em vários projetos, outros são separados...

E nesse projeto específico que você trabalha, quais são os profissionais com que você lida?

Bom, tem desde o pessoal da programação, os desenvolvedores, os designers gráficos de interface, tem o pessoal da área de pesquisa que vai fazer... intermediar tanto a parte do design gráfico quanto a pesquisa dos materiais que ainda vai ser desenvolvido. Bom, a pesquisa serve para dar uma base e dá um retorno quanto à produção e quanto aos usuários lá na ponta. Bom, designer, pesquisa... designer educacional... programadores e a equipe de linguagem, e é basicamente isso. E tem a equipe de vídeo também que está sendo formada e o ilustrador.

E os professores que escrevem o material?

Isso! Então, tem o trabalho com os colaboradores que antes a gente chamava de autores ou conteudistas, mas a gente está trabalhando mais numa perspectiva de autoria coletiva, né? Então, aí a gente chama agora de colaboradores. E aí são pessoas que tenham uma notoriedade na área específica, de acordo com o tema do material que vai ser convidado. E como a nossa plataforma é relativa ao programa Bolsa Família, tem que dar conta dessa representatividade do Brasil inteiro, né? Então, a gente não pode contar com colaboradores só da instituição, por exemplo, ou só do Sul, então tem pessoas de outras universidades, Minas Gerais, do Nordeste. Então, tem um trabalho que é também à distância, nesse sentido, né, o contato com eles e tal, porque nem sempre é viável fazer reunião presencial. Então, a gente vai tentar deixar essa “carta na manga”, digamos assim, de tentar casar as agendas para o momento de aprovação do módulo, uma coisa mais para finalizar mesmo. Mas tem alguns que são da [nome da instituição], que se formou aqui no doutorado e trabalham aqui na gerência de educação, e trabalha há 20 anos já.

E quais os requisitos que são necessários hoje para contratação do DE?

Para o nosso projeto... por exemplo, quando a gente fez essa seleção agora, chegou muitos currículos de pessoas que tinham muita experiência na área de DE, só que em contato com os coordenadores também relativo ao nosso cronograma, a urgência dos prazos com o MEC, a gente coletivamente decidiu dar preferência a pessoas que tivessem uma formação, digamos, mais específica no âmbito da Educação, sobre populações e jovens em situações de vulnerabilidade social do que propriamente uma experiência como DE, partindo do pressuposto de que era mais fácil formar um designer educacional do que formar uma outra pessoa que tem essa experiência como designer educacional, mas não tem toda essa discussão que ela não teria toda essa bagagem. Então, para essa temática de famílias de alunos beneficiários do Bolsa Família, esse foi o pré-requisito principal. Agora na minha contratação, por exemplo, o requisito foi além de ter a formação em Ciências Sociais em movimento com licenciatura, foi a questão da linguagem, eu faço um trabalho com ficção, escrevo alguns contos, e o meu trabalho de pesquisa é vinculado a usar a escrita ficcional como um recurso pedagógico para ensinar sociologia. Então, assim... o que poderia ser pressuposto para essa profissão e que talvez não seja um forte nem meu e nem dessa nova leva que foi contratada seria essa proximidade tão forte com a tecnologia, com esses recursos que, digamos, a gente vai fazer um uso mais relativo à temática e ao conteúdo, agora a operacionalidade disso a gente pede uma ajuda para os designers gráficos e para os programadores, então o nosso

trabalho está mais relacionado nessa área ao conteúdo, a parte com a tecnologia é uma coisa que a gente precisa de uma mediação, mas o que entra mais em jogo seriam as nossas inferências, né, então... qual vídeo que ajuda a explicar melhor essa temática. Então, que lendo atualmente algumas coisas sobre tecnologia a gente vê que é um campo que a gente de fato não domina, e para fazer essa tradução de uma linguagem um pouco mais dura, um pouco acadêmica, para essa hipermidiática, né, que dá essa abertura para os recursos, de fato a gente teria que ter uma preparação, uma formação mais específica com tecnologia. Mas no nosso projeto especificamente a gente está dando preferência pela proximidade com o tema, pela produção, pelos estudos e pesquisas na área da Educação.

Só para eu compreender, vocês pediram na seleção formação em Ciências Sociais?

Não necessariamente Ciências Sociais, mas alguma experiência de pesquisa com educação. Por exemplo, tem eu que sou das Ciências Sociais, um outro DE que é da Psicologia que pesquisa violências, outra é da Pedagogia que pesquisa a trajetória de professoras negras no ensino superior e o outro jovem é da História, licenciado que pesquisa o currículo. Só tinha que ser aluno da instituição, por conta do nosso contrato que é uma bolsa de extensão e pede vínculo com a instituição.

Você já adiantou que aqui a equipe é formada por designers educacionais. Sabe dizer o porquê?

Eu sei que teve um processo de transição, que chamava Design Instrucional e agora Design Educacional, mas isso há muito tempo, 2010/2011 por aí, mas eu não acompanhei essa trajetória para saber o que levou a essa mudança.

O que faz exatamente o designer educacional aqui na equipe?

Nosso trabalho basicamente é primeiro fazer pesquisas relativas a... para tentar levantar as demandas formativas do público-alvo, relativa às temáticas que a gente vai trabalhar, no caso são questões relacionadas à frequência escolar, à evasão, à distorção de idade séria, à repetência e todas essas problemáticas que atravessam as trajetórias escolares. Então, a gente... o nosso trabalho primeiro é pesquisar possíveis situações-problemas, porque a nossa perspectiva é... não é chegar já com uma teoria, mas é tratar de casos concretos que possam remeter à realidade e ao contexto desse público-alvo. Então, a gente faz essa pesquisa e faz um trabalho que a gente chama também de “falas significativas”, que é uma maneira de a gente fazer um mapeamento dos discursos hegemônicos que tem em torno daquela temática e a partir disso identificar alguns limites explicativos, porque muitos desses discursos condensam, às vezes, uma visão conservadora ou preconceituosa e que... ou às vezes

fatalista, “não... não tem jeito!”, o aluno... o problema é do aluno que às vezes é rebelde, adolescente, não quer trabalhar, não quer estudar, enfim... várias visões sobre a temática que acabam atuando na contramão das ações para enfrentar esses problemas, né? Então a gente faz primeiramente essa pesquisa para conseguir reproduzir, digamos, algumas opções de roteiro para apresentar numa primeira reunião com esse... com uma colaboradora.

Essa pesquisa tem que ser algo que dê conta do âmbito nacional, tem que ter uma representatividade. Então, nossa pesquisa, por exemplo, a gente faz com base em grandes periódicos, em suas versões *online*, pesquisamos notícias que tenham relação com a nossa temática, e a partir dessas notícias, que já podem dar origem a situações problema, dependendo do caso e representatividade, o quão potente elas podem ser para desencadear uma discussão, e a gente pesquisa nos comentários postados *online*, tanto no site mesmo quanto nas páginas do Facebook. E a partir dessa análise, desses comentários que a gente coleta e analisa essas falas de significativas.

E aí depois dessa pesquisa é apresentado numa reunião principalmente para os autores conteudistas, digamos assim, e aí em reunião com eles às vezes também já trazem pela sua experiência, sua trajetória de pesquisa de educador, às vezes eles já trazem algumas situações-problemas que podem ser mais significativos, mais estratégicas do que as que a gente mapeou inicialmente, mas as falas são algo que necessariamente entram na discussão. E mesmo quando uma pessoa traz uma outra situação, as falas continuam, muitas vezes, dialogando com aquilo e sendo potentes para que a gente possa puxar dali as discussões. Então, a partir disso a gente decide qual vai ser a situação-problema que vai partir a discussão do módulo e... bom, fazemos essa encomenda, essa demanda do texto-base e damos o suporte, tiramos dúvidas que o autor possa ter nesse caminho, e depois que a gente recebe esse texto-base que vai ter o trabalho mais propriamente dito do DE, né? De tentar transformar, traduzir esse texto para uma linguagem hipermidiática, né, selecionar algumas palavras que dão links, que dão origem... que levam a outras páginas, que levam a um “Saiba Mais”, trabalha... a gente trabalha com infográficos, com charges, com vídeos, músicas, poemas, enfim. E tem também um trabalho que foi o que mais me interessou, assim no começo quando eu fui chamado, que é o trabalho de linguagem, o trabalho de retextualização, então um trabalho que visa adequar a linguagem desse texto, algo que seja mais democrático tendo em vista nossa perspectiva de autoformação e abrangência da plataforma, né? O nosso público-alvo, no caso, são gestores educacionais que trabalham com o Bolsa Família, que trabalham nas escolas e educadores no

geral. Então é um público bem vasto, né, tendo em vista que são 17 milhões de crianças e adolescentes beneficiários.

O trabalho do designer continua após isso?

A gente acompanha o trabalho na diagramação, depois acompanha o trabalho na equipe de vídeo. Quando a gente tá pensando na situação-problema, quando a gente já escolhe e está sendo produzido o texto-base, a gente tem que entrar em contato com o pessoal da equipe, tanto designer gráfico quanto ilustradores, da equipe de vídeo para já ir pensando de maneira como representar aquilo, potencializar. Então, é um trabalho que... assim, seria como um meio de campo ali, alguém que faz a ligação de todos esses profissionais e também do responsável pelo contato com o colaborador, com o autor.

Você informou que o projeto está iniciando, mas há uma perspectiva futura, de avaliar como o projeto foi recebido pelo público-alvo pela equipe de DE?

Sim, se dá pelo acompanhamento, essa integração que a gente tem com as diversas equipes, e nesse caso com a equipe de pesquisa. Então, a gente acompanha também algumas... teste de usabilidade tanto da plataforma em geral quanto também da temática dos materiais. A gente produziu o primeiro material, mas ele teve que tomar um outro rumo porque... a gente tinha que lançar uma primeira versão na plataforma, e a gente havia entendido que essa versão teria que constar ao menos um material, talvez foi um equívoco nosso, mas a gente não... Nessas reuniões de aprovação do roteiro e todos esses encaminhamentos, a gente acabou não incluindo os representantes da SECADI e do MEC e eles têm uma visão muito mais próxima, mais bem colocada da visão política do projeto, porque eles querem representado, o que é necessário... Por conta disso, aí a gente acabou tomando algumas decisões, em termos de situações-problema, de escolha, tal, que na visão deles não daria respaldo a essa representatividade que a gente tem que buscar. Então, nesse primeiro módulo que a gente desenvolveu a gente deixou ele em stand by, digamos, e vão fazer um trabalho em cima dele. Mas, num momento que era só eu de DE em contato com o autor produzindo esse material, agora, a gente tá em um momento que esses módulos vão ser produzidos concomitantemente, vai ter essa equipe toda. Mas foi interessante, foi a primeira produção, foi enriquecedora porque também foi a minha primeira, foi uma maneira também de aprender, né?

Você já respondeu parcialmente à pergunta, mas gostaria de saber qual é a sua atuação direta com a equipe de DE, ou seja, qual o seu papel.

Agora eu estou mais nesse trabalho que tem mais a ver com a gestão, né, dessas pesquisas de todos esses encaminhamentos. Então, o primeiro trabalho foi, agora que eles chegaram, foi

um trabalho de formação, de fazer um trabalho de imersão deles dentro do projeto e, basicamente agora, vai ser organizar as demandas e acompanhar todos eles nessas pesquisas, na produção de alguns documentos, como o guia de produção de autoria, que a gente está terminando para enviar para os autores. Sou responsável também para fazer esse primeiro contato com os autores, primeiro faz o coordenado, né, depois ele repassa para mim, então eu repasso para cada DE que é responsável por aquela temática entrar em contato com determinado autor. Mas de toda forma ou vou ter que estar sempre junto em todas as produções acompanhando dando suporte e, particularmente, eu tenho um apreço pela versão final do texto, então eu acabo fazendo também um trabalho de edição e revisão do texto, não gramatical, né, mas propondo também conteúdos... Bom, eu vou fazer, digamos, o mesmo trabalho que eles fazem só que mais dividido, um pouco em cada, tentando dar um suporte no que eu puder também de sugestões de ideias pra reforçar, para potencializar o trabalho deles e... gerir isso.

Houve uma formação para essa equipe nova? E como é feito o acompanhamento das demandas da equipe de Design? É feita uma reunião em conjunto para cada um apresentar o que está sendo feito ou cada designer faz de uma forma, e aí você vai acompanhando e validando separadamente?

Assim, a liberdade que eles têm, digamos, para fazer cada um de uma forma seria, sei lá... Por exemplo, eles estão criando esse documento agora reunindo essas falas, essas situações-problema. Então, cada um está fazendo um documento de um jeito, de um formato, mas isso é uma coisa que pouco importa, porque no final eles estão fazendo o mesmo trabalho de pesquisa, né? Então, bom... quanto à formação deles, esse trabalho de formar enquanto DE vai ser algo que está sendo feito de acordo com essa prática, né? O trabalho em cima do texto-base, o trabalho de retextualizar, de sugerir iguais é o que.... bom, eu não sei como passar isso para eles agora sem ter os exercícios práticos, né? Então eles estão aprendendo a profissão agora nesse momento, estão aprendendo a fazer essa pesquisa e buscar essas situações, essas falas. E o trabalho de informação foi basicamente apresentar... tentar verbalizar um pouco qual é nossa atividade, quais são as funções dessa responsabilidade, desse cargo e mais especificamente buscar uma imersão dentro do projeto do Trajetórias, né? A gente leu o documento das diretrizes e fazer reuniões que discutem os nossos objetivos, e como formação de DE especificamente eu passei alguns textos, que foi o que o coordenador me passou sobre o trabalho como DE, mas é algo que a gente vai... minha perspectiva é que a gente vá sendo

formado durante esse exercício, durante a prática. Todos eles têm uma experiência com educação, com escola, tem alguma proximidade que facilita esse diálogo.

Sobre o trabalho em conjunto, a ideia é que haja uma colaboração, né? Nessa nossa busca por novos DEs para formar essa equipe, a gente tinha fechado com uma menina que pesquisava violências também e acabou não dando certo, ela está no doutorado e tal, aí tem uma outra pessoa que trabalhava em nossa equipe de pesquisa que é pesquisadora da área de violências e a gente, digamos, remanejou ela para essa área do DE porque não estava conseguindo fechar essa vaga. Então, por exemplo, é uma pessoa que vai ser, digamos, meu braço direito porque já estava antes de mim no projeto, já está bem inserida e vai ajudar a gente a formar os outros DEs quanto ao, não na profissão de DE que não era a dela, mas quanto ao projeto aos objetivos. Então, tem um diálogo, a ideia é ter reuniões semanais mesmo que não haja pauta, só pra... olha o que você está fazendo, quais são suas dificuldades, e a ideia é todo mundo se ajudar e de fato palpitar, não só eu tentar contribuir com as pesquisas dos demais, mas eles também entre si, ainda que tenham que focar nas suas demandas específicas.

Na sua visão atual quais as dificuldades que você percebe que o DE daqui da instituição possui para realizar o seu trabalho?

Olha, complicado porque o trabalho mesmo de DE não necessariamente pressupõe esse trabalho de pesquisa que é o que está sendo feito agora, né? Eu acho que essas dificuldades vão mais emergir quando retornar o texto-base e eles forem, de fato, ter que fazer esse trabalho de hipertextualizar, de pensar isso num material pedagógico que seja interativo e seja disponibilizado *online*. Por enquanto, a dificuldade deles de fato é conseguir identificar o que é a profissão deles de fato, né, “que nós fazemos”, “qual é o nosso papel aqui”, porque o fato de estar nessa intersecção entre vários trabalhos, várias funções, pode ser um terreno um pouco pantanoso, meio instável, “eu não faço isso aqui”, “eu faço aquilo”, “eu sou meio professor”, “eu dou aula de tal coisa”, então é muito ainda novo para eles, né?

Agora, e com relação à sua prática, quais as dificuldades que você encontrou?

Deixa eu pensar... é o que eu poderia dizer de dificuldade é não estar tão íntimo, tão próximo com tecnologia, não dominar... Mas de fato, tendo o auxílio dos outros profissionais, isso não se configurou um problema mesmo. Essa situação um pouco instável de lidar com... ter que dar liga e tudo, né, fazer essa relação entre os múltiplos profissionais e também os autores dessa, digamos, a responsabilidade de tocar esse projeto e produzir materiais que fazem parte de um eixo, tem três eixos a plataforma um é dados, o outro é materiais e o terceiro é dar visibilidade para ações que já estão sendo feitas nas escolas. Então, minha dificuldade meu

receio era mais esse, “o eu tenho que fazer?” “será que vai dar certo?” Eu nunca produzi um material digital então... mais por conta da novidade, assim, e a gente tentar conseguir pensar em possíveis referências que seriam bem encaixadas. No mais, o meu trabalho, fui, digamos assim, mais contratado pensando na minha produção textual, então eu me sentia mais seguro no sentido de que não vai vir o texto da colaborada e eu vou ter que fazer um trabalho para deixar esse texto numa linguagem mais democrática, mais acessível, e isso eu me sentia mais seguro. Enquanto os outros trabalham com multimídia, minha função era ter ideias, de pensar em referências que poderiam ajudar a contribuir, e nisso ainda era tranquilo. A gente fazia um trabalho de pesquisa e tal, mas isso não assustava assim, o que me assustava, o que me instigava era estar num projeto tão grande e trabalhar com responsabilidade de ter os prazos e o MEC e sentia o tamanho do projeto dessa responsabilidade e quando tinha reuniões com o MEC assim, dá um friozinho na barriga e tal.

Sei que seu trabalho como supervisor é recente com a equipe de DE agora, mas você já sentiu alguma dificuldade na prática com essa equipe?

Senti um pouco de insegurança por não ter tido uma formação específica para designer educacional, e dessa forma talvez não ser a melhor referência para eles se formarem em algo que eu também não me formei, entende? Então, se eu me formei, digamos, me qualifiquei para essa profissão nesse exercício, nem sei se estou bem qualificado ainda, essa é a minha... é o que eu posso oferecer para eles, né, se formarem enquanto fazem, enquanto exercem essa atividade. Então, as minhas dificuldades são essas, de não ter talvez tantas referências e não ter a formação específica na área para falar “Não, olha o trabalho de DE é especificamente isso”. Eu tenho ideia, eu tenho uma experiência de ter passado esses meses aqui e ter trabalhado na construção desse primeiro módulo, mas talvez não me sinta tão seguro quanto alguém que trabalha com isso há muitos anos, e tal. E é o que eu tento passar para eles também da segurança de que olha... o trabalho como DE você vai conseguir desenvolver, o mais difícil é você ter a formação nessa área e saber para onde tem que apontar, digamos, o discurso do que a gente vai produzir, quais que são os objetivos principais, assim, do nosso projeto e principalmente o engajamento político que eles têm na causa da Educação.

Na sua visão hoje, de que maneira a ação do designer contribui para os resultados do projeto?

Olha, os materiais vão nessa perspectiva de autoformação, né? Então, é muito importante a gente tentar fazer com que o material seja completo em si, né, que não demande um tutor ou muitos saberes prévios que seque o acesso a esses conhecimentos, é uma maneira de tentar

fazer com que eles tenham acesso a alguns saberes teóricos para poder fundamentar a prática deles, mas principalmente ter esse material que direcione para ações de enfrentamento desses problemas que a gente quer abordar, principalmente que dê suportes, subsídios para a prática deles. Bom a importância, além de fazer... buscar essa simbiose, essa sinergia entre essa equipe multidisciplinar é conseguir fazer com que esse material seja enriquecido por esses vários recursos que a gente tem à mão, todas as possibilidades que a gente tem abertas para poder potencializar essa aprendizagem, eu acho que é esse o principal desafio, né? De conseguir fazer uma seleção e construir um material que seja completo em si mesmo, e também dê acesso a cursos e outros materiais, outros conhecimentos. A gente trabalha também com a perspectiva de trilhas formativas, então a gente desenvolve esses materiais com diversas temáticas, só que a plataforma também vai dar acesso a outros materiais produzidos em outros cursos que vêm nessa mesma linha, como o curso de Educação e Pobreza, e Desigualdade Social. Então, vai dar possibilidades para que esse público-alvo, esse leitor consiga formar sua própria trilha. Olha, tenho um problema aqui com trabalho infantil e com violência e como ele pode buscar esse material aqui e linkar com esse, e com outro de outro curso, e para isso ele formar seu próprio percurso formativo, né, de acordo com suas necessidades, suas demandas.

Como você veria esse projeto sem a figura do DE?

Então, eu acho que sem o DE ia ficar um trabalho um pouco desconexo, talvez deslocado no sentido de não ter alguém que vá proporcionar ou vá buscar objetivamente uma coesão entre a identidade visual dos materiais tanto quanto o trabalho que a gente faz como para roteirizar a produção de vídeo e produção de ilustrações. Além do texto não ser, talvez, tão acessível, não penetrar tanto o texto que vem do autor, às vezes o autor já tem uma pegada, e também na encomenda a gente já fala que tem um público vasto e tal, mas mesmo assim ele está acostumado a escrever aos seus pares, que vai para academia, então o público mais vasto é complicado. Então, além de ter esse texto que vai vir um pouco mais duro, mais hermético, é... possivelmente, não tendo alguém que vai fazer um trabalho de interpretação desse texto e com isso fazer uma ligação dele com a plataforma e os recursos digitais, os vídeos, as ilustrações, a maneira como é constituída a identidade visual, isso pode provocar essa desconexão essas diversas linguagens que a gente tem que convergir, talvez acabam não se comunicando tanto e não produzindo um material tão coeso, tão único quanto a gente objetiva, né, que a gente pretende.

Na sua visão atual, e a partir das suas experiências na EaD, você vê uma diferença entre o designer instrucional e o designer educacional?

Olha, eu teria que ler mais para saber o que foi o instrucional, né? Mas para mim me remete a uma ideia de que o educacional seria algo que teria uma visão, digamos, pedagógica embutida, no que diz respeito à autonomia do educando nesse processo de aprendizagem. E isso, assim, senso comum, não sei de fato qual que é a diferença. E esse instrucional, não sei, pela palavra me remete a uma instrumentalização desse processo pedagógico, né? Então, seria... não sei, uma forma de intermediar essa aprendizagem, e sei lá... talvez dar esses instrumentos, disponibilizar esses materiais, mas sem uma... talvez não tão preparados para a autoformação, sabe. Talvez o instrucional seria mais essa visão desse trabalho que a gente fez, que eu fiz com tutor e que demanda alguém para intermediar a isso. Então, talvez o instrucional trabalhar na produção desses materiais, só que sem essa perspectiva de fazer com que o material em si seja básico, completo... Não sei, Cíntia estou viajando aqui, porque eu entrei em contato com essa nomenclatura muito por conta dos currículos do pessoal. E eu não sei de fato o que foi esse salto, se representou uma mudança significativa na profissão ou se é só uma atualização.

ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIA (NOME FICTÍCIO) DA IES PÚBLICA C

Gostaria de saber primeiramente qual é o seu cargo aqui no centro de educação a distância.

Bom, nesse momento, como eu falei, eu estou afastada por capacitação, né? Mas aqui eu ingressei em 2001 como docente... como docente da instituição, e em 2013 eu assumi como professora efetiva, né? Daqui da..., de concurso público. Mas em 2011, quando eu já era docente e nós tínhamos um projeto, não esse projeto da UAB, o anterior, que era um projeto mesmo só da [nome da instituição], nós começamos a pensar a questão do design, do design para a educação a distância, e pensar no design instrucional, no design gráfico. Então, na época houve um processo seletivo para contratação dessas pessoas que trabalhariam nessa... então, a partir daí nós constituímos a equipe multidisciplinar, né? E eu passei a coordenar essa equipe aqui, ainda que informalmente, porque nós não temos atribuição de coordenação para esses setores. O centro de educação a distância ainda está se estruturando no sentido de criar setores específicos para educação a distância. Então, hoje nós temos docentes, nós temos tutores, mas todos vinculados ao sistema UAB, a esses pressupostos de desenvolvimento da EaD. Mas ainda assim, ainda que informalmente, nós constituímos esse setor de produção de material didático. Em 2013 então, eu criei o laboratório de desenvolvimento de material didático como um laboratório de pesquisa, primeiramente, e esse laboratório... eu coordeno esse laboratório, e a partir dessa data então, desse ano, nós começamos a utilizar o laboratório para o desenvolvimento do material didático para as ações de EaD no centro, não só no centro mas também para (nome da instituição). Então, nós recebemos também demandas externas e são desenvolvidas por esse laboratório. Então, eu coordeno esse laboratório do ponto de vista do laboratório de pesquisa. E aí em 2011 também eu assumi a coordenação do curso de Pedagogia pelo sistema UAB, e em 2013 eu assumi o... deixei a coordenação, e assumi a coordenação UAB, a Coordenação Geral UAB, então eu fazia esses dois... tinha esses dois papéis aqui dentro, a coordenação do laboratório de desenvolvimento de material didático para o Centro e para o projeto UAB e também a Coordenação Geral UAB, que ela executa as suas atividades dentro do centro, porque a reitoria instituiu o centro como um... um órgão que cuida de toda a educação a distância da [nome da instituição]. Então, nesse momento eu estou afastada, mas... é... ao retornar eu continuo com essas atividades.

E há quanto tempo você trabalha com desenvolvimento de material didático para educação a distância especificamente?

A partir de 2005. Porque eu trabalhava na [nome de instituição privada] e em 2005 como design instrucional e eu trabalhei até 2013, quando eu assumi aqui o cargo efetivo.

Você já fez algum curso de formação para atuação nessa área específica? Digamos ou para design instrucional ou para coordenação de equipes ou gestão de projetos para Educação a Distância?

Não, não... Eu nunca fiz. Na [nome de instituição privada] nós tínhamos as formações pontuais e nós discutíamos as atividades, mas eu ministrei muitos cursos dessa natureza, de design instrucional de produção de didático, enfim, de desenvolvimento de mídias, mas eu nunca fiz uma formação dentro... assim, para a função de design instrucional.

Aqui no (nome da instituição) vocês possuem uma equipe multidisciplinar para desenvolvimento de material didático? Eu gostaria de saber quais profissionais fazem parte dessa equipe e quantos profissionais de cada área compõem essa equipe.

Nós tivemos... como eu te falei no primeiro projeto professores que eram contratados para a função de design instrucional, design gráfico, revisor de texto, professores da [nome da instituição] mesmo. E eles recebiam como docentes, então... mas atuavam nessa função. Então, hoje nós temos bolsistas, bolsistas UAB. Nós fazemos processo seletivo para designer instrucional. A gente chama... a gente ainda está num conflito com relação a isso, por quê? Embora a gente tenha no laboratório, no projeto conste que é designer educacional, toda a equipe da [nome da instituição] ainda usa designer instrucional.

Só para eu entender. No projeto pedagógico, no projeto de curso está como designer educacional ou no edital está como designer educacional?

O nosso edital de contratação está designer instrucional, e em alguns projetos designer educacional, acho que a Pedagogia e os outros projetos designer instrucional. E no projeto do laboratório é designer educacional. Mas a gente convive muito bem com isso porque nós acreditamos ser a mesma coisa. E hoje nós temos designers educacionais, instrucionais, mas que têm formações diferentes na área de linguagem, na área de artes, na área de... no design gráfico, então hoje, na nossa equipe hoje nós não separamos mais o designer gráfico do designer instrucional, todos são designers educacionais e a gente atua em colaboração. Quando a gente precisa de uma solução gráfica nós temos os nossos bolsistas, né, que são bolsistas estagiários, alunos externos que são da [nome de outra instituição pública] e da [nome de instituição privada]. O edital para estagiário é diferente do bolsista nosso

profissional, esse estagiário que nos dá o apoio para o desenvolvimento do trabalho, mas o nosso... em função inclusive da limitação de bolsas nós trabalhamos com designer instrucional, mas nós colocamos no perfil designer gráfico, licenciatura, comunicação, cinema, enfim, a gente trabalha com uma equipe multidisciplinar com relação às formações, e isso tem dado muito certo porque a gente... como a gente trabalha em colaboração os profissionais que detêm o conhecimento de cada área nos ajudam a desenvolver soluções o gráfico, o próprio designer, o artista, enfim. Então, essa perspectiva a gente adotou como uma proposta interessante do desenvolvimento do trabalho. E nós temos o revisor de texto, que o designer instrucional não faz a revisão do texto, só que agora como a gente está com uma limitação de bolsas a gente está sem esse profissional aqui. Então a gente preferiu trabalhar com o designer instrucional e ele também fazer essa... ter esse olhar sobre o texto, do que contratar um profissional específico na área de revisão.

Mas em outros momentos vocês já tiveram revisores?

Sim, sim, tivemos.

Então hoje vocês têm uma equipe que envolve apenas o design instrucional e o design gráfico? E quantos profissionais?

Nós temos cinco designers instrucionais e dois bolsistas. Dois bolsistas estagiários que eu falo. Eles não atuam na parte educacional, eles nos ajudam com soluções com imagens, com diagramação.

E para a postagem no ambiente virtual? Os próprios designers que fazem isso?

Sim. E nós temos também o responsável de vídeo que é o Max ele faz essa parte de videoconferências, gravação de videoaulas, porque a gravação de webaulas é outro setor aqui na instituição mesmo. E as videoaulas nós temos a produção externa, aí o designer instrucional trabalha no roteiro junto bom roteirista externo e com os docentes da casa, mas nós temos licitação porque é custeio. Ainda é pouco desenvolvida a questão da animação. É uma sugestão agora... é uma solicitação agora dos docentes de nós trabalharmos mais essa questão, mais lúdica, mais... com outras mídias. Nós ajudamos a selecionar mídias com recursos externos também, de repositórios abertos, a gente trabalha com essa... porque nós temos muita produção aberta, muita produção no sistema UAB e já produzida. Então, a gente faz essa... essa articulação com essas produções já disponíveis, né? E isso que a gente tem discutido bastante no sistema, de que se existe alguma coisa pronta e que é possível ser utilizada que a gente é... a utilize. E a gente trabalha com roteiros, com guias, né, para o desenvolvimento, enfim da aprendizagem, para gestão da aprendizagem. Então, mas com

indicações mesmo dos designers com relação à organização da sala a disponibilização de ferramentas, enfim... ao questionamento de determinada ferramenta, pra que ela serve para, né... como ela vai potencializar a aprendizagem, então é mais nesse sentido. E com relação às animações aos poucos a gente tá buscando desenvolvê-las em parceria com os docentes. E agora nós estamos trabalhando na especialização de educação inclusiva de verificar alternativas para que todos esses materiais sejam realmente acessíveis, né? Por quê? Primeiro que nós trabalhamos com a questão da acessibilidade no próprio curso, e isso é uma limitação aqui da [nome da instituição] com relação aos profissionais. Então, essa é uma questão que ainda precisa ser resolvida, enfim, que está sendo estudada.

Quais os requisitos hoje necessários para a contratação do designer instrucional/educacional aqui na [nome da instituição]?

A gente prima por que ele tenha... alguns que tenham licenciatura, que sejam da área da Educação, da Pedagogia. Como é um edital, a gente não reserva tantas vagas para... né? Mas a gente abre geral, assim, traz pro pessoal de comunicação que tenha formação em, por exemplo, Educação, que o pessoal do design gráfico tenha uma formação em Educação também, né? E que o licenciado, a gente também abre, que tenha alguma especialização... na área de mídias, enfim... que eles tenham... que os dois profissionais tenham a parte educacional e também a parte da... enfim, das tecnologias, da informação e comunicação. Então, e isso tem dado certo. A gente tem um bacharel em Artes, mas que tem um doutorado em Educação, a gente um designer gráfico, mas que tem mestrado em Educação, né? E a gente tem um pedagogo que tem formação em Design Instrucional. Então, a gente trabalha com esse perfil, que tenha competências múltiplas, que tenha várias competências para desenvolver esse trabalho, uma vez que a gente trabalha com o pressuposto de que o design gráfico também é instrucional, o bacharel também é instrucional, então a gente trabalha com esse perfil.

No edital aqui, seja da UAB ou qualquer outro projeto, vocês solicitam alguma experiência ou tem uma pontuação a mais para o profissional que tenha experiência em educação a distância ou como designer?

Sim. Nós não colocamos no edital, mas a pontuação, os critérios de seleção apontam ali... porque nós não podemos colocar no edital “deve ter experiência na área”, enfim, não pode. Então, mas nós pontuamos educação a distância, design instrucional.

Já comentamos rapidamente sobre isso, mas qual é a nomenclatura usada aqui na instituição e por quê?

Eu acho que se convencionou desde o início da história do desenvolvimento dessa atividade de Design Instrucional. E aí depois com as reflexões e as próprias reflexões do grupo com relação a isso, a gente achou que... o grupo, né? Enfim, em conjunto sempre, não só aqui fora daqui, de que o instrucional ficaria muito parecido com o técnico, com aquele que faz, com aquele que instrui. Embora a palavra instrui não tenha uma conotação negativa, muito pelo contrário. Mas achou-se que o educacional ele comportaria um conceito mais amplo, com um conceito de formação, de pedagogia e de didática. Enquanto um instrucional poderia ser percebido mais como uma ação mais técnica de... é... de transmitir, não é nesse sentido, mas considera que o educacional ele traz esse conceito mais amplo de educação, né? De formação, de relação, né?

E quais são as atribuições desse profissional hoje aqui na instituição?

Então, a gente num primeiro momento lá, quando nós iniciamos em 2011, a gente produziu muito material impresso. Então, a gente trabalha com material impresso. E com o passar do tempo a gente foi percebendo, quer dizer, os projetos, né? Foram sendo construídos e renovados, ressignificados, e a gente... por exemplo, a pedagogia, enfim, os outros cursos e também em função das limitações orçamentárias, né, que nós... trabalhamos com convênio, nós não conseguimos mais fazer o material impresso, a gente começou a trabalhar com material *online*, mas a gente desenvolve material didático, ainda que não seja impresso... mas nem todas as disciplinas desenvolvem o seu material específico criado para a disciplina, a gente trabalha com a seleção de material que nós já temos já, nós temos um material já produzido do curso de Pedagogia muito grande, a gente trabalha com... agora com seleção de textos que estão presentes no livro didático, caderno pedagógico nós chamamos. E desenvolvemos pequenos vídeos, a equipe desenvolve, nós selecionamos material externo e organizamos toda a disciplina junto com o docente, o AVA, e selecionamos as ferramentas, verificamos o potencial de cada ferramenta para desenvolvimento daquela disciplina. Então é basicamente isso. Algum... um ou outro professor ainda desenvolve o material da disciplina, mas é muito raro que eu professora... Pedagogia nós temos muito material pronto, mas os professores preferem trabalhar com, digamos, um mix de recursos, né? O material texto, né? O hipertexto, e aí o designer também auxilia, e as mídias outras, pequenos vídeos, webaulas, webaulas introdutórias, webaulas de informação...

Mas aí ele ainda faz a adequação de linguagem em material impresso? Faz roteirização, você me disse, ele trabalha também na formação desse professor?

Sim, sim, também. E trabalha também em todas as avaliações que são as avaliações a distância e as avaliações presenciais também passam pelo designer instrucional e só que agora tentando para trabalhar de uma forma mais colaborativa e não individualizada, porque nós passamos, ainda acho que isso é comum em todas as instituições ainda, o designer instrucional é considerado um técnico aquele faz, aquele que o professor pede alguma coisa ele vai lá executa, aquele que vai lá diagrama o texto, diagrama prova e não é essa nossa... aqui não é essa a nossa atribuição e esse conceito, isso já está se modificando muito rapidamente aqui dentro. Ele é um profissional especializado, ele é um profissional que vai orientar, pedagogicamente, didaticamente, esse professor. Então, ele atua em colaboração, ele não pode ser mais nem menos do que o professor. Eles dialogam no sentido de encontrar a melhor solução. E essa é a perspectiva dos gestores hoje, e nós... Claro que aí nós ainda temos essa resistência de alguns docentes, e aí a gente dá a liberdade de eles desenvolverem suas atividades, então não necessariamente todos os docentes precisam do designer instrucional, então os que... é... mas a maioria já não convive sem esse diálogo, sem esse apoio. Mas há a liberdade de que se você tenha as condições, né, e prefere desenvolver todo o seu trabalho sozinho, ele tem liberdade de fazer isso. No entanto, eles... em algum momento ele ainda vai precisar dele, ainda que ele tenha condições de perceber o potencial de todas as ferramentas, ainda que ele tenha condições de encontrar todos os recursos que ele deseja que são favoráveis ao processo, ele em algum momento vai de repente precisar do apoio dele. E também a questão... nós estamos trabalhando também a questão da validação de toda essa atividade no final e também de ouvir mais o nosso aluno. Porque a gente faz tá, fazem em colaboração, a gente desenvolve... acha que desenvolve as melhores atividades, seleciona os melhores recursos, mas a gente percebe que muitos alunos ainda assim não conseguem se adequar a esse, digamos, não é modelo, mas a esse conjunto de componentes que você seleciona. Então, é preciso ouvir esse aluno para que ele também dê retorno com relação a isso, essa é uma tarefa também que a gente dá. Como é um laboratório de pesquisa a gente vai desenvolver... vai prestar mais atenção. Porque, é... o trabalho do dia a dia no nosso cotidiano é muito intenso, né? Nós temos muitas disciplinas, muitos docentes e uma equipe pequena, mas a angústia da equipe é de ser engolido por esse... por essas tarefas cotidianas, que são necessárias, sem prestar atenção no processo como um todo, e o processo como um todo exige que a gente faça uma avaliação. E a gente avalia esse... com base mesmo em pressupostos de pesquisa que tem no laboratório.

E no momento de desenvolver o início de uma nova etapa do curso ou um novo curso, a equipe de designers participa do planejamento? Como isso acontece?

O planejamento é feito em conjunto, com as direções, com os chefes de departamento, coordenações de curso e com todos os designers em reuniões pedagógicas se apresenta o que foi disso discutido e se agregar as contribuições dos docentes com relação a esse processo. Mas cada curso tem o seu modo de desenvolver as atividades, então a sua diretriz. Então, não necessariamente o curso de Pedagogia vai desenvolver o mesmo trabalho ou sob os mesmos pressupostos da Informática, por exemplo. Então, cada departamento, cada curso vai fazer o seu planejamento em conjunto com os designers e depois reúne os professores para discussão, enfim, em reunião pedagógica.

Quando um novo designer é contratado, como é feita a formação dele?

Assim, na primeira semana que ele tá aqui, ele fica imerso nas atividades com apoio de um designer que já está no processo, enfim. Analisa os nossos materiais e verifica como a gente desenvolve as atividades. Mas geralmente,... geralmente não, todos os designers que entraram aqui já tinham experiência na área. Então, não foi necessário dizer o que faz o designer, e ele tem essa atribuição, não, todos eles já trabalharam na atividade antes de entrar aqui.

Você atua como coordenadora diretamente com os designers e qual é sua função, o seu papel no trabalho com eles?

Então, é... essa é uma questão que... ultimamente não tenho atuado diretamente com os designers e tenho designado uma designer que é bolsista a desenvolver essas atividades, porque as atribuições da coordenação UAB me exigiram a presença mais... Mas aí, daí assim, que a coordenação... e assim... quando eu voltar vou reassumir, a coordenação sim, trabalha diretamente com os designers pensando... fiz isso até então, só nesses últimos meses que não consegui fazer. Mas atua junto e também desenvolve algumas atividades sim de designer instrucional na equipe, né, necessitando de apoio. Mas ele está constante contato com a equipe com reuniões para avaliação de fluxo e principalmente para auxiliar na resolução dos conflitos às vezes que ocorrem, né? Não entregam material, o prazo é o maior empecilho, né, do desenvolvimento do material de qualidade. Então, atua nesse sentido fazendo seus contatos com as coordenações, com as com as direções, enfim, dando apoio total a toda a equipe.

E sobre o apoio pedagógico, as inovações e modificação na forma de trabalho?

Sim, e também com solicitação de avaliações, por exemplo, em pesquisas de projetos e pesquisa paralelos que nos ajudem a avaliar a nossa prática e também a prática, enfim, os

processos, né, que estão em desenvolvimento. É sim, apoio pedagógico, é apoio administrativo e técnico quando necessário.

Quais as principais dificuldades que você percebe na prática do designer aqui na instituição?

Eu acho que a maior dificuldade é em questão dos prazos e também a rotatividade da equipe por serem bolsistas. Nós não tínhamos esse problema quando nós era... nós tínhamos profissionais contratados pela (nome da instituição) por quatro anos que desenvolviam as atividades da função. E hoje não, com bolsistas é... os que conseguem outra atividade fora saem do laboratório, e aí a gente deve contratar outras pessoas, então a maior dificuldade é o tempo, é o prazo, né, o cumprimento dos prazos e também por serem bolsistas que não têm tempo integral... não trabalham em tempo integral.

E sobre os cumprimentos dos prazos que você mencionou, é em relação à demora no trabalho dos designers ou à entrega dos docentes?

Docentes, é o projeto mesmo. São as inúmeras atividades que os docentes têm para desenvolver. E aí o semestre se estende e eles têm provas para corrigir, trabalhos para corrigir, e aí começa o próximo semestre e aí você tem um período muito pequeno para o desenvolvimento da disciplina. Então, isso concentra tudo num determinado período, você não inicia, por quê? Porque também nós temos bolsistas, os docentes, e eles só entram... Nós temos os dois casos, os efetivos, os colaboradores, né, e os bolsistas, e muitas disciplinas ficam sob responsabilidade dos bolsistas e eles entram no final do semestre quando a disciplina praticamente está entrando. E então é... a produção... tempo pequeno de produção de disciplina. Então, se você pudesse começar todas as disciplinas no início do semestre trabalhando para o próximo semestre seria mais adequado.

E com relação à sua prática com o designer diretamente, quais as dificuldades que encontrou? E, ainda, hoje como coordenadora há muitos anos aqui na instituição, o que você almeja no laboratório para o papel do designer?

Eu acho que as maiores dificuldades são... é a falta de pessoal técnico, de uma equipe... tá, a gente como designer desenvolve até um certo limite, né, de desenvolvimento do trabalho. Mas de repente você quer fazer uma animação e você precisa de um profissional que lhe ajude a desenvolver o roteiro, que lhe ajude a desenvolver, enfim, a entender o potencial da tecnologia para aquela atividade, que tem um design gráfico que também auxilia, então, que recomende aquela mídia. Então, eu acho que essa é a maior dificuldade, que você tenha um

designer instrucional, como eu te falei, que ele tenha várias competências, mas você precisa ter essa equipe também de apoio de desenvolvimento do trabalho, para mim essa é a maior dificuldade. Aqui (nome da instituição) a gente por não ter a classificação desses profissionais no estatuto, no... plano de cargos e salários, a gente não tem o profissional da EaD, então é preciso regular, é preciso avançar nesse sentido na educação a distância da [nome da instituição] é de classificar esses profissionais como necessários na modalidade e que eles atuem na modalidade a distância. Então nós temos a designer gráfica, mas que trabalha na comunicação, né? Nós temos o jornalista que trabalha no setor de comunicação. E nós não temos esse profissional dentro do centro de educação a distância para o desenvolvimento, enfim, dos trabalhos na educação. Nós temos nos setores, mas não designados para cá. Então, é a falta desses profissionais, é... pra mim é o maior obstáculo. Em relação aos docentes, em relação aos prazos, isso é facilmente contornado, mas com relação à falta de profissionais eu acho isso muito sério.

Na sua opinião e com sua experiência, de que maneira você acredita que a ação do designer contribui para o resultado de um curso ou de um material?

Eu acho que é um profissional necessário, como eu falei, e a gente percebe a diferença da atuação dele nesse olhar pedagógico, nesse olhar na mediação entre a ciência e didática, porque ele atua nessa relação. Eu acho que o conjunto, né, o docente e o designer, ele potencializa um produto do ponto de vista da qualidade para a gestão da aprendizagem. Eu acho que o aluno ele ganha com isso e ele percebe isso quando vários profissionais atuam naquele produto. Então, eu como designer instrucional e acreditando que essa figura é importante acho que... é necessário, eu acho que o curso em que atua um designer instrucional e não só um técnico, ele tem muito mais qualidade e muito mais propensão ao sucesso da aprendizagem do aluno, com relação à aprendizagem do aluno, com relação à formação. Acho também que esse profissional é necessário porque no momento que ele vai pensar esse produto, ele também tem que se preocupar com quem vai receber e com quem vai atuar. Então, nesse processo, aqui na [nome da instituição] pelo menos a gente pensa nesse sentido, não basta você fazer um produto, você precisa fazer com que a pessoa que vai atuar nesse processo também saiba o que ele vai... o que ele está encontrando e como ele vai desenvolver esse produto. Então a produção... essa compreensão desse processo e a formação para o desenvolvimento desse curso devem estar em sintonia, e eu acho que o designer instrucional ele vai... ele tem capacidade de perceber o todo, de perceber por que aquilo foi necessário, como ele foi construído e o que ele vai significar, quer seja para o profissional que vai atuar

como mediador nesse processo ou então para o estudante que tá lá na ponta. Acho que ele tem esse olhar contextualizado desse processo aqui no [nome da instituição]. Não tô dizendo que o designer instrucional em todos os locais ele tem essa atribuição, porque de repente faz apenas um livro e, enfim, ele ainda assim tem a sua, né, tem a questão pedagógica ali, mas eu acho que atuando do início ao fim e trabalhando com essas premissas, né, de que é do pedagógico, que é da formação, é do que do que o outro vai encontrar é se preocupar com esses sujeitos todos que estão envolvidos nesse processo, eu acho que ele tem essa capacidade de perceber quem está nesse processo e o que cada um processo de desenvolvimento, seja da criação como da formação e do momento da entrega e o que significa esse entrega para o aluno. Então, a importância dele dentro do processo é fundamental, do meu ponto de vista. Quando o professor percebe que ele não está sozinho e que esse profissional não vai tirar o lugar dele, que esse profissional não vai fazer parecer com que ele saiba menos ou vai fazer perder a importância nesse processo, né, ele começa a se aproximar do designer. Então, isso é um processo. Eu tenho percebido isso aqui e também na [nome de instituição privada] de que a relutância, né, de muitos docentes, porque, ah, eu vou... talvez as pessoas, os alunos pensem que eu não tenho toda essa autoridade ou esse saber. Mas, a partir do momento quando ele percebe que ele tem mais importância e os saberes dele se acentuam com trabalho do designer, ele vai... ele se aproxima e ele vai considerar de fundamental importância ao processo.

Eu gostaria de saber na sua visão pessoal, profissional e como estudiosa da área, se você visualiza uma diferença entre o designer instrucional e o designer educacional com relação às atribuições de sua atuação.

Bem, essa é uma questão que eu venho refletindo e também não tenho uma resposta pronta para te dar. Eu acho que na minha concepção o designer educacional, como eu te falava, ele é mais adequado para a educação a distância, para a modalidade. Porque eu acho que ele abarca componentes... a impressão que dá, também não tenho a resposta, a impressão que dá é que ele consegue agregar ou ele me consegue fazer perceber mais componentes necessários para a função, né? Pelo próprio termo, né? Que para mim remete... são dois conceitos diferentes, de instrução e educação. No meu ponto de vista, se pudesse adotar como profissional, enfim eu adotaria designer educacional porque, como eu te falei, eu acho que ele agrega mais componentes, o pedagógico, eu consigo perceber o pedagógico, eu consigo perceber a didática, eu consigo perceber o sujeito, de uma outra relação do que o sujeito da instrução. Então é mais acho... que é uma visão mais de pedagogo que eu tenho. A instrução.. e talvez

pela própria nossa formação, né? Da relação do sujeito e objeto, de uma relação linear, de uma relação... a relação hierárquica eu percebo que o designer educacional no meu ponto de vista não me remete a essa relação. É... técnica... tecnicamente seria a mesma opinião que eu tenho. Então, eu gosto mais do “educacional”, embora a literatura ainda acentue muito a questão do Design Instrucional e pela própria história, né? Nas atribuições eu vejo mais o designer educacional, hoje, lá atuando como um “educacional”, mas muitas vezes usando uma terminologia como “designer instrucional”. Porque quando eu comecei na educação a distância como designer instrucional, eu era designer instrucional em alguns momentos. Eu não fui, considerando esse ponto de vista da relação mais hierárquica, mais diretiva, sujeito-objeto, eu faço depois você vê, mas eu não tenho essa relação dialógica. O designer educacional eu vejo a relação dialógica. E lá atrás, em 2005, quando eu comecei, eu consegui ter essa relação de dialogicidade, de diálogo com o coordenador com um único curso que eu trabalhei, nos outros cursos eu era designer instrucional, fazia avaliação das provas, colocava no... enfim, no ambiente virtual... Então eu considerando esses dois campos eu fui designer instrucional, da forma como eu estou conceituando, né? Bem senso comum, e designer educacional porque eu vejo aqui que tinha mais o diálogo, a didática, pedagogia. Aqui já era mais uma instrução, aqui você faz desse jeito ou o professor para mim você faz desse jeito, então já era uma relação mais diferente. Eu vejo atuando aqui no [nome da instituição] e acho que nas instituições públicas, de modo geral, que eu conheço algumas que fazem parte do sistema UAB o designer educacional tem esses componentes que eu te falei que são mais abrangentes do campo educacional.

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANA (NOME FICTÍCIO) DA IES PRIVADA A

Qual seu cargo dentro aqui na carteira mesmo?

Eu ocupo cargo de designer instrucional, eu agora estou na assessoria de ensino, continuo na função de designer, mas acumulei a função de assessora voltada ao ensino. A gente tem a assessoria de extensão, assessoria de pesquisas, assessoria de pós-graduação e eu sou a de ensino.

O que seria essa assessoria de ensino, só para entender?

Revisão de PPC, atualização de PPC, alinhamento com os instrumentos do MEC, faz toda uma outra assessoria antes da produção do conteúdo. E aí se centraliza em uma pessoa no caso da [nome da instituição], no campus da [nome da instituição], se centraliza nesses pequenos grupos, nessas pequenas assessorias, e elas estão responsáveis por repassar isso então. No caso, por exemplo, da assessoria de extensão, ela conhece toda a parte legal, de relacionamento com a instituição, é uma pessoa chave, porém todos os outros designers que também assumem a função pedagógica, a assessoria pedagógica, participam desse processo todo. Nós não chamamos aqui de DE, por mais que a agente saiba que é, a gente chama assessoria pedagógica.

Mas então todos os DIs fazem essa assessoria pedagógica?

Todos os DIs são assessores, em determinado momento ele é assessor. Quando? Quando ele está acompanhando a revisão, a melhoria, a qualificação de um curso novo. Ele acompanha toda a parte de credenciamento e renovação de curso. Esse assessor é responsável por isso também.

E isso foi modificado dentro do cargo deles ou é uma....

Não, o cargo continua sendo designer instrucional, todo mundo continua nesse cargo, mas apenas foi colocado mais um itenzinho na definição nas atribuições do designer instrucional que envolve a assessoria pedagógica.

O direcionamento dos DIs para certos cursos teve a ver com a formação dele ou não?

Não, porque a maioria dos nossos designers são da área da educação e nossos cursos são tecnólogos da área de sociais, aplicadas, enfim... então ou foi por aproximação com o coordenador que já tivessem, ou também a gente tem algum alguns cursos que eles são similares, não gostaria de usar similares, mas que trabalham na mesma vertente, então administração, marketing... esses eles trabalham juntos, um mesmo DI desses coordenadores

que são mais ou menos da mesma área. Temos um curso da área de segurança que são três, então um mesmo DI cuida desses três... então isso que acontece, temos três cursos na área de segurança, a gente tem um DI que acompanha esses três para tentar trabalhar tipo lado né, atualizando conteúdo...

Há quanto tempo você atua no desenvolvimento de materiais didáticos, aqui na [nome da instituição], ou em outra instituição?

Oito anos, no geral oito anos.

Você fez algum curso específico de formação para atuação na área?

Não.

Nem mesmo cursos livres ou de curta duração?

Não.

Sua experiência vem da prática mesmo então?

Vem da prática mesmo, ou daquilo que a instituição oferece, mas nada fora da instituição.

E a questão de você estar na assessoria de ensino agora, talvez não venha de um gancho ali da sua formação?

Provavelmente sim, a definição de quem iria trabalhar nessas assessorias foi pela vivência, pela prática e por alguns trabalhos que foram desenvolvidos.

Qual a sua formação mesmo?

A minha é Português-Espanhol.

A gente vê dentro da área de Design Instrucional/Educacional uma proximidade muito grande com a área de letras, de linguagem.

E então eu já percebi que isso é bem forte, assim quem trabalha com a assessoria de pós-graduação é pedagogo, quem trabalha com a assessoria de extensão é em Filosofia, quem trabalha com pesquisa é Letras também.

A [nome da instituição] possui hoje uma equipe multidisciplinar. Quem são esses profissionais? Quais os cargos e de quantos profissionais em cada cargo você se recorda só de desenvolvimento de materiais?

A gente tem o assistente acadêmico que são sete assistentes. Designers nós somos em nove, e temos nove DGs, esses trabalham única e exclusivamente com material didático. Temos a equipe de tutorial ou suporte educacional, que é como chamaremos agora, não vai ser mais usada a nomenclatura tutoria. Eles nos auxiliam na qualificação do material, mas na revisão não. E um revisor ortográfico.

Continua aquela situação de que os assistentes é que postam no ambiente, é isso? Porque existem instituições em que existe um programador.

Quando é, no caso, algum conteúdo sendo desenvolvido do zero, o assistente ele fica com o apoio do DI, então ele participa da revisão do PDF, dos objetos de aprendizagem e do EVA (Espaço Virtual de Aprendizagem), mas o DI acompanha toda a produção. Em questão de qualificação, dependendo do nível de revisão dessas disciplinas, desse conteúdo, fica somente com o assistente ou com os dois juntos, o designer e o assistente.

Na [nome da instituição], quais são os requisitos para a contratação do designer?

Para o DI mestrado, agora mudou para interdisciplinar, então a gente tem uma pessoa formada na área de Turismo que trabalha conosco, mas senão era sempre na área da Educação, ou licenciatura ou Pedagogia, nós não tínhamos Bacharelado trabalhando com a gente. Obrigatório ter o mestrado sempre na área da Educação, mas agora foi aberto para outras áreas.

E outros requisitos? Por exemplo, formação na área de DI ou DE, ou experiência com educação a distância?

Não. Era experiência com educação a distância, não importasse qual o cargo e conhecimentos básicos, como pacote Office. Não tinha tempo mínimo de trabalho em EaD, por exemplo, de preferência que trabalhasse com EaD, pontuava mais, mas especificava a área de trabalho e experiência.

Qual a nomenclatura usada aqui na instituição, você já falou que é DI, mas você sabe o motivo de se usar aqui na [nome da instituição] designer instrucional?

Quando foi iniciado todo o processo, todo o desenho, se buscou na literatura que se tinha na época e se determinou designer instrucional. Por mais que a nascente do departamento onde estavam lotados os profissionais se chamava Desenho Educacional. Dentro do setor de Desenho Educacional nós tínhamos os designers gráficos, os designers instrucionais.

Depois de Desenho Educacional o departamento foi chamado de Gerência de Desenho e Desenvolvimento de Materiais Didáticos, agora ela está dentro da GEPEX. A Universidade tinha quatro gerências, cinco gerências na verdade, que era a nossa de desenvolvimento de materiais didáticos, a de ensino, pesquisa e extensão, a de polos, administrativo e marketing. A de materiais didáticos se juntou, se fundiu com a GEPEX, que é a gerência de ensino, pesquisa e extensão, elas englobam todo um gerenciamento dos materiais didáticos e toda a parte de assessoria, faz também o desenvolvimento de inovação, toda a venda de nossos produtos separados, cursos, consultoria, o nosso próprio ambiente virtual de aprendizagem,

toda a parte de regulamentação está dentro da GEPEX, o estudo da legislação também tá aqui dentro.

Quais as atribuições dos profissionais de Design Instrucional aqui na sua instituição?

Se começarmos do princípio era somente para revisão para produção de material didático. Em 2014 é que ele passa a assumir a função de assessoria pedagógica, que é acompanhar desde o nascedouro do PPC de qualquer curso, enfim, até sua finalização, que não tem... porque a qualificação está direto nos materiais, mas as atribuições do designer instrucional hoje aqui ele vai além do desenvolvimento do material didático, é acompanhar Coordenação, é estudar legislação.

E a parte do material didático, o que especificamente o DI faz?

Formação do professor autor, a partir daí é que se é feito o planejamento do que vai ser produzido. Vai ter livro, não vai ter livro, se vai ter quantas webaulas, como vai funcionar o sistema de avaliação dentro daquele curso, ele também participa disso, ele não recebe somente o doc., aplica DI e manda pra frente, não, ele tem toda uma preparação antes do conteudista, com os conteudistas, e acompanha toda a produção.

Então, além da adequação da linguagem, que não é feita pelos assistentes, além de o DI fazer a adequação da linguagem ele próprio diretamente no material, também faz o planejamento das ferramentas e dos recursos?

Existe uma padronização de que alguns materiais precisam ter “x” webaulas, “x” avaliações, mas é o DI que acompanha todo esse processo de produção. Óbvio que, como eu te falei em determinado momento, assistente também auxilia nessa... no ajuste de linguagem, mas sempre acompanhado por algum DI, quando é um material muito mais complexo.

E o restante da equipe, como acontece essa comunicação? O DI é um perfil central nesse processo?

É um perfil central, ou assistente. Aqui a gente tem que tomar cuidado porque às vezes esses dois personagens eles são a mesma pessoa. Então é através dele que chega produção, e aí ele que envia para revisão ortográfica, ele que envia para o DG. Existe uma pessoa que coordena esse trabalho que é de organização do que do volume de produção, e também uma pessoa na área de DG que recebe toda a demanda e aí distribui, faz a reorganização das pessoas. Nós tentamos trabalhar em pares, com DI e DG em que trabalhávamos juntos, porém como a gente teve algumas saídas e uma organização interna em que alguns se fixaram somente com a web e outros se fixaram somente com a produção gráfica do material, então não conseguimos mais trabalhar dessa forma.

Como você falou que o assistente trabalha em conjunto com o DI, quais são os critérios hoje para se contratar um assistente acadêmico dentro da instituição?

Ele tem que ter graduação completa na área da Educação ou licenciatura. Obviamente que já se abriu isso, e temos hoje na área de TI e na área da Psicologia.

Quais as suas atribuições diretamente atuando com o DI na assessoria de ensino?

Hoje, como estou um pouco afastada do DI, no sentido de desempenho da função, a minha função é de orientação, de instrumentalização dos designers.

Mas como isso é feito? São realizadas reuniões?

Reuniões... Ou nós trabalhamos muito com o pacote Office, o 365, então lá a gente utiliza o planner para a organização de trabalho, ou a gente organiza o termo de abertura de projeto, então hoje quando vamos desenvolver um projeto novo, tem todo um procedimento a ser seguido dentro da gerência para estar acompanhando o desenvolvimento desse projeto, início, meio e fim, resultados, avaliação.

Você também atua na distribuição de materiais, na escolha de recursos ou na orientação de recursos novos?

Existem grupos de trabalho de estudo para o desenvolvimento dessas novas tecnologias dentro da educação a distância, então nós temos... a gente não usa muito liderança, eu não sou líder, apenas uma pessoa de referência dentro da gerência. Então nos é passada a demanda ou nós geramos a demanda, estudamos com quem está interessado entre os profissionais e desenvolvemos o trabalho.

Mesmo não sendo uma liderança, mas sendo uma assessora de ensino, você faz essa mediação na inicialização desses trabalhos?

É, talvez de gerenciamento do que tá sendo feito.

Quais as principais dificuldades que você percebe na prática do Design? O que você percebe que há de mais problemático no desempenho do trabalho dele aqui na instituição?

Nós temos um problema com relação ao cumprimento de prazos, já podemos começar por isso, ou a dificuldade que o professor autor tem de escrever. Ele fala muito bem, ele conhece o conteúdo muito bem, porém não consegue colocar no papel. Isso é algo que demanda do DI um auxílio maior. Como a gente trabalha sob demanda para tal data e nós temos um calendário e processos a serem vencidos naquele tempo, nós precisamos do apoio desse professor autor. E aí como ele geralmente, quase que 90%, ele é professor da casa, ele tem atribuições como professor docente, ele tem atribuições como pesquisador ou ele tem

atribuições como coordenador de curso e também como professor conteudista, esse professor autor, essa é uma dificuldade que nós temos com relação aos prazos. Quando eu te falo de escrita, é... nós temos muitos cursos na área de tecnologia, os tecnólogos. Aí nos temos o cara que é *expert* fazendo, e nós precisamos dessa expertise dele pro conteúdo porque nós não temos. Vou dar um exemplo aqui, Inteligência de Segurança, segurança pública, não tem material suficiente no mercado ou em publicações que subsidiem essa pessoa, esse profissional a escrever, e também a carreira dele é dentro da polícia, e aí fica difícil... ele não tem o hábito da escrita, esse hábito nosso acadêmico. Ele fez o mestrado dele lá dentro da polícia, ou qualquer outro órgão, mas é muito mais técnico o mestrado deles né, não tem todo aquele desenvolvimento de uma pesquisa... e é muito rápido, assim né, então isso é isso, então se faz assim, não tem muito aquele desenvolvimento do conhecimento né, isso nos causa um pouquinho mais de trabalho, de você mostrar para o professor por que que ele tá escrevendo dessa forma né, esse tratamento da linguagem, não só em questão de que nosso aluno não está direto com o professor, mas tornar aquele conteúdo didático.

E com relação a sua prática com o designer hoje, na sua função hoje aqui na instituição, na sua prática direta com o designer existe alguma dificuldade, alguma problemática?

Opinião minha tá, quando a gente assumiu a assessoria pedagógica eu fui um pouco relutante em que todos os DIs assumissem essa função, porque nem todo mundo tem perfil, é diferente você capacitar um conteudista e trabalhar com o material didático, outra coisa é você estudar a legislação, é você adentrar não em um conteúdo, mas todo o curso e toda a visão de curso, e nem todo mundo tem esse perfil. Então às vezes vai indo a reboque assim... nós temos designers que se você pedir para fazer tudo faz, assume, né? Tem uns que se limitam: não, a minha função vai até aqui, e a partir daí é outra pessoa. Mas a gente tomou um certo cuidado, por exemplo, de DI não mexer na web (AVEA). Não que ele não tenha competência, mas da figura dele estar antes da web. Então ele cuida do conteúdo, agora de como isso vai se apresentar lá dentro... ele pode colaborar com o DG, mas a gente não permite que ele vá lá e faça a programação, entendeu? Na organização do EVA. Mas se você chegasse para alguns dos nossos designers: “Ó, a partir de hoje pequenas alterações no EVA, que é o nosso ambiente de aprendizagem, você assume isso”, a gente teria resistência por parte de uns, e outros que diriam “graças a Deus que me deram essa possibilidade”.

Qual seria então, na sua opinião, o perfil ideal para esse trabalho na assessoria pedagógica?

O de consultor. Você tem que estudar muito e encontrar formas de viabilizar. E a visão mais geral do curso, sabe? Mais complexa, maior... você vê o curso antes, não só quando recebe aquele pedacinho. Então, eu acredito que o assessor está mais para consultor, que a função de assessor está mais próxima de um consultor. Ele tem que ter esse perfil, de ter mais ideias, de ter uma visão mais global do processo. E não ser tão processista. Por que às vezes o designer instrucional é processista, né? Vou capacitar o professor, eu trabalho nesse material aqui fechado, eu dou ideias, eu consigo fazer inovações no material, e ponto! Não que ele seja robô, ele vai conseguir apresentar para o conteudista possibilidades diferentes de apresentação do conteúdo, mídias diferentes, suportes diferentes, mas ele não consegue é... por uma questão sua, acho que não é nem questão de formação, enfim... de conseguir dialogar com tudo que está ao redor desse conteúdo, curso, alunos, professores, né? É aquela questão, você é um excelente pesquisador, mas você não sabe dar aula, você tem um excelente conteúdo, mas você não... então eu vejo na assessoria e no designer instrucional essa diferença. Mas aí você vai dizer que tem gente que trabalha super bem com assessoria, tem uns que tipo só fazem o feijão com arroz.

De que maneira a ação do designer contribui para os resultados do curso e do material didático?

Na qualificação de todo o processo e desenvolvimento do curso. Se não tivesse o designer, se fosse lá na prateleira comprar um livro e entregar ao aluno, seria totalmente diferente. Em 2013 nós mudamos um pouco nosso formato, o nosso livro ele deixou de ser dialogado, a gente tirou esse caráter de diálogo com o estudante e tornamos os nossos conteúdos mais científico-acadêmicos, próximos ao artigo científico, inclusive pra aproximar ele né, dos textos, enfim... Então, é importante o DI nesse processo porque ele vai saber se está adequado ou não, se ele conseguiu atender às competências e às habilidades, mesmo não tendo formação específica na área o designer consegue ver pela leitura do material didático se ele atendeu aos objetivos de aprendizagem daquele curso, daquela unidade de aprendizagem. Eu não consigo imaginar a educação a distância sem esse profissional.

Você falou que os livros ficaram menos dialogados, mas isso foi transferido para o ambiente virtual?

O nosso livro hoje, se você pegar, ele se aproxima muito de um livro de artigos científicos. Mas reduzimos os elementos instrucionais, a grafia, os elementos ilustrativos dentro do livro são únicos e exclusivos para explicar o conteúdo. Agora, Platão disse que... tem a fotinho de Platão ali do lado, a gente descartou, se você quer conhecer a fisionomia de Platão pode

procurar no google. Então a gente tentou trazer para o material didático a linguagem da área, só que mais acadêmico.

A partir do seu conhecimento e experiência na área e qual a importância do profissional do designer na construção de curso materiais didáticos para EAD?

Imprescindível. A [nome da instituição] ela trabalha basicamente com cursos regulados, e hoje para atender a nossa legislação a gente precisa da equipe multidisciplinar. A equipe multidisciplinar para o MEC são essas pessoas, revisor, professor conteudista, o designer gráfico instrucional. Então, se nós formos pensar em legislação, sim, nós temos que ter uma equipe multidisciplinar que é formada por esses profissionais, pessoal da equipe de câmeras, webaulas... Agora, se você for pensar em cursos livres, penso que é mais imprescindível ainda você ter o designer instrucional, porque você tem que aproximar o conteúdo do estudante, que você não sabe quem é, aonde tá, como ele conversa, qual o nível de autonomia desse estudante também. Então eu acredito que para a educação a distância o profissional é....

Você vê diferença nessas nomenclaturas “Design Instrucional” e “Design Educacional” e por quê?

Não, não vejo. Hoje nem no mercado eu consigo visualizar essa diferença. Ao que me consta o DE tem... é preciso ter uma visão maior e o DI é só processista, mas não vejo... no mercado eu não vejo essa diferenciação. Eu acho que precisa ser diferente, por, é... perfil. Eu não sei se a gente consegue encontrar um profissional que faça essas duas coisas bem, 100% bem. Então, ele é 70% assessor ou DE e 30% DI, porque ele se identificou mais com aquela função. Ele foi contratado como DI, mas ele curtiu mais a parte de assessoria.

ANEXO 5 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LUIZA E ALICE (NOMES FICTÍCIOS) DA EMPRESA CORPORATIVA B

Primeiramente eu gostaria de saber de vocês o cargo de cada uma e a função aqui na empresa.

‘Luiza’ – Meu cargo é... eu sou gerente de operações da [nome da empresa] e a minha principal responsabilidade é relacionada à gestão das pessoas dentro dessa área – hoje são 70 pessoas – e aos resultados financeiros dessas áreas operacionais, então é um cargo de gestão mesmo, onde a gente faz gestão de pessoas e gestão de recursos, que não pessoas, tá. A equipe de DI é um dos times dentro dessa grande área de EdTech (*Education Technology*). Então, a gente tem... o que a [nome da empresa] faz, né? Então, a gente diz que a gente trabalha com soluções completas em educação a distância, porque a gente trabalha dentro do desenvolvimento de conteúdos, passando por toda a etapa de desenvolvimento, que é onde o designer instrucional está inserido, e a gente também tem uma grande área de operação de EaD, onde a gente tem tutores, a gente tem monitores, a gente tem um time educacional que são os nossos analistas que fazem orientação pedagógica desse time. Então, são mais de 10 perfis diferentes de profissionais, a gente tem programadores e designers, é... editor de vídeo, revisor, exatamente... então, todos esses times fazem parte dessa grande equipe de EdTech. E aí tudo isso fica sob a gestão da gestão operacional.

‘Alice’ – Eu atuo como consultora educacional aqui na [nome da empresa]. Então, a consultora educacional, pensando nessa estrutura, está dentro da gestão de operações e o consultor educacional é um profissional que faz uma ponte com cliente, área de negócios e time de operações, e tem em seu dia a dia uma dupla muito forte com o gerente de projetos. O gerente de projeto acompanha um projeto do começo até o fim, considerando o escopo, prazos curtos, então ele olha para a gestão física desse projeto e o consultor educacional olha para um projeto do começo ao fim, considerando a concepção, abordagem, estratégia, solução educacional, etc. Como eu falei lá no comecinho, é um profissional... o consultor educacional está dentro da gestão de operações, então ele não tem nenhuma hierarquia em relação aos designers instrucionais e demais profissionais do time, somos todos pares, só temos atribuições diferentes dentro do mesmo projeto. Porque hoje a gente entende que todos esses profissionais, o designer instrucional, designer multimídia, agente multimídia, que algumas empresas chamam de gráfico, né, o editor audiovisual, o programador, o analista educacional,

o tutor, o monitor, etc., eles têm uma visão ampla de seus projetos, mas com alguns recortes mais específicos nas suas atribuições, e aí, tanto o designer.... perdão, tanto o consultor educacional quanto o gerente de projetos é alguém que tem um olhar sobre isso tudo, de ponta a ponta. Então, essa é a atuação do consultor educacional aqui na empresa.

‘Luiza’ – O que a gente chama de complementares são totalmente diferentes. Mas essa é uma preocupação da [nome da empresa], porque hoje a gente não oferece nada para o mercado que seja nosso, a gente sempre está em nome de um cliente. Então, a [nome da empresa] é uma empresa privada que a gente precisa garantir o... enfim, o retorno, né, de tudo aquilo que a gente faz, mas existe uma preocupação muito grande, se tu ouvisse o nosso CEO falando tu perceberia isso, em relação à entrega educacional. Então, a atuação do consultor educacional vem muito para garantir essa entrega, então, assim, não é só mais algum negócio, existe uma... algum problema que está sendo resolvido, ou algum objetivo que está sendo alcançado por meio de uma solução educacional. Então, a gente tem especialistas na área que vão olhar esse processo de ponta a ponta, para garantir que nada vai ficar solto, tudo vai tá amarrado, tudo vai estar conversado, para que na hora que a gente entrega para o nosso cliente aquele problema ou aquele objetivo seja sanado. Então, essa é uma atuação bem estratégica que a gente tem na [nome da empresa] há pouco mais de um ano, mas muito pela nossa experiência a gente entendeu que esse era o momento de trazer esse profissional para o nosso time.

‘Alice’ – É importante a gente destacar isso, porque, Cíntia, de repente a principal questão que a gente possa colocar para você, e muito disso passa pelo trabalho do designer instrucional, é que a gente não é uma empresa que desenvolve cursos, a gente é uma empresa que oferece soluções educacionais para problemas de negócio, então o tempo todo o tripé que sustenta nosso trabalho é problema/solução/resultado. Porque a gente entendeu, a [nome da empresa] está fazendo 22 anos nesse ano, e a gente entendeu mais nos últimos anos, e isso vem muito da nossa experiência, que desenvolver curso é a parte fácil do negócio, né, desenvolver curso é o produto, a gente extrapola isso, né, a gente, olha, desenvolve curso como a solução para um problema que tem lá no fim um determinado resultado de negócio para ser alcançado. Então, quando você pergunta se a gente consegue olhar, sim! Não é que a gente consegue, a gente precisa. Porque, se a gente não olha o resultado, a gente não entende que o nosso trabalho foi feito, porque a gente extrapolou essa ideia que o trabalho é entregar cursos, entregar cursos é parte da solução.

‘Luiza’ – Por isso que a gente chama de solução educacional, porque existe um problema a ser resolvido e a solução é educacional. Então, por meio da educação a gente contribui com

nossos clientes para resolver aqueles problemas. Seja porque a equipe de vendas não tá conseguindo vender a contento, seja porque existe um público dentro da nossa sociedade que precisa de determinada capacitação, que é o que a gente faz com alguns dos nossos clientes, especialmente do sistema S, seja porque...

‘Alice’ – ...o processo em uma empresa não foi adotado...

E no caso de uma instituição de ensino?

‘Luiza’ – A gente tem alguns cursos do [nome da empresa], e do próprio [nome da empresa], onde naqueles cursos todas as disciplinas, os conteúdos foram desenvolvidos pela [nome da empresa] a gente tem casos inclusive de uma universidade, da [nome da instituição] , onde todas as disciplinas que passa... sabe, aquelas disciplinas são comuns na grade de todos os cursos, que são transversais aos currículos, então essas disciplinas, aquelas que todo mundo vai, todas as disciplinas eles desenvolvem com a [nome da empresa] também. Acho que muito por essa nossa preocupação, então não é só entregar uma disciplina, a gente precisa entender o que que ela está resolvendo. Então, mesmo no meio acadêmico isso acontece.

‘Alice’ – Cíntia, por isso você vai ver que poucas vezes, não é poucas vezes... a gente nunca usa a expressão materiais, desenvolvimento de materiais, a gente viu por exemplo nas pesquisas, sempre onde a gente fala materiais ou cursos a gente vai falar soluções educacionais. E é legal a gente te dizer isso com a maior franqueza possível, não é um discurso, não é na prática, é assim que a gente fala. Eu não lembro qual foi a última vez que a gente falou que a gente desenvolve um treinamento, um curso, uma capa... não, tem muito tempo que a gente usa solução educacional.

‘Luiza’ – A gente diz: Qual que é o problema? Qual solução foi vendida? A gente trabalha no formato muito relacionado com a forma com que aquele conteúdo é conduzido, isso também faz parte do nosso trabalho, especialmente quando a gente tem oportunidade de desenvolver a solução educacional e operacionalizar essa solução também, mas quando a gente traz a questão do resolver problema está muito relacionado a: o que gerou esse cliente buscar no mercado um fornecedor de soluções educacionais, então é qual problema a gente tá resolvendo, então é muito nesse sentido.

‘Alice’ – Cíntia, fica clara pra você essa ideia de desenvolver e operacionalizar?

Sim, eu até ia perguntar agora: vocês não usam essa terminologia de produção de materiais, é sempre desenvolvimento?

‘Alice’- Sempre desenvolvimento e operação.

Essas soluções educacionais seguem um padrão de desenvolvimento? Por exemplo, vocês fazem impressos também, apenas soluções mais complexas, como simuladores, realidade aumentada, como eu vi no flyer de vocês?

‘Luiza’- Então, aí eu vou te responder, depende do cliente e do problema que a gente tá resolvendo. Que objetivo que a gente quer alcançar? De que público que a gente tá falando? Então, por exemplo, hoje a gente tem um curso técnico, a gente desenvolveu, e tá operacionalizando, onde todo material ele é... no final do processo ele tem uma etapa de impressão de apostila, por quê?

‘Alice’ – Impresso mesmo, papel... não, é só versão off-line.

‘Luiza’ – Porque o nosso aluno é um aluno que ele tá meio rural, e que em alguns locais a internet ainda não tem uma estabilidade necessária, então na hora de desenvolver esse material, o que que a gente faz? A gente já pensa em como que isso vai ser impresso depois, para que aquelas mídias que foram utilizadas, o aluno não tenha a sua aprendizagem prejudicada por isso. Então, sim, a gente desenvolve tudo aquilo que você viu lá no nosso flyer, pode até levar um se você quiser, no site também tem algumas explicações, a gente desenvolve tudo o que tá lá, mas não para todos os tipos. Às vezes, Cíntia, o cliente chega aqui dizendo assim: eu quero um simulador, eu quero um *game*. E aí a gente diz: calma aí, qual o problema vai ser resolvido? E aí parece assim, às vezes a gente até pega eles de surpresa, pra dizer assim: “Não, um *e-learning*, um pacote *Scorm* com meia dúzia de telas vai resolver o teu problema”. Então, assim você não precisa desenvolver um simulador pra isso, então quando a gente diz a nossa responsabilidade educacional é muito nosso consultor educacional vendo e situando o cliente. Uma coisa é o que você quer, outra coisa é o que você precisa para resolver o seu problema. Então, essa análise é feita no momento da venda também, né?

E qual o tempo que cada uma trabalha no desenvolvimento não só de soluções educacionais especificamente, mas de materiais didáticos como um todo?

‘Luiza’ – A minha experiência com desenvolvimento, ela é muito recente, né? Eu estou aqui na [nome da empresa] há sete anos, e assim, no processo de desenvolvimento, eu nunca fui designer instrucional por exemplo, então eu venho de uma carreira de gestão aqui dentro da [nome da empresa], mas eu tive uma passagem de em torno de três anos pela área de análise educacional, trabalhando muito na operação e sendo par desse designer instrucional. Então, por exemplo, o DI está pensando em uma estratégia para o desenvolvimento dessa solução, então em par com o analista educacional, que é quem vai colocar isso em operação, a gente

trabalhava sempre muito juntos para pensar em estratégias aqui que fossem... pudessem ser... é... enfim, alcançar os resultados esperados na operação. Então, sempre trabalhando muito em pares, então com o processo de desenvolvimento mesmo é alguma experiência muito recente de pouco mais de um ano mais próxima...

Mas mesmo quando você trabalhava com o DI em par era no desenvolvimento. Então, isso já há quanto tempo você está envolvida no processo?

‘**Luiza**’ – Era no desenvolvimento, talvez uns 5 anos... e assim, mesmo porque eu já fui monitora de EaD, então mesmo no momento da monitoria essa troca existe, então hoje os nossos monitores vão conversar com os DIs dizendo assim: “olha, esse tipo de regra de navegação dificulta o aluno nesse ponto, porque o monitor tá lá no *front*, conversando com um aluno”. Então, eu posso te dizer que o tempo que eu estou na [nome da empresa], que são sete anos, é o tempo que eu tenho de experiência com desenvolvimento. Com papéis diferentes, hora como monitor, hora como analista educacional, e depois no papel de gestão, né?

‘**Alice**’ – Cíntia, eu comecei muito jovem (risos)... 11 anos, mas o meu histórico é como designer instrucional, desde o início. Minha primeira atuação como designer instrucional foi em 2007. A gente nem chamava isso de designer instrucional, a gente chamava de roteirista. E eu acho que isso puxa um gancho muito forte para atribuição do designer instrucional em diferentes lugares, mas tem 11 anos.

E como foi sua entrada ali como designer instrucional, roteirista? De que forma ocorreu essa contratação?

‘**Alice**’ – Então, a minha formação acadêmica é em Comunicação Social, eu sou publicitária de formação, e eu era redatora, redatora publicitária. Quando eu me aproximei do Design Instrucional eu trabalhava com redação numa empresa que tinha uma área de comunicação e uma área de educação, enfim, era uma pequena agência, e aí eles deixaram a área de comunicação e eles passaram a trabalhar só com desenvolvimento de soluções educacionais, nesse caso bem específico para educação corporativa, e aí eu fui, por conta das minhas competências como redatora. Mas assim, Cíntia, minha aproximação era exclusivamente pela competência de redação e não tinha nenhuma apronte educacional. Meu desenvolvimento voltado para a educação foi ao longo desses 11 anos de atuação, é... porque tinha muito mais a ver com a minha proximidade, com a minha facilidade com o desenvolvimento de mídias, compensar mídias, roteirizar mídias, do que com *background* educacional, e aí enfim... foi minha primeira experiência como designer instrucional, depois tive outras... eu tô aqui na

[nome da empresa] tem... esse mês faz seis anos, durante três anos eu estive designer instrucional aqui, depois por aproximadamente dois anos a gente tinha uma posição, que era uma posição situacional, ela não era um cargo, a gente chama de liderança técnica, atuei aproximadamente dois anos como liderança técnica, a posição situacional, enfim, é um paralelo do que a gente chamaria parecido de um coordenador, mas não tem... não era um lugar hierárquico, tinha mais a ver com uma referência técnica para o tipo de Design Instrucional, e aí tem um pouquinho mais de um ano que eu estou como consultora educacional.

E a formação da ‘Luiza’?

‘Luiza’ – Então, eu sou licenciada em Matemática, sou mestre em Administração na linha de Gestão Universitária e agora eu tô no segundo ano do doutorado também nessa linha. Então assim, é... eu tenho uma coisa com o meio acadêmico, não consigo largar, eu também amo o que eu faço [nome da empresa], acho de verdade que eu tenho conseguido conciliar muito assim esses dois mundos e talvez até aproximá-los, sabe. Então, o que eu pesquiso é Gestão Universitária, o meu tema de pesquisa é evasão estudantil, e aí do ponto de vista da Gestão Universitária, então a gente traz alguma coisa educacional, eu jamais conseguiria como uma professora formada, né?

Vocês já fizeram algum curso específico ou formação voltada para a área de EaD ou de desenvolvimento de materiais didáticos?

‘Alice’ – Sim, eu fiz alguns... depois eu posso te listar todos, mas eu fiz modelos de desenvolvimento, eu fiz gestão de projetos para EaD, todos os cursos de formação profissional continuada, né, recursos livres. Redação para web, mas fiz uma série de cursos livres... desses que o mercado oferece, alguns a distância, alguns presenciais, ... a gente teve mais especificamente uma oferta que a gente contratou aqui do IBDIN, e eles vieram fazer uma turma bem específica aqui, pra equipe de designers instrucionais que a gente tinha, tem uns dois anos mais ou menos, mas, sim... alguns. E agora, mais recentemente, o MBA, mas aí ele não é especificamente voltado para o desenvolvimento de soluções educacionais, é um MBA em gestão de educação corporativa, aí tem um recorte mais específico.

‘Luiza’ – A minha formação, ou a... enfim, a busca por esses cursos voltados ao conteúdo do desenvolvimento eles são bem menores do que o da ‘Alice’, o que eu tento é... foi também buscando entender melhor o processo de desenvolvimento porque hoje aqui a gente trabalha com modelo projetizado, né? Então eu busquei uma formação aqui na FGV, um curso de extensão deles de processos de gestão... de técnicas de gerenciamento de projetos, porque eu

sentia que eu precisava entender um pouco mais como é que a nossa forma de gestão casa com esse processo de desenvolvimento, e aí cursos... minicursos em eventos.

‘Alice’ - É... a gente tem uma participação bem massiva em eventos, né, congressos...

‘Luiza’ - É... sobre *gamification*, e aí a gente buscou se atualizar nesse sentido.

Vocês já disseram que possui uma equipe multidisciplinar. Eu gostaria de saber quais profissionais e quantos profissionais fazem parte dessa equipe que desenvolve essas soluções educacionais.

‘Alice’ e ‘Luiza’ – Designer instrucional, designer multimídia, editor audiovisual, revisor textual, programador *front-end*, analista educacional, analista de informações, tutor, monitor, gestor de projetos de projetos e consultor educacional.

E a equipe de designers são cinco profissionais, é isso?

‘Luiza’ – São cinco DIs que a gente tem alocados aqui, internos, são os colaboradores CLT, né?

E vocês sabem dizer, mais ou menos na média dos projetos, quantos DIs externos ou freelancers vocês possuem?

‘Luiza’ – Neste exato momento, a gente está com uns dois ou três fora, mas há a previsão de aumento para os próximos meses. Então, é muito provável, a gente está inclusive com vaga de DI aberto para contratar e há uma previsão de aumento da equipe externa também para os próximos meses.

‘Alice’ – Cíntia, acho que uma coisa bem relevante de a gente falar agora, focando mais no time de DI, é que a gente não trabalha com “frilas” eventuais, a gente tem uma rede de designers instrucionais que trabalham de maneira muito alinhada com a nossa metodologia de trabalho que são acionados para entregas completas. A gente... por experiência tá, não é porque a gente é superbacana não, é por experiência mesmo, a gente não gosta da ideia de trabalhar com freelancer eventual, a gente tem uma rede de fornecedores fixa e que funciona bem, com as nossas métricas de desenvolvimento com nosso modelo de trabalho, com os tipos de clientes que a gente atende, a gente entende que imprime mais qualidade para a nossa entrega. Eu estou falando especificamente de DIs, mas isso vale para todos os nossos fornecedores eventuais. Mas a gente não gosta dessa ideia de “frila” eventual.

E para a contratação desses designers hoje aqui na [nome da empresa], quais são os requisitos solicitados?

‘Luiza’ – O primeiro requisito é passar na nossa prova técnica, né, eu nem vou falar de perfil ainda, a gente normalmente divulga a vaga com requisitos relacionados à formação, então é...

precisa ser um profissional com nível superior completo, a gente pede, preferencialmente, com alguma especialização voltada para a área de DI e as áreas de formação que a gente pede normalmente são área educacional ou áreas relacionadas à comunicação, Jornalismo, Letras... não esqueci de alguma, 'Alice'? De forma geral é isso.

'Alice' – Não, geralmente ligada à comunicação ou licenciaturas em geral, Jornalismo, Letras, Publicidade, Direito, Design, então... a gente transita nessas áreas.

'Luiza' – Em termos de competências a gente costuma exigir excelente comunicação, principalmente escrita, mas também oral, por quê? Porque é um profissional que ele conversa com o cliente, então é esse profissional que apresenta, por exemplo, a proposta metodológica de uma solução educacional, então precisa ser uma pessoa que consiga se comunicar com os nossos clientes, considerando os diferentes perfis. É um profissional também que precisa saber trabalhar em equipe, então a [nome da empresa] valoriza muito as competências comportamentais, porque as técnicas elas são básicas, né, para atuação, as comportamentais elas também são exigidas, porque é um profissional que ele acaba sendo uma referência no processo de desenvolvimento, porque quem concebe a solução é o DI, e muito em parceria com o consultor educacional, que dá todas aquelas diretrizes pensando no cliente, o DI é quem conduz todo esse processo junto com o DM, junto com o programador *front-end*, junto com o editor de vídeos, então ele precisa ter essa competência de trabalho em equipe para conseguir fazer e a entrega no final. Então, assim, acho que principalmente isso... 'Alice', tem mais alguma coisa?

'Alice' – Eu acho que é isso. Eu somaria as competências que são comportamentais, além dessa capacidade de trabalho em grupo que parece um clichê, né, Cíntia, mas é de fato muito desafiadora. Eu acho que hoje tem dois pontos superimportantes na questão comportamental dos nossos colaboradores, que são a capacidade de negociar, porque a gente está negociando o tempo todo, a gente negocia com cliente, a gente negocia com os outros times, a gente negocia com gerente de projeto. Como a 'Luiza' bem colocou, a gente trabalha com modelos de gestão projetizada, então um colaborador que está num projeto e também está no outro, ele precisa ser capaz de negociar para equilibrar entre projetos. E profissionais muito resilientes, acho que eu colocaria aí nessa conta, né, que hoje a gente olha isso como um requisito. E a gente está dizendo isso porque para nós, ao longo do tempo, apareceu como uma coisa muito importante a questão da competência comportamental, a gente é... como é que eu vou te dizer de uma maneira que não fique pejorativa, a gente não se importa de trabalhar com medalhões, do tipo grandes designers instrucionais, isso vale para qualquer posição, que sejam só muito

bons tecnicamente, isso vale para todas as posições, para designer multimídia, para programadores, e etc. O combo precisa vir fechado com a competência comportamental, porque, como a ‘Luiza’ bem colocou, a competência técnica ela é a base, é por isso que você contrata ou não, mas a competência comportamental fala muito alto para nós. E aí isso passa muito pela maneira como a gente trabalha, a gente fala pouco, né, a gente trabalha para solucionar problemas de negócios, então essas pessoas precisam trazer um olhar ainda mais amplo.

E sobre a formação desses designers, geralmente tem uma diferenciação de perfil, ou seja, vocês têm um direcionamento relacionado à formação dessa pessoa para as soluções educacionais que ela desenvolver?

‘Luiza’ – Assim, o primeiro ponto que a gente sempre deixa muito claro com todos os nossos colaboradores é: cada um é responsável pelo desenvolvimento da sua carreira. Então, [nome da empresa] não assume essa responsabilidade. O que a gente tem são políticas de DHO, que é Desenvolvimento Humano e Organizacional, que são políticas muito bem estruturadas. Então, a gente trabalha com instrumentos de gestão de pessoas que possibilitam o desenvolvimento desses profissionais. A gente tem dois instrumentos, um que avalia resultado e outro que avalia comportamentos, competências, então é muito nessa dinâmica do uso desses instrumentos no nosso dia a dia que a gente faz acontecer esse desenvolvimento. Então assim, Cíntia, além do... assim, algo que é comum na [nome da empresa], faz parte da nossa cultura, dar feedback a todos os momentos. Então, eu não vou esperar chegar lá no final do ano para dizer para ‘Alice’ que ela pode melhorar em alguma coisa, eu vi nesse momento que ela poderia, talvez, ter um melhor resultado agindo de outra forma, eu vou na hora falar isso para a ‘Alice’. E aí, no final de um ciclo, que a gente tem um ciclo menor que é de seis meses e outro maior que é de um ano, e no final desses ciclos a gente consolida tudo isso e a gente faz um plano de ação para essa pessoa, então é muito nesse sentido. Então, falando da atuação do DI em especial, a gente tem perfis diferentes. Então, a gente tem aqueles que são mais expansivos, sedutores, é lindo... sabe. Mas tem aqueles que são mais acanhados, que às vezes precisam se desenvolver um pouco melhor nessa questão de comunicar, de convencer o cliente, de negociar. Então, esses feedbacks eles acontecem e não somente da gestão, par de trabalho também faz isso, consultor educacional faz isso, GP faz isso, outros DIs fazem isso, diz: “olha, eu tenho usado essa estratégia e dá certo, você não quer experimentar da próxima vez?”. Então isso acontece, mas a responsabilidade pelo seu desenvolvimento é de cada um, [nome da empresa] tem políticas que favorecem isso.

‘Alice’ – A gente não passa a ter, Cíntia, uma trilha, né... do tipo, se você entrou aqui sem uma especialização, você vai precisar fazer essa especialização como a ‘Luiza’ bem colocou, nossas políticas de DHO direcionam pra isso, a gente incentiva, eu acho que vale destacar que como uma empresa de educação para nós é muito importante não parar de aprender, é válido que a gente reforce isso, mas a construção e o desenvolvimento da carreira de cada um, e aí se considera a formação, têm muito a ver com as suas metas pessoais, como essas metas pessoais estão conectadas com as metas da empresa, e aí isso vai sendo direcionado, por meio dos feedbacks de orientação da gestão, etc.

‘Luiza’ – E tecnicamente, isso não quer dizer que [nome da empresa] faz nada. Então, a gente tem inclusive hoje um orçamento para decidir onde a gente pode investir em termos de desenvolvimento de pessoas, então, vou te dar um exemplo... Faz um pouco mais de um ano a gente decidiu em determinada solução educacional mudar um pouquinho o nosso processo e aquilo daria mais autonomia para o DI fazer algumas escolhas em tempos de produção. O que que a gente fez? Ah, mas essas escolhas elas vão é... muito na linha estética. Então a gente organizou e [nome da empresa] tem um programa que chama [nome da empresa], que é onde as pessoas tipo: ah, eu sei muito sobre alguma coisa então eu vou mostrar para as pessoas o que eu sei. E não, a gente promoveu um [nome da empresa] com uma designer multimídia que ela é referência dentro da nossa empresa e aí ela trouxe um pouco dessas dicas para nossa equipe, aí é o que a gente implementa hoje muito no nosso dia a dia, então isso a gente também faz a gente tem verba para isso. Mas olhando de forma geral em termos de carreira, cada um é responsável pela sua, mas a gente tem políticas que favorecem esse caminhar no desenvolvimento profissional.

Mas e no caso da própria formação desse designer instrucional, ela é considerada nas distribuições de tarefas, soluções educacionais a resolver, de acordo com a sua área específica de formação?

‘Alice’ – Não obrigatoriamente. Até porque, Cíntia, a gente tem uma preocupação muito grande em não colocar o designer instrucional como especialista na temática do cliente, a gente distancia muito isso. Isso inclusive bate numa outra questão que é um entendimento muito claro e uma prática muito veemente aqui na [nome da empresa] que é: designer instrucional não cria conteúdo, designer instrucional não escreve, designer instrucional não é coautor, então não tem uma correlação entre área de formação e especialidade do cliente. Qualquer designer instrucional com qualquer formação atende qualquer tipo de cliente, porque a gente entende que quem é especialista no seu negócio e precisa falar sobre ele é o

cliente. Inclusive talvez isso apareça em algum momento, quando você fala sobre as diferenças na atuação do designer instrucional em diferentes empresas, eu poderia dizer que talvez isso seja o que mais desponta a [nome da empresa] em relação a outras empresas que atualmente o mercado chama de consultorias, né, outras consultorias, designer instrucional não cria conteúdo, designer instrucional é um profissional com competências para se apoderar de um conteúdo que está completo, correto, coeso, coerente e traduzir esse conteúdo, ou, melhor dizendo, traduzir essa informação para uma linguagem que faz sentido para o aluno que é público-alvo desse cliente, qualquer que seja ele, uma instituição de ensino, uma empresa, uma instituição de formação inicial e continuada, qualquer que seja ela. Mas a gente olha muito para a atuação do designer instrucional como alguém que é especialista em fazer essa tradução, ele não é especialista naquela temática.

‘Luiza’ – E isso é muito relacionado com o nosso próprio compromisso em resolver o problema, né? Então, assim, para agricultura de precisão eu tenho um especialista que trabalha comigo, pra questões às vezes que...

‘Alice’ – Um especialista que não é o designer instrucional, outra pessoa.

‘Luiza’ – Não é o DI... para temas como características do líder, qualquer, independente, pode ser o tema, do mais simples ao mais complexo, o DI não... ele não assume responsabilidade em relação ao conteúdo, existe o especialista que pode tá dentro do cliente, às vezes a gente pode receber um material pronto que a gente vai fazer essa transposição, ou às vezes a gente pode precisar construir do zero e contratar alguém pra fazer isso pra nós, mas a gente vai na academia, ou a gente vai no mercado e a gente busca uma pessoa que possa responder tecnicamente por aquele conteúdo, e aí o DI vai trabalhar em cima do conteúdo para fazer essa tradução.

Então, quais são especificamente as atribuições hoje do DI aqui na [nome da empresa], além dessa transposição, dessa tradução?

‘Alice’ – Cíntia, o designer instrucional ele... vamos falar assim de maneira bem básica, ele pensa a solução educacional, ele desenha essa solução educacional numa coisa que a gente chama de proposta metodológica, isso aqui tudo está no nível de planejamento, quando a gente pensa no designer instrucional como um profissional que pensa, que consegue a solução educacional, a gente está falando que ele estuda público-alvo, ele estuda objetivos de negócio do cliente, ele estuda problema a ser solucionado, ele também estuda dor educacional, porque o designer instrucional equilibra isso o tempo todo, necessidade do negócio, do cliente, qualquer que seja ele, mais a necessidade do aluno, né, a gente trabalha com essas esses dois

clientes ao mesmo tempo, o cliente que tá pagando a conta e o aluno que está na ponta. Então ele planeja isso, e isso se traduz numa coisa que a gente chama aqui dentro de proposta metodológica. Essa proposta metodológica conta para o cliente como a solução dele vai ser desenvolvida antes de começar a desenvolver. Tem uma outra coisa que o designer instrucional é responsável por, que é orientar e acompanhar um profissional aqui que a gente chama de conteudista, que é esse especialista. Não importa onde esse conteudista tá, seja ele um especialista dele, dentro do cliente, seja alguém que a gente vai buscar no mercado ou na academia, o designer instrucional é alguém que orienta, é alguém que capacita e alguém que instrumentaliza o conteudista pra escrever esse conteúdo que dentro do nosso processo a gente chama de conteúdo bruto. Por que que a gente faz isso? Você sabe, Cíntia, muitas vezes esse especialista em agricultura de precisão, ou em gestão de pessoas, ou indicadores financeiros é muito bom nessas temáticas, mas ele não sabe escrever conteúdos, e aí o designer instrucional vai orientá-lo com uma capacitação e depois com instrumentos como é que ele hierarquiza esse conteúdo, como é que ele distribui essa carga horária, como é que ele atribui pesos às temáticas sobre as quais ele vai escrever, como que ele trabalha com métricas, então eu não vou escrever seis páginas eu também não vou escrever 600, vou escrever 50 com base em quê? Como que eu hierarquizo, organizo, distribuo? Então o designer instrucional também faz isso, e isso tudo tá no tempo que a gente chama de planejamento, que é contar para o cliente como que a solução vai funcionar e contar para o especialista como ele precisa estruturar esse conteúdo. Depois, com tudo isso resolvido o designer instrucional vem para dentro de casa, e aí ele vai trabalhar no desenvolvimento da solução. E aí, Cíntia, tem uma coisa que a gente tem muito orgulho de dizer sobre o processo de trabalho do nosso designer instrucional, eventualmente eu posso trabalhar com um profissional aqui no planejamento e outro no desenvolvimento, porque esse cara vai traduzir essa solução em uma proposta metodológica e vai preparar os insumos num conteúdo bruto, então ele vai deixar isso aqui redondinho, qualquer pessoa que leia isso vai saber o que tem que fazer com esse conteúdo, e aí a gente entra para o desenvolvimento. Habitualmente, é o mesmo profissional, mas eventualmente a gente pode trabalhar com mais de um. E aí a gente vai para o desenvolvimento... onde a gente tem o que um designer instrucional tradicionalmente faz no mercado, onde ele vai criar os roteiros, acompanhar o time de desenvolvimento, validar os objetos que são desenvolvidos. Então, aqui é onde está puramente o que um designer instrucional de mercado faz que tem mais a ver com o processo criativo, aqui tem mais a ver com processo cognitivo, aqui mais com processo criativo. E depois disso, quando essa solução, depois de desenvolvida, entra

para operação, ele passa a ser uma dupla ou um par desse profissional aqui que a gente chama de analista educacional, porque o analista educacional vai com o tutor e o monitor pensar como é que esse curso funciona na prática. Então, vamos lá! Eu tenho um curso que vai ser ofertado ao longo de 30 dias. Tá, eu vou no terceiro dia fazer uma ação específica com um grupo de alunos. Então lá, com o designer instrucional, eu vou entender onde é que ele vai estar no terceiro dia. Ah, ele vai ter passado a aula 2, vai... estou chutando aqui, então o designer instrucional e o analista educacional são uma dupla também quando eu faço essa transição para a operação. O que eu acho legal de falar, Cíntia, assim, que acho que você vai poder conectar também com uma outra pergunta que aparece aí, é que o designer instrucional na [nome da empresa] faz o que habitualmente um DI faz, que tá ali naquela faixa do desenvolvimento, mas ele é um profissional muito exigido no planejamento, porque ele tem que preparar os insumos para contar para o cliente antes de desenvolver como é que a coisa vai ser feita e para contar para o especialista como é que ele estrutura esse conteúdo, é isso.

Então, o designer instrucional também faz o primeiro contato com o cliente para levantar essas necessidades de soluções?

‘Alice’ – Em geral, isso tá mais com a área de negócios e com o consultor educacional. E isso tá muito alinhado com o time de desenvolvimento. Então, sim... o designer instrucional tem contato com cliente, mas quando a demanda entra para ele, essas questões que são de ordem mais rasas... não é mais rasas, mais primordiais, elas já foram muito esmiuçadas pelo consultor educacional. Então, a ideia é que isso já chegue um pouco mais redondo para o designer instrucional, que por exemplo ele não tenha mais que ir para o cliente para falar “me fala mais sobre o seu público-alvo”, porque isso já tá muito de domínio do consultor educacional. Então, o consultor educacional já vai entender um pouco mais do público-alvo, eu tô falando com você do público-alvo, mas eu poderia falar de outras características, ele traz isso mais mastigado, o consultor educacional e o gerente de projeto já trazem isso mais esmiuçado para o designer instrucional.

‘Luiza’ – E, assim, como a gente atende muito o mercado corporativo também, e mesmo na questão das instituições de ensino, é... a gente precisa muito dessas informações que vêm do cliente. Então, a gente procura já no *start* do projeto buscar essas informações. A gente diz: gente, o consultor educacional é o cliente dentro da [nome da empresa], teve dúvida vai no consultor, porque o consultor levantou todas essas informações. Porque algumas vezes, dependendo do cliente, às vezes a gente perde dias e dias de desenvolvimento de conteúdo, em termos de cronograma e normalmente são sempre apertados tá, porque a gente não

consegue a resposta do cliente. Tem coisas que a gente não pode assumir, ah, então vamos entender que é assim... não! Porque a gente tem um problema a ser resolvido, se a gente entender... assumir algo que não casa com esse... com a solução desse problema, talvez a gente não consiga chegar lá. Então, a gente costuma dizer, e é exatamente assim, né, ‘Alice’, consultor educacional é o cliente dentro do [nome da empresa]. Então, teve dúvida vai no consultor educacional, não quer dizer que a gente não possa voltar no cliente, mas a gente procura se cercar daquelas informações que já sabe que vão ser importantes para não precisar ficar fazendo esse movimento o tempo todo com o cliente.

‘Alice’ – Reforçando isso tudo que a ‘Luiza’ colocou, o consultor educacional e o gerente de projeto eles atendem uma conta. Então,... o designer instrucional, assim como os outros colaboradores eles trabalham por projetos. Então, vamos lá vou te dar nomes de clientes, a conta da (*cliente 3*) é uma conta que eu atendo, e eu já tive a (*DI-1*) como designer instrucional, a (*DI-2*), a (*DI-3*) em diferentes projetos. Então, ao invés de em cada projeto a (*DI-1*) ir no cliente, depois a (*DI-2*), depois a (*DI-3*) eu tenho... eu e a [nome de outra colaboradora] que a gerente desse projeto, temos um conhecimento mais consolidado dessa conta que a gente consegue resolver bem dentro de casa. Então é bem a colocação que você faz, né, ‘Luiza’? Mas, sim, com muita frequência o designer instrucional aciona o cliente, mas aí já em outras etapas, que faz mais sentido para as atribuições do DI, como por exemplo, uma... abordagem que ele quer utilizar num roteiro, algum tipo de vocabulário que ele quer usar, uma metáfora que ele gostaria de trazer, mas aí isso passa muito mais pelo trabalho dele do que por esse trabalho inicial de conhecimento do cliente.

Vocês já disseram que aqui os profissionais são chamados de designers instrucionais, mas vocês sabem por que a [nome da empresa] preferiu usar essa nomenclatura?

‘Alice’ – É muito mais por herança, assim... de verdade, Cíntia, já teve um determinado momento enquanto eu estava na liderança técnica que a gente teve uma discussão acerca de nomenclatura. A nossa interpretação, e tomara que o seu trabalho nos ajude a entender isso melhor, né, é que em termos de atribuições a gente não vê diferença. A gente sabe que o instrucional carrega um pouco desse peso de... esse peso meio anos 70, né, que está muito baseado no instruir, instrumentalizar, então tem muito a ver com dar orientações para execução de uma determinada tarefa. Mas hoje a gente não percebe o designer instrucional nesse lugar. Em algum momento a gente já olhou para o que está se usando fora e hoje a gente tem falado muito mais sobre o tal do *Learning Experience Design* do que qualquer outra

coisa. Quando a gente fala em educacional, e aí a gente quer traduzir isso é... para eventos que estão fora ou para literaturas de fora, o educacional não faz muito sentido também, então assim o designer instrucional ficou muito mais por herança e hoje a gente de fato tá muito mais confortável com as atribuições desse profissional do que obrigatoriamente com a nomenclatura que ele traz, né? Hoje a gente não entende que porque a gente chama de designer instrucional e não educacional, o nosso DI não responde pela experiência de aprendizagem do aluno que está lá na ponta. E a gente não restringe as atribuições dele àquilo que está ligado a criar uma série de instruções, e tudo aquilo que tem a ver com a roupagem educacional tá na mão de outro profissional. Talvez o seu trabalho venha inclusive a ser uma provocação para nós para de repente a gente repensar a nomenclatura, mas em termos práticos isso nunca foi uma coisa que pegou com o cliente, do tipo um cliente que dentro de uma área de treinamento e desenvolvimento e educação corporativa tenha dito: “Nossa, mas vocês usam designer instrucional? Que anos 70”. Então, assim, a gente nunca teve um questionamento, como a gente comentou mais cedo, a gente tem se posicionado numa série de eventos, eventos mais corporativos, alguns eventos mais acadêmicos, não tem aparecido como uma questão para nós, mas de repente vale a gente voltar a olhar.

‘Luiza’ – E até no dia a dia, assim, o que a gente tem com os nossos profissionais, não existe uma crise de identidade, não sei se o seu questionário vai nos mostrar outra coisa... Mas no dia a dia com nossos profissionais também, eles sabem quais são as atribuições deles. Então, eu acho que a questão do termo não é... mas depois a gente vai ler o teu trabalho para ver se aparece alguma coisa.

Gostaria de saber se vocês atuam diretamente com o designer e, se sim, qual é exatamente esse papel.

‘Alice’ – O consultor educacional ele está muito presente na etapa de planejamento, sobretudo no acompanhamento do designer instrucional enquanto ele desenvolve essa proposta metodológica, enquanto ele capacita o conteudista ou o especialista para escrever esses insumos e depois as interações são mais pontuais. Quando o designer instrucional está fazendo aquilo que é DI puro, roteiro... a gente tem bem... uma interface bem menor. Outros profissionais que fazem uma interface direta com o gerente de projetos, ele está muito ligado ao processo de planejamento desses profissionais, tanto no que diz respeito à complexidade do seu trabalho como ao impacto disso dentro do cronograma e dentro dos custos. A gente tem o designer multimídia que é um profissional que é um par de designer instrucional dentro do desenvolvimento, que é quem vai pegar aquele roteiro e traduzir em objetos de

aprendizagem, a gente tem o revisor textual, que tem uma interação que está muito mais relacionada a garantir a qualidade do texto efetivamente, a gente tem o programador *front-end*, que é quem, depois de posse desses roteiros do designer instrucional mais as entregas do designer multimídia, programa isso tudo e faz isso acontecer. Eventualmente, se a gente está falando de um material impresso esse designer multimídia também faz as vezes de diagramador. E aí, quando a gente fala das outras interações o analista educacional tem uma interface muito direta e faz uma dupla com o designer instrucional pensando a operação dessa solução educacional.

‘Luiza’ – E aí, no caso que a operação é feita internamente no [nome da empresa], quando não é feita, aí normalmente encerra ali ou o DI na hora da proposta metodológica ele já dá direcionamentos para operacionalização disso, então isso não é construído aqui com o nosso analista porque daí ele só entra mesmo se a operação for feita dentro do [nome da empresa].

‘Alice’ – E aí as demais operações só são quando a operação é feita internamente como: o tutor, o monitor e o analista de informações, que é o profissional que aparece lá na ponta olhando métricas, relatórios, resultados, e aí é quem vem retroalimentar esse processo todo. Mas as principais interfaces do DI estão com o consultor educacional, gerente de projeto, designer multimídia... designer multimídia e editor audiovisual, né... eles estão ali, revisor textual e programador *front-end* são as principais interfaces.

E a ‘Luiza’ atua diretamente também com o DI?

‘Luiza’ – Eu atuo na gestão dessa equipe, né? Então, assim, a principal... a minha principal... no dia a dia do desenvolvimento essa equipe, ela funciona e quem vai ali dando o ritmo é o GP do projeto, que é o gestor do projeto, que também tá hoje dentro da minha equipe. A minha principal visão nisso é assim... garantir que tem gente para trabalhar, que a gente não vai jogar o projeto lá para frente por falta de profissional. Então, tanto é... ajudar a pensar na distribuição dessas pessoas, como é que a gente organiza projetos para cinco profissionais. Então, tá muito no ponto de vista da gestão operacional de tudo isso.

E nessa atuação direta com o designer instrucional, dentro das especificidades da função de cada uma, quais as dificuldades ou as problemáticas que vocês encontram hoje para atuar diretamente com esse profissional?

‘Luiza’ – Eu vou te dizer uma coisa assim, que é algo que eu acredito que em toda empresa privada essa é uma preocupação. É a variação de demandas relacionadas a desenvolvimento de conteúdo. Por que que eu estou te falando isso? Porque o processo que hoje o [nome da empresa] tem, e acredito que as outras empresas também, ela passa por momentos em que tem

uma atuação pontual do DI, depois de uma dedicação muito grande que é aonde ele vai partir para roteirização, ali para definição dos recursos que ele vai utilizar, e depois uma etapa que ela vai ser diminuída também, que é dar algum auxílio para a equipe, esclarecer alguma coisa e fazer uma validação final, como um grande autor de todo aquele desenvolvimento. Então, essa diferença no processo onde horas eu preciso muito e horas eu preciso muito pouco é um desafio de gestão. Então, o desafio é como é que eu encaixo o cronograma dos meus projetos e das soluções que eu estou desenvolvendo, de modo que eu tenha uma equipe bem alocada, porque equipe ociosa é um custo que a empresa não pode ter. Então, acho que esse é um desafio, há uma oscilação muito grande, não é constante como um tutor, por exemplo, não... ele tem lá a turma que vai rodar um semestre inteiro, um ano inteiro, e aí, a gente já sabe como é que vai ser a alocação, no caso do DI é diferente. E no ponto de vista técnico, é... ‘Alice’ eu não sei assim... mas, assim, eu vou te falar que ultimamente a gente teve algumas dificuldades de buscar um profissional é... pronto no nível do profissional mais sênior. E talvez não só do ponto de vista técnico, mas o fato da gente exigir questões comportamentais também que são muito sérias, a gente teve um pouco de dificuldade, a gente teve uma vaga no último ano que ela ficou onze meses para ser fechada, então essa foi uma dificuldade que a gente encontrou, assim.

‘**Alice**’ – Acho que nessa... talvez a única questão que eu consiga pensar, é... diga respeito de fato a essa nossa necessidade como empresa de ter um casamento forte entre competências técnicas e comportamentais que, eventualmente, dificultam encontrar esses profissionais no mercado.

‘**Luiza**’ – E tem mais uma coisa que é bem importante, que eu acho que isso não é uma coisa assim só do [nome da empresa] também. Porque, assim, tudo o que a gente vende, em termos de soluções educacionais, existe todo um orçamento que precisa ser controlado. E que, assim, não é uma dificuldade que a gente tem, mas é sempre um ponto de atenção do ponto de vista da gestão, porque existe aquilo que eu gostaria de fazer que seria melhor solução do mundo e existe aquilo que o cliente comprou, que ele pagou por aqui. Então, assim, a todo momento hoje a gente tem uma equipe que tá muito atenta a isso, mas é algo que a gente sempre traz dizendo assim: “Não! O que o cliente comprou?”, “O que que que a gente tá resolvendo?”. Porque a gente poderia resolver aquilo de N formas diferentes, né? Mas existe uma forma que cabe dentro do orçamento que o cliente comprou. Então, eu não estou dizendo que a gente deixa o processo criativo de lado, é muito do que a gente traz para a equipe, mas é que a gente

precisa ter ainda mais criatividade, para além de resolver um problema, considerar a restrição do orçamento. Então, só isso é sempre um ponto de atenção, né, ‘Alice’?

‘Alice’ – Mas é isso que você está trazendo, eu logo pensei nessas questões, assim. Mas elas me parecem muito mais condições de mercado do que problemáticas específicas relacionadas ao time de DI. Porque isso que a gente tá trazendo vale para todos os profissionais que trabalham aqui. Bem específicas relacionadas ao time de DI...

No seu caso do planejamento, por exemplo, a compreensão deles é clara, o diálogo? Você percebe, por exemplo, que a formação deles que é exigida hoje pelo [nome da empresa] contempla o seu trabalho como consultor, já que você faz essa ponte?

‘Alice’ – Sim, porque isso é uma coisa que já está bem azeitada pra nós, tá bem azeitada para a gente. E passa muito por isso, né? Hoje a gente tem um time relativamente pequeno interno, né, mas é um time que está muito alinhado com essa nossa prática de desenvolvimento de solução. Então, assim, eu poderia te dizer, por exemplo, de outras experiências em outros lugares. De designers instrucionais que estão muito mais preocupados com o desenvolvimento da mídia, do material em si, do que da solução para o problema do cliente, e aí a gente entra numa fogueira de vaidade, que a mais, “Eu queria essa solução, porque ela é muito mais interessante, porque ela é mais atrativa”. Mas hoje a minha leitura é que o nosso time já tá muito desprendido disso, ele tá muito mais olhando para a solução que vem para resolver um problema de um cliente, então eu saio do eixo do que eu quero, eu vou muito rápido para o eixo do que o cliente precisa... não sei. É muito minha leitura assim, do nosso time como um todo, agora mais falando mais especificamente do time de DI. Mas acho que é uma problemática talvez de mercado, o eixo talvez hoje ainda esteja muito focado no que eu quero desenvolver e não do que o cliente precisa, e aí eu acho que o mercado sofre um pouco com isso.

A partir dos conhecimentos e experiências de vocês, na área específica de cada uma, qual a importância que vocês observam hoje desse profissional na construção dessas soluções aqui na empresa?

‘Alice’ – Total! O projeto vive sem a gente, a gente vive falando isso aqui, se não tiver gerente de operações, se não tiver consultor educacional, o projeto sai, sem o designer instrucional não sai.

‘Luiza’ – Eu diria que a alma de cada solução está muito na proposta metodológica, e ela é concebida pelo designer instrucional. Então, assim, sem uma atuação cuidadosa lá, talvez a

concepção que etapa do planejamento, que a ‘Alice’ falou, seja mais importante, e é onde ele brilha mais, na minha visão. Porque depois é desenvolver um roteiro que é uma atividade, mas na verdade é uma tradução para a prática daquilo que foi proposto na proposta metodológica, então tá tudo lá. Mas assim, a gente... e a gente viu tanta coisa legal, né, ‘Alice, mas assim, a equipe ainda consegue nos surpreender com as soluções que a equipe pensa para resolver alguns problemas dos clientes assim, então tá muito ali... é fundamental, Cíntia.

Para finalizar, eu gostaria de saber, independentemente do que hoje a gente encontra no mercado, se vocês veem uma diferença nas atribuições, na prática desse profissional, não apenas na questão do termo?

‘Luiza’ – Então, o que assim eu vejo... não vou considerar nenhum histórico que a gente tem aqui no [nome da empresa], mas parece que o designer educacional... parece que é uma atuação um pouco mais ampla, é um pouco do que eu acho, tá... não é nem fruto de pesquisa, é um pouco do que eu acho, e talvez ele acaba sendo uma mescla do que hoje a gente tem no analista educacional, eu vou dizer porque... quando você comentou antes, ah... às vezes assume um pouco papel de assessor pedagógico, então assim, extrapola o educacional, nesse caso extrapolaria o que hoje é a proposta do DI aqui na [nome da empresa]. Então, a gente quando... a gente precisaria botar uma camisa agora, o chapeuzinho do assessor pedagógico, a gente tem um profissional que faz isso aqui [nome da empresa], por isso eles trabalham de maneira tão integrada. Então, não sei assim, na minha... no meu conhecimento raso, estou sendo bem honesta contigo a respeito disso... eu iria nessa linha.

‘Alice’ – Eu não poderia concordar mais com você. Mas assim, Cíntia, eu não posso deixar de destacar, agora trazendo minhas referências de outras experiências, isso tem muito a ver com a estrutura de trabalho no [nome da empresa]. O [nome da empresa] escolheu ter um profissional que trabalha com desenvolvimento e ter outro que trabalha a cooperação e dividiu isso para uma coisa que a gente chama de DI e outra de analista educacional, a gente poderia chamar de DE, não ia fazer diferença aqui dentro, porque... é... um designer instrucional em outros lugares, em outras empresas também é alguém que agrega essas duas atribuições, é alguém que pensa desenvolvimento e é alguém que pensa na operação. Eu vou falar de uma experiência super enviesada, super recortada que é a minha. Eu já tive experiência de outras duas organizações serem quem pensava o desenvolvimento das soluções educacional e serem quem fazia as propostas de fórum, é... estruturava o ambiente de aprendizagem, etc. Então assim, numa visão muito prática e muito pragmática, não percebo diferença de atribuição. E acho que... nossa, vou falar uma coisa tão leiga aqui agora (risos). Eu acho que como

profissionais que têm experiência de mercado como você, como nós, a gente tem a responsabilidade de educar o mercado pra dizer “pouco importa a nomenclatura que a gente está utilizando, o que varia é a atribuição desse mesmo profissional”, esquece que tem instrucional, educacional, vamos supor que ele chama-se X, X numa determinada empresa pode ter mais ou menos atribuições e X numa determinada empresa pode ter mais ou menos atribuições. Eu acho que a gente pode cair num discurso muito perigoso e até muito falacioso se a gente passa a dizer que o designer instrucional é o que tem essas atribuições e o educacional aquelas outras. Vamos pensar nesse profissional. Vamos àquela expressão em inglês? Vamos ao *Learning Experience Design*. Que no [nome de uma instituição] tem atribuições restritas a essas atividades, na [nome de outra instituição] outras e no [nome da empresa] outras, é... não sei.... porque eu tenho medo, mas veja, se eu estou sendo mega leiga e muito prática, eu tenho medo de a gente cair numa discussão muito forte acerca da nomenclatura e deixar de lado a atribuição, que me parece muito mais relevante.